UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

Martinho Camargo Milani

“Estado Livre do Congo: Imperialismo, a
Roedura Geopolítica (1885-1908)”

Edição Revisada
São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

**“Estado Livre do Congo: Imperialismo,
a Roedura Geopolítica (1885-1908)”**

Martinho Camargo Milani

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo para a obtenção do Título de Mestre em História

Orientador: Prof. Dr. Lincoln Ferreira Secco

Edição Revisada

São Paulo

2011

Janus

Universidade de São Paulo

RELATÓRIO DE DEFESA

Aluno: 8137 - 1275490 - 1 / Página 1 de 1

Relatório de defesa pública de Dissertação do(a) Senhor(a) Martinho Camargo Milani no Programa: História Econômica, do(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos 14 dias do mês de setembro de 2011, no(a) Sala de Professores realizou-se a Defesa da Dissertação do(a) Senhor(a) Martinho Camargo Milani, apresentada para a obtenção do título de Mestre intitulada:

"Estado Livre do Congo: Imperialismo, a roedura geopolítica (1885-1906)"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Lincoln Ferreira Secco	Presidente	FFLCH - USP	Aprovado
Wilson do Nascimento Barbosa	Titular	FFLCH - USP	Aprovado
José Rodrigues Mão Junior	Titular	IFECTSP - Externo	Aprovado

Resultado Final: Aprovado

Parecer da Comissão Julgadora *

A banca ressalta a qualidade da redação e sugere a publicação do trabalho, feitas as ampliações sugeridas no terceiro capítulo.

Eu, Dayane Esteves Nogueira, lavrei o presente relatório, que assino juntamente com os(as) Senhores(as) examinadores. São Paulo, aos 14 dias do mês de setembro de 2011.

Wilson do Nascimento Barbosa

José Rodrigues Mão Junior

Lincoln Ferreira Secco

Presidente da Comissão Julgadora

* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 16/09/2011 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Mestre em Ciências obtido no Programa História Econômica.

Presidente da Comissão de Pós-Graduação

Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva
Presidente da CPG-FFLCH

DEDICATÓRIA

À minha esposa Larissa, com amor, pela
compreensão, paciência e colaboração.

AGRADECIMENTOS

Acomodei-me ao fundo da sala e fiquei observando aquela professora calmamente acender um cigarro. Apresentou-se e começou a falar. Uma voz forte e decidida parecia ocupar todos os cantos da sala. Por quatro horas seguidas, interrompidas apenas por um novo cigarro, ela deu sentido à História. A memória era prodigiosa. Um colega citou Caio Prado Jr e sem pestanejar ela afirmou que não era daquele livro a frase, mas sim de outra obra e em outro capítulo. Espantei-me. Finalmente percebi que não escolhera o curso errado. Meses depois, encontrei a saudosa professora no Viaduto do Chá, fazendo campanha para Lula no segundo turno de 1989. Teoria e prática numa pessoa especial.

Escolhi trabalhar com o ensino básico, porém, anos após a formatura busquei orientação sobre Pós-Graduação. Minha vida cruzou novamente com a Professora. Incentivou-me ao extremo e iniciei, sob sua orientação, um Mestrado em História do Brasil Colonial. Produzindo a pesquisa e contando com sua, sempre presente, orientação, fui esboçando a Dissertação. O tempo, porém, retirou de forma abrupta toda a sabedoria e conhecimento daquela maravilhosa professora e historiadora. Só posso escrever essas palavras agora, pois tive o privilégio de contar com a orientação da querida Ilana Blaj. Para ela faço meu agradecimento inicial.

Posteriormente lendo um jornal encontrei uma entrevista com um ex-colega de Faculdade, então Professor da USP, Dr. Lincoln Secco. Pensei em retomar o antigo Mestrado e busquei sua opinião. Fui recebido de forma calorosa e com diversas sugestões de pesquisa. Uma delas foi a de solicitar à compreensiva Profa. Dra. Vera Lúcia Amaral Ferlini, que eu assistisse como ouvinte seu curso na Pós-Graduação. As aulas e

as orientações pessoais da Profa. Vera foram muito importantes para a delimitação de um novo tema.

Era 2008 e veio a boa notícia: o Professor, hoje Livre-Docente, Lincoln Secco, não só continuaria me ajudando nas pesquisas, como se tornaria meu Orientador num novo tema de Mestrado. O que me fez sentir um privilegiado. Agradeço ao Prof. Lincoln Secco por toda a paciência e pelas orientações, sem as quais talvez não conseguisse concluir esta dissertação.

Seguindo suas orientações, matriculei-me em dois cursos cujos professores foram essenciais à minha precária formação como historiador. Agradeço ao Professor Dr. Manoel Fernandes de Souza Neto, do Departamento de Geografia da USP, lembrando que como os ventos do norte não movem moinhos, devemos cometer os pecados acadêmicos do lado de baixo do Equador. Também cabe aqui um agradecimento especial ao Professor Titular do Departamento de História da USP, Wilson do Nascimento Barbosa, pelas ironias e pela imensa sinceridade.

Agradeço a Profa. Dra. Leila Leite Hernandez, condutora do V Encontro de Pós Graduandos (EPOG) em 2010 e responsável pela minha Banca de Qualificação. Suas sugestões, assim como as do Prof. Wilson (também da Banca), foram acatadas com presteza, não sei se a contento. O aperto de mão dela e sua cobrança na saída da qualificação marcaram minha pesquisa.

Aos amigos do antigo Mestrado, Prof.Dr. Paulo Possamai da UFRS e Prof.Dr. Sérgio Lessa da UFAL e aos novos, Ramez, Rildo e Paraná e os colegas dos cursos do Prof. Manoel e do Prof. Wilson agradeço as trocas de ideias. Minha estima ao Prof.Dr. Antônio Carlos Robert Moraes pelas orientações e ao amigo Breno Longhi pelo auxílio no inglês.

Agradeço imensamente ao CNPQ pela Bolsa de Incentivo à Pesquisa oferecida desde o final de 2010, concedendo um estímulo à conclusão do Mestrado.

Destaco a importância de três sítios que (infelizmente só a partir de 2011) disponibilizaram gratuitamente as obras essenciais dessa dissertação. Espero que os mesmos sirvam aos novos pesquisadores. O primeiro é fruto de uma parceria do Ministério da Educação com a UFSCar, que em fins de 2010, traduziu, atualizou e permitiu o acesso à todos os oito volumes da monumental História da África da Unesco. Ao sítio estadunidense Archive.org com seus mais de 10 milhões de livros antigos, entre eles os de Èmile Vandervelde e os de Edmond Morel. E por último, a Rede Gallica da Biblioteca Nacional da França, com boa parte dos volumes da Sociedade Geográfica Belga na íntegra.

Agradeço aos meus cachorros, pequenos revolucionários, Dimitri e Lev Yashin, pois em minhas caminhadas diárias ao lado deles tive vários 'insights' que permitiram a elaboração dessa dissertação

Por último agradeço à minha esposa, pela diagramação deste trabalho, pelas sugestões quase sempre bem-vindas, pela insistência em não me deixar desistir e por tudo o que agüentou nestes quase quatro anos.

RESUMO

MILANI, Martinho Camargo. Estado Livre do Congo: imperialismo, a roedura geopolítica (1885-1908). Dissertação de Mestrado. 212 fls. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

O presente trabalho tem por finalidade relatar a importância da Sociedade Geográfica Real Belga na exploração imperialista efetuada pela Bélgica na região do Congo africano entre 1885 e 1908. Em verdade, o Congo era uma colônia privada do rei da Bélgica, Leopoldo II. Durante o século XIX foram fundadas diversas Sociedades Geográficas pelo mundo, entre elas a Belga que apareceu em 1876, no período de institucionalização da ciência geográfica. Entender a História Africana no final do século XIX, como parte da expansão imperialista européia, a partir do viés cientificista produzido pelo saber Geográfico, o qual permitiu a utilização desse estudo do espaço congolês, seja para delimitar o território a ser explorado, como também para justificar a conquista. Dessa forma, a Sociedade Geográfica Belga foi construindo seu pensamento e sendo construída pela realidade empírica da expansão neocolonial. Um imperialismo que cometeu atrocidades no Congo, silenciadas ou desmentidas pela Sociedade Geográfica. Um genocídio que obrigou o rei Leopoldo II a entregar sua colônia à Bélgica, terra da qual era o soberano. O Estado Livre do Congo agora transmutara-se em Congo Belga.

Palavras Chave: História Econômica – História da África – Congo – Sociedades Geográficas

ABSTRACT

MILANI, Martinho Camargo. Estado Livre do Congo: imperialismo, a roedura geopolítica (1885-1908). Dissertação de Mestrado. 170 fls. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This study aims to report the importance of the Royal Geographic Society of Belgium in the imperialist exploitation perpetrated by Belgium in the African Congo between 1885 and 1908. In fact, the Congo was a private colony of Leopold II, the King of Belgium. During the nineteenth century Geography was institutionalized as a science and several Geographic Societies were founded at that time, including the Belgian in 1876. This study also aims to understand the African History at the end of the nineteenth century from the scientific point of view produced by the geographic knowledge, which allowed the use of the study of the Congolese space to delimit the territory to be explored, as well as to justify its conquest. The Royal Geographic Society of Belgium has built its thinking and was itself built over the empirical reality of the neo-colonial expansion. An imperialism that committed atrocities in the Congo, silenced or denied by the Geographic Society. A genocide that forced King Leopold II to surrender his colony to Belgium. The Congo Free State finally transmuted into the Belgian Congo.

Keyword: Economic History – History of Africa – Congo – Geographical Societies

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: Variação da População	38
Tabela 2: Áreas Coloniais	159
Tabela 3: Exportações do Congo	176
Tabela 4: Vendas da Companhia do Kasai	178
Tabela 5: Dados do Comércio no Estado Livre do Congo	191
Tabela 6: Produtos do Congo em 1888	192
Tabela 7: Produtos do Congo em 1892	193
Tabela 8: Os dados de importação no Congo	194
Tabela 9: A Concorrência Estrangeira	195
Tabela 10: Importações por Empresas	196
Tabela 11: Exportação de Marfim	198
Tabela 12: Movimento de embarcações em 1907	200
Tabela 13: Entrada e Saída de Embarcações em 1908 e 1909	201

ÍNDICE DE MAPAS

MAPA 1: BACIA DO CONGO	84
MAPA 2: O CONGO E SEUS VIZINHOS	90
MAPA 3: O REINO DO CONGO EM 1800	94
Mapa 4: O CONGO EM MAPA DA SOCIEDADE GEOGRÁFICA BELGA EM 1876	134
Mapa 5: O ESTADO LIVRE DO CONGO E SUA 'HINTERLÂNDIA'	157
Mapa 6: ESTADO INDEPENDENTE DO CONGO EM 1895	184

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	IV
AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	9
1.1. O LONGO SÉCULO XIX	10
1.2. UMA HISTÓRIA LITERÁRIA	29
CAPÍTULO 1 - O TEMPO	34
1.1. ERA DO IMPERIALISMO	34
1.2. A ETAPA SUPERIOR DO CAPITALISMO	42
1.3. UMA ROSA NÃO É APENAS UMA ROSA	52
1.4. QUE FAZER?	63
1.5. A RAZÃO DE ESTADO	71
CAPÍTULO 2 - O ESPAÇO	77
2.1. PARA UMA HISTÓRIA DA ÁFRICA	77
2.2. O CONGO ANTES DA BÉLGICA	80
2.3. DOUTOR LIVINGSTONE, EU PRESUMO	105
2.4. A BÉLGICA ANTES DO CONGO	112
2.5. O REI LEOPOLDO II EM AÇÃO	117
Capítulo 3 – A Conquista	121
3.1. As Sociedades Geográficas	121
3.2. A Revista da Sociedade Geográfica Belga	125
3.3. A Geografia ou Geopolítica a serviço do Rei	141
3.4. O Congresso de Berlim	151
3.5. O martírio do Congo	161
3.6. As Revistas: da Partilha à Devolução do Congo (1885 a 1908)	182
CONCLUSÃO	210
BIBLIOGRAFIA	214

APRESENTAÇÃO

"O mundo está quase todo repartido, e o que resta dele está sendo dividido, conquistado e colonizado. Ao pensar nessas estrelas que vemos à noite sobre nossas cabeças, estes vastos mundos que nunca conseguirei alcançar. Eu anexaria os planetas, se pudesse. Fico tristes de vê-las tão claras e tão longe." (Cecil John Rhodes. 1895)

Por um longo tempo, diversos mitos etnocêntricos impediram o conhecimento da História do Continente Africano. Entre eles, temos o mito geográfico da África negra. Tal concepção diz que a região seria um território intransponível, de florestas densas cercada por desertos áridos, habitada por tribos esparsas, por pigmeus ou por homens gigantes, todos 'assustadoramente' negros, povos 'sem fé, nem lei, nem rei'. Esta lógica esteve, e ainda se encontra, em parte, no imaginário ocidental, fortalecida pelas obras científicas ou de ficção de fins do século XIX e inícios do século passado. Seja por meio do Capitão Kurtz atravessando o infernal rio Congo conradiano, ou na obra de Edgar Rice Burroughs, Tarzan (literalmente 'homem branco'), uma criança nobre inglesa criada por macacos africanos, tanto quanto nos trabalhos dos cientistas, missionários e exploradores como Dr. Livingstone e Henry Stanley, enviados para o continente africano por diversos governos das nações européias, por instituições públicas, ou mesmo por conglomerados privados europeus. Relatos, ficcionais ou não, que fortaleceram ideologicamente o pensamento de que o território africano era uma única nação, constituída (preconceituosamente) por um grupo social semelhante em seu sub-desenvolvimento e inferioridade, ou para ser mais exato com o pensamento europeu, um mundo de barbárie.

Para Ki-Zerbo, no entanto, o maior dos mitos em relação ao continente africano, seria o de que os "africanos" — visão racista e

preconceituosa dos europeus, como se ali fosse apenas uma nação de negros atrasados — são um povo sem Estado e, dessa forma, sem História, ou como queria o filósofo alemão Hegel, para quem a África

[...] não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Quer isso dizer que a sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático. Aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural e que deve ser aqui apresentado como no limiar da história do mundo.¹

Equivocadamente muitas pessoas, ainda hoje, encaram o continente africano como resumido a três partes distintas: uma seria o litoral mediterrâneo ao norte, úmido e razoavelmente civilizado por povos árabes e praticantes do islamismo, tendo como símbolo maior dessa 'quase' civilização o Egito e suas pirâmides; outra região é a tropical norte onde encontramos um imenso deserto físico e humano, o Saara, com extensas áreas cobertas de areia e uns poucos grupos nômades; e por último as regiões florestadas próximas à linha do Equador povoadas, nela e abaixo desta linha até ao Cabo, por centenas de tribos de negros, todas pobres, monocultoras, adeptas de religiões anímicas e em permanentes conflitos étnicos (um eufemismo de tribais). Os brancos racistas negam aos povos africanos o seu direito mais sagrado: a memória, a história e por extensão, a sua identidade.

Tal visão sectária não se limita a aspectos geográficos e culturais. A História também é maltratada. Não só o conhecimento do passado africano produzido pelo mundo ocidental é incompleto, mas, principalmente, a História partindo do olhar africano é quase desconhecida, tanto na Europa — seu maior explorador — quanto no resto do mundo.

1. HEGEL, G.W.F. *Curso de filosofia da história*. Citado por KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra*. volume 1. p. 10

As atrocidades cometidas pela Bélgica no Congo, por exemplo, são quase desconhecidas naquele país, garante-nos o historiador belga Jules Marchal, parceiro de Adam Hirschchild na Cobelco². A África continua a ser estudada e explorada como um apêndice da História e do Capitalismo. E o Brasil é parte deste 'esquecimento' preconceituoso. Nosso país tem mais de metade de sua população formada por negros e mestiços, quase um século e meio após a abolição. Muitas universidades do país ainda não criaram cadeiras específicas de História da África. No ensino básico só em 2003, com a Lei nº 10.639 tornou-se obrigatório o

[...] estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (art. 26-A, § 1º).

Equívocos que muito lentamente vêm sendo repensados. Adu Bohaen, foi coordenador do volume VII da magnífica História da África da UNESCO, historiador liberal-democrata (segundo ele próprio) da Universidade de Gana entre 1959-1990, nos anos 90 aventurou-se na carreira política e perdeu duas vezes a eleição presidencial daquele país. A coleção da Unesco é composta por 8 volumes de cerca de 800 páginas cada um deles, escrito por Historiadores, Antropólogos, Sociólogos, Geógrafos e outros tantos cientistas humanos. Godfrey Uzoigwe, atualmente professor da Universidade do Estado de Mississippi, fez seu doutorado na Universidade de Oxford, especialista em Imperialismo Britânico, Colonialismo Europeu e Neocolonialismo, escreveu o capítulo 2 do volume VII, denominado "A partilha europeia e conquista da África: apanhado geral". Ao analisar a Partilha Africana de 1885 fala em um processo secular de exploração (roedura em suas palavras) do continente. Retiramos dele o conceito de

2. CoBelCo é uma Ong criada por Marchal e Hirschchild no início dos anos 2000 para disponibilizar documentos sobre as atrocidades cometidas no Congo Belga. São textos, fotos, documentos de época e críticas históricas. <http://www.cobelco.info/presentationfs.htm> (acessado em 25/06/2011).

“Roedura” do continente que, posteriormente, foi melhor explicitado na obra de Leila Leite Hernandez. Para a historiadora, “ [...] a Conferência de Berlim (1884-1885) é o grande marco na expansão do processo de roedura do continente iniciada por volta de 1430 com a entrada portuguesa na África”³. Assim, Roedura seria o processo constante de pilhagem material, destruição cultural e exploração histórica do continente africano desde o início do século XV, iniciado com o “périplo africano”, passando pelo comércio escravo entre os séculos XVI e XIX, e aprofundado com o Imperialismo entre finais do XIX e início do XX, período em que nenhuma fronteira física sobreviveu à dilapidação dos recursos naturais, humanos e culturais da África.

A presente dissertação de Mestrado pretende investigar o período entre 1885-1908 na região denominada (pelos conquistadores) de Estado ‘Livre’ do Congo. Fazendo a análise da exploração imperialista na região equatorial do continente e demonstrando a “roedura” de uma das regiões estrategicamente fundamentais para a África, a bacia do Rio Congo. Uma roedura de ‘contra-costa a costa’ como definiu a historiadora Leila Leite Hernandez, pois se deu distintamente do caso português (de costa a costa), do interior do continente para o Atlântico, serpenteando as corredeiras e cachoeiras do único rio que corta duas vezes o Equador.

Para tanto, foi utilizado como fonte primária as coleções de *Bulletín* da Sociedade Real Geográfica Belga entre os anos 1877 a 1909. Ali, havia relatos das explorações, das viagens, do mapeamento da terra e das riquezas, da exploração econômica, da etnografia.

Para a denúncia das atrocidades cometidas no Congo, utilizei dois autores contemporâneos das mesmas: um deles foi Edmund Dene Morel e seu jornalismo-denúncia em livros como “Red rubber” e “The black

3. HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. p. 45

mans burden” e o outro o historiador socialista belga Emile Vandervelde. Descrições do tempo, do espaço, do homem e da conquista. Chamas quase apagadas a iluminar o caminho do historiador, ‘um peregrino da realidade passada’⁴.

O balizamento para o período escolhido se dá pelos seguintes motivos:

Foi estabelecido o ano de 1885 para início, pois nesse ano ocorrem dois fatos essenciais para a exploração do Congo, o término do Congresso de Berlim que delimita oficialmente a região do Congo e a sua ‘elevação’ a ‘Estado Livre’, ou seja, preparado para a exploração particular do rei Leopoldo II, e a imperialista do livre-comércio inglês.

A delimitação termina em 1908 com a ‘devolução’ do Congo, propriedade privada do empresário e rei dos belgas, Leopoldo II ao seu próprio país, a Bélgica. Marcando o fim de uma fase de exploração econômica da África Equatorial, mas não da sina colonial.

Esta dissertação divide-se em Introdução e três capítulos. A Introdução traz um breve relato do contexto histórico do fim do século XIX, era das profundas transformações econômicas, sociais, tecnológicas e culturais da 2ª Revolução Industrial.

No primeiro capítulo temos as principais interpretações relacionadas ao Imperialismo. Destaquem-se aqui as análises econômicas do capitalismo em fins do século XIX e início do XX. Dois autores clássicos foram analisados mais profundamente: Rosa de Luxemburgo e Lênin. A escolha pelo modelo interpretativo imperialista segue os conselhos fornecidos por Hobsbawm em ‘Sobre história’, quais sejam a de que:

4. KI-ZERBO. Joseph. *História da África negra*. volume 1.p.35

[...] Marx sabia que os modelos econômicos, para serem úteis à análise histórica, não podem ser separados das realidades sociais e institucionais que incluem certos tipos básicos de organização comunal ou familiar, para não falar das estruturas e premissas específicas a formações socioeconômicas particulares enquanto culturas.⁵

Para o historiador inglês são três os princípios que norteiam o trabalho do historiador: o primeiro é que a História deve seguir a cronologia real, pois ela afirma-se como uma colaboração entre modelos gerais de estrutura e as mudanças sociais e o conjunto de fenômenos que aconteceram concretamente; o segundo o de que a História é o conjunto específico de pessoas que convivem e o terceiro sintetizado pela idéia de que:

A história das sociedades exige que apliquemos, se não um modelo formalizado ou elaborado de tais estruturas, pelo menos uma ordem aproximada de prioridades de pesquisas e uma hipótese de trabalho sobre o que constitui o nexo central ou complexo de conexões de nosso tema, ainda que, naturalmente, essas coisas impliquem um modelo.⁶

O imperialismo é o modelo interpretativo dessa dissertação, é o nexo central que permitiu que as diversas realidades: o Congo, a Bélgica, a história de missionários e exploradores e, precipuamente, a da Sociedade Geográfica da Bélgica se interligassem. É o grande rio que atraiu seus tributários.

Fernand Braudel ao narrar as diferentes civilizações em “O mediterrâneo”, as define como sendo umas fraternas, outras liberais, parte delas guerreiras, parte caprichosas, todas elas estáveis e rijas, mas ao mesmo tempo instáveis e vagabundas. As civilizações são:

Como as dunas, bem agarradas a acidentes escondidos do solo: os seus grãos de areia vão,

5. HOBBSBAWM, Eric. *Sobre história*. 1998. P. 91

6. HOBBSBAWM, Eric. *Sobre história*. 1998. P. 93

vêm, voam, aglomeram-se à vontade dos ventos, mas soma imóvel de inumeráveis movimentos, a duna continua lá.⁷

A bacia do rio Congo é o cerne do segundo capítulo. Em busca de um fixo, de um imóvel, de uma estabilidade que permita os movimentos históricos, encontramos o rio e seus afluentes. Águas que banham quase todo o centro da África, com quase duas dezenas de canais fluviais. As dezenas de civilizações e culturas que existiram e existem na bacia do Congo sempre estiveram a margem da História tradicional. A fluidez de colonizadores ao longo dos séculos tentou arrastar para o anonimato a riqueza e os movimentos das sociedades da África Central. Foi nesse espaço geográfico, em geral úmido, aproximado pelas bacias fluviais, que o Imperialismo fincou suas raízes na tentativa de represar o curso das sociedades africanas. Porém:

[...] as civilizações nem por isso deixam de viver a própria vida, agarrada a determinados pontos fixos, quase inalteráveis. [...] É que de facto uma civilização é, na base, um espaço trabalhado, organizado pelos homens e pela história. É por isso que existem limites culturais, espaços culturais de uma tremenda perenidade: todos os cruzamentos do mundo nada podem em relação à isso.⁸

A história da África e a do Congo, antes da conquista, são os aspectos iniciais desse capítulo. Desde a história pré-colonial da região congoleza, passando pelo período da escravidão e terminando com os missionários e exploradores em seu mapeamento do Congo. Prossegue com a lenta preparação para a conquista do espaço africano, passando pelo histórico dos missionários e exploradores na região, tendo como destaque a personagem Henry Morton Stanley. Aqui temos também as sociedades geográficas e seu papel na futura exploração colonial. Para se entender com mais precisão o papel da Bélgica na partilha africana, apresenta-se uma

7. BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. Vol.2. p. 119

8. BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. Vol.2. p. 132

curta história da formação deste país.

Por último, no capítulo terceiro, temos a conquista do espaço, a exploração imperialista a cargo do rei dos belgas e de suas aliadas, as companhias privadas. A Geopolítica é definida como uma ciência a serviço do Estado em sua conquista colonial. Com o aparecimento da Revista da Sociedade Geográfica da Bélgica e o pretense afastamento da ciência do espaço, com sua suposta neutralidade e objetividade, ao contrário da 'Geopolitics', os geógrafos (e alguns historiadores) terminam por produzir uma geografia, que serve antes de tudo, para fazer a conquista colonial.

Analisa-se também neste capítulo a Conferência de Berlim (1884-1885) e a posterior divisão colonial da África. Por último temos uma interpretação da Revista da Sociedade Geográfica Belga entre 1886 e 1908, demonstrando o mapeamento do Congo, sua anexação, a exploração colonial e finalizando com a sua devolução à Bélgica pelo rei Leopoldo II.

INTRODUÇÃO

"A burguesia, por mais contrária que seja às necessidades da evolução histórica, continua ainda a classe social mais poderosa. Podemos dizer, ainda mais, que do ponto de vista político, a burguesia atinge o máximo de seu poderio, da concentração de suas forças e meios políticos e militares, de mentira, violência e provocação, vale dizer, o máximo do desenvolvimento de sua estratégia de classe, no mesmo momento em que ela está mais ameaçada pela sua perdição social. [...] Não esqueçamos também que a burguesia encontrou-se face a face com um perigo mortal depois de haver adquirido a maior experiência política. A burguesia havia criado e destruído todo tipo de regimes. Ela se desenvolvia na época do puro absolutismo, da monarquia constitucional, da monarquia parlamentar, da república democrática, da ditadura bonapartista, do Estado ligado à Igreja católica, do Estado ligado à Reforma, do Estado separado da Igreja, do Estado perseguidor da Igreja etc. Toda esta rica e variada experiência, que penetrou no sangue e na medula dos meios dirigentes da burguesia, servem-lhe hoje para conservar seu poder a qualquer preço. Ela age com tanto maior inteligência, finura e crueldade, quanto o perigo que a ameaça é reconhecido pelos seus dirigentes." ⁹ (Trotsky)

"Quando voltarei? Não o sei. O clima das Índias envelhece rapidamente um europeu, sobretudo um europeu que trabalha [...] E sê fiel, se puderes, a teu pobre amigo. Eu não saberia contudo exigí-lo, porque devo me conformar com minha posição, ver burguesmente a vida e reduzi-la a algarismos reais." (Honoré de Balzac. *Eugénie Grandet*. pág 83. 1833)

"Não significa nada que a medicina tenha conseguido não só reduzir enormemente a mortalidade infantil e o perigo da infecção para as mulheres no parto, como também prolongar consideravelmente a vida média do homem civilizado? Há uma longa lista que poderia ser acrescentada a esse tipo de benefícios, que devemos à tão desprezada era dos progressos científicos e tecnológicos. Aqui porém a voz da crítica pessimista se faz ouvir e nos adverte [...] que se não houvesse ferrovias para abolir as distâncias, meu filho jamais teria deixado sua terra natal e eu não precisaria de telefone para ouvir sua voz se as viagens marítimas transoceânicas não tivessem sido introduzidas..." (FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. pág.107-108. 1927)

9. (Na escala da História Universal. 1921. Trotsky. Discurso diante da organização de Moscou do partido, prestando contas do 3º Congresso da Internacional Comunista)

1.1. O LONGO SÉCULO XIX

Longo século, este XIX. Hobsbawm (1988) coloca seu início nas três revoluções dos fins do século XVIII: a Americana, a Francesa e a Industrial (primeiramente inglesa), estendendo-se até o início da Primeira Guerra Mundial em 1914. Democracia de massas, a ascensão e o predomínio político da burguesia e o binômio urbanização-industrialização definiram as marchas e contramarchas desse período histórico. Arrighi¹⁰ discorda sutilmente do historiador inglês. Braudeliano, ele caracteriza a história como uma sucessão de ciclos longos com ascensões e quedas de economias-mundo. Considera que entre os fins do XVIII e fins do XIX assistimos o predomínio industrial da Inglaterra, fase do Imperialismo e do Livre Comércio. O século XX, centrado na livre iniciativa e na hegemonia norte-americana começa no último quartel dos 'oitocentos'. A hegemonia britânica estava superada pela norte-americana. Em que pesem as contribuições do pensador italiano, dois fatores podem se contrapor às suas teses: o primeiro é de que nos fins do XIX a Inglaterra ainda era a potência hegemônica, ameaçada sim, pela ascensão não só dos Estados Unidos, como também pela da Alemanha; o outro seria o fato de no século passado a hegemonia norte-americana não ter sido tão incontestada, ameaçada pelos 70 anos de socialismo soviético. 'Ah, mas a experiência russa fracassou', diriam os incautos. Assemelham-se estes, aqueles comentaristas esportivos que dão todos os motivos da derrota, logo após o término de um jogo. Portanto, volte-se ao longo século XIX.

O período que se estende entre a segunda metade do século XIX e a Primeira Guerra Mundial de 1914 é o do Capitalismo Monopolista e

10. ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. 1996.

o da expansão imperial. Não se pode cair na armadilha de imaginar que as técnicas e as tecnologias são o sistema, mas é inegável que as constantes transformações produtivas deram um impulso ao desenvolvimento do capitalismo. Novos equipamentos de transporte e produção, novas técnicas, novos materiais de fabricação, uma revolução produtiva estava em curso. Assim, uma nova técnica permitia o aparecimento do cimento, alterando a estrutura e a resistência dos edifícios, das estradas e facilitando a circulação. Seu descobridor, John Aspdin, um engenheiro inglês, denominou a nova técnica de Cimento Portland, pois a durabilidade e a solidez do material se assemelhavam à das pedras da ilha britânica de mesmo nome.

A nitroglicerina inventada pelo italiano Ascanio Sobrero em 1849 era fascinante, entretanto instável, acabava por causar acidentes trágicos. Anos depois, Alfred Nobel consegue transformar a nitroglicerina em dinamite, garantindo o manuseio seguro (menos para seu irmão Emil Nobel que morreu após experimentos detonadores) e as explosões à distância. Dessa forma, as minas de carvão e minérios puderam ir literalmente mais ao fundo. Aumentou-se a produção e a produtividade dos recursos energéticos e minerais e barateou-se a matéria-prima. O cientista sueco tornou-se bilionário. Empresas se agigantavam com as novas descobertas.

Henry Bessemer anuncia e patenteia em 1862 seu invento, o conversor de ferro em aço, sem a utilização de combustível para a produção. O aço necessitava de matéria-prima de qualidade, encontrada em minas profundas. O que o invento de Nobel citado acima permitiria com mais facilidade. Em pouco menos de trinta anos, a marinha inglesa abandonava os barcos a vela com estrutura de madeira, substituídos por máquinas a vapor com estruturas de ferro e, finalmente com o aço da *Bessemer Steel Company*. Os barcos se tornaram maiores e os portos frágeis e pequenos. Novas instalações seriam necessárias na zona portuária.

Por fim vemos que o cimento, a dinamite e o aço, mais que inventos, são redes que se interligavam na evolução do capitalismo e permitiam moldar, não só as novas mercadorias, mas a forma de produzi-las. Aqui aparece uma primeira característica do período: a evolução científico-tecnológica, tendo como principal tecnologia, as ferrovias.

Buster Keaton, no clássico 'A General' é um engenheiro de ferrovias que durante a Guerra Civil norte-americana é impedido de lutar ao lado dos Confederados, pois seu conhecimento técnico era mais importante do que pegar em armas. Annabelle Lee (alusão ao líder sulista Robert Lee), sua amada, o acusa de covardia. Keaton vê a história mudar quando a União rouba seu trem *General* e sua amada Annabelle. Homem de seu tempo, Keaton contava com 19 anos quando estourou a Grande Guerra de 1914. À época da Guerra de Secessão, as ferrovias sangravam os Estados Unidos por cerca de 45mil km. As vésperas do conflito mundial já eram quase 500mil km (o Brasil em 2010 possuía exíguos 28mil km de caminhos de ferro). Uma das imagens clássicas extraída do filme 'A general', nos mostra Keaton em sua pose ereta, seu olhar altivo sobre as pradarias norte-americanas, cortadas pela força e fumaça das máquinas a vapor. O trem era o século XIX. Para muitos historiadores, entre as centenas de inventos e novas tecnologias do século do XIX, o trem era o símbolo do tempo e a transformação do espaço.

Hobsbawm nos fala de 100 mil locomotivas e 2,75 milhões de carros e vagões em 1880¹¹. Morazé afirma que 'capitalismo e vias férreas progrediram paralelamente'¹². Goetz nos diz que esse meio de transporte 'proporcionam a homens e mercadorias, e, por extensão às informações, um alto grau de ubiquidade que permite a uniformização e o hermetismo da

11. HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. p. 45

12. MORAZÉ, Charles. *Os burgueses: à conquista do mundo*. p. 251

economia de mercado mundial'.¹³ Fala ainda que em 1890, as locomotivas transportavam 1 bilhão de passageiros ao ano (mais de dois terços da população mundial da época).

O cinema e o trem são tecnologias com fins distintos, mas ambas movimentaram as massas. O trem com seu bilhão de passageiros anuais em 1890, o cinema com milhões de homens e mulheres sentados estupefatos em frente à fotografia em movimento, a cada filme novo que entrava em cartaz. Um era movido a vapor, o outro a eletricidade. Um alimentava-se de carvão e aço, o outro de celulóide e sentimentos. Frutos de um tempo acelerado e num espaço ao alcance das mãos. A revolução industrial, em sua segunda fase, alterava as técnicas, transformava as tecnologias, desmanchava as certezas do homem na era da razão. Esperança e otimismo para alguns, mal-estar para outros, afinal como disse Freud 'se não houvesse ferrovias para abolir as distâncias, meu filho jamais teria deixado sua terra natal'. Tempo dos paradoxos.

A navegação fluvial teve um papel menor na circulação de pessoas e mercadorias do que as ferrovias. Apesar disso, o setor naval também sofreu uma revolução. Embarcações de madeira eram substituídas por estruturas de aço. Aos poucos, desapareciam os barcos à vela e nasciam os grandes vapores, os motores com hélices e os transatlânticos. As inovações tecnológicas aumentaram a velocidade média dos navios de pouco mais de oito nós (14,5km/h) para cerca de vinte nós perto de 1900. Goetz demonstra em termos numéricos essa revolução:

[o tráfico marítimo] transportava 4 milhões de toneladas em barcos a vapor em 1880 contra 12 milhões em barcos a vela; em 1890 eram 9 milhões nos vapores e 11 milhões nas velas; em 1900, 22 milhões eram carregados nos barcos a vapor e 8

13. GOETZ, Walter. *La epoca del imperialismo*. p. 64

milhões nas embarcações a vela; 1913, véspera da Grande Guerra era 43 milhões a 4 milhões.¹⁴

Os dados acima nos permitem duas conclusões: o predomínio do vapor e a expansão do capitalismo. Entre 1880 e 1913 os barcos a vapor passaram de 25% para mais de 90% do transporte naval. No mesmo período a carga total transportada cresceu 286%.

Milhares de linhas de ferro riscavam a Europa Ocidental, movimentando capitais, trabalhadores, poderosas organizações empresariais, além de desenvolver a metalurgia e a siderurgia. Os mares, antes tenebrosos, agora eram atravessados por monumentais embarcações de aço, movidas a vapor e de forma segura e rápida. Cresciam as naus e, por extensão, seus caminhos se alargavam. Canais fluviais começaram a interligar rios e portos interiores. Grandes canais, como Suez e Panamá, aproximavam oceanos. Mercadorias circulavam mais facilmente, capitais financiavam a conquista do globo, o capitalismo se expandia, suas empresas agigantavam-se. Se, por um lado, os trens uniram as terras, os barcos fizeram dos continentes-ilhas uma 'pangéia' capitalista. O mundo se apequenava frente à economia.

Mas não eram apenas as distâncias físicas que se interligavam. As comunicações aproximavam homens e suas ideias. A expansão do capitalismo teve como aliada o desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Simples cartas agora cruzavam o mundo. Em Alemanha o número de cartas passa de 1,5 por habitante ano, para 58,6 entre 1840 e 1900. Numericamente as cartas foram de 50 milhões para mais de 3 bilhões. Nos Estados Unidos os números são ainda mais impressionantes: entre 1850 e 1900 a venda de selos pula de 1,5 milhões para 3,9 bilhões (um acréscimo de 2600%). Outra transformação do período ocorreu com os jornais. Agências de notícias como a *Reuters* se espalhavam pelo mundo.

14. GOETZ, Walter. *La epoca del imperialismo*. pp. 72-73

A velocidade das informações; aliada a monumental melhora na fabricação do papel; além das melhorias no sistema de impressão, levaram jornais e revistas a uma expansão vertiginosa.

No fim do século XIX aparece o telefone, encurtando as distâncias e aproximando as pessoas. Todavia, a principal tecnologia de comunicação da época foi o telégrafo. Telégrafo que contou com a evolução do sistema ótico para o de cabos elétricos e a unificação pelo sistema Morse. Os fios sobre os postes e os trilhos sobre o chão marcavam a paisagem do mundo de forma irrefreável. Menos custoso do que os caminhos de ferro, os telégrafos estenderam seus cabos pelos países periféricos e não encontraram resistência nem nos oceanos. Em agosto de 1878 o cabo de 3650 km elaborado pela Companhia *Glass & Elliot* de Londres interliga a baía de Valentia à Trinity Bay na Terra Nova. Na primeira mensagem da Rainha Vitória ao presidente norte-americano Buchanan gastou-se cerca de 17 horas e 40 minutos. Só dez anos depois a Companhia *Great Eastern* elabora um cabo mais resistente e capaz de enviar e receber mensagens com mais velocidade. Aos poucos, constitui-se uma rede mundial de telégrafos que passam de 125 mil km em 1890 para 500 mil km em 1914. O mundo era uma imensa aldeia global e '(...) quando se festeja o jubileu de William Thomson (Lorde Kelvin) em Glasgow em 1896, expedem-lhe via Terra Nova, São Francisco e Washington um telegrama que retorna em sete minutos'.¹⁵

Temos aqui a segunda característica da Era dos Impérios: a revolução das comunicações. Sua importância para a '(...) economia de mercado mundial é que todo este sistema de comunicações permite não só uma aceleração da circulação de capitais, mas também uma unificação do movimento de preços'¹⁶. A velocidade está na oferta e na demanda por

15. SCHNERB, Robert. *O século XIX*. pp.165-167

16. GOETZ, Walter. *La epoca del imperialismo*. pp. 75-76

produtos. Transportes e comunicações confirmaram a profecia do Manifesto Comunista de que 'no lugar do antigo isolamento de regiões e nações autossuficientes, desenvolvem-se um intercâmbio universal e uma universal interdependência das nações'.

Califórnia e Victória irrigam o capitalismo de ouro. Logo após as Revoluções de 1848, o estado norte-americano e a província australiana começam a explorar veios imensos do metal. Uma nova corrida em busca do minério se inicia. Além de inundar seus países de garimpeiros e ouro, América e Austrália acabam por abarrotar a Europa industrial. O metal ao adentrar no continente europeu, por sua vez, faz crescer a cunhagem de moedas em mais de 50%.¹⁷ E não foi só isso: o papel-moeda com as novas tecnologias de impressão começou a ser produzido em larga escala. Outra mudança da época foi o desenvolvimento do mercado do cheque. O dinheiro circulava com mais facilidade e as compras a crédito foram inventadas. Produziam-se mercadorias em massa e o mercado financeiro aliado à indústria (com aumentos cíclicos de salários e empregos) encontrava consumidores para absorvê-las. Hobsbawm diz que a revolução no consumo não foi causada pelos Rolls Royce, mas sim pelos Ford 'bigode'. Nascia o consumo de massas.

Aos poucos, as instituições financeiras das regiões centrais do capitalismo concentram capitais e centralizam os financiamentos. Antes, havia centenas de pequenos bancos regionais, emitindo seus papéis e moedas próprias e limitando seus negócios a cidade ou ao distrito de origem. Limitavam-se a emprestar e cobrar juros, além de financiar pequenos negócios. Ainda estavam muito longe do papel preponderante que teriam no capitalismo mundial. Caminhos diferentes foram traçados pelos bancos nos países europeus, mas ao final tudo era igual. Primeiro concentraram o mercado, eliminando os pequenos bancos. Posteriormente expandiram

17. MORAZÉ, Charles. *Os burgueses: à conquista do mundo*. pp. 246-247

seus negócios para todo o país. Passaram a ser grandes instituições de caráter nacional. Unificaram as moedas. Aplicavam capitais volumosos, guardavam toneladas de ouro vindo das novas regiões, financiavam as grandes construções dos Estados e de empresas privadas. Foi assim com obras monumentais com o Canal de Suez, a reforma (destruição na visão de Baudelaire) de Paris. O aço era a matéria dos caminhos de ferro, os bancos eram a substância que irrigava os bolsos das grandes companhias para a abertura dos trilhos e para a aquisição das locomotivas a vapor e dos vagões.

Eram impérios que fabricavam dinheiro na era das indústrias. Empresas como *Rothschild*, *Credit Lyonnais*, *Banque de France*, *Barings Bank*, *Bank of England*, *Deutsche Bank*, *Dresdner Bank* (este intimamente ligado aos cartéis do aço e do carvão alemão, em especial às empresas Essen e Krupp), *Société Générale Belgique* (o qual absorveu o *Banque du Congo Belge* em 1935). Num mundo em revolução, a unificação financeira, as garantias fornecidas pelas seguradoras e o capital abundante e externo à indústria era uma necessidade e um grande achado da burguesia.

Também o mercado de ações mostrou sua importância. Para expandir os mercados, a burguesia precisava de capitais. As instituições financeiras ofereciam os seus préstimos, mas em troca exigiam a abertura do capital da empresa. Emitiam-se então ações e formavam-se sociedades. Bancos e indústrias estreitavam laços em prol da expansão capitalista. A lei protegia a ambos. O Direito Civil como um demiurgo criava a pessoa 'jurídica'. Ou seja, uma pessoa ficta, um ente jurídico com direitos e poucos deveres. Entre os não-deveres estavam o de não-responsabilização na pessoa do proprietário pelos danos causados pela empresa. O Direito Empresarial passava a regular entre outras coisas as sociedades. Dentre as sociedades, a preferida sempre foi a 'limitada'. Explicando melhor, limitada

é a sociedade que em estado de insolvência, o patrimônio a ser utilizado para quitar os débitos limita-se ao capital da empresa, nunca atingindo os bens 'privados' de seu proprietário. A burguesia, financeira ou industrial, estava protegida.

Vence também num primeiro momento o livre mercado inglês e a divisão internacional da produção. O livre cambismo é a doutrina dos economistas burgueses da Inglaterra como John Stuart Mill e também do povo inglês como relata Morazé:

A partir de 1850, a quarta parte da população inglesa vive do pão estrangeiro: audácia desta época, e que faz em todo caso a fortuna dos moinhos de Rouen. Depois, as importações de gado duplicam entre 1850 e 1853. Manda-se vir manteiga da Irlanda, da Bretanha e até de Portugal, da Holanda e da Dinamarca. [...] A Inglaterra importa lã das suas colônias, sem dúvida, as faz também da Alemanha. Importa todo o seu algodão; importa minérios, mais do que exporta, e em quantidade cada vez maior. Mas as suas exportações de carvão não cessam de aumentar. Quanto ao ferro, a exportação passa de duzentas mil toneladas em 1839 para 600 mil em 1849 e um milhão e trezentas mil toneladas em 1853.¹⁸

A lógica do capitalismo industrial é a de que se um país vende bem seus produtos (ou às vezes apenas um produto), para que gastar-se energia com a fabricação de outras mercadorias que serão compradas mais baratas dos seus vizinhos? Ainda mais em países como Inglaterra e Alemanha, em que o sistema de transportes — naval e ferroviário — são muito desenvolvidos. Especializa-se a produção industrial e regionaliza-se o mercado mundial.

Tecnologias diversificadas e transportes rápidos e de cargas cada vez maiores, elevam a produção e permitem a sua mundialização. Schnerb relata como a tecnologia auxilia essa produção crescente ao citar a

18. MORAZÉ, Charles. *Os burgueses: à conquista do mundo*. pp. 258-259

importância do vapor, do casco de ferro e da hélice na pesca. Os grandes navios arrastam cardumes, recolhem-nos nos porões, conservando os pescados pelos imensos blocos de gelo carregados pelas naus (e, posteriormente pela refrigeração industrial). Relata ainda quais são os produtos que alimentaram o livre cambismo e os homens. Herman Melville narra em *Moby Dick*, a pesca da baleia. Uma conquista e um extermínio da época. Em pouco tempo, a carne de alto teor protéico do cetáceo desaparece do Atlântico Norte, por extinção da espécie. Sua busca ruma então em direção ao Pacífico. A madeira e a polpa para a indústria de papel vinham do Canadá, Finlândia e Escandinávia. O marfim era africano (em destaque o do Congo). O látex inicialmente brasileiro, predominou posteriormente na Indochina francesa, sempre tendo em segundo plano o fornecimento africano da 'red rubber', ou seja, uma riqueza belga e uma tragédia congoleza. A cochonilha vem da Guatemala, o índigo da China. O algodão vem do Ganges e do baixo Nilo. O lhano (adubo) era oriundo do Peru. O chá da Índia e China. A carne da Argentina. O café do Brasil. O leite descia da Dinamarca. Tradicional produto da América Central, havia a banana. A laranja aporta da Austrália, do Japão e da Califórnia. A cana de açúcar vem de Cuba e da Jamaica.¹⁹

Trata-se de um período em que as nações organizam-se em um Centro, industrializado, diversificado em sua produção, produtor de tecnologias e numa Periferia em geral de economia primária, monocultora e atrasada. As vésperas da Grande Guerra o protecionismo e o nacionalismo estavam mais fortes. Os grandes conglomerados econômicos precisavam de espaço para expandir seus negócios, o Estado era seu agente.

A população mundial crescia vertiginosamente, o mundo se urbanizava, o mercado se expandia, a economia se globalizava, e mesmo assim não bastava. Dilataram-se as áreas cultivadas (também nos

19. SCHNERB, Robert. *O século XIX*. pp.139-142

países centrais), desenvolveram-se novas técnicas de plantio e colheita e aumentou-se a produtividade.

Engels realizou um estudo minucioso das condições da classe trabalhadora na Inglaterra na primeira metade do século XIX. Em 'A situação da classe trabalhadora na Inglaterra' temos apresentados a pauperização dos trabalhadores, a exploração intensiva do trabalho e a barbárie de um mundo burguês sem amarras. A classe oprimida aparece sem os véus da ideologia dominante da época. Mostrou ainda como essa situação não se deu sem resistências, sociais e políticas, que engendraram uma luta entre o capital e o trabalho. Ao mesmo tempo em que Engels materializava o proletariado ele dessacralizava a burguesia ao afirmar que:

Desconheço uma classe tão profundamente imoral, tão incuravelmente corrupta, tão incapaz de avançar para além do seu medular egoísmo como a burguesia inglesa – e penso aqui na burguesia propriamente dita, em particular a liberal, [...] Para ela o mundo (inclusive ela mesma) só existe em função do dinheiro; sua vida se reduz a conseguir dinheiro; a única felicidade de que desfruta é ganhar dinheiro rapidamente e o único sofrimento que pode experimentar é perdê-lo.²⁰

Entretanto, no último quartel do século XIX a situação era diferente. Não que a burguesia tenha deixado de lado seu amor pelo capital, muito menos porque a pauperização da classe trabalhadora não mais existia. Em que pese a melhoria das condições de vida do período, boa parte do cenário tétrico apresentado por Engels ainda permanecia. Mais do que isso, a revolução industrial espalhava-se por Europa, Estados Unidos e Japão, repetindo nestes as mazelas inglesas.

Instalada definitivamente no poder, a burguesia freava seu ímpeto revolucionário e tentava impedir que outra classe assumisse as rédeas das transformações. Morazé nos fala que a burguesia encontrava-

20. ENGELS, Friederich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo. Boitempo. 2007. p. 307

se na indústria (em Inglaterra), no Estado (em França) e era ainda feudal (em Alemanha). Quem são então os burgueses? São os barões da indústria que na Alemanha, em razão da unificação tardia (assim como na Itália), demoraram um pouco mais para quebrar os laços feudais (semelhantes aos russos). São empresários ingleses, franceses, alemães, belgas, entre outros, que até a década de 60 dos 'oitocentos' possuíam empresas familiares, de pequeno a grande porte. É a 'middle class' inglesa. Os funcionários de alto escalão da burocracia estatal francesa. São os banqueiros e suas instituições financeiras cada vez mais poderosas.

Nos fins do XIX assistimos a aliança estratégica entre a burguesia e o capital financeiro. Este por sua vez começa a preponderar nos negócios. Por outro lado, as novas tecnologias, os novos materiais, as novas formas de investimentos, não permitiam mais a existência de administrações 'caseiras' e 'intuitivas'. A racionalidade administrativa avançava dentro da indústria com o sistema rígido de Taylor. A produção agora era em massa. A standardização tornava-se regra. As pequenas e médias indústrias eram incorporadas ou compradas pelos grandes conglomerados econômicos. Formavam-se cartéis, trustes e holdings. Agigantavam-se as empresas, expandiam-se os mercados, ampliavam-se as estruturas físicas das fábricas e o número de trabalhadores por unidade fabril. Aos poucos, os burgueses deixavam seus negócios para uma nova classe, a dos profissionais especializados na expansão do capital: o executivo.

Hobsbawm²¹ nos dá um painel de quem era esse burguês fora da vida empresarial, dos altos escalões do serviço público, ou das profissões liberais. Para o burguês na vida cotidiana existiam empregados que responsabilizavam-se pelos afazeres domésticos. A culinária e a gastronomia eram símbolos da classe. Boas comidas e bebidas refinadas

21. HOBBSAWM, Eric. *Quem é quem ou as incertezas da burguesia*. A era dos impérios. pp. 233-279

distinguiam as classes abastadas. São casas cada vez mais espaçosas e com cômodos privados. Afastadas dos centros, distantes da ralé. Ficam em 'subúrbios-jardim', constituídas por residências com jardins em miniatura. Uma *villa* distinta das originais da aristocracia, não só pelas dimensões apequenadas, mas pelo sentido inerente: as villas aristocráticas eram antes de tudo um espaço público, um local a ser visto, com imensas escadarias repletas de obras de arte, salões de visitas monumentais, espaços amplos e abertos construídos para a admiração de todos; as casas-jardim da burguesia são espaços privados, protegidos por altos muros, isolando as classes médias da rua, da cidade e do mundo, uma residência de quem tem medo de perder apenas uma coisa, a propriedade.

Tempos em que a burguesia convive com uma efetiva democratização política, um relaxamento das relações familiares e uma, lenta porém constante, participação da mulher na vida da cidade e dos negócios. Certo também que na 'era dos impérios', a burguesia não só cresceu em poder e capital, redimensionou-se em grupos. Ficava cada vez mais difícil a distinção entre a alta, média e pequena burguesia. A educação superior formava médicos, arquitetos, advogados (especialistas em se apoderar dos cargos de alto escalão do Estado) e engenheiros. A maioria deles não possuía empresas, mas muitos deles enriqueceram-se no período. Entre 1866 e 1886 o número de médicos na França era de 11 mil, em 1911 atingira 20 mil. Os arquitetos ingleses passaram de 7 mil em 1881 para 11 mil apenas vinte anos depois. Não havia como se negar status burguês a essa nova categoria. A educação formal, do básico ao superior, passa a ser um critério que distingue as classes trabalhadoras da burguesia. De um lado os trabalhadores manuais, do outro as pessoas que pensam e ganham dinheiro às custas dos primeiros.

As universidades também separavam as diversas classes

burguesas. Estudantes ricos organizavam-se em 'fraternidades', sociedades quase secretas com um fim em comum, aproximar os iguais, excluir os inferiores. As universidades da elite norte-americana inventaram a 'Ivy League', uma organização de torneios esportivos só entre os membros da elite. Ser burguês é jogar golfe, críquete e tênis. Atividades individuais ou em duplas, que necessitam de uniformes caros e amplos espaços para a sua prática. Esporte e atividade física se diferenciavam pois:

[...] os jovens aristocratas poderiam experimentar, como na Inglaterra, qualquer forma de proeza física, o campo em que se especializavam eram os dos exercícios ligados à equitação e à matança, ou pelo menos do ataque aos animais e às pessoas: a caça, o tiro, a pesca, as corridas de cavalo, a esgrima e coisas semelhantes. Efetivamente, na Inglaterra, a palavra esporte era originalmente restrita a tais atividades, sendo os jogos e atividades físicas (hoje chamados de esporte) classificados como passatempo. A burguesia como sempre não só adotou como transformou o modo de vida dos nobres. (grifo nosso) ²²

Esportes como o futebol e o rúgbi passaram a atrair multidões, incluindo aí a burguesia e o proletariado. Mas o que os aproximava dos antigos esportes aristocráticos era o 'amadorismo'. Praticados nas universidades, nos colégios e nos clubes da elite (aristocrática ou burguesa), os jovens atletas não poderiam 'viver' da atividade, pois era uma mera forma de equilibrar corpo e espírito. Não é sem motivo que nasce nos Estados Unidos, no fim do século XIX, uma associação de jovens para a prática de esportes, unindo corpo e alma, a YMCA. Essa união de interesses entre a burguesia e a aristocracia tem seu ápice na competição organizada pelo Barão de Coulbertin, as Olimpíadas de 1896. Uma disputa pacífica entre as nações imperialistas e as colonizadas, de caráter amador e reunindo esportes das duas classes: a equitação, a esgrima, a caça dos aristocratas e o atletismo, o boxe, o ciclismo, a ginástica e o tênis praticados pela burguesia.

22. HOBBSAWM, Eric. *Quem é quem ou as incertezas da burguesia*. A era dos impérios. pp. 256

Um último aspecto em relação a burguesia seria sua divisão no período. Em geral os historiadores a dividem em três grupos: o primeiro formado pelos empresários e executivos, os ricos; um segundo grupo intermediário, formado por profissionais liberais, pequenos investidores, comerciantes e proprietários de pequenas fábricas; e por último a plutocracia, os muito ricos, os milionários. Estes último grupo comportaria 4 mil pessoas nos Estados Unidos em 1890, na Inglaterra cerca de 30 mil, 15 mil na França, 10 mil na Prússia e 1,8 mil na Itália. Havia 18 famílias com fortunas de mais US\$ 25 milhões na Inglaterra em 1888 (os Rothschild possuíam US\$ 67 milhões, equivalentes a US\$ 1,5 bilhões atuais)²³. Rockefeller acumulava quase 5% do PIB norte-americano em 1910, proporcionalmente nos dias atuais isso daria o absurdo de US\$ 600 bilhões. Os muito ricos alcançaram as estrelas de Cecil Rhodes. Apesar da descrição acima, talvez a mais importante marca da burguesia no período tenha sido o seu oposto, o proletariado.

Quando James Forrest anota o segundo gol do Blackburn Rovers contra a Queens Park da Escócia e define o placar final com a vitória por 2 a 1 do time inglês na tarde de 29/03/1884, mal sabia ele que aqueles 4 mil espectadores presentes ao Kennington Oval, observavam também a formação da classe operária. Os 'vagabundos' de Blackburn (cidade que crescera em volta da indústria têxtil no distrito de Lancashire), tornaram-se o primeiro time de origem proletária a vencer a F.A.Cup (Copa da Inglaterra), um dos mais antigos torneios de futebol do mundo, disputado desde 1871 na 'fábrica do mundo', a Inglaterra.

Em que pese a visão crítica de Hobsbawm²⁴ em relação ao estudo clássico de Edward Thompson, 'A formação da classe operária na

23. SCHNERB, Robert. *O século XIX*. p. 270

24. HOBBSAWM, ERIC. *O fazer-se da classe operária, 1870-1914*. In: *Mundos do trabalho*. pp. 263-295

Inglaterra', de que a história operária já germinava em sua constituição no início do século XIX, é certo que a consciência de classe em si, aparece nos fins do século citado. Para Hobsbawm foi entre a Comuna de Paris e o início da Grande Guerra que a classe operária adquiriu características, como grupo social, de protagonismo na história. Ao lado da burguesia, sua antítese, e dos proprietários, o proletariado marcou o período citado. Se por um lado, a burguesia ou classe média superior foi treinada e qualificada para acreditar e interferir individualmente, o proletariado nasceu para agir coletivamente, consciente ou não desse processo. Comparando-os, Hobsbawm assim os diferencia:

[A burguesia] foi ou é um grupo de elite de quadros políticos, não porque seus membros foram especificamente selecionados por habilidade ou iniciativa (como sempre acreditaram que foram), mas porque esta classe consiste essencialmente em pessoas que estão, ao menos potencialmente, em posições de comando ou influência, por mais localizadas que sejam: de pessoas que, individualmente ou em pequenos grupos podem provocar acontecimentos."

[...]

Por outro lado, a classe operária, é constituída quase que por uma definição de pessoas que não podem fazer as coisas acontecerem exceto coletivamente, embora ao contrário dos camponeses, sua experiência de trabalho demonstre todos os dias que eles devem agir coletivamente ou não agir de forma alguma. Mas mesmo sua ação coletiva requer estruturas e lideranças para que sejam eficazes.²⁵

Porém, sabemos que a consciência de classe não se dá só por meio dos sindicatos e partidos operários, que cresceram de forma vertiginosa no período. Muito menos pela imposição de uma ideologia, o socialismo, como única do grupo. Mas é certo que a soma de diversos aspectos comuns permitem a percepção de uma classe operária única, independente de suas diferenças internas. Se a primeira metade do século XIX foi marcada pelo extremo pauperismo e pelo ímpeto revolucionário dos operários, a segunda

25. HOBBSAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. p.47

metade, apesar dos avanços organizacionais da classe, caracterizou-se por um refrear nos ânimos revolucionários e por uma diversificação nas lutas proletárias. Coincidência ou não, o furor revolucionário teve seu ápice, segundo Schnerb²⁶, até mais ou menos a publicação do Manifesto Comunista (1848), recrudescendo após 1870 (pouco depois da publicação do volume I de 'O capital'). Em suma, publicada a maior obra teórica sobre o capitalismo e suas mazelas, acomodam-se as rupturas.

Além das derrotas políticas dos anos 30 a 48, colaboraram para esse abrandamento a melhoria das condições materiais da classe operária. Pequenos ciclos de crise atingiram o último quartel do século XIX, com aumento das greves, mas em geral as lutas pautaram-se pela jornada de trabalho reduzida, pela lei de bronze dos salários (um salário mínimo), em favor da melhoria das condições de trabalho, pelo seguro (em caso de acidentes de trabalho), entre outros fatores. Desacreditado pela burguesia, derrotado em Paris em 1871, o socialismo perdia espaço para os socialistas-democratas, os democratas-cristãos, os lassalianos e para os anarquistas. O conforto dentro da pobreza abriu espaço para um certo reacionarismo operário. Não que a luta operária tenha desaparecido, ao contrário, e o início do século XX comprova essa força do socialismo revolucionário. Estavam sim mais diversificados politicamente, mas cada vez mais unidos como agrupamento social.

Entre os pontos em comum temos o padrão de lazer da classe operária. Dentre outras formas de diversão, o futebol foi o mais importante unificador de paixões. As agremiações inglesas, em sua maioria, localizavam-se em cidades industriais; o ardor fervoroso dos torcedores dava um caráter 'nacional' aos confrontos; as arquibancadas cresciam em dimensão, público (em 1913 no Crystal Palace, 121.919 pessoas assistiram

26. SCHNERB, Robert. *O século XIX*. pp.258-273

a vitória do Aston Villa na F.A.Cup, 60 vezes mais torcedores do que na final vencida pelo Blackburn 20 anos antes) e passavam a ser ocupadas em sua maioria por operários. Profissionalizava-se a prática (a partir de 1888) e cada vez mais afastava-se do controle (não o econômico) do burguês. Tornava-se uma oportunidade de renda para as classes trabalhadoras. Outras formas de lazer aproximaram os trabalhadores socialmente, como os parques de diversão e as colônias de férias. Os investimentos em piores de lazer da burguesia totalizavam 98,5 milhões de libras contra 30 milhões de libras dos congêneres operários entre 1871-1875. Duas décadas depois, os números eram de 172 milhões de libras para os primeiros e 292,5 milhões de libras para os segundos (um crescimento de 1000%). Agências de viagens voltadas à classe operária surgiram no período. Nasciam as operações de crédito em lojas, estimuladas pela melhoria salarial e maior estabilidade no emprego (para alguns operários). Estaria se aburguesando o proletariado, como afirmara Engels?

Aos poucos, a indústria produzia de forma estandardizada (os pacotes de chá surgiram em 1884), e vendiam em grandes supermercados. Hábitos alimentares, como o peixe com batatas fritas, desenvolveram o comércio e criaram necessidades industriais (para fabricar o fogão fritador, por exemplo). Em 1914 existiam mais de 25 mil lanchonetes fritando peixes para a classe operária inglesa. Morando nas proximidades das fábricas, os trabalhadores começaram a melhorar suas casas geminadas. O nível salarial, apesar da Grande Depressão (1873-1896) cresceu. Menos crianças trabalhavam. Trabalhadores se especializavam. A qualidade de vida melhorou. O vestuário passou a ter o 'flat cap' (uma boina com uma aba frontal), como identificador da categoria social, distinguindo-os das gravatas coloridas dos 'scolars' da classe média. A educação era outro diferencial entre a classe média (burguesia) e o proletariado. Operário era aquele que não recebia ou não se interessava pela educação formal.

Ideologia ainda presente nos dias atuais. Ser operário era estar destituído da propriedade, excluído do processo de acumulação e alienado da civilização. Foi desumanizado em sua essência. A aquisição da consciência expurgou o pensamento elitista e excludente da burguesia e o da pequena burguesia. Os sindicatos expandiram suas ações e suas ideias (que nem sempre eram concordantes) e conquistaram os trabalhadores. Em 1914 eram 4 milhões de sindicalizados na Inglaterra (cerca de 20% da população ativa do país). O partido Trabalhista expandiu seus votos e atingiu 24% do eleitorado em 1918.

Seria essa 'formação' exclusiva da Inglaterra? O movimento sindical e os partidos socialistas e comunistas no resto da Europa estavam em ascensão também. Senão como entender a Revolução de 1917? Mas se o peixe com fritas não era apreciado na Alemanha dos salsichões e cerveja, o futebol arrebanhou multidões nos países industriais do velho continente. Manchester opunha os 'City' (operário) aos 'United'²⁷ (classe média), assim como Turim colocava em campos distintos o 'Torino' (fundado numa cervejaria popular) e a 'Juventus' (formada por um grupo de estudantes de um liceu tipicamente burguês). Diferentes países, distintas histórias, mas uma classe em comum: o proletariado.

Dessa forma, observamos algumas características conjunturais do longo século XIX. Período de uma revolução científica e tecnológica que impulsionou uma segunda revolução industrial, com novos materiais e necessidades de abundantes matérias-primas.

Uma economia que agora era mundial, com mercadorias

27. Outra característica diferenciadora das classes sociais no futebol eram as cores das agremiações. O azul, em geral, era associado aos clubes de origem operária ou popular; o vermelho ou o branco associados à burguesia e a aristocracia. Assim, o City dos operários de Manchester utiliza camisas azuis, os United, vermelha. Em Milão, temos a Internazionale, azul e preta, portanto popular, e o vermelho e preto do Milan, ligado à burguesia. Madri tem o Real (do rei de Espanha), branco e o curioso Barcelona da Catalunha, grená e azul, simbolizando uma possível união burguesia e proletariado.

circulando por velozes trens e barcos a vapor. Um capitalismo financiado pelos bancos e cada vez mais concentrando e centralizando a produção industrial. Uma sociedade de burgueses e proletários, mas não só eles. Tempo de um homem que acredita no progresso e na razão. Era em que o futuro promete ser uma viagem ao maravilhoso e ao progresso, como as aventuras descritas pela literatura.

1.2. UMA HISTÓRIA LITERÁRIA

Júlio Verne (1828-1905) nascido em Nantes é conhecido por ser um dos maiores escritores de ficção científica da história, além de muitos o considerarem o fundador do gênero. O francês teria previsto a existência do submarino, do foguete, da televisão e uma série de outros inventos do século XX. Para agradar o pai, cursou Direito, mas nunca exerceu a profissão. Tornou-se corretor da Bolsa. Insatisfeito com a profissão escreve em 1863 um misto de relato de viagens com história de aventuras: *Cinco Semanas num Balão*. O sucesso de público é imediato. J.P Hetzel, seu editor, firma um contrato de 20 mil francos anuais para que Verne produzisse dois livros ao ano.

Descrição de paisagens naturais, elogio das tecnologias e do progresso, romance de aventuras e a ética elevada foram temas recorrentes. Os livros eram publicados na revista mensal *Magasin d'éducation et de recreation*. Verne também se dedicou a política local, tendo sido eleito

algumas vezes representante em Amiens. Sucesso editorial, o escritor teve seu contrato renovado por mais 20 anos, dedicando-se a literatura até o fim da vida. Num reducionismo empobrecedor da obra, podemos dizer que Julio Verne foi um bem sucedido 'pequeno-burguês'.

Uma de suas obras mais conhecidas, apesar de não ser de 'ficção científica', acaba traçando um painel completo do período que estudamos. Escrita em 1873, '*A volta ao mundo em 80 dias*' é um relato histórico-geográfico da era do imperialismo. As proximidades entre literatura e história sempre foram notadas. Muitos ainda hoje acreditam ser a História uma literatura sem estética. Outros afirmam ser a História um mero exercício literário de presentificar o passado. Não cabe aqui entrar nessa acalorada discussão. Entende-se a produção literária como a definiu Sevcenko:

[...] um processo homólogo ao processo histórico, seguindo-o, defrontando ou negando-o, porém referindo-o sempre na sua faixa de encaminhamento histórico. Nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação.

A partir dessa perspectiva, a criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou dos processos profundos de seu conhecimento formal, Mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou de produção."²⁸

Publicada mensalmente, *Volta ao mundo em 80 dias*, foi acompanhada pelo público leitor da época talvez com a mesma avidez que os personagens londrinenses do romance seguiram os passos de Phileas Fogg. O protagonista é um burguês milionário que vive de rendas na Londres da 'City'. Mundo conhecido de Verne, um ex-corretor da Bolsa.

28. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. p. 246

Ele frequenta um clube exclusivo da burguesia (Reform Club) para ler os jornais *Times*, *Standard* e *Morning Chronicle*. Ao escutar colegas de clube comentarem sobre o assalto, ocorrido dias antes no banco *Bahrings*, de 55 mil libras (cerca de 700 mil euros hoje em dia), Fogg afirma que o assaltante já estaria longe, pois com os novos sistemas de transporte da época, o mundo seria facilmente cruzado em 80 dias. Diante da incredulidade dos associados (dois banqueiros, um industrial de cerveja, o administrador do Banco da Inglaterra e um engenheiro), o lorde inglês faz uma aposta de 20 mil libras de que conseguiria a façanha da travessia ao mundo e mais, iniciaria a viagem na mesma noite. Com seu serviçal, um francês de nome Passepartout rumam em direção a Suez. Viajando de balão, trens, navios, elefantes e grandes embarcações, Fogg segue na direção leste.

Logo após sua partida, aparece um conflito na trajetória do herói: a polícia britânica acredita ser Fogg o assaltante do banco *Bahrings*. Por telegrama, o detetive Fix é designado e vai acompanhar, anônimo, a viagem de Fogg. Num suspense de romance policial, Fix sempre recebe via telegrama ordens de prisão e, por muito pouco não prende Fogg. Interessante também é o encontro com o amor. Fogg salva a vida de uma jovem princesa indiana prestes a passar pelo ritual do sati. Mrs Aouda, a princesa libertada acompanhará Fogg até Londres e lá irá se casar com o inglês.

Após passar por Índia, China, Japão e Estados Unidos, o grupo atravessa o Atlântico e aporta nas ilhas britânicas antes do prazo da aposta se esgotar. Porém, tudo se despedaça quando Fix ao pisar em solo 'real' dá voz de prisão a Fogg. Após uma noite na cadeia, a polícia encontra o verdadeiro assaltante de banco. Fogg era inocente. No final, libertado, o inglês derrotado e resignado se prepara para um casamento simples com Mrs Aouda, pois gastara metade da sua fortuna na viagem e a outra metade seria usada para pagar a aposta perdida. No penúltimo ato, Passepartout

volta da cidade e conta a Fogg que o mesmo não poderia se casar no dia seguinte, pois seria um domingo.

Fogg entende tudo num instante. Ainda era sábado na Inglaterra, terra em que o mundo havia girado 80 vezes. A aposta estava ganha. Ao viajar em sentido leste, Fogg atravessara a Linha Internacional de Data, trecho de encontro entre o extremo leste (12 horas adiantado em relação a Londres) e o extremo oeste (12 horas atrasados em relação à capital britânica). Ou seja, o grupo 'ganhara' um dia de viagem. Fogg vai ao salão do clube diante do olhar perplexo dos sócios que acompanhavam notícias da viagem pelos jornais, dá por vencida a aposta e termina o livro com um comentário fleumático a Passepartout de que 'poderíamos ter feito a travessia em 78 dias'.

Pode-se perceber que Julio Verne foi um historiador do presente. Fogg (nevoeiro) é da Inglaterra, a maior potência imperial do século XIX e, convencionalmente, a terra da hora central do planeta. Seu auxiliar pertence ao império concorrente, a França, e tem um nome que literalmente quer dizer 'o que vai a todo lugar'. Amante do progresso, Fogg-Verne acredita nas tecnologias de transporte e comunicações. Atravessa o canal de Suez, obra da 'genialidade' industrial. Diz que as ferrovias são formas de abrir mercados e conquistar terras. Carrega com si o 'fardo do homem branco'. Ao perceber que Mrs Aouda será morta com o ritual do *sati*, comenta como os ingleses deixavam aquilo acontecer. É informado então que aquela região ainda não era domínio da Coroa. O detetive Fix (correção, em inglês), tem seus passos definidos pelos telegramas, o principal meio de comunicação do século XIX. Além do telégrafo, temos o jornal divulgando novidades e notícias, comunicando-se com as pessoas quase que instantaneamente. A burguesia e não só a tecnologia e os costumes estavam presentes na história. Fogg é burguês e vive de rendas.

Seus amigos são banqueiros, investidores, empresários e construtores. As grandes empresas aparecem nos nomes de bancos, das estradas de ferro, dos mercados em países estrangeiros e nas embarcações. É um mundo em movimento. O espaço da economia-mundo. E, por último, até as Sociedades Geográficas aparecem. Num texto publicado pelo Morning Chronicle, no qual a Sociedade Real Geográfica da Inglaterra duvida da possibilidade de sucesso na viagem de Fogg. No ano seguinte, não na ficção, mas no mundo real, Stanley partia para sua expedição para mapear o curso do rio Congo, com dinheiro do Daily Telegraph inglês e New York Herald. Os relatos da viagem eram avidamente consumidos pelos leitores dos jornais, despertando a curiosidade do rei geógrafo e em busca de um império, Leopoldo II.

CAPÍTULO 1 - O TEMPO

1.1. ERA DO IMPERIALISMO

Civilização. Comércio. Cristianizar.²⁹ São os três pontos nevrálgicos do Imperialismo. Entre a década de 70 do século XIX e a Primeira Grande Guerra temos o período conhecido como a 'era do imperialismo', nas palavras de Hobsbawm (1988). Segundo a análise econômica marxista, trata-se do período em que o capital excedente acumulado pela concentração e centralização da produção, obrigou as nações devidamente associadas ao Capital Financeiro, a expansão dos mercados para terras distantes (África e Ásia, especialmente), permitindo uma associação entre os interesses das grandes corporações, do sistema financeiro e de alguns Estados industrializados.

Denominado de Capitalismo Monopolista e Financeiro, este período foi acompanhado por uma Segunda Revolução Industrial, com o aparecimento, principalmente, do sistema de transportes a vapor, com suas ferrovias e vias fluviais; o desenvolvimento das telecomunicações com o telégrafo e um pouco mais tarde com o telefone; da eletricidade; da siderurgia; da indústria química e da energia carbonífera, que permitiram ao homem avançar por todas as fronteiras naturais e econômicas. Conquistando o anecúmeno e partilhando o infinito.

Apesar de predominante na análise do Imperialismo, a

29. David Livingsstone teria produzido este dístico dos três 'Cs'.

explicação puramente econômica do período não basta. Interpretações as mais diversas sobre o período são encontradas na historiografia: uma delas é a de que seria apenas um fenômeno político; outra considera o fenômeno como um mero discurso e prática culturais; outros até negam sua existência.

Porém, se não pode ser considerada a única explicação para a expansão imperialista (principalmente européia), os fatores econômicos foram os mais importantes.

CIVILIZAR

Por que civilizar? O capitalismo industrial e financeiro tornara o mercado mundial. Manter os povos não industrializados distantes da lógica da economia-mundo era perder uma fonte inesgotável de matéria-prima e trabalhadores braçais baratos. Mais do que isso, era excluir do consumo de excedentes e supérfluos, grande parte da população mundial. Civilizar é adquirir a condição de cidadão e este para o capitalismo resume-se a sua capacidade de consumo. O fardo é que desta vez não bastava só colocar o colono para trabalhar, era necessário convencê-lo da superioridade da civilização do colonizador e fazer com que aquele aderisse a esta.

Para tal tarefa seria necessário um grande contingente de pessoas interessadas não mais em construir uma Nova Inglaterra ou Nova Caledônia, mas sedentas de lucros e sem os freios morais do homem Moderno. Tal formação foi possível com as expedições à África, à Austrália e à Ásia na primeira metade do Século XIX. Expedições de missionários cristãos e jesuítas que apesar do irritante proselitismo religioso e mercantil, aproximaram o europeu da cultura e dos povos, africanos e asiáticos. Militares e exploradores como David Livingstone (em verdade, um missionário), Stanley, Brazza e Serpa Pinto foram delineando a forma da

conquista, adaptando-se ao meio adverso das colônias.

Serpenteando rios, cruzando desertos, escalando cadeias montanhosas, atravessando geleiras (para a conquista do norte da Rússia e das terras chinesas, por exemplo), desenvolveu-se um conhecimento exploratório e, posteriormente conquistador, pautado em novas técnicas e tecnologias, provisões e armas. Assim, o vapor subia as corredeiras do rio Congo, algo impensável para os antigos barcos a vela. Mantimentos abundantes eram carregados nas expedições. Schnerb nos conta que Nansen 'manda construir um navio, o Fran, capaz de resistir à pressão dos gelos; arma-se de provisões para cinco anos'³⁰. Os homens e suas armas completavam o cerco. Em África, a forma se repetia. As explorações singravam a região, os comandantes das expedições selavam acordos de 'transmissão de administração' com as lideranças locais, instalando centenas de postos avançados, sertão adentro, todos eles devidamente protegidos por forças militares ou por mercenários armados. Aos africanos cabia a resistência, quase sempre tendo como resultado a derrota militar em face da supremacia bélica dos europeus, ou o trabalho forçado garantido pelas atrocidades e violências.

A grandiosidade das expedições era evidente, Hoschchild nos descreve uma expedição de Stanley ao Congo em 1876, devidamente financiada pelo rei Leopoldo II, e de sua vultosidade:

O contrato de Stanley era de cinco anos, ele receberia 25 mil francos por ano por ano durante o tempo que passasse na Europa e mais 50 mil francos por ano durante o tempo que passasse na África. [...] Concordaram que Stanley estabeleceria primeiro uma base perto da embocadura do rio, e que, depois, construiria uma estrada em volta das corredeiras [...] por ela, os carregadores transportariam diversos navios a vapor, desmontados [...] seriam montados para navegar rio acima.³¹

30. SCHNERB, Robert. *História geral das civilizações*. Vol.6 – Tomo 1. p. 124

31. HOSCHCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo*. pp.72-73

Para se ter uma noção do investimento leopoldiano, aludimos a Hobsbawm que afirma necessitar um cidadão de classe média, em fins do século XIX, para viver de forma bastante confortável, cerca de 700 a 1000 libras. Cita o historiador inglês para corroborar sua afirmação o exemplo mais modesto do economista Marshall que para pertencer ao setor intermediário necessitava de 500 libras ao ano. Stanley recebeu de Leopoldo II, 3000 libras ao ano na fase europeia e 6000 libras nos anos da expedição africana. No total foram 24 mil libras, ou quase meio século da vida confortável proposta por Marshall. Em valores atualizados teríamos 480 mil euros pela expedição. O rei dos belgas conseguiu o dinheiro, não de seu país, mas por meio de investidores estrangeiros e por empréstimos privados feitos por ele (em nome da Associação Internacional Africana). Além do custo elevado, as viagens contavam com um verdadeiro exército. Schnerb fala que Brazza ³²

[...] leva consigo 30 suboficiais e marujos, 300 embarcações senegaleses ou krumens, 1200 pangaladores okandas e odunas, um milhar de carregadores batekés e barbuendés, 5 barcos a vapor; organiza um depósito em Libreville e escalona 21 estações e postos entre a costa e o Congo.

Tantos homens, tantas viagens, muitas conquistas. O colonizar da segunda metade do século XIX permitiu um elevado deslocamento populacional. Isso só foi possível por se tratar de um período de explosão demográfica na Europa e na América, aliados a evolução dos meios de transporte (os grandes vapores do fim-de-século cruzavam o Atlântico em 8 dias) e da propaganda governamental sobre as 'novas' terras (seja ela para a emigração ou imigração).

Curioso notar que, ao contrário da colonização da América, quase quatro séculos antes, tais migrações não eram direcionadas a periferia do capitalismo, mas preferencialmente ao próprio centro dinâmico

32. SCHNERB, Robert. *História geral das civilizações*. vol.6 -Tomo 1. p. 121

da indústria. Os Estados Unidos, por exemplo, receberam entre 1870 e 1930 cerca de 50 milhões de imigrantes, dez vezes mais pessoas do que aportaram em Brasil e Argentina no período. Para as colônias, além dos missionários e militares em ascensão, houve a migração da 'ralé' descrita por Hannah Arendt.

A Revolução Industrial foi acompanhada da urbanização das regiões economicamente mais dinâmicas. Junte-se a isso o avanço nas condições médico-sanitárias e a evolução da microbiologia com cientistas como Koch e sua descoberta dos bacilos e Pauster. A medicina se racionalizava, a ciência se especializava, a saúde humana se revitalizava. O atendimento hospitalar se difundia, os médicos se especializavam, a química fornecia elementos para os tratamentos. A consequência dessas transformações foi a abrupta queda da mortalidade geral e um crescimento vegetativo em ascensão. Os dados da Tabela 1 (abaixo) de cinco países confirmam essa variação:

TABELA 1: Variação da População

Censo Populacional	Reino Unido*	Alemanha**	França ***	Estados Unidos****	Bélgica**
1851	17.927.609	35.595.995	35.753.170	23.191.876	4.505.635
1861	20.056.224	37.745.816	35.834.902	31.443.321	4.732.000
1871	22.704.108	40.816.249	36.602.921	39.818.449	5.088.000
1881	25.974.429	45.234.061	37.672.048	50.189.209	5.520.000
1891	29.002.525	49.400.000	38.133.385	62.947.714	6.100.000

*Office for National Statistics "A vision of Britain through time". (<http://www.statistics.gov.uk/default.asp>)

** Bulletin. Société Royale Belge de Géographie. 1886 e 1891

***Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE). (<http://www.insee.fr/fr/default.asp>)

****United States Census Bureau. (<http://www.census.gov>). Os dados norte-americanos são relativos aos anos 1850-1860-1870-1880-1890.

No Reino Unido a variação populacional atingiu pouco mais de 11 milhões em 40 anos, com um acréscimo de 64,7%. A Alemanha cresceu um pouco menos, 40% nas quatro décadas, mas numericamente foram 14 milhões. Apesar de não constar na tabela, sabemos que em 1900 a Alemanha atingiu 60 milhões (em 2010 o país possuía 88 milhões de habitantes).

Dentre os países da tabela a menor variação ocorreu na França, pouco menos de 10% no período analisado. Pesaram nos dados franceses em primeiro lugar ter esta nação o dobro da população britânica em 1851, além disso, a urbanização e a industrialização na terra de Robespierre não tiveram o dinamismo da Inglaterra e da Prússia. Hobsbawm nos fala que a maioria da população francesa vivia no campo naquele período. Marx fala no '18 Brumário', em cerca de 80%, a população de camponeses da França em 1850.

O maior crescimento do período foi o dos Estados Unidos. Escolhido não por participar da Partilha Africana, mas por seu futuro papel hegemônico na economia nos início do século XX. A população americana cresceu mais de 173% no período apresentado, num total de quase 40 milhões em termos numérico, mais do que a soma da variação das outras quatro nações avaliadas na tabela. Em 1890 seu contingente populacional já era quase igual a soma da população de Inglaterra e França. Boa parte desse crescimento norte-americano, que continuará nesse ritmo até os anos 30 do século seguinte, veio da massiva imigração para o país. O que fazer com tanta gente? A nação estadunidense encontrou em seu próprio solo as terras para expansão na denominada 'conquista do oeste'. Entrando aí, a interligação do Nordeste com a bacia do Mississipi-Missouri, a conquista do rio Colorado, a 'febre do ouro' na Califórnia e a anexação de novas terras (que o digam os mexicanos e os aborígenes do oeste).

Por ser o centro de nossos estudos, a Bélgica também foi analisada. No pequeno país europeu, o acréscimo foi de 40% e o aumento numérico de 1,6 milhões, reafirmando as características da época.

Parte desse excedente populacional foi redirecionado para a África. Os dados populacionais para o continente colonizado são conflitantes. Mas a disparidade demográfica entre os dois continentes nesse período é elevada. O *Bulletín*³³, em 1872, diz que o continente africano teria em torno de 192 milhões de habitantes. O norte teria 20 milhões (o Egito com 8 milhões era o mais populoso), a região saariana contaria com 39,5 milhões, a África Oriental 29,7 milhões, o sul do continente 16 milhões, os territórios portugueses 9,3 milhões e a África Equatorial, impressionantes 43 milhões, ou cerca de 8 vezes a população da Bélgica.

As pesquisas mais recentes, entretanto, se contrapõe a esses dados. Schnerb (1961) fala de cerca de 120 milhões de habitantes no continente africano em 1900. Dados da ONU apontam para 133 milhões na mesma década. Consenso entre os pesquisadores e historiadores do continente é que a população africana manteve-se estável ou até mesmo declinou entre 1500-1850, com cerca de 100 milhões de pessoas. Tais dados apontam para a África Equatorial uma população de cerca de 25 milhões (5 vezes a da Bélgica) na época da pilhagem Leopoldiana. A Europa possuía quase o quádruplo da população africana no fim de século XIX. O continente africano viveu no século XX sua explosão e recuperação demográfica (cansado das mortes, escravidão e atrocidades européias), crescendo 7 vezes e atingindo mais de 800 milhões de habitantes, ou seja quase o dobro da população européia atual.

A expansão é um desejo e uma necessidade. Desde Malthus,

33. Société Royale Belge de Géographie. *Bulletín*. Volume 1. pp. 75-78

a crença de que o excesso populacional seria um problema para a Europa. Não só econômico com a carência de alimentos e o excesso de 'braços', mas cultural, afinal as 'massas ignaras' colocariam em risco o abastecimento dos homens e todos os seus bons modos. Assim descreve o economista, matemático e pastor britânico:

Vamos supor que todas as causas da miséria e do vício tenham sido removidos dessa ilha. Guerras são contidas. Não há mais insalubridade. Comércio e fábricas não existem mais. As multidões não se reúnem mais em grandes cidades, pestilentas, para fins de comércio, falcatrias diversas e vícios. Divertimentos simples e saudáveis, racionais em lugar de jogo, bebidas e libertinagem [...] a maior parte dos habitantes felizes desse paraíso terrestre vivem em aldeias e quintas espalhadas pelo país. Cada casa está limpa, arejada e é bem espaçosa. Todos os homens são iguais.³⁴

Mas infelizmente para Malthus, sua utopia liberal não se realizou. O jogo e a bebida permanecem sendo atividades altamente lucrativas do capitalismo. A população europeia só pararia de crescer quase dois séculos depois de sua obra. O vício e suas mazelas foram exportados para as novas áreas colonizadas. O Imperialismo e a nova colonização permitiram ao Velho Continente se livrar de uma parte dessa 'ralé'. Que se purifiquem as cidades dos homens brancos à custa dos corações africanos. Civilização e colonialismo não se confundem. Laureano Figueroa, um deputado republicano espanhol do final do século XIX, alertava para o perigo de cometer:

[...] o erro de confundir a civilização com a colonização, a parte com o todo. A civilização consiste em elevar um povo inculto ao estado de prosperidade moral e material, até o nível de outro povo que está muito adiantado; a colonização tem principalmente um caráter econômico, caráter muito mais reduzido que consiste em lutar com a natureza, lugar na qual o colono encontra intacta, selvagem, improdutiva, e tem que fazer com que produza retirando ao mesmo tempo os frutos da terra para se manter.³⁵

34. MALTHUS, Thomas. *An essay of principle of population*. 1798.p.42

35. LLORENTE PINTO, José Manuel. *Colonialismo y geografia en España en ultimo quarto del siglo XIX*. p. 97

O fardo do homem branco era cristianizar e ensinar a 'superior' cultura ocidental aos povos atrasados. Civilizados, os nativos poderiam fornecer mercadorias para a economia-mundo, trabalhadores braçais semi-escravos para as poderosas indústrias e consumir tudo aquilo de desnecessário e supérfluo produzido pelo mundo rico.

1.2. A ETAPA SUPERIOR DO CAPITALISMO

"O homem chega e já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa
Diz que tudo vai mudar..."
(Sá, Rodrigues e Guarabira. Sobradinho)

O período entre os anos 70 do século XIX e o início do Primeira Guerra ficou conhecido como imperialismo segundo Hobsbawm por dois motivos: por ter inaugurado uma nova forma de imperialismo e também pela existência de dezenas de países importantes na época com esse nome de governo, entre eles o Brasil de D. Pedro II. Para Leila Hernandez o termo tem em comum o fato de:

[...] se referirem a uma expansão por parte dos Estados caracterizada por forte assimetria e violenta dominação que se manifesta de formas diversas, como nas relações de preponderância das metrópoles sobre as áreas de influência, protetorados e colônias

[...] ou, ainda, nas diversas facetas da política de dominação e exploração praticada em diferentes proporções pelos Estados ricos em relação aos Estados pobres.”³⁶

A história procurou (e ainda procura) detectar as condições econômicas, políticas e ideológicas que levaram ao imperialismo e sua expansão colonial para a África e áreas do Pacífico em fins do século XIX. Tal explicação possui várias vertentes. Uma delas é a ‘socialdemocrata’, inaugurada por John Hobson, tendo como seguidores Kautsky e Hilferding. Outra tradicional é a resposta liberal dada por Schumpeter e toda uma escola da economia burguesa que veio a seguir. Um terceiro grupo pertence a escola sociológica e a ‘teoria da razão de Estado’, cujo grande expoente é o alemão Max Weber. Este grupo será comentado num item posterior. A quarta, e mais importante explicação, é a de caráter econômico, de inspiração marxista. Tanto as mais recentes como a de Maurice Dobb, Coquery-Vidrovicht e Paul Sweezy, quanto as duas teses clássicas de Rosa Luxemburgo e Lênin.

Charles Conant inaugura em 1898 a explicação econômica do Imperialismo ao afirmar que o mesmo era essencial para o Capitalismo por se tratar de uma forma de se livrar dos excedentes de produção. Inerente ao sistema produtivo e um verdadeiro descongestionante para o livre mercado. Sem moralismo ele afirmava em “As bases econômicas do imperialismo” que:

Pode-se discutir se esta política [imperialista] suporta o governo direto sobre grupos de ilhas semisselvagens (sic), mas do ponto de vista econômico da questão não há senão uma opção: ou entrar por algum meio na competição para o emprego de capital e empreendimentos americanos nesses países, ou continuar com a desnecessária duplicação dos existentes meios de produção e comunicações, com a conseqüente superabundância de produtos não consumidos, as convulsões que se seguem da

36. HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. pp. 72-73

paralisa do comércio, e a constante queda dos lucros sobre os investimentos que tal política negativa trará vinculada.³⁷

Conant foi o primeiro, mas foi com John Atkinson Hobson (1858-1940) em 1902 que a definição de Imperialismo ganhou 'status' de interpretação científica. Além disso, o social-democrata Hobson, influenciou não só as interpretações marxistas posteriores, em especial as de Lênin e Rosa Luxemburgo, mas as de cunho sociológico como a de Hannah Arendt em sua 'Origens do Totalitarismo'. O economista inglês tratou em "A evolução do capitalismo moderno" do processo de concentração e centralização do capital dos fins do século XIX. Além de descrever a formação dos cartéis, trustes e holdings, nessa obra, Hobson demonstra o crescente predomínio do capital financeiro sobre o capital industrial, pois a 'estrutura do Capitalismo moderno tende a lançar um poder cada vez maior nas mãos dos homens que manejam o mecanismo monetário das comunidades industriais – a classe dos financistas'.³⁸

Escrita em 1896, "A evolução do capitalismo moderno" sofreu profunda alteração em 1906 com os estudos das obras de Marx e Sombart feitos por Hobson. Cabe destacar ainda, a inversão do eixo geográfico proposta pelo inglês. Os Estados Unidos não eram uma mera economia apêndice da europeia nessa obra. Ao contrário, para Hobson era na América que o Capitalismo avançava em sua nova fase monopolista-financeira. Entre a primeira e segunda edição do texto, Hobson escreveu a tese sobre o Imperialismo, talvez um pouco saudoso das glórias passadas de sua Inglaterra. Segundo o inglês, é a produção crescente, decorrente da revolução tecnológica da industrialização em curso na época, associada à concentração e centralização da produção (e das empresas), além da

37. Citado por Gomes Barbosa, Glaudivon. In: *Imperialismo, Capitalismo e burguesia Revisitando as contribuições teóricas de Joseph Schumpeter e Hannah Arendt*. pp.147-148

38. HOBSON, *A evolução do capitalismo moderno*. p.175

concentração da propriedade que levavam necessariamente à expansão colonial. A alta produtividade, a produção em série e a monopolização dos mercados conduziriam o Capitalismo a uma crescente produção excessiva, a qual não seria acompanhada no mesmo ritmo pelo acréscimo do consumo, seja pela não absorção da mão-de-obra, seja pelos salários inadequados pagos aos operários.

Assim, o Imperialismo não era, segundo Hobson, uma fase do Capitalismo (como entendeu Lênin). Nasceu historicamente de um momento em que haveria uma crise entre super-produção e sub-consumo (no que concordava com Rosa de Luxemburgo). Expandir para ele era uma solução para a super-produção, pois dessa forma, o Capitalismo teria novos mercados. Melhorar as condições de trabalho e dos trabalhadores seria a maneira de encerrar o momento 'passageiro' do Imperialismo, pois cresceria o mercado interno, eliminando o sub-consumo e retomando o equilíbrio. Ou seja, o Imperialismo não seria nem a etapa final do Capitalismo (muito menos uma fase) como afirma Lênin e a mais valia não seria uma necessidade sagrada da burguesia, como nos diz Luxemburgo. Bons homens esses reformadores.

Joseph Schumpeter nasceu na Morávia em fins do século XIX. Economista liberal migrou para os Estados Unidos nos anos 20 do século passado e lá viveu até sua morte em 1950. Desenvolveu a formulação matemática e a econometria para a explicação econômica, além da elaboração de modelos econômicos para a interpretação da realidade social e para o desenvolvimento capitalista. Tais modelos o levaram a concluir em 1942 que o capitalismo estava fadado à superação pelo socialismo (o que não lhe agradava nem um pouco).

Sua interpretação do Imperialismo em "Sociologia dos Imperialismos" (1919), seria a de haver uma disposição (sem um objetivo)

por parte do Estado na expansão ilimitada pela força. Para Schumpeter, o Imperialismo trata-se de um engodo político que servia a diversos interesses: o da manutenção do império britânico para o mundo político, o nacionalismo protecionista para burgueses e comerciantes, o irracionalismo expansionista para os 'aventureiros' colonizadores. O imperialismo só teria sentido e racionalidade nos povos antigos, daí sua longa análise histórica de povos como o Egito, a Assíria, a Pérsia ou a Roma antiga. Sociedades em que a Guerra era uma necessidade imanente em que:

O Imperialismo de uma nação guerreira, o Imperialismo popular, surge na História quando o povo adquire uma disposição bélica e uma organização social correspondente antes que tenha oportunidade de ser absorvido pela exploração pacífica da área em que se instalou definitivamente.³⁹

Condição esta que se estendeu ao Estado Moderno absoluto, o estado de guerra e o nacionalismo são condições atávicas de toda sociedade, portanto separadas e independentes do desenvolvimento do Capitalismo. A Revolução Industrial ao estabelecer novas formas de produção e o Capitalismo em sua marcha progressiva de crescimento econômico não necessitariam da violência e do expansionismo para sua perpetuação, ao contrário, seria inaugurada uma nova fase da humanidade, pautada na paz e na consecução de valores contrários à Guerra, numa sociedade de empreendedores livre-cambistas e operários cada vez mais realizados socialmente. O imperialismo sobrevive, segundo Schumpeter, em seus laços com a 'pré-história', mas, necessariamente irá desaparecer com o desenvolvimento do Capitalismo.

O imperialismo na interpretação econômica de tradição marxista, tem entre seus expoentes, a historiadora especialista em História Africana, Catherine Coquery-Vidrovitch, professora emérita de História da

39. Citado por Gomes Barbosa, Glaudionor. In: *Imperialismo, Capitalismo e burguesia Revisitando as contribuições teóricas de Joseph Schumpeter e Hannah Arendt*. p.157

Universidade de Paris 7, autora de estudos como "A África e os africanos no século XIX", e "O Congo no tempo das grandes companhias, 1899-1930". Segundo ela, podemos definir o Imperialismo, no sentido marxista do termo, como aquele período que:

[...] exprime o expansionismo mundial, típico do modo de produção capitalista, com um nível elevado das forças produtivas no Centro, ou um conjunto de poderosos conglomerados industriais concorrentes se enfrentando no plano mundial – fenômeno que se deu exatamente nos fins do século XIX, no campo fechado da África Negra, último fragmento da partilha do mundo, disputa que envolveu todas as metrópoles ocidentais.⁴⁰

Coquery-Vidrovitch compara os sistemas econômicos: Europeu (em que predomina o Capitalismo) e o Africano, no qual, segundo ela, predominam o Modo de Produção Tributário e as Sociedades Pré-Capitalistas (que seria a conotação geográfica para o Modo de Produção Asiático). O Modo de Produção Tributário por sua vez, seria formado por uma comunidade aldeã de produção coletiva, com uma liderança superior. A pressão social e política do Estado seria exercida pela cobrança de um tributo. Não há propriedade privada e existem três estamentos sociais: artesãos, agricultores e periféricos. Tais distinções são necessárias para se compreender melhor sua proposta de divisão/periodização da História Africana durante o Imperialismo. Seriam três fases: a primeira que vai de 1800 a 1850, seria a da instauração da economia de mercado; uma segunda fase de 1850 a 1880, período do pré-colonialismo em Estado latente e a última (que nos interessa mais) de 1880 a 1970, o estágio colonial por excelência, subdividindo este entre 1880 e 1940 como o do Imperialismo Predador e o período seguinte como o Imperialismo modernizado.

Em que pese os avanços de tal divisão, Coquery-Vidrovitch

40. Catherine Coquery Vidrovitch. *La mise em dépendance de L'Áfrique noire; essai de a periodisation, 1800-1970*. (p.11)

repete antigos preconceitos sobre a África. Um povo sem capitalismo, ou 'sem história'.

Muryatan Santana Barbosa⁴¹ relata as várias etapas econômicas do continente africano. Entre os séculos X e XIV, era do predomínio dos muçulmanos no continente, existiram vários Impérios e nações que praticavam o livre comércio com o mundo muçulmano além-África, a China e o Império Mongol. Marfim, ouro, a noz de cola, panos e outras mercadorias, eram transportadas por camelos que cruzavam o Saara de norte a sul e do Índico ao Atlântico. Gana⁴², Mali, Songai, Kanem-Bornu, os reinos do Sudão (Hauçás, Iorubás), o Congo, Monomotapa e Angola, foram provas do longo e persistente mercado africano. Além do comércio, tais sociedades conheciam a pesca, a agricultura, possuíam uma arte e artesanato riquíssimos, dominavam as técnicas de tinturaria. Eram dezenas de cidades espalhadas pelo continente, convivendo com o mundo rural (tribos, segundo o preconceito eurocêntrico). Cidades como a capital Monomotapa 'Grande Zimbábue', com sua acrópole e muralhas ainda hoje preservadas. O comércio marítimo também foi tradicional na costa leste desde o século XI (com chineses, árabes e muçulmanos) e a partir do XV na costa oeste com o Congo. Infelizmente para África, era o comércio de 'peças'. O flagelo da escravidão tornou-se uma das atividades comerciais centrais entre os séculos XV e XIX. Foram cerca de 12 milhões de africanos trazidos à força para a América (destes, cerca de 40% para o Brasil, o maior país escravista). Mas o morticínio foi ainda pior. Para cada negro aportado na colônia, outros cinco africanos morriam nas batalhas pela liberdade, ou na destruição das sociedades africanas, ou ainda transportados pelos

41. BARBOSA, Muryatan Santana. *História da África: uma introdução*

42. Gana possuía os maiores veios de ouro do mundo na época. Seu minério alimentou a banca de Florença no despertar do capitalismo. Mais do que isso, Gana e Florença possuíam um mesmo padrão de moedas e cunhagens entre os séculos XIII e XIV

navios-tumbeiros. Um total de pelo menos 75 milhões de mortos.⁴³ Em média, 300 mil africanos morriam ou eram escravizados todo ano e este genocídio prolongou-se por quase 300 anos.⁴⁴ E não era o tráfico negreiro uma das atividades mais lucrativas do Capitalismo Comercial?

Como então caracterizar as sociedades africanas como não capitalistas ou pré-capitalistas? Um equívoco que desconsidera a História dos povos africanos e de seu genocídio cometido pelas nações europeias durante quatro séculos.

Coquery-Vidrovitch acertou na relação entre colonialismo e imperialismo. Para ela, o Imperialismo predatório inicia-se em 1870 e estende-se até os anos 40 do século seguinte. Mesmo um respeitado pensador da História Cultural, Edward Said, enxerga algo semelhante nesta proposta de divisão temporal. Said alegou ter feito um estudo 'geográfico da história', pois assim como ninguém está fora da geografia, a mesma se dá dentro de nós. Fala da desigualdade entre metrópoles e colônias, da avidez por comércio, mercados e trabalhadores baratos. Culturalmente afirma que os impérios são iguais no processo de colonização e exploração das riquezas:

Nunca existiu em toda a história um conjunto de colônias tão grande, sob domínio tão completo, com um poder tão desigual em relação às metrópoles ocidentais. [...] E na própria Europa, no final do século XIX, não havia praticamente nenhum aspecto da vida que não fosse tocado pelos fatos do império; as economias tinham avidez por mercados ultramarinos, matérias primas, mão-de-obra barata e terras imensamente rentáveis, e os sistemas de defesa e política exterior empenhavam-se cada vez mais na manutenção de vastas extensões de territórios distantes e grandes contingentes de povos subjugados. Quando as potências ocidentais não estavam mergulhadas em uma disputa acirrada e às vezes implacável por maior número de colônias — todos os impérios coloniais imitavam-se uns aos

43. BARBOSA, Muryatan Santana. *História da África: uma introdução*

44. Para uma discussão mais aprofundada sobre números da escravidão vide página 102 do capítulo 2.

outros — , estavam se esforçando para colonizar, fazer levantamentos, estudar e, naturalmente, governar os territórios sob suas jurisdições.⁴⁵

Maurice Dobb, economista marxista, afirma que a Grande Depressão (1873-1896) tornou-se um divisor de águas para o Capitalismo entre uma fase de otimismo, de expansão pretensamente contínua, de prosperidade e o período posterior, hesitante, temeroso, já com sinais de senilidade, o 'colapso do monopólio industrial da Inglaterra' nas palavras de Engels. Dobb afirma que antes de 1873 havia ganhos nos salários, na produtividade e redução no preço dos alimentos (permitindo o desleixado otimismo da classe trabalhadora). Mas isso levou a redução nos investimentos externos e numa introjeção da economia, que teve como consequências a concentração e a centralização do capital e o aparecimento dos trustes e cartéis na economia. Dessa forma, a expansão imperial era uma necessidade do capitalismo em crise econômica, pois:

Os últimos 20 anos do século XIX, foram marcados por outra preocupação que faz lembrar o mercantilismo dos séculos anteriores: uma preocupação com as esferas privilegiadas do comércio exterior. Bem junto a isso ia um interesse pelas esferas privilegiadas dos investimentos no exterior. Essa preocupação com o investimento no exterior é já uma marca distintiva do período novo, não apresentando nenhuma semelhança com seu protótipo. A diferença marca o contraste entre uma era de acumulação do capital não desenvolvida e os últimos dias do capitalismo industrial. A exportação de capital e de bens de capital constituía traço dominante desse capitalismo maduro, impelido pela necessidade de encontrar novas extensões no campo do investimento. Na década de 1880, despertou um sentido novo no valor econômico das colônias: um despertar ocorrido com simultaneidade notável entre as 3 principais potências européias.⁴⁶

Dobb cita a fala de Joseph Chamberlain proferida no Parlamento britânico em 1894 para corroborar sua tese do Imperialismo

45. SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. pp 37-38

46. DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. p.221

como uma fase de crise concentradora e centralizadora do capitalismo e de sua necessidade expansionista: '[...] para compensar a perda do mercado americano, devemos ter o colonial [...] criar mercados novos [...] Comércio e Império, porque o Império, meus senhores, parodiando expressão consagrada é o Comércio'.

Posteriormente Dobb cita Rostow '...os capitalistas começaram a buscar uma saída [em relação às margens de lucros mais estreitas] nos mercados exteriores garantidos, de imperialismo positivo, nas tarifas, monopólios, associações de empregadores'. A extensão de campo de investimentos e a busca de estímulos de mercados novos para manter o equipamento produtivo em pleno funcionamento, a corrida pela partilha das partes não desenvolvidas do globo em territórios exclusivos e mercados privilegiados iriam tornar-se rapidamente as ordens do dia. O capitalismo se globalizava.

Paul Marlor Sweezy em sua obra "Teoria do desenvolvimento capitalista", cujo sub-título é 'Princípios da economia política marxista' de 1970, acrescenta ao pensamento leninista sobre o imperialismo as idéias de nacionalismo, de guerra de expansão e do militarismo. Sua análise data do período da Guerra Fria (1946-1989). Sweezy estende o Imperialismo até essa 'era do exterminismo'. Para ele, a indústria militar tornou-se um importante setor da economia capitalista e o militarismo um propulsor dos instintos agressivos da sociedade burguesa. Sweezy define o Imperialismo em três características centrais: a) vários países capitalistas avançados se encontram em condições de concorrência global de seus produtos industriais; b) o capital monopolista é a forma predominante de capital; c) as contradições do processo de acumulação atingiram tal maturidade que a exportação de capital é uma característica destacada das relações econômicas mundiais. Em consequência destas temos mais duas: d) uma severa rivalidade no

mercado mundial levando alternadamente a uma competição mortal e a associações monopolistas internacionais; e) a divisão territorial das partes 'não-ocupadas' do mundo entre as potências capitalistas e seus satélites (como a Bélgica de Leopoldo, um pequeno satélite da Inglaterra Vitoriana). Tal definição é quase idêntica a de Lênin que veremos logo após. Cabe destacar ainda que Sweezy afirma ser o Imperialismo o grande inimigo do Socialismo e só por meio de uma revolução este derrubará aquele.

1.3. UMA ROSA NÃO É APENAS UMA ROSA

Relembrando dos clássicos. Rosa Luxemburgo escreve no prefácio da 'Acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo', em dezembro de 1912, sua justificativa para a obra: ela preparava uma versão popular para uma 'introdução à economia política' e percebeu que não conseguiria expor com clareza suficiente o processo global da produção capitalista, seja em suas relações concretas ou em suas limitações históricas objetivas. A partir desse mote, a pensadora alemã produziu uma das mais importantes interpretações sobre a acumulação capitalista e o processo imperialista. A edição brasileira de "Acumulação do capital" foi dividida em dois volumes. No primeiro deles, temos uma análise árida da reprodução. Permeada de interpretações matemáticas, este volume recebeu críticas injustas, muitas relacionadas às excessivas fórmulas explicativas. Desavisado e preguiçoso leitor, pois ao adentrarmos o volume seguinte, percebe-se que o tortuoso caminho inicial era não

só necessário, como essencial para fincar os alicerces da explicação nas rochas firmes da História. Pisando sobre as sólidas estruturas econômicas, a imagem esboçada do Imperialismo vai se constituindo aos poucos, de forma clara, coerente e indubitável, mesmo passado quase um século de sua escrita.

Qual o momento da reprodução, é a primeira indagação de Luxemburgo. Numa sociedade não capitalista ele está nas necessidades de consumo desta. Por outro lado, no mundo capitalista ela estará na realização da 'mais valia'. Ou seja, o ritmo da reprodução global depende das necessidades de consumo de uma sociedade e/ ou da possibilidade concreta da realização desse consumo. Ou no dizer de Marx: ' Se a produção tiver forma capitalista, a reprodução também terá'⁴⁷. A reprodução no capitalismo segue a fórmula:

$$C + V + M$$

Entendendo-se aí que C é o capital constante (fixo para os liberais), que Marx considerava ser o conjunto de meios materiais necessários à produção; V seria o capital variável (a massa de salários dos operários, um trabalhador livre pessoalmente e destituído dos meios de produção) e M a mais valia (o trabalho não pago, o cerne da acumulação para Marx, ou o mais-trabalho para Luxemburgo, representado pela soma das mais valias acumuladas pelos empresários individualmente).

Dessa forma, a expansão da economia capitalista seria obtida sempre pelo simples aumento da produção. Luxemburgo critica essa visão simplória do processo de acumulação encontrada em Quesnay, Adam Smith, Ricardo e toda uma leva de economistas burgueses. Considera que essa expansão é a da reprodução simples. Tal reprodução é a base

47. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 1. P. 9

da economia, mas se nos restringirmos à ela, viveríamos numa sociedade estagnada. Entende que a verdadeira expansão do capitalismo é a da reprodução ampliada. E neste aspecto ela centrará as interpretações que levarão a uma explicação do imperialismo. Para ela a reprodução ampliada é responsável por:

Todos os progressos decisivos verificados na produção e os grandes monumentos da cultura, como as obras hidráulicas do Oriente, as pirâmides egípcias, as estradas militares romanas, as ciências e as artes gregas, o desenvolvimento do artesanato e das cidades da Idade Média, seriam impossíveis sem a reprodução ampliada. [...] só uma ampliação gradual da produção, acima das necessidades imediatas, e o crescimento constante da população e das necessidades destas criam, simultaneamente, a base econômica e o impulso social para os avanços culturais decisivos. Sem a reprodução ampliada seriam impensáveis, em especial, a troca e, com ela, o surgimento da sociedade de classes, inclusive o desenvolvimento histórico que resulta na forma econômica capitalista.⁴⁸

Luxemburgo entende que a reprodução capitalista é um processo social e, dessa forma, a soma dos capitais individuais dos empresários (dentro da fórmula $C+V+M$) deve ser dividida em dois departamentos interdependentes e que seguem a mesma fórmula acima: o departamento da produção dos meios de produção e o departamento da produção dos meios de consumo. Sendo que o trabalho anterior já realizado será sempre o responsável pelo processo social de produção, perdeu-se no tempo então, a origem da reprodução. Não terá fim a mesma e também não encontramos seu intróito. Como diz a economista alemã:

Com o progresso técnico e o desenvolvimento da cultura humana, altera-se a configuração dos meios de produção; objetos paleolíticos toscos são substituídos por instrumentos polidos, instrumentos de pedra por elegantes objetos de bronze e ferro, ferramentas manuais por máquinas a vapor. Mas qualquer que seja a variação das formas dos meios de produção e das formas sociais do processo de produção, a sociedade possui sempre determinada

48. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 1. P. 14

quantidade de trabalho anterior materializado por fundamento de seu processo de trabalho, trabalho que lhe serve de base para a reprodução anual.⁴⁹

No trecho anterior encontramos a explicação para o 'fracasso' da explicação dos economistas liberais em entender o capitalismo. As categorias do valor, salários e mais valia são históricas. Foram produzidas e serão reproduzidas historicamente pelas relações sociais que as determinam. Não são frutos de moedas que se sobrepõe a novas moedas, como num 'banco imobiliário' (o jogo infantil) concreto, em que se precisamos de dinheiro para comprar um imóvel, buscamos a sorte nos dados. O capitalismo é historicamente construído, o capital é socialmente reproduzido pelo trabalho e pela acumulação da mais valia.

O dinheiro que entrou em circulação no capitalismo por meio dos salários, pelo não pagamento de parte dele, acumulou-se na mão de capitalistas. Para Luxemburgo então, 'o que caracteriza a economia capitalista, mais do que qualquer outra forma de produção, não é a reprodução simples, mas a reprodução ampliada'⁵⁰ (grifo nosso).

E o que seria para ela essa reprodução ampliada? Em primeiro lugar é uma reprodução que independe da expansão do capital, pois é conquistada pelo aumento da exploração do trabalho, ou das forças naturais, ou ainda por meio nos ganhos de produtividade. Ocorre, em segundo lugar, pela divisão da mais valia acumulada entre o capital constante e o capital variável. Trata-se ainda de um processo social contínuo em que a constante vazão do capital constante cresce sempre sobre o capital variável dos salários. Um último aspecto da reprodução ampliada seria a formação de um contingente de reserva industrial ou exército industrial de reserva.

49. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 1. P. 46

50. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 1. P. 59

Luxemburgo ensina que a reprodução simples segue a imagem de um círculo. Nele o capitalismo produz uma mercadoria no Departamento II (o dos bens de consumo), por meio da reprodução realizada no Departamento I (o dos meios de produção) e a massa de salários dos dois Departamentos permite a circulação do dinheiro e dos produtos. Isso ocorre de forma contínua e sem variação do capital. Na reprodução ampliada a imagem seria a de uma espiral. Progressiva e contínua. O capital acumulado será sempre ampliado, seja pela exploração do trabalho, da natureza, ou pelos ganhos produtivos. A mais valia avança sobre a massa dos salários, o capital constante se moderniza e se valoriza. Não há um eterno retorno, pois as ascensões e quedas do capital 'espiralizadas' são sempre de uma reprodução ampliada em relação ao ciclo anterior, pois:

[...] A acumulação do capital, uma vez iniciada, prossegue mecanicamente e ultrapassa a si sem cessar. O círculo transformou-se, pois, em espiral, subindo sempre, como o sujeito a uma lei natural de cunho matemático e passível de mensuração.⁵¹

Ampliada a mais valia ela não se tornará apenas consumo e conforto para as classes capitalistas. Parte da mais valia não será utilizada pelos industriais e será acumulada em forma de capital. Essa é a regra da reprodução ampliada. Por outro lado, os trabalhadores consomem mercadorias de apenas uma parte de seu trabalho, não porque acumulam capital, mas sim por receber apenas parte do trabalhado, um 'vale' segundo Luxemburgo. O não consumido é a mais valia, o trabalho não pago. Mais valia essa que será acumulada nas relações de produção e consumo (afinal as mercadorias tem em seus preços o cálculo da mais valia, a qual por já ter sido retirada no processo produtivo, vê repetida a expropriação no momento da circulação). É o denominado círculo vicioso da acumulação.

Na reprodução ampliada a mais valia adquire forma

51. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 1. P. 67

monetária, não é mais uma mera mediadora da circulação, mas elemento da mesma. Não interessa então, segundo Luxemburgo, responder quais são as fontes do dinheiro para a acumulação provinda da mais valia. O que interessa é quais são os atos sociais de troca provocados pelas necessidades econômicas reais, ou seja 'quem são os consumidores dessa mais valia'. Na reprodução simples ela é consumida totalmente pela classe capitalista. Como a mais valia acumulada na reprodução ampliada supera os limites da acumulação simples, ela não será apropriada pelas classes capitalistas (burguesia e operariado), muito menos por terceiros como os funcionários do Estado, pois estes recebem salários que foram anteriormente retirados do esquema capital fixo, capital variável e mais valia. A solução está fora do capitalismo. Luxemburgo utiliza exemplos⁵² de como as sociedades pré-capitalistas, ou mesmo não-capitalistas podem reproduzir o capital ampliado. Começa aí a necessidade imperialista, uma conjunção de interesses entre a reprodução ampliada, o capitalismo industrial e a expansão ilimitada da acumulação, assim:

Para o emprego produtivo da mais valia realizada é necessário que o capital disponha cada vez mais do globo terrestre todo a fim de ter uma oferta qualitativa e quantitativamente ilimitada no condizente aos respectivos meios de produção.⁵³

Do lado do trabalho, o exército industrial de reserva não pode depender exclusivamente do crescimento vegetativo para a sua realização, necessita de outros reservatórios sociais para a sua ampliação. Marx, segundo Luxemburgo, considerava como formas de acréscimo à

52. "Por exemplo: a indústria algodoeira inglesa forneceu durante os 2/3 do século XIX (e ainda fornece, em parte, atualmente) tecidos de algodão ao campesinato e à pequena burguesia urbana do continente europeu, como também ao campesinato da Índia, da América, da África. Nesse caso, foi o consumo dessas camadas sociais e de países não capitalistas (grifo nosso) que forneceu a base para a enorme expansão da indústria algodoeira na Inglaterra. (...) A indústria inglesa forneceu na primeira metade do século XIX, material de construção para ferrovias em países americanos e australianos. A ferrovia por si só não significa que haja domínio do modo de produção capitalista em um país. Efetivamente, as ferrovias constituíram, no caso, apenas um dos primeiros pressupostos da penetração da produção capitalista." (Rosa Luxemburg. *A evolução do capital*. Volume 2. pp. 19-20)

53. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 2. P. 24

massa proletária: a busca dos operários mais idosos, as migrações rurais, os trabalhadores irregulares e a incorporação dos miseráveis das grandes cidades. A economista alemã afirma que, em verdade, só se pode buscar de forma constante, essa mão-de-obra excedente, nas sociedades pré-capitalistas. Portanto,

Assim como a produção capitalista não pode limitar-se as riquezas naturais e às forças produtivas das zonas temperadas, necessitando para seu desenvolvimento, pelo contrário, de todos os meios de terra e de clima, da mesma forma só a força de trabalho da raça branca não lhe basta.⁵⁴

Dessa forma, 'o mercado externo é para o capital o meio social não capitalista que absorve seus produtos e lhe fornece elementos produtivos e força de trabalho.' A partir dessa afirmação, Luxemburgo irá analisar nos capítulos seguintes a reprodução ampliada e seus caminhos.

Primeiro ela fala da luta do capitalismo contra a Economia natural. No processo de expropriação do capital o capitalismo primeiro se apropria das fontes produtivas (terras, minérios, florestas, etc.), dessa forma ele libera a mão-de-obra para submeter o trabalho ao capital, posteriormente ele introduz a economia mercantil e finaliza o processo separando a agricultura do artesanato. Tal movimento é sempre violento, segundo Luxemburgo, pois:

Como as organizações sociais primitivas dos nativos constituem os baluartes na defesa dessas sociedades, bem como as bases materiais de sua subsistência, o capital serviu-se, de preferência do método da destruição e da aniquilação sistemáticas e planejadas dessas organizações sociais não-capitalistas, com as quais entra em choque por força da expansão por ele pretendida. No caso, já não se trata de acumulação primitiva, mas de um processo que prossegue inclusive em nossos dias. Cada nova expansão colonial se faz acompanhar, naturalmente, de uma

54. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 2. P. 27

guerra encarniçada dessas, do capital contra as relações econômicas sociais dos nativos, assim como pela desapropriação violenta dos meios de produção e pelo roubo de sua força de trabalho.⁵⁵

Descreve então a pilhagem do norte da África pela França. Primeiro com a destruição da propriedade comunal que existia a um milênio na região. A seguir com a criação de áreas para colonização, campo para agiotagem e especulação da metrópole. Uma enxurrada de leis e decretos coloniais serviram para aumentar a especulação imobiliária na Argélia entre 1830 e 1860, empurrando os trabalhadores rurais para a compra das antigas terras comunais, agora privadas e tendo como consequência o endividamento destes mesmos agricultores. Aos poucos, a terra se concentrava nas mãos de poucos proprietários e o capital financeiro francês cobrava juros dos argelinos, por empréstimos para a compra das terras que eram dos mesmos argelinos.

Derrotada a economia natural na periferia, agora era a hora da introdução da economia de mercado. Luxemburgo afirma que se na primeira fase era necessária a violência para a apropriação da mais valia e a exploração capitalista, para transformar os colonos em consumidores tal 'método' não poderia ser empregado. Um pré-requisito para o mercado consumidor eram os meios de transporte (trens, canais e meios de navegação). Grandes obras de transporte são, segundo a economista, um meio e uma forma de expandir o Capitalismo. Narra para confirmar sua tese o caso chinês. Como a Inglaterra, por meio das Guerras do Ópio, destruiu a economia chinesa e abriu espaço para a exploração mercantil posterior. Como os diversos antigos portos do 'sudeste dourado' foram roubados, ou os novos construídos mediante endividamento sem fim da nova colônia, e sua região principal, o Cantão. A fumaça do ópio inebriava os chineses e a

55. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 2. pp. 32-33

dos canhões ingleses consumia seu sangue e suas vidas.

Segue-se a luta contra a economia camponesa. Para exemplificar esse caminho, Luxemburgo pede socorro a 'conquista do oeste' norte-americano. Relata a transformação do camponês que tudo fazia, tudo produzia, a ninguém devia ou precisava. Uma era de ouro do desbravador das pradarias. Aos poucos o capitalismo e suas grandes empresas, que transportavam seus produtos pelos quase 500 mil km de ferrovias em 1900, criaram um homem frágil e dependente das máquinas agrícolas, quando o dinheiro lhe permitia, endividado com a produção ou com as dezenas de tarifas e taxas criadas pelo Estado e consumidor de bens manufaturados. Um trabalhador a serviço do capital, já que:

O capitalismo combate e suprime, onde pode, a economia natural, a produção de subsistência e a forma combinada de agricultura com o artesanato; implanta em seu lugar a economia mercantil. O capitalismo necessita da economia mercantil para vender sua própria mais valia. A produção mercantil é a forma geral que permite ao capitalismo desenvolver-se. Uma vez expandida a produção mercantil sobre as ruínas da economia natural, inicia-se a luta do capital contra esta última. O capitalismo passa a concorrer com a economia mercantil; após dar-lhe vida, disputa-lhe os meios de produção, sua força de trabalho e seu mercado. Seu objetivo inicial era isolar os produtores, desligá-los da proteção da comunidade, separa, depois, a agricultura do artesanato, e separa, por fim, os pequenos produtores mercantis de seus meios de produção.⁵⁶

E não adiantava fugir da miséria e das hipotecas. O agricultor que seguia os trilhos de trem para o Canadá, assistia a um processo semelhante na expansão capitalista. Luxemburgo cita o exemplo da África do Sul, então colônia inglesa, para corroborar a afirmação acima.

O que poderia fazer uma economia natural, ou de pequenos camponeses, contra a força do grande capital e das empresas monopolizadoras

56. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 2. P. 53

como a *De Beers*, de Cecil Rhodes. Como poderiam os líderes locais enfrentar o poder de fogo do Império naval britânico? De que forma enfrentar a brutalidade e as atrocidades cometidas pelas empresas imperialistas? Como o capitalismo necessita de sociedades não-capitalistas ou pré-capitalistas para a acumulação e ao mesmo tempo precisa eliminá-las para permanecer na expropriação? São perguntas que podem ser respondidas nas diferentes velocidades de orientação dos dois departamentos (o de bens de produção e o de bens de consumo). É dessa forma, segundo Luxemburgo, que o esquema teórico marxista explica esses paradoxos.

A fase imperialista da acumulação de capital ou da concorrência internacional é marcada também pelos vultosos empréstimos e posteriores endividamento e dependência econômica das nações periféricas. As guerras, as revoluções, as destruições dos sistemas sociais pré-existentes, a eliminação da economia natural por um lado abriram espaço para a exploração capitalista e fizeram nascer as dívidas financeiras. Após tal processo (e às vezes paralelamente a ele), a construção de ferrovias (e outras obras de circulação de mercadorias, pessoas e capitais, como o Canal de Suez, construído em fins do XIX), abriram caminho para a fase financeira da acumulação capitalista.

Luxemburgo descreve como os caminhos de ferro são pontos nevrálgicos do capitalismo monopolista. A construção dos mesmos, seja nas economias centrais, ou nas semi-periféricas e periféricas, permitiu uma exportação sem precedentes de capitais. Além disso, a ferrovia era associada à siderurgia e ao setor carbonífero. O capital exportado, antes ocioso (na Inglaterra, por exemplo), tornava-se estimulador do mercado na Argentina, na Austrália, no Brasil, ou onde quer que se construísse uma nova ferrovia. Esse novo mercado de trilhos e aço, consumia bens que eram produzidos internamente (como as matérias primas), além de mercadorias

dos centros financeiros (como os vagões de trens). A mais valia circulava para a periferia, ali nova mais valia era produzida, seja com os capitalistas e os operários da região, ou com os 'investidores' coloniais como Rhodes que exploravam a maioria das colônias novas de África e do Pacífico. O Capital se ampliava, a acumulação também.

O que seria então o Imperialismo? Para Luxemburgo seria a expressão política do processo de expansão do capital, caracterizada por uma competição das áreas do globo ainda não conquistadas. Seria o fim do livre cambismo, que só permaneceu mais tempo na Inglaterra pelas dimensões e antiguidade daquele império. Tal expressão política só poderia ser resolvida pela violência entre os Estados centrais. O militarismo era a moeda necessária do Imperialismo. Para garantir o capital e as conquistas. O Estado desenvolve um aparato militar, com soldados e armas. O capital necessário para essa atividade vem dos impostos recolhidos seja dos salários dos trabalhadores, seja da mais valia dos burgueses. Para o primeiro grupo significa uma expropriação desnecessária e para o segundo grupo uma possibilidade de investimento, com a conquista de novas terras, antes não-capitalistas ou não-consumidoras das mercadorias dessa burguesia. O militarismo e a guerra imperialista são realizados contra os trabalhadores, afinal:

As necessidades históricas que acompanham a intensificação da concorrência capitalista mundial, em busca de suas condições de acumulação, transformam assim, o próprio capital em campo de acumulação de primeira grandeza. Quanto mais o capital necessita recorrer ao militarismo para apropriar-se dos meios de produção e da força de trabalho dos países e das sociedades não-capitalistas, com tanto mais energia trabalha o militarismo em casa, nos países capitalistas — os representantes da economia mercantil simples e a classe operária. Procura roubar da primeira as forças produtivas e forçar a queda de nível da segunda, aumentando à custa de ambas, violentamente, a acumulação do capital. Dos dois lados, no entanto, as condições de acumulação transformam-se, a certa

altura, em condições de decadência para o próprio capital.⁵⁷

O capitalismo então seria intrinsecamente expansionista e universal. Um sistema econômico que se quer solitário, mas necessita de áreas distantes para a sua expansão. Uma forma histórica de crises e soluções, que dialeticamente produzem novas crises, as quais serão solucionadas pelo esgotamento das possibilidades, na sociedade socialista.

1.4. QUE FAZER?

Boa parte dos estudos do Imperialismo tem seu divisor de águas na obra clássica de Lênin, 'Imperialismo, a fase superior do capitalismo'. O 'livrinho', nas palavras humildes do líder soviético, é a mais profunda análise econômica do período que abarca os fins do século XIX até a Primeira Guerra Mundial. Vladimir Ilitch assim define o Imperialismo:

[...] é a fase monopolista do capitalismo. Essa definição compreenderia o principal, pois, por um lado, o capital financeiro é o capital bancário de alguns grandes bancos monopolistas com o capital das associações monopolistas de industriais, e, por outro lado, a partilha do mundo é a transição da política colonial que se estende sem obstáculos às regiões ainda não apropriadas por nenhuma potência capitalista para a política colonial de posse monopolista dos territórios do globo já inteiramente repartido.⁵⁸

57. LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. Volume 2 . P. 97

58. LÊNIN. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Capítulo VII. P.39

No capítulo VII, 'Imperialismo, fase particular do capitalismo', Lênin apresenta as cinco características definidoras do período: em primeiro lugar, o processo de concentração de capital e de produção (as empresas capitalistas tornaram-se cada vez maiores em dimensão, número de trabalhadores e produção) levou as mesmas a um processo de fusões, incorporações e constituições de monopólios (como os trustes norte-americanos e os cartéis prussianos); essa indústria centralizada e monopolizada fundiu-se ao capital bancário, fazendo nascer a oligarquia financeira e o predomínio do capital financeiro sobre o industrial; dessa forma a exportação de capitais adquire prevalência em relação à exportação de mercadorias; e constituem-se as associações internacionais entre os capitais monopolistas, repartindo economicamente o mundo entre si; temos que, por último, a partilha territorial do mundo se dá entre as potências hegemônicas do capitalismo.

Ao longo de dez capítulos, Lênin descreve o processo da transformação do capitalismo num sistema universal de 'subjugação colonial e estrangulamento financeiro de uma imensa maioria da população do planeta por uma minoria de países avançados'. Demonstra inicialmente a necessidade dos monopólios, ou acordos entre empresas centralizadas para a acumulação crescente de capital. Coloca a formação dos mesmos na última década do século XIX.

Os cartéis, que se desenvolveram após a crise de 1873, estabeleceram acordos de venda, prazos de pagamento e uma divisão territorial dos negócios. A concorrência é substituída pelos monopólios. Além das grandes empresas, os mercados estavam protegidos, a matéria-prima e a tecnologia eram controladas pela burguesia e operários especializados 'aburguesavam-se'. Verticalizava-se a produção e desaparecia o livre mercado.

Lênin analisa como os bancos passaram de meros intermediários da atividade produtiva para tornarem-se controladores associados aos industriais na economia capitalista. Os bancos, a exemplo das fábricas, foram centralizados e se agigantaram, seja pelo seu redimensionamento ou pela associação com bancos médios e menores. Ele fala do exemplo alemão e demonstra a rapidez com que as instituições financeiras centralizaram os depósitos e os investimentos, adquiriram caráter nacional e depois global, subordinando a atividade industrial a poucos centros únicos (como os quatro 'Ds' prussianos, já que os maiores bancos daquele país começavam com a letra D). Tal subordinação faz com que:

Os capitalistas dispersos acabam por constituir um capitalista coletivo. Ao movimentar contas correntes de vários capitalistas, o banco realiza, aparentemente, uma operação puramente técnica, unicamente auxiliar. Mas quando essa operação cresce até atingir proporções gigantescas, resulta que um punhado de monopolistas subordina as operações comerciais e industriais de toda a sociedade capitalista, colocando-se em condições — por meio de suas relações bancárias, das contas correntes e de outras operações financeiras —, primeiro de conhecer com exatidão a situação dos diferentes capitalistas, depois de controlá-los, exercer influência sobre eles mediante a ampliação ou redução do crédito, facilitando-o ou dificultando-o, e, finalmente, de decidir inteiramente sobre o seu destino, determinar a sua rentabilidade, privá-lo de capital ou permitir-lhes aumentá-lo rapidamente e em grandes proporções.⁵⁹

Para Marx e Lênin os bancos nada mais são do que a contabilidade geral do sistema capitalista. Aos poucos, ocorre uma união pessoal entre os bancos com as grandes indústrias e destes dois com os governos. Assim, tais instituições adquirem uma face mundial. Aos pequenos e médios bancos, além das pequenas e médias empresas, cabem as lamúrias de um mercado centralizado, monopolizado e internacional.

59. LÊNIN. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Capítulo II. P.15

Começa a era do Capitalismo Financeiro. Concentrado nas mãos de poucos monopolistas, o capital financeiro obtém lucros cada vez maiores, com a emissão de valores, ações, empréstimos a empresas e Estados, fortalecendo as oligarquias bancárias e impondo pesados tributos a sociedade. Lênin vai além ao afirmar que se os lucros financeiros se avolumam em épocas de abundância, nas de crise econômica crescem as aquisições de empresas falidas, aumentando o poder e a centralização de capital.

Na expansão capitalista também lucram os bancos. Financiam as estradas que desbravam o interior dos países, centrais e periféricos, abrem terras para a futura especulação imobiliária e recebem os dividendos do capital novo acumulado. O líder da Revolução de 1917 apresenta dados que comprovam que a concentração e a monopolização do Capitalismo Financeiro ocorrem primeiro dentro do país, para posteriormente expandir suas garras para o mercado internacional.⁶⁰

Para um capital dessas dimensões, só a exportação do mesmo para permitir a continuidade da acumulação. Para Lênin, o capital acumulado pela burguesia (industrial ou financeira) não é utilizado para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e o seu excedente será exportado para terras distantes, aonde houver matéria prima e trabalhadores baratos e abundantes, para que se amplie a acumulação. Mesmo que a exportação de capitais cause uma estagnação econômica nos países centrais, esta será recompensada pelos lucros obtidos na periferia. Criando verdadeiras redes financeiras, adequando a produção das colônias ao Capitalismo, a exportação de capitais abre espaço para a futura exportação de mercadorias. Os países exportadores de capitais dividiram o mundo ‘...no sentido figurado, mas o

60. Lênin afirma que Inglaterra e França, países mais antigos na economia capitalista, juntos aos Estados Unidos e a Alemanha, controlavam em 1910 cerca de 80% do capital financeiro mundial.

capital financeiro também conduziu à partilha direta do mundo'⁶¹

O capitalismo financeiro e monopolista estabeleceu relações entre os grandes conglomerados capitalistas (muitos deles internacionais, como os cartéis de indústria ferroviária e de aço organizados por Inglaterra, Alemanha e a Bélgica de Leopoldo II), com base na partilha econômica do mundo e esta por sua vez, estreitou laços com os Estados, impondo uma disputa geográfica das colônias.

Seria a última partilha do mundo, não porque não poderá mais haver novas redivisões, mas sim porque não haverá mais 'terras sem dono'. E, por este motivo, teremos a luta e a guerra pelos últimos rincões 'livres' do globo. Lênin demonstra um conhecimento profundo do assunto. Sua bibliografia abrange mais de 200 autores, e em que pese o caráter panfletário (às vezes), ele dialoga com diversas correntes do pensamento sobre o Imperialismo, dando mais tempo as obras de Kautsky (um ex-marxista) que defendia um utópico ultra-imperialismo em que as desavenças entre as nações seria substituída pela paz universal em nome dos lucros financeiros; Hilferding, definido como um marxista reformista e Hobson, que apesar de burguês e social-democrata foi o que mais avançou no entendimento da fase superior do capitalismo (segundo palavras do próprio Lênin). Hobson já falava da expansão territorial sem precedentes entre a Conferência de Berlim e o início do século XX (a Bélgica adicionou quase 1,6 milhões de km² aos seus exíguos 30 mil km²; a Inglaterra e a França algo próximo dos 6 milhões de km²). Descreveu também, o economista 'burguês', o processo de concentração de capital e a preponderância da economia na era do Imperialismo.

A livre concorrência é a característica fundamental do

61. LÊNIN. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Capítulo IV. P.29

capitalismo. O monopólio é seu adverso. Porém, contraditoriamente, com a expansão ilimitada da capital e da acumulação, o imperialismo e a concentração tornaram-se um desenvolvimento lógico e necessário do sistema. O que caracteriza o Imperialismo é o predomínio do capital financeiro e a luta entre as nações centrais. Os monopólios não atenuam essas características, ao contrário, as acirram. Lênin utiliza-se dos caminhos de ferro para demonstrar as assimetrias entre os países ricos e de como as colônias são fundamentais na expansão das atividades econômicas e produtivas.⁶² Dessa forma, segundo ele, cabe perguntar:

[...] no terreno do capitalismo, que outro meio poderia haver, a não ser a guerra, para eliminar a desproporção existente entre o desenvolvimento das forças produtivas e a acumulação do capital, por um lado, e por outro lado, a partilha das colônias e das esferas de influência do capital financeiro?⁶³

Seria possível uma 'reforma' no sistema Imperialista, questiona-se Lênin. Não, pois a tendência natural é a expansão dos negócios e dos lucros. Capital monopolista, o sistema financeiro preponderante e a partilha do mundo são inexoráveis. Reforma e paz entre nações em competição seria impensável, afinal:

[...] uma aliança geral de todas as potências imperialistas, só podem ser, inevitavelmente 'tréguas' entre guerras. As alianças pacíficas preparam as guerras e por sua vez surgem das guerras, conciliando-se mutuamente, gerando uma sucessão de lutas pacíficas e não pacíficas sobre uma mesma base de vínculos imperialistas e de relações recíprocas entre a economia e a política mundiais.⁶⁴

Guerras que preparam a paz e vice-versa. Mesmo as áreas colonizadas estão inseridas neste conceito dialético do capitalismo. O imperialismo intensifica a opressão nacional e avança anexando as terras

62. A Inglaterra passou de 107mil para 208mil km de ferrovias entre 1890 e 1913, por outro lado, a Alemanha, uma potência quase sem colônias, passou de 43mil para 68mil km. Possuir colônias era essencial para a expansão dos negócios. (LÊNIN. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Capítulo VI. P. 44)

63. LÊNIN. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Capítulo VI. P. 44

64. LÊNIN. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Capítulo IX. P. 53

novas. Destrói os antigos laços sociais, prepara a libertação dos povos, para a introdução da economia de mercado.

Em resumo, o Imperialismo é o capitalismo de monopólios, sendo que estes se formaram e ainda continuam nesse caminho concentrador a partir da centralização da produção iniciada nos fins do século XIX. Monopolizado o capital, agudizou-se a luta pelas fontes de matéria-prima barata e abundante, nas áreas coloniais, o que fez aumentar o poderio dos conglomerados e aumentar o fosso entre as empresas monopolistas e as empresas simples. Os bancos também se cartelizaram e de sócios, tornaram-se controladores do capital industrial e financeiro.

Para conseguir a expansão dos mercados de capitais, para o controle das áreas ricas em recursos naturais e para a exportação de mercadorias e modelos de investimentos capitalistas, o mundo partiu para a rápida divisão geográfica do mundo (entre 1876 e 1910 o continente africano passou de 1/10 para 9/10 de áreas coloniais).

Lênin encerra seu livro de forma brilhante. Acusa os economistas burgueses de 'contar as árvores, sem observar os bosques'. O que se esconde por trás do 'entrelaçamento' burguês, são as relações sociais de produção. O monopólio e o capital financeiro por um lado, a partilha e a exploração colonial de outro, tendo a guerra inevitável como consequência, não são fatos isolados, pertencem todos ao Imperialismo, como fenômeno econômico e político, determinante das relações sociais do período.

Elabora uma profecia, ainda não cumprida, de um capitalismo agonizante. Esperar maior 'objetividade' e distanciamento de um homem que iria perpetrar a maior revolução social da história poucos meses após a escrita do texto é não entender o recado feito por Marx de que a Filosofia sempre procurou entender o homem, cabia a ela agora transformar a

sociedade.

A necessidade de recursos naturais abundantes, como o petróleo, o marfim, a borracha e o cobre, empurraram racionalmente os negócios europeus para a expansão neocolonialista e a Partilha Afro-Asiática. O Imperialismo era a outra face do Capitalismo Monopolista. A centralização da produção e a posterior concentração de capitais e empresas em cartéis, trustes, oligopólios ou mesmo monopólios, afiançados pelo sistema financeiro, foi acompanhada no período entre o final do XIX e início do XX por uma intensa disputa entre potências capitalistas, alguns poucos Estados poderosos contra uma maioria de Estados subalternos. Tais países (Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos, Rússia, Japão e Itália) formavam o “centro” da economia capitalista, seguidos por centros “secundários” (como a Holanda, a Bélgica e a Espanha) e por uma imensa periferia.

Os países-centrais partiram para a ocupação colonial, em especial nos continentes africano e asiático (região do Pacífico), e elaboraram sua partilha, possivelmente a primeira de caráter mundial e a última da História, pois não há mais mundo a dividir, só a reorganizar e explorar de forma diferente. Em resumo, como nos diz Hobsbawm:

Essa repartição do mundo entre um pequeno número de Estados, [...] foi a expressão mais espetacular da crescente divisão do planeta em fortes e fracos, em ‘avancados’ e ‘atrasados’ que já observamos. Foi também notavelmente nova. Entre 1876 e 1915, cerca de um quarto da superfície continental foi distribuído ou redistribuído, como colônia, entre meia dúzia de Estados.⁶⁵

65. HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. São Paulo. Paz e Terra. 1988. p.91

1.5. A RAZÃO DE ESTADO

“O poder militar é um dos instrumentos com que conta a grande estratégia para, juntamente com a ação financeira, diplomática, comercial e particularmente ética, enfraquecer a vontade de lutado adversário.” (Liddell Hart. Op.cit. p.407)

Segundo Godfrey Uzoigwe (1988) em seu estudo na monumental História da África (Unesco), as Teorias Diplomáticas oferecem uma explicação puramente política do Imperialismo, e por este motivo são mais comumente aceitas. As disputas egoísticas entre os Estados no campo das Relações Internacionais e suas estratégias globais agradam a muitos. Embora a análise econômica do Imperialismo, iniciada com a interpretação liberal de Hobson e aprofundada com a obra de Lênin e as diversas interpretações Marxistas (anteriores ou não a do líder russo), seja central no entendimento da expansão europeia, acreditar que esta interpretação seria a única — segundo os intérpretes das Relações Internacionais — é limitar o entendimento do período. Dessa forma, teses sobre o Imperialismo como as de Max Weber e sua “Razão de Estado”, são subsídios que se não negam o aspecto econômico, clareiam suas lacunas.

Naquela tese, o que teria determinado a expansão neocolonial seria o estado de anarquia em que viviam os Estados no século XIX, em tal situação que as nações mais fortes predominam sobre as mais fracas, e que além das questões internas (econômicas), existiriam as relações internacionais (formada pela relação entre os países), e o confronto entre as visões e interesses distintos destes, abrindo espaço para a exploração econômica da África (a denominada tese do Realismo). Portanto, segundo Weber, não bastaria só entender a dinâmica da exploração econômica, mas visualizar que tal processo se dá também no campo da política e na relação

entre os Estados.

Outro pensador das Relações Internacionais foi Norberto Bobbio. Ele faz uma crítica ao Marxismo ao afirmar que o mesmo não construiu até hoje uma teoria das relações internacionais e do poder, e isto é uma lacuna imperdoável, segundo o jurista italiano. Para ele, os ideólogos marxistas entendem que a Guerra é um sintoma do Capitalismo, (e aqui ele dialoga diretamente com Lênin). Suas origens estariam relacionadas a expansão ou não do capital. Bobbio afirma de forma simplória, que no lugar da Guerra entre os Estados, o marxismo dá destaque para a Revolução, pois é por meio desta que a História dará seu grande salto para o Socialismo. Tudo que é sólido desmancha no ar, já diria o pensador norte-americano que tanto sucesso fez nos anos 80.

Distinta, mas única, a interpretação de Marx e Engels e dos marxistas acerca do Estado, longe de ser incompleta ou inexistente, foi sim construída. Vejamos o que nos diz a “Ideologia Alemã”:

Uma vez que o Estado é a forma, sob a qual os indivíduos da classe dominante fazem prevalecer seus interesses comuns e no qual se resume toda a sociedade civil de uma época, deduz-se daí que todas as instituições comuns se objetivam através do Estado, e adquirem a forma política através dele. Daí, também, a ilusão de que a lei se fundamenta na vontade desgarrada de sua base real, na vontade livre. E, do mesmo modo, o direito é reduzido à lei [...].⁶⁶

O Estado não é um mero representante de toda a sociedade, pois foi construído pelos homens numa relação de dominação e subordinação. Não é um ente abstrato e acima de todos e tudo. Trata-se de um reflexo da classe dominante. É um poder instituído para mediar os interesses contraditórios e irreconciliáveis de uma sociedade de classes. Portanto, é um Estado que vai a Guerra, porque assim desejam os detentores do poder.

66. MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. p.89

Vai à África na expansão imperial, pois '(...) o poder do Estado moderno não passa de um comitê que administre os negócios comuns da classe burguesa como um todo.'⁶⁷

Importante destacar a proposta de divisão do Imperialismo realizada pela análise das Relações Internacionais. Amado Luiz Cervo afirma na obra organizada por Saraiva que o período de 1814-1890 é marcado pelo equilíbrio entre as nações. O denominado "Concerto Europeu", no qual as cinco grandes potências do continente: Inglaterra, Prússia, Áustria, França e Rússia, realizavam tratados (secretos) e praticavam a 'paz'. A grande liderança no primeiro momento deste período foi sem dúvida o chanceler alemão Bismarck (1871-1890). Na era Bismarckiana, Cervo diz que as rivalidades coloniais eram poucas e serviam muito mais como válvula de escape para as tensões internas.

É somente no período seguinte (1891-1914) que a colonização e as tensões adquiriram feições mundiais. Tal análise das Relações Internacionais permitiu entender melhor como uma nação pequena geograficamente e inexpressiva economicamente como a Bélgica, acabou recebendo um dos maiores e melhores quinhões do Continente Africano, o Congo, e entender também qual o papel dos pequenos Estados no concerto europeu.

A Bélgica encontrou sua colônia no primeiro período, o Bismarckiano, tendo o caminho livre para requisitá-la sem grandes contestações na Conferência de Berlim (1884-1885). Mas a aceitação de Leopoldo II e das 'intenções belgas' não se limitou aos interesses daquele pequeno e inexpressivo país. A bacia do Congo talvez seja a 'Heartland-Hinterland' no conceito de Mackinder. O coração africano, não das trevas,

67. MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *O manifesto comunista*. p. 10

mas das riquezas sem fim. Entregar tal parte ao primo da rainha inglesa, nada mais era do que uma forma de garantir o livre comércio na região ao Reino Unido, sem desagradar as outras potências européias e mantendo o concerto equilibrado. Leopoldo II e suas empresas eram a solução.

Outro fator que incomoda na visão dos liberais adeptos das Relações Internacionais: a justificativa econômica do Imperialismo além de não ser a única, seria ela a correta?

Raymond Aron, pensador liberal, desmonta muitos argumentos tradicionais (sejam eles marxistas ou liberais) em seu livro "Paz e guerra entre as nações" e introduz um dilema ao afirmar que: '[...] esqueceram-se ainda que os homens, e mais ainda os Estados, sempre quiseram dominar pelo gosto de dominar.'⁶⁸ Nessa mesma linha de análise, a qual busca descaracterizar a 'motivação econômica', temos a obra de Saraiva que afirma como ser possível uma disputa entre nações poderosas economicamente se temos a participação de um país periférico como Portugal na partilha africana.

Essas interpretações negam a existência do econômico, como se as Nações fossem 'jangadas de pedra' a flutuar no mar das tensões internacionais. É uma História sem povo, sem conflitos de classe, sem desigualdades. Um mundo em que os países possuem vida própria, são entes acima do bem e do mal, não representam interesses nem classes sociais, vivem em luta pelo espaço terrestre apenas por egoísmo. As nações e suas bandeiras e hinos tem sentimentos, os homens seriam meros coadjuvantes nesse contexto. Um conto de fadas ou um brinquedo de estratégias infantis, com a chancela da academia e a alcunha de 'ciência'.

68. ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. p. 363

Hannah Arendt⁶⁹ inova e aprofunda o conhecimento sobre o Imperialismo. Em primeiro lugar ela associa o período à emancipação da burguesia. Nascida no seio do Estado-nação, a burguesia encontrou neste um freio ao seu projeto expansionista. Fazer política era uma necessidade econômica para a burguesia. Os novos mercados eram essenciais a acumulação capitalista e o Estado deveria servir a esse propósito. Não sem conflitos, a burguesia consegue subjugar o Estado aos interesses dela. Estava garantida a expansão. Nos fins do século XIX a exportação não era só de mercadorias, mas de capitais e dinheiro. Ferrovias, exploração mineral (os diamantes da *De Beers*, por exemplo), entre outros deram ao capital financeiro um campo sem precedentes para a especulação. Tornava-se necessária então a força do Estado para brear as atividades de alto risco.

Ao contrário do Imperialismo antigo, o contemporâneo separou os interesses entre colonizadores e colonizados. Tal separação veio carregada de racismo, preconceito e discriminação, permitindo dessa forma uma exploração e pilhagem eivadas de violências, massacres e atrocidades.

Importante também destacar a transferência e a organização (invenção nas palavras de Leila Leite Hernandez⁷⁰) de uma burocracia colonial. Racismo e a burocracia 'inventada' garantem, segundo Arendt, que a ideia central do Imperialismo contém uma esfera política traduzida por uma base ilimitada de poder cujo suporte é a força política presente na vocação para a dominação global⁷¹.

O neocolonialismo seria o primeiro estágio da dominação política da burguesia. Transplanta-se para as áreas periféricas uma violência

69. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. 1990

70. HERNANDES, Leila Leite. *A África na sala de aula*. p.91

71. Idem. *ibidem*

estatal inusitada, justificada pelo racismo. Os administradores coloniais fundaram uma exploração hierarquizada, pautada nas desigualdades econômicas e sociais e na truculência cultural. O 'ovo da serpente' genocida e totalitário estava em formação.

Arendt acrescenta as razões de Estado ao Imperialismo econômico. Mas sua crítica a tradição marxista e a obra de Lênin funciona como a imagem de uma deusa Clio pela metade, apenas a face da frente existe. O passado é julgado com os olhos do futuro. O Imperialismo foi sim, precipuamente, econômico. As razões de Estado, o racismo e a burocracia estatal 'inventada', são apêndices essenciais à expansão capitalista, talvez não em seu último estágio, mas em sua forma predatória do pré-guerra.

Entender como o Imperialismo direcionou suas garras para as economias naturais da periferia do Capitalismo, partilhando suas riquezas e inserindo-as numa economia-mundo é o cerne da questão.

CAPÍTULO 2 - O ESPAÇO

2.1. PARA UMA HISTÓRIA DA ÁFRICA

“É uma grande interrogação entre eles (os africanos), se descenderam dos macacos ou se são os macacos que provêm deles. Os nossos sábios disseram que o homem é a imagem e semelhança de Deus: eis uma curiosa imagem do Padre eterno, com um nariz de preto bem achatado ou pouca ou nenhuma inteligência! Tempos virão, sem dúvida, em que estes animais saberão cultivar a terra, embelezá-las com casas e jardins e conhecer o curso dos astros. É preciso tempo para tudo.” (o iluminado Voltaire, citado por Ki-Zerbo. *História da África Negra*. P.277)

Todos os estudos arqueológicos indicam ser o continente africano o ‘berço’ do homem moderno. O Vale do Rift foi o espaço em que há 200 mil anos surgiu o *homo sapiens*. Dali, o homem ‘sábio’ migrou pelos continentes, adaptando-se às realidades naturais. Nasceram culturas, organizaram-se estados, domesticaram plantas e animais, explorou-se o trabalho humano, enfim constituíram-se civilizações distintas.

Àqueles que permitiram o nascimento desta aventura, são hoje menosprezados como cultura e desrespeitados como identidade. A África, o continente mais maltratado pela História, ainda é visto como um não-lugar, pois as interpretações ‘científicas’ tratam seus mais de 30 milhões de km² de área como se fossem uma única realidade. Um quase determinismo geográfico é imposto sobre a região.

Não há História em tal continente. E quando ela existe é sempre relacionada aos brancos africanos ou aos brancos estrangeiros. São aglomerados de povos atrasados, sem economias diversificadas, sem Estado, com sociedades tribais, adeptos de religiões anímicas e seus rituais

extáticos. Uma terra de negros que ainda vivem na infância da humanidade, como queriam alguns estruturalistas. Como se fosse possível estabelecer estruturas de um agrupamento humano de poucas dezenas de homens em pleno século XX e construir-se uma 'lei' geral do comportamento social e econômico das centenas de povos e reinos africanos ao longo de cinco séculos de História. Tal construção ideológica é fácil para um europeu branco incapaz de olhar para o outro em sua diversidade, riqueza e culturas distintas. Há sim uma superioridade de caráter nos povos africanos, pois sempre aceitaram seus algozes europeus, sejam eles portadores da espada ou da pena.

Os vícios racistas e a trajetória de mais de cinco séculos de exploração não permitiram aos cientistas humanos perceber que:

[...] as civilizações do continente africano, pela sua variedade lingüística e cultural, formam em graus variados as vertentes históricas de um conjunto de povos e sociedades, unidos por laços seculares.⁷²

Tradição cultural conjunta, riqueza econômica e trocas comerciais entre as mais distintas regiões africanas, produziram sociedades, culturas e civilizações únicas e de vultosas contribuições à humanidade. Esquecidas ou ignoradas devido a:

Um outro fenômeno que grandes danos causou ao estudo objetivo do passado africano foi o aparecimento, com o tráfico negreiro e a colonização, de estereótipos raciais criadores de desprezo e incompreensão, tão profundamente consolidados que corromperam inclusive os próprios conceitos da historiografia. Desde que foram empregadas as noções de 'brancos' e 'negros', para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica e psicológica. Marcado pela pigmentação de sua pele, transformado em uma mercadoria, entre outras, e condenado ao trabalho forçado, o africano passou a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma

72. M'Bow, M. Amadou -Mahtar (Diretor Geral da UNESCO de 1974-1987). *Prefácio da História geral da África*. Vol.6 p. XXII

essência racial imaginária e ilusoriamente inferior aquela do negro. Este processo de falsa identificação depreciou a história dos povos africanos, no espírito de muitos, rebaixando-a a uma etno-história em cuja apreciação das realidades históricas e culturais não podia ser senão falseada.⁷³

Resgatar a história da bacia do Congo antes da chegada dos europeus, mostrar um pouco de sua magnitude e de sua multiplicidade. Esboçar que não só a região possuiu História, como temos muito a aprender com a mesma. A título de exemplo, lembre-se de Jan Vansina ao afirmar que acusam os africanos de formarem sociedades sem Estado, denotando seu 'atraso', como se as sociedades do absolutismo monárquico ou os impérios europeus dos séculos XV a XIX fossem os modelos corretos a seguir.

Entender ainda que é o continente europeu que desarranja e esfacela a África. Primeiro com a comercialização de pedras, depois a de peças (os escravos) e por último com a inserção do continente na economia-mundo a partir de 1750 (segundo Immanuel Wallerstein). A exploração imperialista existia antes do Imperialismo, disto já nos falava Rosa Luxemburgo. O capitalismo primeiro destrói as relações naturais de uma região a ser conquistada. Liquefaz a economia local, desarticula as redes sociais, sobrepõe a cultura dominante, para finalmente organizar a nova terra conquistada para a acumulação ampliada.

73. M'Bow, M. Amadou -Mahtar (Diretor Geral da UNESCO de 1974-1987). Prefácio da História geral da África. Vol.6 pág. XXIII

2.2. O CONGO ANTES DA BÉLGICA

"Esta luta se deu com lágrimas de fogo e sangue, nosso orgulho vem do âmagô, porque era uma luta nobre e justa, uma luta necessária para acabar com a escravidão humilhante, que foi imposta pela força.

Qual foi a nossa sorte em 80 anos de domínio colonial? Nossas feridas ainda estão na memória e isto é muito doloroso para nós.

Fornecemos o trabalho árduo e forçado em troca de salários que não nos permitiu sequer comer para o sustento, ou mesmo para nos vestir, ou para adquirir uma casa para criar decentemente nossos filhos.

Conhecemos a ironia, os insultos, e todo tipo de golpes que sofremos toda manhã, tarde e noite, porque somos negros. Quem vai esquecer que o povo negro disse um dia "Você", certamente não como um amigo, mas porque "Você" era reservado apenas para brancos?" (Trechos do Discurso de Patrice LUMUMBA, Primeiro Ministro e Ministro da Defesa Nacional da República do Congo, cerimônia de Independência em Léopoldville — atual Kinshasa — a 30 junho 1960. *Textes et Documents*, nº 123, Ministère des Affaires Étrangères, Bruxelles.)

Ntalaja (2001) apresenta uma História do Congo a partir das resistências populares. Desde Leopoldo II a Kabila, o pai. Entende que a atual situação de guerra (encerrada oficialmente por Joseph Kabila, o filho, em 2004) e de não estabelecimento da democracia⁷⁴ se deve a dois fatores: não interessa ao mercado internacional uma África pacificada e democrática e não pertence às tradições culturais e políticas dos líderes da luta pela libertação no pós-Segunda Guerra. Patrice Lumumba escreveu com lágrimas de fogo e sangue a história de seus antepassados. Como um *kanda* (líder da chefatura do antigo reino do Kongo). E como poderiam ser diferentes as suas palavras se a história recente do país não pode ser enfrentada sem voltarmos ao passado de destruição, pilhagem e mortes

74. Em 1997, o ex-comunista e guerrilheiro Laurent Desiré Kabila derruba o ditador Mobutu Sese Seko após mais de 30 anos de lutas. Kabila inicia um governo de transição, que no ano seguinte é abalado por uma guerra civil. Assassinado em 2001, Kabila é sucedido por seu filho Joseph. Este realiza as primeiras eleições diretas em quase 40 anos na agora República Democrática do Congo. Eleito em 2006, Joseph Kabila enfrentará novas eleições em novembro de 2011.

que:

The colonial system of exploitation political repression and cultural oppression was built on the legacy of the Leopoldian system of primitive accumulation and crimes against humanity.⁷⁵

A roedura europeia na região da bacia do Congo começou no século XV, com a chegada do português Diogo Cão. Prosseguiu com a cristianização da região equatorial e com as disputas entre portugueses e holandeses pela região. Passou quase três séculos ceifando vidas com o sistema escravista. Mas foi no regime de Leopoldo II em seus cerca de 30 anos, com um misto de acumulação primitiva imperialista e atrocidades contra a humanidade, que se instaurou a barbárie em solo africano (alegando o rei em sua defesa agir em nome da civilização). Mas antes de iniciar esta luta entre colonizadores e colonizados, volte-se às origens.

Kabengele Munanga nos informa que a palavra Congo refere-se a dois países africanos atuais (República do Congo, também chamado Congo-Brazzaville e a República Democrática do Congo, também conhecido como Congo-Kinshasa ou Zaire-Congo), ao principal rio da África Central e também ao principal reino pré-colonial da África equatorial.

O Congo Belga de Leopoldo II estudado nesta dissertação:

[...] trata-se da República Democrática do Congo, que recebeu no decorrer de sua história uma série de nomes através dos quais ficou conhecido. De 1885 a 1908 era chamada Estado Independente do Congo, e, entre 1908 e 1960, Congo Belga. Ao receber a independência em 30 de junho de 1960, o nome novamente foi mudado e passou a chamar-se República do Congo. Era também chamada nessa época de Congo-Léopoldville para ser distinguida de Congo-Brazzaville, ex-colônia francesa, também chamado de República do Congo depois de sua independência. Em 1964, o Congo-Leopoldville se torna República Democrática do Congo, embora o regime em vigor não tivesse nada parecido com democracia. Em 1971 o ditador Mobutu Sese Seko

75. NZONGOLA-NTALAJA, Georges. *The Congo: from Leopoldo to Kabila*. p. 5

rebatiza o país, dando-lhe o nome de República do Zaire, normalmente chamado Zaire, também nome da moeda nacional e do rio Congo. Em 1997, Laurent Désiré Kabila, outro ditador, sucessor de Mobutu, retorna ao antigo nome de República Democrática do Congo que prevaleceu de 1964 a 1971.⁷⁶

Um primeiro aspecto a se destacar é a presença do rio Congo, uma das dez maiores bacias hidrográficas do mundo. É o meio físico que dá unidade e ao mesmo tempo separa os povos da região. Um Mediterrâneo na África central.

Depois do rio, descreve-se a importância da unidade cultural em torno da língua banto. Juntos o meio e a cultura, parte-se para a regionalização do Congo (antes da Bélgica). São analisadas as regiões de Katanga, os povos da floresta Equatorial e, principalmente, do reino do Kongo, o maior e de mais longa duração na África equatorial.

Avança-se na História e temos o período da escravização dos africanos, primeiro por árabes e depois por estes e os europeus, quando o tráfico atingiu proporções catastróficas. Desarticulando as economias locais, deixando cicatrizes profundas sobre homens, culturas e sociedades.

Com o século XIX vem a fase da exploração pré-imperialista do Congo. Missionários, exploradores, burocratas de estado, empresários e futuros geógrafos construirão um manancial de dados e um mapeamento dos recursos naturais que serão essenciais na época imperialista de fins do século XIX.

Exploração levada a cabo por um pequeno e semi-periférico país europeu, a Bélgica. Seu rei-empresário receberá da conferência de Berlim, o mais rico quinhão da partilha. Qual o papel da Bélgica e de seu rei neste contexto? Um apêndice do imperialismo britânico segundo

76. MUNANGA, Kabengele. *A República democrática do Congo*.

historiadores. Leopoldo II aproximou-se de uma ciência geográfica nascente para fortalecer seus propósitos colonizadores. A sociedade geográfica belga e sua revista (fundada em 1876) corroboram a conquista.

O RIO CONGO

Há cerca de 35 milhões de anos, as placas tectônicas africana e arábica foram separadas por movimentação endógena da terra. Na porção oriental do continente africano formou-se um extenso conjunto de falhas tectônicas, o Vale do Rift, o qual tem em suas bordas diversas cadeias montanhosas. Desde a Etiópia ao norte até Moçambique ao sul, próximos a costa do Índico, essa fissura permitiu a formação de alguns dos mais antigos lagos do mundo, entre eles os Lagos Alberto, Eduardo e Vitória, áreas das nascentes do rio Nilo.

Muito próximos a estes, originou-se o mais extenso lago em sentido latitudinal, o Tanganica. A poucos quilômetros a oeste do Tanganica, nas áreas montanhosas a nordeste da Zâmbia nasce, a altitude de 1760m, o rio Chambezi (ou Chambeshi).

As águas do Chambezi alimentam o lago Bangueólo, o qual forma o Louapula. Este caminha alguns quilômetros até desaguar no lago Moero. O pequeno rio Louvoua nasce do Moero e torna-se um afluente do Loualaba (a palavra Lou em dialeto africano significa 'rio', por este motivo temos muitos rios africanos com este radical).

Um pouco mais a oeste, próximo à nascente do rio Zambezi, nasce o Koulecha, um tributário importante do Loualaba. Em seu traçado encontramos mais de 13 pequenos lagos, entre eles o Kalounguzi, no qual — segundo relato dos habitantes locais a David Livingstone — existiam

em suas matas ciliares pelo menos 39 venenos diferentes para matar um homem.

Loualaba é o primeiro nome do rio Congo, formado pelas águas do Koulecha e do Chambezi. Ele avança no sentido sul-norte por cerca de 1000 km em pequeno desnível. Pouco depois de dividir-se em Loualaba Ocidental (Kamouloundu) e Loualaba Oriental iniciam-se as 'Stanley Falls', série de cachoeiras e corredeiras que se estendem por cerca de 200km. Nesta área, pela primeira vez o rio Congo atravessa o Equador. Tais quedas d'água terminam em uma imensa depressão central (área das florestas equatoriais) e logo depois o rio irá iniciar sua primeira grande curva em direção a oeste.

MAPA 1: BACIA DO CONGO

Bacia do Congo. Extraído de MAURETTE, Fernand. *L'Afrique équatoriale*. In: *Geographie universelle*. Tome XII. p. 25

A partir desse ponto temos o início do rio Congo propriamente dito (ou Zaire⁷⁷ como queriam os portugueses e mais tarde o ditador Mobutu Sese Seko). Outros 1000 km percorridos, e o rio se vira novamente, agora em direção ao sul, atravessando pela segunda vez o Equador. Por atravessar a latitude zero duas vezes, o Congo tem uma peculiaridade, os seus afluentes da margem esquerda ficam no hemisfério sul, com chuvas abundantes quase todo o ano, com uma pequena redução nos índices pluviométricos nos meses de junho a setembro. Porém, é nessa época que os afluentes setentrionais da margem direita recebem mais chuvas, deixando a bacia do Congo o ano todo com seu nível de água elevado.

Nessa região, em sua margem direita, o Congo recebe águas de seu maior afluente, o Lou'Obangi. Alguns quilômetros à frente e temos o Kasai, o maior afluente da margem esquerda. Nessa região, encontramos uma imensa planície lacustre com centenas de vias fluviais interligadas naturalmente. Leopoldo II encontrou aí suas vias de circulação, sem a necessidade dos custosos trilhos de ferro, como nos relata Hochschild⁷⁸:

Mais importante ainda, para um construtor de impérios do século XIX, o rio e seus afluentes, distribuídos em forma de leque, forneciam mais de 11 mil quilômetros de vias fluviais interligadas; era uma verdadeira rede de transportes pronta para ser usada, como muito poucas outras no mundo. Assim que os barcos a vapor desmontados pudessem ser transportados por terra até essa rede, passando ao largo das grandes corredeiras, encontrariam lenhas para suas caldeiras crescendo bem ao lado: quase todos os rios navegáveis correm ao lado das florestas tropicais úmidas que cobrem metade da bacia.

Pouco mais de 600 km a sul e o rio começa a sua mais conhecida e temida parte: passado o lago Malebo (antigo Stanley Pool), temos 32 imensas cachoeiras e corredeiras que fazem o rio Congo descer

77. Nzadi era o nome dado ao rio pelos africanos que viviam na região equatorial, alterado para Zaire pelos colonizadores. Réclus nos conta que os primeiros exploradores conheciam o rio como o "Poderoso", depois como a "Grande Água". Stanley propôs que o rio fosse denominado de Livingstone, mas felizmente o nome aceito pelos geógrafos foi o de Congo mesmo.

78. HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo*. P. 72

de uma altitude de 1050m para menos de 700m ao fim das corredeiras. Por derradeiro vem a Yellala, a última cachoeira, com uma queda de 220m e um estreito de nome enigmático: o 'corredor do diabo'.

Conrad immortalizou esse traçado do rio em seu 'Coração das trevas'. Marlow narra dessa forma o rio cercado pela floresta equatorial;

Árvores, árvores, milhões de árvores, volumosas, imensas, altíssimas; e aos seus pés, avançando colado às margens contra a corrente, resfolegava o pequeno vapor [...] O curso do rio se abria diante de nós e depois se fechava à nossa passagem, como se a floresta cerrasse fileiras calmamente por sobre as águas para barrar nosso caminho de volta. Penetrávamos mais e mais fundo no coração das trevas. E o silêncio era imenso. Viajávamos pela Terra pré-histórica, uma Terra que tinha o aspecto de um planeta desconhecido.⁷⁹

Pouco após o trecho turbulento as águas se acalmam formando um imenso estuário, cercado por falésias graníticas baixas, tendo a 'Pedra do Feitiço' como marca. Na margem esquerda, o Kasai despeja suas águas no Congo. Dali até a região de Matadi o rio vai ganhando profundidade e baixando a elevação. Suas margens se alargam para mais de 400 metros e por cerca de 100 milhas as águas caminham até a foz no Oceano Atlântico (no passado geológico em delta), na qual o rio Congo despeja entre 70 a 90mil m³ de água/segundo (o 2º maior em vazão do mundo, atrás apenas do Amazonas). Sua embocadura é de aproximadamente 55km. Próximo a ela, temos a antiga capital do Estado Livre do Congo, a cidade de Boma.

Por cerca de 4700 km, o Congo cruzou a África e sua fossa penetra mais 45km no Atlântico. Sua bacia hidrográfica irriga quase 3,7 milhões de km² na região central da África (mapa 1). O Rio Congo é um dos 10 maiores rios do planeta, cenário de um dos maiores genocídios da história. O futuro Estado Livre do Congo, obra imperialista de Leopoldo II,

79. CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. pp. 57 e 58

corresponde quase que identicamente à imensa bacia do Congo descrita acima.

AS LÍNGUAS BANTAS

No primeiro milênio cristão a região do atual Congo foi ocupada por diversos povos de línguas Bantas. Para o povo do Kongo e os povos Luba, o nome da língua é bantu; em Rwanda era abantu e banto para os povos mongos. Os bantofones foram os primeiros agricultores da região sub-saariana da África, produziam principalmente cereais, inhame e outras raízes. Criavam cabras e se alimentavam de javalis africanos. Dominavam também o ferro.

Os protobantos apareceram entre 1000 e 400 a.C.. Os historiadores discordam sobre o ponto de dispersão original dos bantos. Mas sabe-se que a dispersão persistiu até o século XIX desta era. Os estudos mais recentes indicam que a em relação a dispersão bantu:

[...] Pode-se concluir, há consenso entre linguistas sobre este ponto, que houve dois grandes blocos de línguas bantas, aquele do Oeste, estendido sobretudo em toda a floresta tropical, e aquele do Leste, ocupando as regiões de Uganda ao Cabo. Em suplemento, as línguas do grupo oriental são mais próximas umas das outras, comparativamente às línguas do grupo ocidental entre si. Isso equivale a dizer que a extensão do grupo oriental foi mais tardia e rápida que aquela do grupo ocidental, caso aceitemos que a taxa de mudança e a importância da convergência tenham sido idênticas nos dois casos, situação não necessariamente verdadeira. Por outro lado, a concordância existe, em geral, quanto à realidade de pequenos agrupamentos genéticos que não remontam muito remotamente no passado linguístico. Assim sendo, existe um grupo genético congo ou um grupo genético das línguas da região dos Grandes Lagos.⁸⁰

80. VANSINA, J. *Os povos falantes do banto e sua expansão*. In: *História geral da África* – vol. 3. pp. 181-

Segundo J.Vansina e Ki Zerbo (1974) há pelo menos duas 'estradas' para a expansão bantu. Uma em direção à leste, ocupando a região dos Grandes Lagos africanos, rumo a costa do oceano Índico. Consideram a região de Katanga (atual Shaba) e as proximidades da Zâmbia como a 'nascente' das línguas bantus desse lado oriental⁸¹. E a outra, de maior dimensão e importância, seguindo o caminho do rio Congo e ocupando 'em espiral' o coração da floresta equatorial. Esse caminho ocidental ocupou as imensas depressões centrais e os baixos planaltos da embocadura do rio. Seus limites estariam ao noroeste do rio Lou'Obangi, entre as atuais Nigéria e Camarões.

Samwiri Lwanga-Lunyiigo e J. Vansina consideram que no século XI a dispersão bantu estava concluída na região do Kongo, mas o banto prosseguiu sua expansão até o século XIX, exemplificando essa tese com o caso dos povos Mbugwe na Tanzânia. Para muitos historiadores antigos, os bantus ao conhecer a metalurgia do ferro e do cobre, fabricaram armas e ferramentas. E a expansão destes povos deveu-se ao predomínio militar e imposição à força de uma nova cultura. M'Bokolo afirma que a História não deve buscar explicações gerais sem provas, afinal:

[...] além da imagem de hordas precipitando-se para o sul em consequência de uma grande catástrofe apropriando-se, depois de vitórias fáceis em virtude de sua 'superioridade' técnica, das terras que os antigos habitantes, que os antigos habitantes, que se tinham mantido numa economia cinegéticas, não tinham sido capazes de valorizar. [...] A dispersão das populações bantus seria efeito apenas de uma agricultura itinerante, levada a mudar de lugar e a procurar outros melhores, uma ou duas vezes por década [...].⁸²

A importância dos povos bantos para se entender a história da África é vital, tanto a dos bantos orientais, quanto a dos ocidentais que

182

81. Elikia Bokolo diz que muntu significa homem e que seu plural é bantu, ou seja, os homens.

82. BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. pp. 74 e 75

ocuparam uma área de 800 a 1000km ao sul da floresta. Desenvolveram civilizações relevantes como a dos Lubas, os Lundas, os Lelés, os Tios, os Bakubas (ou Kubas) e o maior de todos, o reino do Kongo.

A PROVÍNCIA DE KATANGA

Na região da nascente do rio Congo existe um grande planalto entre o lago Tanganica e o rio Zambeze denominado de Katanga (ou Shaba). Encontra-se na zona tropical, de clima quente com verões chuvosos. Área das savanas africanas, Katanga foi um dos primeiros lugares de expansão dos povos bantus. As terras razoavelmente férteis das savanas permitiram o desenvolvimento de uma agricultura diversificada na região (produziam-se cereais, inhame, sorgo e criavam-se porcos). Mas era no subsolo que se encontrava (até os dias atuais) a riqueza principal da região: o cobre. Kabengele Munanga⁸³ nos diz que o 'subsolo congolês era considerado um escândalo geológico por causa da grande riqueza em diversos minérios'.

Foi em Katanga que segundo as tradições orais, Kongolo funda, no século XV, o futuro reino de Luba (vide mapa 2). A autoridade central formou-se pela união de clãs com sucessão patrilinear. O kiloto era o chefe da linhagem nas diversas aldeias lubas, formadas por aglomerações consideráveis, decorrentes das atividades mineradoras, da exploração do sal (abundante na região) e do comércio. O rei era considerado sagrado (bulopwe) e conseguia manter uma unidade territorial por meio de uma diversidade de funcionários, entre eles o twite (líder militar). As linhagens de sangue também serviram para garantir a coesão dos povos lubas.

83. "Nos anos de 1958-59, véspera da independência, a produção mineral congolês chegou a ocupar as seguintes posições no mercado mundial capitalista: o cobalto ocupou a primeira posição com 63% da produção mundial em 1959; o diamante a segunda posição, com 75% de todos os diamantes industriais do mundo não comunista e 15% dos diamantes brilhantes; o cobre representou 8,3% da produção; o zinco, 4,3% e o ouro, 1,3%. O cobalto usado pela indústria aeronáutica e espacial dos Estados Unidos vem em sua maior parte da RDC." (Kabenguele Munanga. *A república democrática do Congo*. P. 3)

Foi nessa região que Stanley imaginou em construir um caminho de ferro, projeto adotado pelo rei Leopoldo II, a ferrovia Katanga-Matadi.

A FLORESTA EQUATORIAL

Podemos dividir a Floresta úmida em três áreas distintas: a floresta propriamente dita, as faixas internas de savanas e as matas galerias ou ciliares.

Maurette (1938) nos fala das árvores frondosas da Floresta do Congo. São barreiras intransponíveis de árvores se sucedendo, com troncos largos como o dos Baobás (a árvore que ocupava um planeta inteiro no romance 'O pequeno príncipe' de Antoine de Saint Exupery). Umas crescendo ao encontro das outras. Altas, com copas que atingem em média 30 metros e às vezes até 60 metros (equivalentes a um prédio de 20 andares). Uma mata densa, cheia de cipós, escura e úmida. O solo é coberto de folhas e galhos e uma imensidão de aracnídeos, répteis, besouros e insetos de tamanhos e picadas diversas. Durante muito tempo acreditou-se que tal região que ocupa cerca de 1 milhão de km² no interior côncavo do rio Congo era inviável para o homem. Terra dos caçadores pigmeus, a floresta era o 'inferno verde'. O século XIX transformou essa imensa depressão numa excelente fornecedora de madeira e borracha para o capitalismo central. A seiva branca do látex manchava-se do rubro das atrocidades belgas, como diria E. Morel.

Terra dos hipopótamos e elefantes, o interior da floresta é formado por clareiras com vegetação de savanas e lagos que atraem a rica fauna africana. Tais clareiras não estavam isentas de um dos maiores inimigos da floresta equatorial, a mosca tsé-tsé. Famosa pela transmissão

da doença do sono, a tsé-tsé em verdade é a hospedeira do *trypanossoma brucei* (ou *trypanossoma congo*), o transmissor da letal doença da África Central. Muitos autores concordam que a doença é um dos fatores que impedem a ocupação da floresta, ainda mais por que o ciclo reprodutivo da mosca se dá nas piscosas águas da bacia do Congo. Independente disso, as clareiras formadas por savanas, localizadas dentro da floresta equatorial, eram corredores comerciais entre a África meridional e a setentrional. Por ali passavam o marfim dos elefantes, a pele dos hipopótamos⁸⁴ e os escravos (tanto no ciclo europeu quanto no árabe).

A terceira e última parte da zona equatorial eram as matas galerias e ciliares. Área muito úmida, próxima aos rios, as matas galerias tem solos de aluvião muito férteis, propiciando uma fácil adaptação às plantas. Os pescados eram a principal atividade econômica. Poucos estudos foram feitos sobre esta região e não se conhecem ainda a existência de algum reino.

Por último cabe destacar dois reinos, o dos Lelés, situados na região do Kasai (parte ocidental da floresta) e os Kubas localizados entre os rios Sankuru e Lulua (afluentes formadores do Kasai).

Como novidade temos que o primeiro reino era governado por uma assembléia de anciãos (uma gerontocracia) e muitas decisões eram tomadas em praça pública por aclamação, uma 'verdadeira ágora zairense' nas palavras de Ki-Zerbo. Hospitaleiros como a maioria dos povos africanos da época, os Lelés foram dilacerados pela escravidão a partir do século XV.

Os Kubas (também denominados Bakuba ou Bushongo)

84. O *chicotte* era um instrumento de tortura desferido contra os congoleses. Introduzido por Leopoldo II e utilizado em larga escala pelos belgas e franceses. Secava-se o couro duro e áspero dos hipopótamos e deixavam-no num formato de um saca-rolhas. A qualquer sinal de desobediência dos trabalhadores, um capataz desferia dezenas de golpes (chicotadas) sobre as costas, as pernas e as nádegas dos congoleses. O sangue e a dor eram tão intensos que Hoschchild fala que o limite para a resistência humana era de 40 chicotadas.

ficavam situados no extremo sul da floresta. Talvez sejam um dos mais antigos reinos da região equatorial. São considerados como uma das mais ricas e elevadas civilizações da África. A tradição oral fala da existência de mais de 120 reis desde o século V, boa parte deles sem comprovação factual. Os reis possuíam direitos divinos, como os monarcas de Luba. Muitas histórias e guerras foram preservadas pela tradição oral. Expandiram-se a partir do norte do Sudão, numa típica migração bantu. Seu mais famoso rei foi um mecenas das artes, Shamba Bolongongo, falecido no início do século XVII. Ele aboliu o uso das armas e dos atiradores de facas. Os Kubas passaram a ser denominados então de 'povo iluminado'. No período foi realizada uma escultura com seu retrato, preservada até os dias atuais. Havia muitas coisas elaboradas e adornadas no reino: caixa de cosméticos, copos, tambores, paredes das casas. Trabalhavam o ferro e o cobre, teciam roupas de ráfias e plantavam duas espécies de bananas. Estabeleceram várias rotas comerciais. Uma das rotas controladas pelos Kubas dirigia-se para Luanda, fato este que levou a atrocidades futuras contra esse povo para o domínio dessa rota comercial. A floresta era um mundo dinâmico.

O REINO DO KONGO

O maior e mais importante reino da região da 'mittel africa' como denominou La Blache em alusão ao 'mittel europe', foi o reino do Kongo. Os povos bantus teriam se estabelecido definitivamente numa área entre a margem esquerda do rio Congo e cerca de 1000km ao sul deste. Da costa Atlântica em direção ao leste são outros 1000km aproximadamente. Estudos recentes datam esse povoamento antes do fim do primeiro milênio.

Fora dos limites da Floresta Equatorial temos duas regiões distintas geograficamente: um litoral úmido no inverno, com uma faixa de

O segundo milênio tem como característica a estabilização e a organização política do Reino do Kongo, além do aparecimento de governos fortes. Aos poucos dinastias foram se constituindo e o poder político foi se sucedendo. Nessa época apareceram as crenças religiosas, as divisões sociais e as manifestações artísticas. Todas as evidências mostram que durante a Idade Média, o Kongo esteve longe de ser uma região selvagem formando, em verdade, um Estado organizado e socialmente hierarquizado.

O reino, segundo histórias míticas, foi fundado entre o fim do século XIII e início do XIV. Antes de sua fundação existiam três formas de controle político sobre as regiões. A primeira era denominada de *kanda*, um poder ligado a autoridade dos mais velhos. Um poder de caráter religioso e relacionado a exploração da terra, exercido pelos *bitomi*. E um último exercido pelas chefaturas locais. Um dos *kanda*, provindo de Mbanza Kongo consegue impor uma estrutura de alianças estratégicas, centralizadas num *Mani* (chefe). Nimi a Lukeni teria atravessado o rio Kwango (Congo) e realizado a aliança, sendo então o fundador do reino.

Para John Thorton (citado por M'Bokolo) existiam duas áreas bem distintas no reino: a parte urbana e a parte aldeã. As áreas das aldeias (*mubata*, plural *mabata*) eram formadas por cerca de 30 casas. A propriedade da terra era comunal e a produção era dividida entre as famílias. Havia um excedente que era apropriado pelos chefes da aldeia e pelos chefes religiosos, sempre alguém mais velho (*nkulundu*). Tributos eram pagos às cidades para a manutenção do reino e dos chefes provinciais.

Em sua área urbana o reino do Kongo dividia as cidades (denominadas de Mbanza) em províncias e distritos. A capital Mbanza Kongo, situada na província de Mpemba, possuía entre 60 a 100 mil habitantes e Mbanza Sonyo (ou Soyo) outros 30 mil. A cidade sagrada de Mbanza Mbata, terra em que os chefes eram sepultados, contava com 5 mil pessoas. Em

média as cidades do Kongo possuíam de 3 a 6 mil habitantes no século XV. No século XVI a população do reino era estimada entre 2 a 4 milhões de pessoas.

O corpo permanente de soldados do Mani⁸⁵ Kongo era de 16 a 20 mil soldados e nas guerras chegava a 80 mil. Havia obrigações recíprocas entre os três grupos sociais (aristocratas, aldeões e escravos), num sistema próximo da vassalagem. Os aristocratas das cidades eram proprietários de escravos e das terras produtivas. Para M'Bokolo, Vansina e Ki Zerbo tal escravidão aproximava-se mais de uma servidão. Eram 3 as formas de escravidão: os que trabalhavam as terras privadas e cediam uma parte da produção; os empregados domésticos, denominados de 'crianças' (*nleke* em bantu) e tratados como agregados de um senhor e sua família e por último um exército de escravos a defender o reino. A estrutura política do reino é assim descrita por J.Vansina⁸⁶:

O rei do Kongo exercia grande autoridade, mas não um poder absoluto. Competia-lhe a nomeação dos governadores, excetuado o de Mbata, que era "eleito pelo povo e os dignitários da família Nsuku, com a confirmação real". Na província de Soyo, a função de governador era hereditária. Parece que, antes de 1500, o soberano do Kongo governava um reino cujo território era muito mais extenso, o que explicaria por que continuou a reivindicar sua soberania sobre Kisama, Ngoi, Kakongo, Loango e as chefarias e reinos de Teke e Suku.

Os governadores coletavam impostos e tributos, que depois encaminhavam ao rei. O tributo compreendia o nzimbu (conchas usadas como moeda), quadrados de ráfia (que também serviam de moeda), sorgo, vinho da palma, frutas, gado, marfim e peles de animais (de leopardo e leão). Como se vê, os tributos e impostos comportavam uma parte em moeda, outra em víveres, uma em produtos comerciais e ainda uma simbólica (as peles de leão e leopardo).

85. Mani é um título concedido ao chefe da região ou província. Uma forma de governador que residia na casa real, a Banza. Assim, Mani Nsundi, Mani Kongo, Mani Mbamba são chefes das regiões de Nsundi, Kongo e Mbamba, respectivamente. O Mani Kongo era a autoridade suprema do Reino.

86. VANSINA, J. *A África equatorial e Angola: as migrações e o surgimento dos primeiros Estados*. In: *História Geral da África*. Volume IV. p.650

Os povos do Kongo desenvolveram técnicas avançadas de modelagem do ferro e do cobre (oriundos da região de Shaba). Dominavam a cerâmica e sua tecelagem (tecidos de ráfia principalmente) era tão forte quanto a das velas portuguesas. Domesticação animais como o porco, as ovelhas, os caprinos, e até aves. Produziam o milho, sorgo, vários tipos de bananas, ervilhas, abóbora e mandioca. Faziam ainda um vinho da folha de palma, importante moeda de manutenção da paz social, afinal o Mani Kongo oferecia refeições e bebidas aos Mani de outras regiões em época de crises políticas.

O comércio era intenso. Além das moedas de cobre, o reino fazia trocas por meio de conchas vindo de Luanda (as *nzimbu*). O governador da província de Mbamba fiscalizava e organizava a produção das conchas que eram catalogadas e ensacadas para serem utilizadas pelas províncias e cidades. O desenvolvimento econômico e a sociedade urbana eram tão evidentes, que em 1484 o rei Nzinga Nzinu enviou para Lisboa seu embaixador e este perguntou sobre a possibilidade do envio de pedreiros, carpinteiros e agrônomos para o reino do Kongo. Era o princípio do ápice do reino e sua posterior transformação e destruição relacionada ao tráfico negreiro.

TEMPOS DE ESCRAVIDÃO

Após a tomada de Ceuta dos muçulmanos (1415), os lusos iniciaram uma 'retomada' das costas africanas. Historiadores denominaram a costa ocidental de 'Mediterrâneo Atlântico'. Diogo Cão, navegador português, chega a foz do rio Congo em 1482. Buscavam especiarias, novas rotas comerciais e uma saída imaginária para o reino do 'Preste João'. Eles não realizaram o sonho, mas conseguiram abrir os portões da África Central

aos monopólios mercantis e ao futuro flagelo da escravidão.

Dois anos depois de descoberta a foz do Congo, Diogo Cão volta com missionários e se instala em Mpinda. Dali, os missionários alcançam a capital Mbanza Kongo (rebatizada pelos portugueses de São Salvador), localizada a 330 km interior adentro e entram em contato com o rei Nzinga Nzinu.

As explorações portuguesas permitiram a observação de dois outros reinos, menores do que o Kongo em poderio, mas com uma população somada semelhante. No litoral existia o reino de Loango e no interior o reino do 'Grande Makoko', os Tio. J.Vansina cita o historiador O. Doppe para afirmar que os reinos do Kongo, Loango e dos Tio teriam uma origem semelhante na região do lago Malebo.

A catequese avançava no reino do Kongo. Em 1491 o futuro rei do Kongo, que adotaria o nome de Afonso I em seu reinado (1506-1546), eleva o cristianismo a religião oficial do Estado. Henrique, seu filho, em 1518 tornava-se bispo numa cerimônia em Roma. Foi nesse reinado que começou a se organizar o tráfico internacional de escravos⁸⁷. Nasceram os pombeiros. Assim relata J.Vansina a partir da contribuição de T.Obenga⁸⁸:

[...] Este (o tráfico negreiro) foi mal organizado de 1515 a 1526, ano em que foi efetivamente regularizado. Desde então, apenas estrangeiros, vindos principalmente do Pool e talvez do vale do Cuango, e criminosos podiam se tornar escravos. Já antes de 1529, a comunidade mulata da capital enviava ao Pool⁸⁹ seus pombeiros, palavra procedente de pombo, nome dado as pessoas do Pool em Kikongo. A origem primária desses escravos permanece

87. Em 1443, um navio português traz 263 negros da região da Guiné, inaugurando o tráfico europeu de escravos. O comércio de 'peças' africanas pelos árabes data do século VIII e se estendeu até fins do século XIX. Os portugueses dividiam as regiões em florestas e suas 'peças' (os negros) e as minas com suas 'pedras'. O Congo ficou conhecido como a 'mina de peças'.(sic)

88. O reino do Congo e seus vizinhos. In: *História geral da África*. Vol. 5, pp. 629 a 630

89. O 'Pool' é a região das cataratas e do lago localizados no Planalto Teke, entre os rios Congo e Cuango. Terra do reino dos Tio. Atualmente, a 'Stanley Pool' forma o Lago Malebo. Em suas margens foi construída a atual capital da República Democrática do Congo, a cidade de Kinshasa (antiga Leopoldville). Do outro lado do rio temos a cidade de Brazzaville, capital da República do Congo (o Congo 'francês').

desconhecida. Muitos eram bateke, mas alguns eram certamente oriundos de outras regiões, donde eram encaminhados pelos rios rumo ao Pool.

O rei do Kongo tentou controlar o crescente tráfico de escravos (até 1540, em média, de 4 a 5 mil negros embarcavam todo ano de Mpinda a região portuária do reino, para Portugal; depois dessa data o número sobe para 7 a 8 mil escravos anuais), mas fracassou derrotado pelos portugueses e os comerciantes de São Tomé.

Com a renda dos tributos sobre o comércio de escravos, a venda da rafia e do marfim ele trouxe pedreiros e carpinteiros da Europa para construir igrejas e palácios. O povo era batizado em larga escala. Imposto pela força e adaptado como forma de sobrevivência pelos aldeãos e escravos, o cristianismo não arregimentou corpos e almas.

Na segunda metade do XVI, os povos Jagas ou Yakas (bárbaros oriundos do leste de Mbata e sul do Pool), arrasaram e pilharam a região. O Kongo foi saqueado e sua capital São Salvador foi incendiada. Os chefes fugiram para as ilhas lacustres. Portugal direciona seus investimentos em Angola, praticamente abandonando o Kongo. Em 1590, o rei Álvaro II comprometeu-se a lutar contra Portugal. Aproveitando-se das rivalidades entre os países europeus e com o apoio do Vaticano, o rei atraiu os holandeses para a região. Por cerca de meio século, flamengos e lusos dividiram o controle sobre o Kongo.

O tráfico de escravos, o cristianismo e o álcool (introduzido pelos portugueses) serviram para aprofundar as desigualdades entre a sociedade do Kongo. Somente a aristocracia falava o português e conhecia as escrituras sagradas. O tráfico negreiro desorganizava o antigo sistema de trabalho semi-servil. A sucessão deixou de ser bilateral e patrilinear e tornou-se hereditária apenas aos sucessores de Afonso. A cisão e os conflitos

criaram-se entre as famílias reais, Antônio I, rei do Kongo, declarou guerra aos clãs, juntou todos seus nobres e foi derrotado na batalha de Mbwila em 1665. O reino não se recuperaria mais dessa batalha. A sucessão real acarretou logo uma guerra civil entre casas nobres. O conflito degenerou, provocando a primeira destruição de Mbanza Kongo, em 1666, e seu completo abandono, em 1678. Como a cidade constituía o centro do sistema político, o conjunto desmoronou colocando um fim no reino do Kongo como conhecido até então.

Enquanto isso, antes de 1600, o reino de Loango tornara-se uma grande potência. Seu território estendia-se da laguna Fernán Vaz até o Sul de Pointe-Noire e incluía provavelmente a maior parte do vale do Ngounié e uma parte da planície do Niari⁹⁰. O Loango praticava o comércio de marfim (produzido entre outros pelos pigmeus), de peles, de madeira vermelha, de tecidos de ráfia, mas exportava relativamente poucos escravos. Loango em fins do século XVII traficava de 12 a 13 mil escravos anuais.

No início do século XVII, a desagregação entre os clãs no reino do Kongo permitiu a ascensão de movimentos milenaristas. Kimpa Vita, uma nobre herdeira assume o nome de D.Beatriz. Acometida de uma grave doença, D.Beatriz afirma que morrera e ressuscitara como Santo Antonio. Um catolicismo com elementos africanos como vemos na descrição de Ronaldo Vainfas e Marina de Mello e Souza:

O catolicismo do movimento antoniano era, portanto, muitíssimo original, implicando uma leitura banto ou bakongo da mensagem cristã. Modelava-se, em vários aspectos, na ação pedagógica dos missionários, mas condenava o clero oficial, sobretudo os missionários estrangeiros, aos quais acusava de 'haverem monopolizado a revelação e o segredo das riquezas para exclusiva vantagem dos brancos' em prejuízo dos 'santos negros'. Rejeitou, igualmente, boa parte dos sacramentos católicos: o batismo, a confissão, o matrimônio, ao menos no tocante à liturgia e

90. VANSINA, J. *História geral da África*. Vol.5. pp.645 e 646

aos significados oficiais, abrindo caminho, no caso do matrimônio, para a restauração legitimada da poligamia. Adaptou, ainda, certas orações católicas, a exemplo da Ave -Maria e sobretudo do Salve Rainha. Proibiu, ainda, a veneração da cruz, esse grande nkisi⁹¹ católico-bakongo, em razão de ter ela sido o instrumento da morte de Cristo.⁹²

Capturada em 1705, Kimpa Vita é morta. Seu breve aparecimento revela uma religiosidade popular e sincrética. Além disso, permite visualizar a profunda crise econômica e de identidade por que passava a sociedade do Kongo em virtude da escravidão.

O comércio próximo a costa era cada vez mais difícil e a captura de escravos penetrava no coração das trevas. Os traficantes buscavam o interior. O controle dessas caravanas tétricas pertencia aos pombeiros. As expedições alcançaram Katanga. Kongo e Angola foram as regiões que mais forneceram escravos à Europa nesse período. Em fins do século XVIII, calcula-se em 100 mil escravos anuais embarcados desses dois reinos. O século XIX marca o apogeu e o desaparecimento da escravidão como sistema. Em 1850 a bacia do Congo ainda traficava da região de Boma, depois de Katanga. Nos últimos anos (1860 a 1874) o Kongo ainda forneceu em torno de 32 mil escravos.

No início do XIX apareceu o último dos pequenos impérios, o de Msiri. Tornou-se importante centro comercial da região. Bunkeya, a capital, era um centro de vendas de armas, munições e de mercado de marfim, sal, cobre, ferro e claro, escravos. Mercadores do Atlântico, do Índico, de Zanzibar e de Luanda vinham a Bunkeya. Com a chegada dos belgas, a região foi arrasada em 1891, e o chefe dos Msiri foi eliminado, levando com ele seu pequeno império.

91. *Nkisi* era o nome dado a colocação de 'feitiços' em árvores.

92. VAINFAS, Ronaldo & SOUZA, Marina de Mello e. *Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII*. In: Revista Tempo. Nº 6. Dezembro de 1998

Antes dos europeus, a região equatorial possuía uma economia diversificada, um comércio intenso transcontinental e entre as regiões vizinhas. A caça aos homens tirou os africanos da agropecuária e do comércio, levando-os para as mais lucrativas atividades de tráfico. Era uma sociedade que produzia seus bens e organizava as trocas. Transmutou-se numa economia pobre, dependente das importações e sem divisões técnicas do trabalho. O Estado estruturado e com uma centralização razoável deu lugar a lutas entre clãs e guerras fratricidas ao longo dos anos.

Houve um declínio populacional de dimensões catastróficas. M'Bokolo⁹³ apresenta uma tabela com dados numéricos de escravos chegados à América entre 1450-1867. Vão desde 13.887.500 levantados por Dunbar (1861) até os 9.778.500 de Lovejoy (1987). Os dados vão em média entre 11 e 13 milhões de escravos (36 a 40 mil escravos anuais). As perdas em viagens nos navios eufemisticamente denominados de 'túmbeiros' estariam em torno de 20%, elevando os números para 13 a 16 milhões de escravos embarcados dos portos africanos. Além disso, para cada escravo embarcado, segundo os demógrafos mais recatados, outros dois africanos perdiam a vida na captura, no transporte, ou nas lutas pela sobrevivência. Dessa forma temos um total de 39 a 48 milhões de africanos escravizados ou mortos no período. Lisboa, capital de Portugal, possuía cerca de 174 mil habitantes em 1850, quase o mesmo número que em média anualmente o tráfico dizimava na África.

O tráfico de escravos em sua vertente européia desorganizou a economia dos povos africanos. Criou novas necessidades e dependências. Desestruturou as organizações políticas pré-existentes. Provocou um desastre demográfico, não só pelas mortes que causou, mas pela eliminação ou deportação da população de jovens que poderiam levar a uma recuperação

93. M'BOKOLO, Elikia. *A África Negra*. pp. 381-385

futura.

Em contrapartida, a escravidão como sistema, foi essencial para o desenvolvimento europeu. Historiadores como Eric Willians afirmam que não só os lucros foram imensos (seja nas metrópoles ou nas colônias), mas o tráfico teria financiado a revolução industrial inglesa (curiosamente foi a Inglaterra o país que mais transportou e comercializou negros durante os séculos XV a XIX). Segundo Willians:

O comércio triangular deu assim um triplo impulso à indústria britânica. Adquirido em troca de produtos manufaturados, o negro remetido para as plantações produzia açúcar, algodão, melão, índigo e outros produtos tropicais, processo que provocou a criação de novas indústrias na Inglaterra. Ao mesmo tempo a manutenção dos escravos e dos seus proprietários nas plantações abria um novo mercado à indústria inglesa, à agricultura da Nova Inglaterra e as pescarias da Terra Nova. Por volta de 1750 não havia cidade comercial ou manufatureira da Inglaterra que estivesse, de uma maneira ou de outra, associada ao comércio triangular ou direto; E foi dos lucros desse comércio que se alimentou uma das principais correntes desta acumulação de capital que financiou mais tarde na Inglaterra a Revolução Industrial (Eric Willians. 1968. P. 74)⁹⁴

ESCRavidão Árabe

Apesar de diminuir na costa ocidental, o século XIX viu crescer o comércio de escravos na parte oriental. E desta vez não era realizado por europeus e sim por árabes, para alimentar os palácios e os haréns do Oriente Médio.

Desde o século VIII os árabes passaram a controlar a costa leste da África e ergueram cidades, hoje enterradas na floresta tropical.

94. Citado por M' Bokolo. *África negra: história e civilizações*. P. 335

Expulsos da Europa na Reconquista (século XV), os árabes encontraram na África uma nova fonte de renda. Dois séculos depois, seus domínios econômicos atingiam o sul do continente africano. Provavelmente os árabes chegaram ao Kongo no início do XIX, pois mulheres daquele reino estavam nos haréns de Osman nesse período. Com a supressão da escravidão em Portugal e na Rússia, mais e mais os árabes penetram no coração da África em busca de escravos. Com a ajuda de canibais, os árabes protegidos militarmente, faziam expedições, geralmente com mestiços, semelhantes às dos pombeiros lusitanos.

Em 1860 a região de comércio de escravos dos árabes ia do Lago Tanganica até Loualaba (o alto Congo), ano em que fundaram a cidade de Nyangwe, que por muito tempo foi a capital do Congo. Foram mais 20 anos para os traficantes chegarem a Stanleyville. Calculam-se em cerca de 30 a 50 mil escravos ao ano saindo do Congo nesta época.

O mais famoso dos traficantes foi Tippu Tib (seu nome verdadeiro era Sheikh Hamed Bin Mhammed, em África era chamado de Mtipula). Controlava vários mercados como os de Maniema, Lomami e Cartum. Explorador astuto e grande negociante, Tippu Tib foi alternando a violência da guerra com a diplomacia. As vésperas do Congresso de Berlim ele firma acordo com Stanley (enviado por Leopoldo II) e é nomeado governador geral das províncias de 'Falls', ou seja, de quase todo o leste do rio Congo. Oficialmente colaboraria com o fim do comércio escravo na África. M'Bokolo calcula em 19 milhões o número de escravos enviados pelos árabes entre os séculos VIII e XX (aproximadamente 14 mil ao ano). Somados aos números europeus chegamos à impressionante cifra de 32 a 35 milhões de escravos arrancados da África em aproximadamente 11 séculos.

2.3. DOUTOR LIVINGSTONE, EU PRESUMO

Homens como Cecil Rhodes, infelizmente, são sempre lembrados e valorizados. Seus atos violentos são esquecidos. Heróis atemporais da ideologia burguesa que teima em persistir. Spengler considerava-o:

[...] primeiro homem de uma nova era. Representa ele o estilo político de um futuro ainda distante, ocidental, germânico e sobretudo alemão. Suas palavras 'A expansão é tudo' contém na sua própria formulação napoleônica a tendência mais característica de toda e qualquer civilização madura.⁹⁵

O historiador alemão acreditava na história como uma evolução contínua e progressiva de culturas. Culturas e civilizações que nascem e morrem, sem deixar vestígios. O imperialismo era, para ele, o estágio de transição para o fim de nossa cultura ocidental. Seria o destino inalterável do homem do século XX. Nada mais justo do que acreditar que um empresário que queria anexar as estrelas seja o 'gênio da raça'.

Rhodes é o paradigma do Imperialismo. Filho de uma família grande (onze irmãos) e razoavelmente abastada ele esteve na África ainda criança, mas devido a problemas de saúde retornou a sua amada Inglaterra 'lugar semelhante a ganhar o primeiro prêmio na loteria'. Volta anos depois ao sul da África para explorar o ouro de Kimberley, porém para sua tristeza só encontra diamantes. Financiado pelos Rothschild e em associação com a Companhia Britânica da África do Sul, funda em 1871 a *De Beers Mining Company* e a *Niger Oil Company*, com apenas 19 anos diriam seus adoradores do Rhodes Scholarships⁹⁶. Com o apoio total da

95. SPENGLER, Oswald. *A decadência do ocidente*. p. 51

96. A Rhodes Scholarships foi criada pela Universidade de Oxford em 1903, aceitando dinheiro de origem e moralidade duvidosa, uma versão menos clandestina dos 'Carbonários', segundo o 'The Independent'. Valoriza a

Inglaterra, o capital financeiro e as recursos naturais abundantes (a *De Beers* controlava 90% dos diamantes do mundo em 1890), Rhodes foi construindo seu império particular de cerca de 1 milhão de km². Grilagem de terras, assassinatos de opositores, controle da imprensa (sul-africana e europeia), invasão de largas extensões de terras na África Oriental (sempre com muita violência), explorando trabalho análogo a de escravo, Rhodes tornou-se senhor dos mundos, capaz de propor a anexação do 'Cabo ao Cairo', um caminho de ferro que interligasse a África de norte a sul. A denominada "linha vermelha", muito mais ambiciosa do que a "linha cor-de-rosa portuguesa"⁹⁷. Um escoadouro de homens e riquezas nunca concluído. Foi nomeado Primeiro Ministro do Cabo pela Inglaterra (exercendo o cargo entre 1890 e 1896), demonstrando os estreitos laços entre as nações, os empresários e a exploração imperialista. Morreu 2 meses antes do fim da Guerra dos Boeres (da qual foi um dos principais responsáveis), enterrado em sua propriedade particular, a Rhodésia (atual Zimbábwe). Poderíamos colocar em sua própria tumba uma de suas célebres frases como epitáfio: "Eu prefiro a terra aos pretos".

Arendt não vê com tão bons olhos tais conquistadores da era imperialista. Segundo a filósofa e historiadora alemã o Imperialismo uniu o capital e o homem supérfluos. O capital abundante, sem fronteiras, acumulado pela burguesia na primeira metade do século XIX, encontrou sua '*raison d'être*' na expansão territorial e nesse movimento juntou-se ao 'lixo humano', a mão-de-obra desqualificada e supérflua. Em suas palavras:

O conceito de expansão, a exportação da força de governo e a anexação de todos os territórios que os

coragem, a verdade, a devoção ao comércio e outras baboseiras mais. Entre seus integrantes atuais temos Bill Clinton, Stansfield Turner (diretor da CIA), Bernard Rogers (comandante supremo da Otan) entre outros. Em frente ao portal de entrada, uma estátua imponente em bronze do 'anexador de planetas'. Sai a *De Beers*, entram a *Microsoft*, *McDonalds*, *Coca Cola*.

97. MORENO, Helena Walkin. *O papel da sociedade de geografia de Lisboa na edificação do III império português: a fase expansionista*. II Encontro Nacional do Pensamento Geográfico. USP. 2009. p. 8. Em 1884, na Conferência de Berlim, Portugal apresentou um mapa em que pleiteava além dos territórios de Angola e Moçambique, a porção territorial compreendida entre ambos.

cidadãos tivessem investido a sua riqueza ou o seu trabalho, parecia a alternativa para as crescentes perdas econômicas e demográficas. O imperialismo e sua idéia de expansão ilimitada pareciam oferecer um remédio permanente para um mal permanente.⁹⁸

O lixo humano, o trabalhador desqualificado, o homem supérfluo descritos por Arendt eram a mesma face de uma sociedade pérfida, que explorava recursos, homens e nações sem distinção. Um mundo em que:

O novo desejo de lucro a qualquer preço coincidiu pela primeira vez com a velha caça à fortuna. Garimpeiros, aventureiros e a escória das grandes cidades emigraram para o Continente Negro, juntamente com o capital dos países industrialmente desenvolvidos.⁹⁹

Como diria Marx em “O 18 Brumário”, a história se repete duas vezes. Luís Bonaparte apoiou-se na choldra francesa para chegar ao poder, assim como a burguesia supérflua aliou-se aos mais vis homens da sociedade civil para seu projeto expansionista e explorador. Para a África foi a canalha, o lixo humano, a ralé nas palavras de Arendt, da mesma forma que para Versalhes em 1849 foi o *lumpen-proletariado* organizado, segundo Marx, para estar:

Lado a lado com roués decadentes, de forma duvidosa e de origem duvidosa, lado a lado com aventureiros rebentos da burguesia havia vagabundos, soldados desligados do exército, presidiários, libertos, forçados foragidos das galés, chantagistas, lazzaronis, saltimbancos, punguistas, trapaceiros, jogadores, maquereaus, donos de bordéis, carregadores, literati, tocadores de realejo, trapeiros, amoladores de facas, soldados, mendigos, — em suma toda essa massa indefinida e desintegrada.¹⁰⁰

E Spengler os denominava de ‘futuro da civilização’. Homens que carregavam um fardo, segundo Rudyard Kipling. Certo estava Kurtz e

98. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. p. 180

99. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. pp. 180 e 181

100. MARX, Karl. *O 18 Brumário*. pp. 44 e 45

sua cerca de cabeças africanas. Era a escória.

Mas outros tantos foram um misto de aventureiros, descobridores e idealistas. A visão preconceituosa era amenizada pelas 'boas intenções' em desbravar o mundo e 'civilizar' os bárbaros. Estes sempre passaram pela África em busca de desafios pessoais. A fortuna era sempre bem-vinda, mas como consequência de uma glória maior.

Nos fins do século XVIII, a questão para os exploradores não era mais encontrar o Preste João e sim a nascente do rio Nilo. Nessa busca, Francisco Lacerda encontrou em Katanga (Shaba) as jazidas de cobre (1798). Em 1816, James Kingston Tuckey explorador inglês descobre que o estuário do rio Congo não era o rio Níger como se pensava antigamente. Foi o primeiro estudo detalhado da região produzido por um europeu (das 56 pessoas que estiveram na viagem, 18 morreram de febre).

Richard Francis Burton (1821-1890), foi um capitão e explorador inglês. A Real Sociedade Geográfica Britânica financiou uma expedição chefiada por ele para a região do lago Tanganica em 1857. Burton contou com uma companhia não tão agradável na viagem, a de John Hanning Speke (1827-1864), um oficial inglês sediado até então nas Índias. Após 3 anos, Burton e Speke teriam encontrado na região do Lago Vitória, nas montanhas do Burundi, a nascente do rio Nilo. O conflito entre os dois exploradores, envolvendo não só questões científicas, mas o preconceito de Burton em relação ao homossexualismo de Speke¹⁰¹, terminou sem uma solução para a descoberta ou não da nascente do Nilo. Speke morreu num acidente com arma (ou suicídio), encerrando de forma trágica a disputa entre um Burton tipicamente imperialista e um Speke aventureiro.

101. No filme 'Nas montanhas da lua' Speke teria revelado a descoberta da nascente do Nilo sem consultar Burton por pressão da editora. O diretor dá a entender também que a relação entre Burton e Speke era tensa por existir uma intimidade sexual entre ambos. A controvérsia vem do livro 'Burton and Speke' (1982) de William Harrison, inspiração para o filme de Bob Rafelson (1990).

João de Barros, um explorador português criou um novo mito geográfico no século XVI, o de que o Alto Congo era a nascente do Nilo. Foram necessários quase quatro séculos para David Livingstone¹⁰² negar essa tese em 1871. O LouaLaba, em verdade o alto Congo, não poderia ser a nascente do Nilo. Na década de 1870, David Livingstone chega ao lago Moere (um dos afluentes do Congo) e acerta com Tippu Tib uma nova viagem. Este acompanhou os exploradores por 3 meses. Deixaram a capital do Congo, Nyangwe em 1872, e seguiram rio abaixo. Foi nessa região que Henry Morton Stanley chegou com seus barcos e encontrou-se com Livingstone. Stanley seguiu o curso em direção ao sul e em 1876, após 999 dias de viagem (em mais uma de suas invenções, afinal a viagem durara ao menos 1002 dias), ele mapeou o traçado serpenteado do Congo. Agora o coração da África estava aberto para a conquista imperialista.

John Rowlands nasceu no País de Gales em 1841. Porém foi com outro nome que ficou conhecido nos fins do século XIX: Henry Morton Stanley. Hochschild (1997) o considera um misto de Charles Dickens com Richard Burton. Um jornalista com uma verve inventiva, transformando relatos banais da existência em romances repletos de traições, glórias e reconstruções de imagens de suas aventuras (reais) de exploração.

Suas histórias seguiam os modelos dos 'best-sellers' da época. Sua personalidade adiantava-se a 'sociedade do espetáculo'. Stanley tornou-se uma celebridade, antes do rádio e da televisão. Soube explorar

102. David Livingstone (1813-1873) foi um médico e missionário inglês que passou boa parte de sua vida no continente africano. Entre os anos de 1853-56, ele tornou-se o primeiro europeu a atravessar o continente africano. Começando sua viagem no rio Zambeze, ele viajou do norte para o oeste através de Angola até atingir o Atlântico, em Luanda. Na sua viagem de volta, Livingstone acompanhou o rio Zambezi até sua foz, no Oceano Índico, atualmente localizado em Moçambique. A expedição mais famosa de Livingstone foi em 1866-73, quando explorou a África Central na tentativa de encontrar a nascente do rio Nilo. Sem dar notícias por muitos anos, foi dado como morto. Tanto a Sociedade Real Geográfica Britânica quanto o jornal sensacionalista New York Herald organizaram expedições para encontrá-lo. Stanley um repórter de origem britânica que se transformaria em notável explorador por seus próprios méritos, liderou a expedição do Herald. Em 10 de novembro de 1871, Stanley encontrou Livingstone na cidade de Ujiji, às margens do Lago Tanganica, na atual Tanzânia e teria dito a famosa frase: "Dr. Livingstone, I presume". (Fonte: Biblioteca Digital Universal. <http://www.wdl.org/pt/item/2564>).

com maestria as tecnologias do 'fin de siècle'. Às vezes de forma traiçoeira (Hochschild relata como Stanley subornou um funcionário do telégrafo para receber os relatos de outros jornalistas antes de seu envio e ter a primazia da notícia), outras fantasiosas, o certo é que esse explorador galês (que levou as bandeiras inglesa e estadunidense em suas viagens iniciais e depois o pavilhão belga na conquista do Congo), criou uma lenda em torno de si, muito por suas façanhas e outro tanto por suas invenções. Contudo:

Por baixo de toda essa comoção européia, havia a esperança de que a África se tornasse uma fonte de matérias-primas para abastecer a Revolução Industrial, do mesma forma com que o continente fora a fonte de matéria-prima — escravos — que abastecera a agricultura das colônias. As expectativas aumentaram de forma dramática depois que os prospectores encontraram diamantes na África do Sul em 1867 e ouro uma duas décadas depois. Mais os europeus gostavam de pensar que tinham motivos mais nobres. Os britânicos, em particular, acreditavam fervorosamente em levar a 'civilização' e o cristianismo aos nativos; sentiam grande curiosidade em saber o que havia no interior do desconhecido continente e estavam convictos que queriam combater a escravidão.¹⁰³

Suas histórias eram retransmitidas pelos jornais e contavam com um leitor ávido: Leopoldo II. Hochschild apresenta a 'perseguição' do rei ao aventureiro e finalmente o encontro entre os dois, passo importante para a exploração do Congo, futura colônia belga. O custo das viagens seria maior, pois Stanley viajava sempre com um séquito de soldados armados, dezenas de embarcações e provimentos sem fim. Sua fama de condutor brutal das expedições e do menosprezo aos povos africanos só apareceu anos após sua morte.

Os relatos de Stanley denunciavam outra prática: o mapeamento econômico, geográfico e etnográfico da África que irá permitir posteriormente a exploração imperialista. Stanley anotava tudo (às vezes

103. HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo*. P. 34

valorizando seus dados), desenhava suas viagens, desnudava o coração do continente. Ler seus relatos hoje:

[...] é ver o quanto suas viagens foram um ato de apropriação. Ele está sempre medindo e registrando coisas, temperaturas, quilômetros percorridos, profundidade de lagos, latitudes, longitudes e altitude (que ele calculava medindo a temperatura que a água fervia). Carregadores de confiança levavam as cargas frágeis contendo termômetros, barômetros, relógios, bússolas e pedômetros, é quase como se fosse um topógrafo, mapeando o território que cruzava para seus futuros donos.”¹⁰⁴

A ‘descoberta’ da bacia do rio Congo por Stanley foi uma dessas apropriações. Leopoldo II financia Stanley de 1879 a 1884 (vésperas da partilha). Aos poucos o nome do rio passa a ser, intencionalmente, confundido com toda a região desejada pelo rei dos belgas. Stanley parte para a nova região do Congo com armas, dinheiro e a força de tratados jurídicos forjados para constituir uma ‘federação de pequenas nações negras’, nas palavras de Leopoldo II. Sempre com um sentido humanitário e renovador. Dessa forma,

[...] Quando Stanley e seus oficiais terminaram o trabalho, a bandeira azul com a estrela dourada tremulava sobre aldeias e territórios de mais de 450 chefes tribais da bacia do Congo, segundo o próprio Stanley. Os textos variavam um pouco, mas a maioria davam a Leopoldo II o monopólio exclusivo sobre o comércio, isso apesar das garantias constantes, cujo intuito era aplacar inquietações européias e norte-americanas de que o rei estava abrindo a África ao livre comércio. Mais importante ainda, os chefes tribais entregaram suas terras a Leopoldo e o faziam por uma ninharia. Em Isangilda, perto das grandes corredeiras, ele comprou as terras necessárias para a construção de um posto pagando aos chefes ‘ uma quantia razoável de tecidos finos, paletós de librés, fardas com alamares vistosos, sem esquecer algumas garrafas de gim’. Os conquistadores da África, assim como os do Oeste americano, estavam descobrindo que o álcool era quase tão eficiente quanto as metralhadoras.¹⁰⁵

104. HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo*. P. 61

105. HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo*. P. 81

Stanley demarcara para Leopoldo a colônia de um homem só. Nascia o Estado Livre do Congo.

2.4. A BÉLGICA ANTES DO CONGO

"Mes chez amis je vais vou parier aujourd'hui de votre patrie: La Belgique..." (Tintin, desenho do belga Hergé, ensinando História para alunos no Congo)

Geograficamente, a Bélgica pode ser dividida em três regiões: as terras do norte, muito baixas (em média estão em depressões absolutas) que foram ocupadas por holandeses (os povos flamengo). Na Alta Idade Média, as feiras comerciais dessa região norte, denominada de Flandres, tornaram-se centros do renascimento comercial e urbano europeu. Com a reforma protestante, Flandres adere majoritariamente ao calvinismo. No sul temos os maciços antigos (montanhas antigas com altitudes de 200 a 600m), separadas das planícies pelos rios Mosa e Escalda. A Valônia como atualmente é denominada essa região, é de maioria francesa e católica. Ao sudeste temos a terceira região desse pequeno país europeu, a Ardenas. Também de maioria francesa, essa região de colinas calcárias tornou-se a partir do século XIX uma área riquíssima devido à existência de imensas jazidas de hulha que permitiram o aparecimento de uma poderosa indústria pesada no país.

Na baixa Idade Média a região em que futuramente seria

a Bélgica foi sucessivamente ocupada. Clóvis, o Meroveu foi o primeiro a colocar a região dos Países Baixos em seu reino. Ali também Carlos Magno centralizou seu império carolíngio. Após o Tratado de Verdun (843) a região se divide em vários principados. A partir do século XI, a futura terra de Leopoldo II, integrou o imenso feudo do Ducado de Borgonha. Durante vários séculos a região ficou conhecida como Lotaríngia (Lorena em espanhol). Segundo os historiadores belgas, foi uma fase de prosperidade econômica e cultural para o país.

A Espanha ocupou a Bélgica entre os fins do século XVI e início do XVIII. Nesse período, os Países Baixos (a denominação da região que incluía a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo) foram divididos em Países Baixos do Norte (Holanda, incluindo a Flandres) e Países Baixos do Sul (Bélgica e Luxemburgo). Com o Tratado de Utrecht (1713) a região passa ao controle do Império Austríaco dos Habsburgos. A centralização excessiva do poder austríaco desagradou a burguesia e os intelectuais belgas que em 1789 organizam uma revolução inspirada na vizinha França. Após quatro anos de embates, a região passa ao controle francês. No período napoleônico, a cultura francesa foi imposta aos flamengos, desagradando às elites locais. Não é mera coincidência que as tropas britânicas contassem com apoio de soldados belgas na batalha de Waterloo. Flandres ansiava pela autonomia e a Inglaterra pela criação de uma faixa litorânea na parte continental do Mar do Norte. Com a derrota francesa em 1814, Inglaterra e Prússia decidem criar um país forte (e neutro) o suficiente para impedir novas tentativas expansionistas francesas. Começava o período do domínio holandês sobre a Bélgica. Guilherme I de Orange tentou incorporar a região da Valônia. Os Países Baixos reunificados teriam apenas um rei, uma cultura e uma língua: o neerlandês.

Inaugurando a segunda leva de revoluções burguesas em

1830, a Bélgica faz sua independência da Holanda. Rebeliões ocorreram em varias cidades da província de Brabante, e depois nos grandes centros como Bruxelas, Liege e Antuérpia. No final de novembro daquele ano o Congresso da Bélgica, agora independente, decide pelo estabelecimento de uma monarquia constitucional. Devido ao ataque do príncipe de Orange a cidade de Antuérpia, os congressistas excluem a dinastia de Orange-Nassau da nomeação do soberano e indicam o delfim Luís, filho de Luís Felipe I, rei da França para ser o primeiro rei dos belgas. Preocupado com a guerra com a Holanda, Luís não aceita a indicação e em janeiro de 1831 com a concordância da Inglaterra e da Prússia é nomeado Leopoldo de Saxe-Cobourg (duque da Saxônia) como o primeiro rei do país.

Leopoldo era natural da Baviera e sua história pessoal nos revela um pouco da promiscuidade monárquica no continente europeu. Período em que o critério para o comando do Estado era a distinção social, o bom nascimento. Rousseau não se conformava com a monarquia e sua falta de representatividade e competência. Para o iluminista:

Um defeito essencial e inevitável que sempre colocará o governo monárquico abaixo do republicano é que neste o voto público quase sempre eleva aos postos homens esclarecidos e capazes, que os preenchem com honra, enquanto os que surgem nas monarquias não passam, comumente de pequenos trapalhões, pequenos intrigantes, cujos pequenos talentos, que nas cortes facilitam o acesso aos grandes postos só servem para mostrar ao povo assim que ascendem, sua inépcia.[...] Por pouco vasto que seja um Estado, o príncipe é sempre muito pequeno.¹⁰⁶

Aos cinco anos foi nomeado coronel do exército russo. Casou-se pela primeira vez com a princesa de Gales, Charlotte Augusta e acabou herdando por um ano o reino britânico. Com a morte da princesa em 1817, passa a viver às custas da monarquia britânica. Consegue o casamento de sua irmã Victória com o duque de Kent, irmão do rei da Inglaterra.

106. ROUSSEAU. *O contrato social*. Editora Abril. São Paulo. P. 90.

Anos após, sua sobrinha ascende ao trono e torna-se a mais importante rainha da Inglaterra em sua história: Vitória. Expulso do solo britânico na década de 20, Leopoldo casa-se novamente com Louise de Orleans, filha do rei da França Luís Filipe I. Suas boas relações com os diversos reinos e seu parentesco direto com a rainha da Inglaterra o levam ao trono belga, assumindo como Leopoldo I, o primeiro rei dos belgas. Seu primogênito, Luís Felipe, falece em 1834. No ano seguinte nascia nosso anti-herói: Leopoldo, duque de Brabante e príncipe da Bélgica. Com a morte de seu pai em 1865, o herdeiro ascende ao trono como Leopoldo II e fica no cargo por exatos 44 anos (assumiu o trono e faleceu anos após no mesmo dia 17 de dezembro). Duas décadas depois ele se auto-intitula rei do Congo e por 23 anos transformou o centro da África numa propriedade particular sua, expropriando as riquezas do país¹⁰⁷ e massacrando seu povo, sem nunca ter pisado o solo de 'seu' reino africano.

Qual seria o papel desse novo país? Trata-se de um enclave no coração da Europa, estrategicamente situado entre a França, a Prússia e a Holanda. Seu litoral está do outro lado do canal da Mancha, no mar do Norte. Uma saída e entrada para a grande potência européia, a Inglaterra, a qual encontrou na Bélgica um país neutro, ou na prática uma terra quase britânica na região continental do Velho Continente.

Pirenne cita que mesmo em 1914 a visão de que a Bélgica era um país artificial persistia:

Privado de uma unidade geográfica, de uma unidade de raça e de língua, ela existe apenas pela tolerância européia e pelo longo processo de uma região em paz na conjuntura internacional sempre em busca

107. Rousseau afirma que "É difícil que aquele a quem o Estado se vendeu por sua vez não o venda e não se indenize, à custa dos fracos, do dinheiro que lhes extorquiram os poderosos. Numa tal administração, cedo ou tarde tudo se torna venal e a paz, de que então se goza sobre os reis, é pior do que a desordem dos interregnos. (*O contrato social*. P. 91)

de seus benefícios. Sempre esperando uma crise iminente. Guilherme I não cessou de esperá-la, Napoleão III a deu como certa, a pressa britânica garantiu a revolução com a morte de Leopoldo I e as agitações democráticas e os movimentos flamengos, pressa pangermanista da Alemanha que não cessou de declarar que também desejava a região.¹⁰⁸

No mesmo sentido de um país-tampão, de uma neutralidade à serviço de sua majestade, a rainha da Inglaterra, temos Paul Oswald:

La rivalidad de las potencias dió lugar a una nación nueva que a nadie pertencia y cuya neutralidad todas ellas garantizaban. Sobre todo Inglaterra, ahora, como al principio del siglo XVIII y como em tiempos anteriores, estaba sumamente interesada en no tener na Europa, enfrente precisamente de sus costas, um estado continental potente.¹⁰⁹

Com Leopoldo II, o papel de apêndice britânico se fortaleceu. No final da década de 60, Prússia e França tentaram dividir a Bélgica e mais uma vez coube à Inglaterra impedir a fragmentação. Oswald relata que:

El peligro corrido por Bélgica indujo a Inglaterra a cerrar, en agosto del 70, un pacto com cada una de lãs potencias adversarias concebido em el mesmo sentido. Ambas se comprometieron a respetar la neutralidad de Bélgica en tanto que asi lo hiciera la potencia enemiga, mientras Inglaterra prometia acudir a su defesa tan pronto como cualquiera de los beligerantes rompiera esa neutralidad.¹¹⁰

Nessa curta história, a Bélgica tornou-se um dos países mais industrializados da Europa. Proporcionalmente, era o país com maior quilometragem de ferrovias do mundo. Indústrias têxteis no norte. Mercados de jóias em Antuérpia. Ao sul as indústrias pesadas de carvão e aço abasteciam as ferrovias belgas desde a metade do século XIX. Nessa época Ernest Solvay desenvolve um método para a obtenção de carbonato de sódio, produto químico essencial na fabricação de milhares de produtos

108. PIRENNE, Henri. *Histoire da belgique. De la révolution de 1830 à la guerre de 1914*. Volume 7. Pp. 377-378. Maurice Lamertin Editeur. Bruxelles. 1932

109. OSWALD, Paul. *Bélgica*. 2ª Ed. Coleccion Labor. Editorial Labor. Barcelona. 1932. P. 120

110. Idem, ibidem. Pp. 132-133

como o vidro, papel e sabão. A *Solvay* é atualmente a 2ª maior indústria química do mundo. Os pouco mais de 6 milhões de habitantes em 1870 (52% em Flandres e 48% na Valônia) desfrutavam de uma economia rica e diversificada. Porém, a classe trabalhadora vivia na penúria. O país utilizava crianças e mulheres em profusão para baratear custos. Pode-se dizer que viviam em condições piores do que a dos operários ingleses observados por Engels décadas antes.

O caminho estava pronto para Leopoldo II. A Bélgica era rica e a Inglaterra a protegia. Sua busca pela tão sonhada colônia começava. Ásia, Austrália, Brasil e, finalmente o centro da África, esperavam a pilhagem. O Congo venceu a batalha.

2.5. O REI LEOPOLDO II EM AÇÃO

A Bélgica, longe de ser considerada uma potência imperial, tratava-se de um centro “secundário”, todavia ela tornou-se uma das maiores protagonistas da divisão africana. Para muitos a Bélgica foi aceita no clube dos países imperialistas por seu papel irrelevante no comércio mundial, pois era melhor um país despretensioso controlar extensas faixas de terra no continente africano, do que uma Alemanha Bismarckiana, em processo de unificação, industrializada e poderosa, o fazer. Sua fragilidade foi um trunfo. Por outro lado, a presença de um monarca megalomaniaco, mas perfeitamente inserido na lógica imperialista, Leopoldo II, o rei dos

belgas completou o quadro que permitiu a existência do Estado Livre do Congo.

Ainda antes de ascender ao trono, Leopoldo pretendia construir um imenso império belga. Alçado ao poder em 1865 iniciou sua busca por uma região colonial que cumprisse sua profecia. Alguns anos após sua posse como monarca, seu desejo expansionista pareceu viabilizar-se. Geógrafo nas horas vagas, Leopoldo encontrou na África seu objeto. Relatos de missionários como o de Livingstone e sua descoberta da nascente do Nilo, ou histórias de comerciantes se enriquecendo como a de Cecil Rodhes e suas minas de diamantes no sul da África, região na qual o conquistador britânico chegou ao cúmulo de anexar todo um país que, posteriormente, recebeu seu próprio nome, a Rodésia (para um homem que, até os planetas poderiam ser dele, como vemos na epígrafe inserida na apresentação deste trabalho um país era algo muito pequeno).

Mas foi por meio de um explorador-jornalista galês (radicado nos EUA), Henry Morton Stanley, que o rei belga encontrou sua profecia pessoal de colonização: o Congo. Stanley conseguira delimitar todo o curso da bacia do rio Congo em 1876, após vários anos de exploração e no ano seguinte, serviria fielmente ao rei dos belgas numa nova viagem: a delimitação do território na África Equatorial a serviço da Bélgica.

O continente africano possui dois grandes desertos, um ao norte, o Saara (o maior do mundo, com uma área geográfica superior a do Brasil) e o outro ao sudoeste, o deserto do Calaari, além disso, encontramos várias faixas de climas quentes e secos com solos não muito férteis. Na costa oriental também encontramos várias partes anecúmenas, formadas por montanhas recentes. Nesse meio 'hostil', o Congo, localizado no centro geográfico do continente africano é uma região privilegiada. Trata-se de uma imensa área florestada com um clima úmido em boa parte do ano, que

tem suas terras cortadas sinuosamente por um imenso rio de mesmo nome da região.

E é este caminho fluvial que foi o céu e o inferno dos exploradores. Os últimos 200 quilômetros do rio Congo que desembocam no Atlântico são serpenteados por dezenas de cachoeiras e desfiladeiros, os quais venceram milhares de homens, mas premiaram aqueles que o desafiaram como Stanley (o qual em sua própria homenagem nomeou vários acidentes geográficos como a 'Stanley Falls' ou a 'Stanley Pool', hoje lago Malebo).

Por suas condições físicas, o Congo é uma espécie de 'Pivot Central' africano. Riquezas naturais abundantes; paisagem climato-botânica adequada; travessia para o interior pelas vias fluviais, tanto no sentido latitudinal quanto no longitudinal; além do fácil acesso aos dois oceanos: o Índico e o Atlântico.

Tal descrição procura seguir a interpretação de Mello do *materialismo geográfico*¹¹¹, segundo a qual, teóricos como Mackinder defendiam que a história das coletividades estaria fortemente condicionada pelas características do meio ambiente, pois as mesmas permanecem pouco alteradas, mesmo com a evolução tecnológica e, dessa forma, a história desses povos teria ou uma tradição marítima (insular) ou uma continental (mediterrânea).

O Congo poderia, após sua conquista, ser inserido na condição mediterrânea, portanto a de uma nação "continental" e mais do que isso, brincando com a famosa assertiva Mackenderiana e com a descrição geográfica feita acima de que: '...Quem domina a Congo, controla a Heartland, quem controla o rio Congo, domina a África...'

111. MELLO, Leonel Itaiçu Almeida. *Quem tem medo da geopolítica?*. p.35.

Concluído esse processo, da descoberta, passando pela delimitação, até o reconhecimento mundial em 1885, Leopoldo II passaria a contar com uma colônia privada que correspondia a mais de 77 vezes o território de sua terra natal, a Bélgica.

CAPÍTULO 3 – A CONQUISTA

3.1. AS SOCIEDADES GEOGRÁFICAS

O Imperialismo belga tem um novo capítulo em setembro de 1876, quando Leopoldo II inventa a Associação Internacional Africana (AIA), um aglomerado de geógrafos, botânicos, aventureiros, geólogos e outros cientistas, os quais teriam como objetivo central estudar o continente negro e, em especial, a região mapeada por Stanley, a bacia do Rio Congo. Oficialmente a AIA era um comitê de nações interessadas em instalar “postos hospitaleiros, científicos e pacificadores, visando abolir a escravidão e estabelecer a concórdia entre os chefes”.

Leopoldo II, em seu discurso de boas-vindas aos convidados a 1ª Reunião da AIA demonstra suas nobres intenções:

Abrir para a civilização a única parte do globo ainda infensa a ela, penetrar na escuridão que paira sobre povos inteiros é, eu diria, uma cruzada digna deste século de progresso (...) Pareceu-me que a Bélgica, um país central e neutro, seria o lugar adequado para um tal encontro (...) Será preciso dizer que, ao trazer os senhores a Bruxelas, não fui guiado por nenhum sentimento egotista? Não, cavalheiros, a Bélgica pode ser um país pequeno, mas está feliz e satisfeita com seus rumos, e eu não tenho outra ambição que não seja a de servi-la bem.¹¹²

‘Coincidentemente’, no ano seguinte, a Bélgica funda a sua Sociedade Real de Geografia. No discurso de inauguração da mesma quem pronunciou as primeiras palavras? “...his Majesty Leopold II, king of the

112. HOSCHSCHILD. Adam. *O fantasma do rei Leopoldo*. São Paulo. Cia das Letras. 1998. pp.54-55

Belgians..."¹¹³.

Segundo Horace Capel o aparecimento de Sociedades Geográficas pelo mundo, em especial no continente europeu, foi um movimento relacionado à segunda fase da institucionalização da Geografia como ciência. Durante o século XIX centenas de Sociedades Geográficas apareceram pelo mundo. A primeira delas foi a de Paris em 1821, porém a grande maioria delas nasceu na segunda metade do 'novecentos', tempos de imperialismo.

O *Bulletín*¹¹⁴ nos informa que em 1886 existiam 26 Sociedades Geográficas na França e 24 na Alemanha. Mais recatadas, Inglaterra e Itália, possuíam seis cada uma. A Bélgica, duas. O número de membros variava entre os 18 mil sócios franceses e os 1300 belgas. As vésperas da República, o Brasil contava com 430 sócios em 3 Sociedades Geográficas.

Sem perder de vista a ideia de que tais associados buscavam o desenvolvimento da Geografia, estas sociedades serviram, em princípio, como sustentáculos da expansão neocolonial imperialista. A Geografia, como ciência em formação, construindo seus paradigmas, suas caixas-pretas, possuía essa história um pouco ambígua e nelas as Sociedades Geográficas:

[...]desempenharam um papel decisivo na criação de um ambiente geográfico e no desenvolvimento desta ciência, mas se pode também considerar sua íntima ligação com a expansão colonial[...] ¹¹⁵.

Mas não foi só isso. Para alguns países como a Alemanha e a Itália (ambas em processo de formação), a Geografia não só era o arcabouço da conquista, mas a justificativa do território em nascimento. Hobsbawm¹¹⁶

113. STANLEY, Henry. *Through the dark continent*. 1988. pp.172

114. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume X. p. 165.1886

115. CAPEL, Horace. *Filosofia y ciencia en la geografia contemporánea*. Pp.173-174

116. HOBBSAWM, Eric. *A era do capital*. Pág. 134. 13ª ed. 2007

nos conta que 2,5% dos habitantes da 'Bota' falavam a língua de Dante em 1860, período da unificação. O desconhecimento da nova língua era tal, que os sicilianos teriam confundido os professores de italiano enviados à ilha, com ingleses. Ilustra ainda esse nascimento do nacionalismo sem nações da segunda metade do século XIX com o exemplo de Massimo d'Azeglio, quando o político e artista turinense proclama: "Fizemos a Itália; agora precisamos fazer os italianos." Cabia então a Geografia a delimitação do espaço físico em que a História iria ser produzida.

Um exemplo desse discurso de construção nacional por meio da Geografia encontramos na fundação da Sociedade Geográfica Italiana, instituída em agosto de 1868, ou seja, três anos antes da Unificação daquele país. Tal fato por si só já confirma a tese da "invenção da Itália". No artigo segundo da Sociedade Italiana encontramos o seguinte:

Art.2º

Scopo della Società è il progresso della scienza geografica in qualunque suo ramo, e ad ottonere um tale intento,

a)...

b)...

c) si promuoverà ogni studio specialmente diretto allá esatta conoscenza del suolo italiano...
(grifos nossos)

Ou seja, desenvolver a ciência e estabelecer os limites territoriais do futuro país. Na prática, a caixa-preta foi elaborada para a "[...]produção de um discurso geográfico comprometido com os interesses da elite."¹¹⁷ Concordamos com Latour em sua definição de como são feitas as caixas-pretas, ou construídos os paradigmas, na definição de Thomas Khun. Para aquele:

117. NETO, Manoel de Sousa Fernandes. *Senador Pompeu*. 1997. p.9

"a expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexos demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que nela sai..." ¹¹⁸.

Resumindo, a sociedade de cientistas constrói um modelo, avesso às críticas e dúvidas, depois cerra-o e o considera como válido e universal impondo suas verdades 'ad aeternum', até que apareça um novo paradigma, então aquele será despejado no fundo do esquecimento.

Dessa forma, políticos e cientistas se apropriam da História e da Geografia, delimitam um território, impõem uma cultura unificada, definem um passado em comum, inventam a nação e criam o Estado para o deleite da classe dominante.

118. LATOUR, Bruno. *Ciência em ação*. P. 14. 1998.

3.2. A Revista da Sociedade Geográfica Belga

O ano era de 1877, em pleno início da fase de declínio dos 'ciclos longos' de Kondratieff. Nele Thomas Edison patenteava mais um de seus inventos: o fonógrafo, que tanta companhia fez à sua Majestade Leopoldo II, rei dos belgas. Passara-se apenas um ano que Henry Morton Stanley 'descobrira' o rio Congo. A Geografia 'maravilhosa', nas palavras de Yves Lacoste, estava em seu auge. Sociedades de Geógrafos e Exploradores cresciam de forma exponencial pelo mundo.

O discurso a seguir inaugurava uma delas, a Sociedade Real Geográfica da Bélgica, e foi publicado posteriormente em seu boletim anual. Entre os pontos principais assim fluía:

A ciência Geográfica não pode servir só a si mesma. Malgrado o progresso que temos observado nos meios de comunicação e nas explorações em nosso século, a Terra não é mais um lugar desconhecido [...]

A Geografia deve ser utilizada para a construção dos Estados Independentes [...] não à sua fragmentação, e sim ao seu progresso (citando os casos 'recentíssimos' da Prússia e da Itália), baseado na história. [...]

A importância de um país não está na sua história somente, nem na sua população, mas na sua densidade demográfica, nas suas faculdades físicas e psíquicas, na sua riqueza agrícola, comercial e industrial, nas suas finanças, nos recursos da terra e do mar, que servem para abastecer as necessidades das pessoas, nos transportes, nas comunicações, nas rotas, nas ferrovias, nas hidrovias, no sistema postal, nos telégrafos, etc.[...] O conhecimento do globo enfim, é uma das mais nobres paixões do homem. É ele que inspira às viagens de descoberta e os conhecimentos que trazem estes atos mais sublimes de coragem e audácia, de constância e abnegação.

(J. Liagre, Les sciences geographiques. Bulletin. Société royale belge du géographie. Première année. 1877. pp.6-12. Tradução nossa.)

Jean Baptiste Joseph de Liagre (1815-1891) foi um general

e Ministro da Guerra de Leopoldo II. Filho de um ourives, Liagre nasceu em Tournai. Entrou para a Escola Militar aos 19 anos. Destacou-se nos estudos Matemáticos. A maioria de suas obras iniciais versam sobre probabilidades matemáticas, geometria e cálculos. Segundo seus biógrafos, demonstrava uma capacidade de liderança e rapidamente foi galgando postos na hierarquia militar. Ascendeu aos postos de Tenente (1845) e quando se tornou Capitão, assumiu a função de diretor do Observatório Astronômico, ficando quase uma década no posto.

Paralelamente aos estudos científicos, Liagre dedicava-se ao ensino militar na Escola de Engenharia. Dessa forma, trilhou o caminho tradicional dos geógrafos antes da Geografia institucionalizada, dedicando-se às ciências exatas e a observação empírica do mundo. Em 1850 assumiu a cadeira de Topografia na Escola Militar. Como Major (1859) participou das negociações fronteiriças entre Inglaterra, Bélgica e Prússia sobre as regiões de Liège e Limbourg (até o Monte Kemmel).

Passa a ministrar aulas de Metodologia e ascende ao posto de Coronel e logo a seguir ao de General do Estado Maior em 1870. Presidiu o conselho que elaborou a Conferência Geográfica convocada pelo rei Leopoldo II, a qual deu origem a Associação Internacional Africana (AIA). Seu discurso (em verdade um ensaio) de abertura na Sociedade Geográfica citava Ritter e Humboldt, demonstrando que Liagre era também um estudioso da ciência do espaço. Em 1877 assume o posto de Presidente da Comissão Central de Estatística, mesmo ano em que publica o discurso-ensaio "*Les sciences géographiques*" no *Bulletín* da Sociedade Real Geográfica da Bélgica. Dois anos depois, sob ordens expressa de Leopoldo II, Liagre é nomeado Ministro da Guerra e fica apenas dois anos no cargo, pois em 1880 ele se retira da vida pública e passa a se dedicar aos estudos científicos.

Após quatro anos de auto-exílio, ele escreve um novo ensaio

para o *Bulletín*, “*Les marées*”. Membro de dezenas de Academias Científicas pelo mundo, Liagre propõe em 1890 a introdução de um Meridiano inicial na cidade de Greenwich e a criação de um sistema racional e universal de horas com 24 fusos de 15º de arco, equivalentes a uma hora, sua última e mais importante contribuição às ciências astronômicas.

Liagre foi um típico homem do século XIX, um gênio da raça como Rhodes, infelizmente para ele sem a riqueza do britânico. Tratado pelos imperialistas (e racistas por extensão) como um exemplo para as tribos escuras, atrasadas e bárbaras do mundo africano. Que fardo teriam esses brancos europeus, descendo o sinuoso e acidentado rio Congo, apenas para levar os ventos da Civilização. Mas a vontade de Deus estava com eles.

O primeiro *Bulletín*, aberto com o ensaio de Liagre, secretário-geral da Sociedade Geográfica da Bélgica¹¹⁹ em seus primeiros anos, conta com a colaboração de dezenas de ‘geógrafos’, em sua maioria militares como o ‘pai’ de Greenwich. Afinal dos cerca de 523 sócios iniciais da Sociedade Geográfica da Bélgica em 1877, 223 eram militares (só 2 da marinha), totalizando 42,6% dos integrantes.

Numa era de Geografia sem geógrafos, 72 membros eram professores (e destes só 2 eram universitários), ou 13,7%. Empresários e diretores de escola eram em número de 33 cada um (cerca de 7%). Havia 28 funcionários de alto escalão e entre as profissões liberais, destacava-se a de engenheiro com 25 sócios (pouco menos de 2% do total). A presença de engenheiros e matemáticos (encontrados entre os 72 professores citados acima), era outra característica tradicional do período, afinal os cursos de Geografia nasceram longe das Ciências Humanas e próximos das

119. Entre a fundação em 1876 até o ano de 1881, a denominação era a de Sociedade Geográfica da Bélgica. A partir de 1882 ela se altera para Sociedade Real Geográfica da Bélgica. A influência do rei continuava crescendo.

Politécnicas.

No total havia cerca de 40 profissões distintas. Além disso, havia a presença de alguns proprietários de terra, de deputados, senadores, condes, cônsules e membros do clero. Os setores médios e a pequena e média burguesia constituíam a quase totalidade dos integrantes da Sociedade. Do outro lado, a arraia miúda, um só pobre coitado! Militares, funcionários do estado, educadores, burgueses, grandes proprietários, nobres, profissionais liberais e quase ninguém do povo. A Geografia nasceu para o comércio e para a Guerra e para os interesses do capital.

Outro grupo que irá aparecer ao longo dos anos será o dos 'aventureiros'. Militares, comerciantes, missionários, pessoas à procura de desafios e riquezas e a respeitabilidade que a origem social se negara a fornecer. Abrem fronteiras, constroem os mapas e inauguram um processo de expropriação individual ampliados à escala de uma Nação.

No primeiro volume, temos um depoimento de Henry Stanley (o maior de todos os aventureiros africanos), mergulhando no 'continente escuro' e duas seções que irão se repetir por toda a coleção e fornecem subsídios para o presente estudo, as "Explorações Africanas" e as "Crônicas Geográficas".

Temos ainda Leopoldo II convidando diversos chefes de Estado para a Conferência Geográfica que iria se realizar em setembro de 1876 da seguinte forma:

[...] as expedições africanas respondem a uma ideia eminentemente civilizacional e cristã: abolir a escravidão na África, temeridade que ainda envolve aquela parte do mundo, e reconhecer e mapear os

recursos que parecem imensos, em uma palavra, ir lá servir-se de seus tesouros a civilização, esse é o destino da cruzada moderna que dignifica nossa época.¹²⁰

Propõe a instalação da 1ª Estação Científica e Hospitaleira, sob a administração da AIA, para todos os homens de ciência e para o 'orgulho da Bélgica'. Leopoldo II vai além, define o lugar de tal empreitada humanitária e seus objetivos:

...as bases de operação sairão da costa de Zanzibar e irão até próximas da embocadura do Congo (sua futura colônia pessoal), sempre instaladas por tratados selados com os chefes locais, justos e desinteressados (...) estabelecer rotas para abolir a escravidão...¹²¹

O discurso de sua Majestade é perfeito em seu cinismo. A Europa quer apenas levar a civilização cristã para os confins africanos. Quer abolir a escravidão — a qual ela explorou por mais de três séculos, de forma sistemática, pilhando, destruindo e roendo o continente africano — para levar uma nova forma de trabalho forçado. Mas não esconde seus desejos mais íntimos, quais sejam os de mapear os recursos aparentemente infintos e desfrutá-los, o que acabou por fazer durante um quarto de século.

Alega que pretende apenas reconhecer os recursos naturais africanos e não iniciar uma etapa neocolonial da exploração das matérias-primas, talvez de forma mais brutal do que a realizada na era Moderna. Uma cruzada 'digna' com suas instalações Hospitaleiras e Científicas, eufemismo para bases comerciais dos interesses imperialistas. Mas ao final, Leopoldo II deve ter vertido lágrimas de seus ouvintes, ávidos pelos tesouros africanos, ao afirmar que tudo isto seria feito em comum acordo com chefes locais, justos e desinteressados. Nada sobre torturas, assassinatos em massa e escravidão de milhões de habitantes do Congo. Um primor de desfaçatez.

120. Bulletin. *Société Belge de Géographie*. Volume I. p. 256.1877

121. idem. pp. 258-259

A caravana humanitária receberia 13 milhões de francos para a construção de sua primeira base em Zanzibar (1877), além de mais 20 milhões de francos para sua manutenção, garantindo ainda que todo investimento seria de capital privado, e de que aquele valor não seria um teto, devido a imprevisibilidade da façanha.

A título de comparação de valores, D. Pedro II encomendou quatro navios a vapor da França em fins de 1860 para modernizar as rotas do Rio a Buenos Aires e da América do Sul à França. Cada um deles transportavam carga de até 50 toneladas e até 174 passageiros em seus mais de 100 metros de comprimento. Em poucos anos tais navios foram responsáveis por dobrar o comércio externo da França com os sul-americanos. O Navarre (Rio Grande), o principal dos quatro navios, custou 2 milhões de francos, ou seja em dois anos a hospitalidade europeia custaria o equivalente a 16 navios a vapor da época. Todo este investimento belga, claro, seria sem nenhum interesse comercial, somente civilizacional.

A seguir Leopoldo II diz que terá de permanecer como presidente da Associação Internacional Africana (AIA), definindo inclusive sua bandeira, que irá tremular pelos campos africanos: toda azul com uma estrela dourada ao centro. Curiosamente, a União Europeia (UE), pouco mais de um século após, adotará a mesma cor em sua bandeira e terá a mesma estrela dourada (só que em número de 12). Para não acreditar que a História se repete, a sede administrativa tanto da AIA quanto da atual UE foi e é a mesma cidade de Bruxelas.

Ao término do primeiro *Bulletín* temos a descrição de diversas Sociedades Geográficas que estiveram presentes no Congresso Belga. Vejamos a lista dos geógrafos presentes:

- Sociedade Geográfica da Alemanha, representada pelo

príncipe de Reuss, Henrique XIV por sua exploração na África Equatorial;

- Afrikanische Gezellsschaft in Wien, da Áustria, por meio de seu protetor supremo, o Imperador Rodolfo;
- Associação Espanhola pela Exploração da África, com o rei da Espanha como presidente;
- Hungria, com sua alteza Felipe;
- Itália, com o príncipe Humberto;
- Comitê Africano Neerlandês, presidido pelo príncipe Henri.

Além deles, a Sociedade Geográfica da França mandou representantes, assim como os Estados Unidos com John Latrobe (um advogado, arquiteto, engenheiro e inventor, que pelo jeito nas poucas horas vagas de sua múltipla personalidade era também Geógrafo) e a Suíça com Beaumont, foram os únicos a mandar civis. Ausentes da reunião estiveram a Inglaterra e Portugal. Seriam os interesses da ciência os norteadores da reunião?

Esta Dissertação de Mestrado balizou suas pesquisas entre os anos 1885 a 1908 pelos seguintes motivos: a data inicial refere-se a realização da Conferência de Berlim, o Congresso que estabeleceu a Partilha africana. Mais do que isso, foi naquele ano que sua Majestade Leopoldo II foi 'coroadado' soberano do Estado Livre do Congo. Um quarto de século de pilhagens, explorações de trabalho escravo e assassinatos em massa, e o Congo é 'devolvido'. O proprietário da colônia, rei Leopoldo II, vendeu suas posses ao governo belga, encerrando um período histórico, mas sem trazer a liberdade à região equatorial africana. Dessa forma, farei um mapeamento

sucinto dos *Bulletín* entre os anos 1877 a 1884 e depois centrarei atenções no período descrito acima.

OS PRIMEIROS ANOS DA REVISTA (1877-1885)

O primeiro *Bulletín* é publicado no ano seguinte ao da fundação da Sociedade Geográfica da Bélgica. Nele encontramos o discurso de fundação (comentado anteriormente), os membros fundadores e honorários e as audiências e pronunciamentos dos sócios e dezenas de artigos.

Nos anos seguintes, o modelo se repete: artigos relacionados à Geografia, reuniões da sociedade, nomeação dos novos integrantes. Ao longo desses oito primeiros anos, o *Bulletín* trouxe um total de 190 artigos. A África era, disparada, o tema central. Foram 32 artigos (16,8%). Além de referências específicas ao continente africano, encontramos seis artigos relatando os trabalhos da Associação Internacional Africana (AIA), dois relatos de viagem de Henry Stanley (devidamente financiados por Leopoldo II) e quatro artigos exclusivos do Congo. Curiosamente, o Congo só aparece em artigos nos dois últimos anos, ou seja, as vésperas de sua colonização.

Assim temos 44 artigos sobre a África, quase um quarto do total. Para termos de comparação, a Bélgica, terra natal da Sociedade, mereceu 15 artigos (7,8%). E o continente europeu, pobre dele, seu interesse geográfico limitou-se a apenas um texto. Até o Brasil interessou mais aos belgas, foram dois artigos, sendo que um deles inusitado, sobre o café no estado do Maranhão.

Numericamente as 'Crônicas Geográficas' e as discussões acerca da 'Ciência Geográfica' foram predominantes com 38 artigos cada

(20% do total). Aqui cabe um adendo, as denominadas 'Crônicas Geográficas' traziam informações econômicas, históricas e geográficas de várias regiões do mundo. A África aparece em todos os artigos e o Congo em boa parte deles. Depreende-se daí, que os *Bulletín* poderiam ser denominados em verdade de 'Geografia da África e outras curiosidades'. Os artigos 'Geografia do Comércio' aparecem a partir de 1881, trazendo informações das relações comerciais entre os países, apareceram em 20 comentários. Seus artigos relatam as relações comerciais e tem como preferência a região da África.

Num breve relato desses volumes iniciais encontramos nas 'Crônicas' uma expedição belga à África, uma viagem da Associação Internacional para a Exploração e Civilização (sic) da África Central, uma expedição de Maurice de Semellé à África Equatorial, além de diversas viagens da AIA.¹²²

Há um artigo sobre as explorações africanas, financiadas por Leopoldo II, realizadas por Henry Stanley, depois o de sua visita à Bélgica para relatar os achados. Aparece aqui o primeiro mapa do Congo¹²³: a África Equatorial é um imenso vazio a ser descoberto. O rio Congo sequer existe. Vive nas trevas e, para o seu bem, assim deveria ter permanecido.

122. *Bulletín. Société Belge de Géographie*. Volume I.1877.

123. *Bulletín. Société Belge de Géographie*. Volume I. pág. 421.1877.

MAPA 4: O CONGO EM MAPA DA SOCIEDADE GEOGRÁFICA BELGA EM 1876.

Uma imensa bacia ainda a ser descoberta, um rio que sequer existe.

Fonte: Bulletin. Société belge de géographie. Premier Année. pág. 421.1877

Apresenta uma reportagem sobre a excursão da Associação Internacional Africana (AIA) pela rota de Mpwapwa, sob o comando posterior de Ernest François Cambier (1844 a 1909), militar e explorador belga que estabeleceu a primeira ferrovia no Congo (de Matadi a Léopoldville, pela bagatela de 50 milhões de francos). Designado por Leopoldo II como Geógrafo e Astrônomo da expedição, assume a direção da mesma com a morte do líder Crespel. Ao término da sua viagem, ele funda às beiras do lago Tanganica o primeiro posto 'científico' da AIA.¹²⁴

Encontram-se vários textos sobre a Exposição Universal de 1878. Exposições, congressos internacionais e seminários, foram outro tema

124. idem. pp. 193-210 e 472-485

recorrente dos *Bulletín*¹²⁵. Seus relatos apareceram em 20 artigos. Detalhes da primeira expedição da AIA em solo africano, aquela feita por Cambier. Diversos artigos das Crônicas Geográficas sobre expedições e notícias do continente africano.

Stanley nos dá seu primeiro mapa do Congo. O rio aparece pela primeira vez numa carta, nascendo a montante dos Grandes Lagos, descrevendo a imensa curva de 180º sobre a linha do Equador, para desaguar a jusante na costa Atlântica. Visível aqui, que as nascentes do Congo não se confundem (como se acreditava até então) com as do Nilo, localizadas nas 'montanhas da lua'.

Temos um longo texto sobre a "Viagem de Exploração" do major Serpa Pinto em 1876. Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto (1846 a 1900), foi um militar, explorador e administrador colonial português. Esteve na África pela primeira vez explorando o rio Zambeze (1869). Foi designado para a expedição de mapeamento de Angola, a qual relata nos *Bulletín*, pelo governo português com o intuito claro de delimitar e futuramente exigir o reconhecimento daquilo que veio a ser reconhecido como 'o mapa cor de rosa', ou seja, o corredor colonial português passando por Angola e Moçambique.¹²⁶

Continuam os relatos de viagem de Ernest Cambier¹²⁷. Nesse relato aparecem detalhes 'curiosos' como a medida do crânio dos nativos. Cambier conhecia e era adepto das teorias de Franz Joseph Gall (1758-1828), médico austríaco criador da pseudo-ciência conhecida como Frenologia.

Segundo Gall, as faculdades morais e intelectuais do homem

125. *Bulletín. Société Belge de Géographie. Volume III.1879*

126. *Bulletín. Société Belge de Géographie. Volume III. pp. 641-657.1879*

127. *Bulletín. Société Belge de Géographie. Volume IV. pp. 86-114.1880*

são inatas e que sua manifestação depende da organização do cérebro, o qual ele considerava ser o órgão responsável por todas as propensões, sentimento e faculdades. Para ele o cérebro é composto de muitos sub-órgãos particulares, cada um deles relacionado ou responsável por uma determinada faculdade mental. Ele propôs também que o desenvolvimento relativo das faculdades mentais em um indivíduo levaria a um crescimento ou desenvolvimento maior de sub-órgãos responsáveis por eles. Finalmente, Gall propôs que a forma externa do crânio reflete a forma interna do cérebro e que o desenvolvimento relativo de seus órgãos causam mudanças na forma do crânio, que então poderiam ser usadas para diagnosticar faculdades mentais particulares de um dado indivíduo ao se fazer a análise adequada. Estava aberta a porta para o racismo “científico”. O crânio era a prova da desigualdade mental entre os homens e, claro, os negros deveriam ter um cérebro que reafirmasse sua condição de barbárie. O Imperialismo não era um fenômeno econômico isolado, pois sua face de psicologia coletiva era o chauvinismo e na formação do indivíduo o racismo, o preconceito e a justificação das desigualdades.

Detalhes de diversas expedições da AIA e mapas de regiões desbravadas (futuramente colonizadas), como Tanganica. Apresentam também a rota de exploração de Burdo, Mpwapwa, Jusquá e Kouihara.¹²⁸ A Geografia continuava mapeando as riquezas naturais do Congo. Eram fios de uma imensa teia que aos poucos se interligavam à futura conquista.

Em relação aos mapas cabe um comentário: os números também são didáticos em relação aos interesses dos belgas ao desenvolvimento da Geografia. São 32 cartas nesses 8 anos de *Bulletín*. Destas, 13 (40,6% do total) são do continente africano e 12 (37,5%) da Bélgica. Conhecer, mapear, permanecer para poder colonizar.

128. *Bulletín. Société Belge de Géographie*. Volume 4

Há um comentário sobre a navegabilidade do rio Congo e as explorações de Stanley. Primeiros dados do comércio Bélgica-Congo.

Termina com um estudo denominado “História do Trabalho e do Projeto de Colonização dos belgas”, escrito pelo capitão Emile Verstraete¹²⁹. Tal artigo reaparecerá nos dois volumes seguintes. Mais um militar na Revista Geográfica. Verstraete também era historiador, em 1866 lançou uma coleção em 5 volumes (de cerca de 800 páginas cada) sobre a História Militar da Bélgica. O quarto volume tratava de 1500 a 1805, ou seja, antes da própria Bélgica, ou nos períodos ‘Austriaco, espanhol e francês’ da Bélgica, como queria seu autor.

Emile Verstraete apresenta a segunda parte de seu estudo “História do Trabalho e Projetos de Colonização Belga” no ano seguinte. As Crônicas Geográficas trazem textos de Brazza (p.254) e Henry Morton Stanley (p.256)¹³⁰, os dois exploradores que possuíam uma competição particular, o primeiro patrocinado pela França e o segundo, agora pela Bélgica.

Pierre Savorgnan de Brazza (1852-1905), foi explorador e administrador colonial francês (naturalizado, pois nascera na Itália). Entrou para a Escola Naval francesa e contou com a admiração do Ministro da Marinha e das Colônias, Montaignac, para poder galgar postos nas forças armadas daquele país. Entre 1875 e 1879 fez sua primeira expedição para a região do Congo. Em sua segunda missão exploradora (1879-1882) criou a estação da AIA entre Ogooué e Alima, iniciando as disputas franco-belgas pela região do Congo.

Num ‘tratado’ com o líder dos Tekés, Makoko, ele funda

129. idem. pp.674-680

130. Bulletin. *Société Belge de Géographie*. Volume V.1881

Franceville em frente a Stanley Pool em 1880. Na terceira missão (1883-1885), Brazza é nomeado comissário da República Francesa, fundando uma série de entrepostos comerciais entre Ogooudé e o Congo. Estabeleceu a colônia francesa do Congo, incluindo a criação de Brazzaville e o controle de Loango e Pointe Noire, contrapondo-se dessa forma aos interesses da recém-criada Associação Internacional do Congo (AIC). Um ano após o Congresso de Berlim, Brazza é nomeado Comissário Geral do Congo Francês, organizando e expandindo os limites da região colonial para Sangha e Bénoué (atual Camarões). Demitido em 1898 pelo governo francês, Brazza retornou ao Congo sete anos depois para investigar denúncias de maus tratos, utilização de trabalho escravo e torturas na colônia. Faleceu em Dacar durante a viagem de regresso.

No mesmo volume temos um estudo de Geografia intitulado "A Geografia dos Grandes Lagos da África Intertropical do século XV ao XIX" (Bélgica e Países Baixos) e várias Crônicas Geográficas com expedições de Stanley, cartas e dados de viagens da AIA, além dos primeiros dados da economia belga.

As Crônicas Geográficas trazem as "Novelas Geográficas" com relatos do Comitê de Estudos da Bacia do Alto Congo (CEHC) e daquelas realizadas pela Associação Internacional Africana (AIA).

Criado em 25 de novembro de 1878, o Comitê de Estudos da Bacia do Alto Congo foi o passo seguinte de Leopoldo II em sua estratégia imperialista. Nascido como uma parte da Associação Internacional Africana (nossa conhecida que foi instituída em 12/9/1876), a CEAC ou CEHC em francês, manteve a bandeira azul com a estrela dourada da AIA.

Tivesse sido ela parte da AIA, ou uma organização nova, o certo é que o CEAC também defendia a instalação de 'postos hospitaleiros,

científicos e pacificadores', mas ampliava seus objetivos com a intenção clara de realizar a prospecção comercial e de estabelecer tratados forjados com líderes tribais, abrindo espaço para a exploração colonial que viria. Sem o poder de um estado de direito, o CEAC serviu aos interesses políticos do rei dos belgas. Foi substituído anos depois pela Associação Internacional do Congo (AIC), fundada em 27/12/1882. Uma organização totalmente belga e administrada a distância por Leopoldo II. A mesma bandeira, a mesma sede em Bruxelas e o mesmo capitão em seu comando, Strauch, como bem lembrou Vandervelde.¹³¹

A Conferência de Berlim em 1885 ratifica aquilo que os Estados Unidos fizera um ano antes: reconhece a autonomia da AIC no Congo e entregar a administração da região aos belgas.

Temos também novos dados da economia belga.¹³² O volume apresenta um estudo denominado "Dos estabelecimentos belgas na África", de autoria de M.Ad.Burdo. E aparece o primeiro Anuário Estatístico da Bélgica (p. 466-468). Temos também os últimos relatos de Stanley em suas incursões africanas.

O volume 7 apresenta dados econômicos completos da Bélgica, dois anos antes da exploração maciça do Congo (p. 27 a 130). As Crônicas Geográficas falam da AIA, do Congo inferior e do comércio belga. Nas páginas 769 a 777 temos alguns Tratados selados pela AIA e pela AIC. A organização e a definição de novas expedições, além de novas descobertas de Stanley.

Dois artigos do Congo povoam o 8º volume. Um deles é uma longa descrição Geográfica denominada "O Congo: entre Equador e o

131. VANDERVELDE. *Émile*. 1913

132. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume VI.1882

Oceano". Temos também dados da Geografia comercial belga. As Crônicas Geográficas trazem artigos sobre os belgas no Congo, expedições da AIA, novidades do Congo e a 'Flotilha da AIA'.

Entre os principais artigos temos, "O Congo" por Oscar Roger (p. 651- 675) e a abertura dos trabalhos da Conferência de Berlim (p. 698-702). Encerrava-se a fase preparatória. A Geografia à serviço de sua majestade produziu um manancial de informações, mapas e estatísticas do Congo. Conhecia-se agora as regiões distintas da bacia do rio, seus povos, suas culturas, sua fragilidades. A floresta fora devassada. A Bélgica teria sua colônia, Leopoldo II sua propriedade particular, os futuros geógrafos belgas seu campo de estudo e os congoleses os 'sete palmos de fundura' sobre o solo africano.

3.3. A GEOGRAFIA OU GEOPOLÍTICA A SERVIÇO DO REI

Retorne-se ao Congo real. Em 1878, após as dificuldades iniciais do projeto leopoldiano, o soberano funda o Comité d'Études du Haut-Congo (CEHC), abrindo espaço para a experiência única de colonização levada avante pelos belgas no continente africano. O rei Leopoldo II transformaria o processo de exploração colonial no Congo não numa questão de Estado, mas sim numa iniciativa privada dele próprio. O Congo tornou-se entre 1885 e 1908 num território colonial controlado por um empresário, Leopoldo II, que por acaso vinha a ser também o rei dos belgas.

Na história da ciência geográfica percebemos muitos atalhos, histórias não contadas, erros de continuidade na construção das caixas-pretas, e seus paradigmas. Uma ciência nem tão exata, muito menos sempre objetiva é a regra. Os homens pertencem à sua época e a realidade é ideologicamente construída. A neutralidade não existe nem no mármore frio dos cemitérios. Tal pensamento nos remete a Hamlet em duas passagens:

Marcelo (que acompanha Hamlet e Horácio): Há algo de podre no reino da Dinamarca (Ato I. Cena IV)

[...]

Hamlet: Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que pode sonhar tua filosofia..."

(Ato I. Cena V, Hamlet, Shakespeare)

Stanley encantara o rei Leopoldo II e o mesmo financiara uma nova expedição de 'reconhecimento' do explorador que havia cruzado o continente. Em 1877 inicia-se a 2ª viagem do galês, agora a serviço da Bélgica. Ele chegou a bacia do Congo em 1878.

Entretanto, Leopoldo II não teria vida fácil em seu processo

de colonização da região equatorial. Nos cinco anos que se seguiram, duas nações disputaram a primazia no Congo: Portugal, controlando a região da margem esquerda do rio em sua desembocadura e a França na margem direita da foz. Este último país promoveu uma disputa mais complicada para a Bélgica, não só pela imensa superioridade política, econômica e militar, mas pelo avançado estágio de colonização africana que patrocinava.

Pierre Savorgnan Brazza era um explorador francês (naturalizado) que desafiava a capacidade de Stanley. Mais do que isso, possuía um claro projeto nacionalista e expansionista. Introduziu os 'tratados' em que dezenas de chefes tribais africanos cediam o direito de exploração econômica à França. Tais documentos, claramente forjados, foram utilizados em defesa do, pretenso, legítimo território francês no Congo.

Leopoldo II funda em 1882 a Associação Internacional do Congo (AIC), substituta da AIA e do CEHC citados anteriormente. Seus objetivos eram totalmente pragmáticos: garantir para a monarquia belga o controle sobre a região do Congo. Três anos após, Leopoldo II dá um passo fundamental em seu projeto monopolista-imperial: inventa o Estado Livre do Congo.

O Congresso de Berlim (1884-1885) confirma o domínio belga na região. Assim, depois da criação da Associação Internacional Africana e da Comissão de Estudos da Bacia do Alto Congo, a conferência reconhece as pretensões da Associação Internacional do Congo e transforma esta na administradora do Estado Livre do Congo que, em verdade, virá a ser uma propriedade privada do rei dos belgas e agora soberano dos congoloses também.

Berlim define em pouco mais de 30 artigos a questão africana. A maioria deles trata da região do Congo e do Níger. O ponto

nevrálgico do tratado internacional é a garantia do livre comércio e livre navegação. Comércio este que nas palavras do historiador Stenglers é definido da seguinte forma:

Artigo 1º: O comércio é completamente livre;

Artigo 2º: Nada pode ser comprado ou vendido.

(Citado por WESSLING. H. Dividir para dominar. 1988)

O apoio constante da Sociedade Real Belga de Geografia nessa expansão imperialista belga, mapeando cultural e economicamente o Congo, delimitando o território a ser explorado, apagando o tempo e o espaço africano, foi mais um dos exemplos de:

[...] um conhecimento comprometido com as ideias de progresso e expansão da marcha civilizatória, dessa forma desenvolveu-se no âmbito dessas instituições um saber geográfico pragmático e estratégico..."¹³³

A Geopolítica nasceu no final do século XIX, profundamente interligada a estratégia de controle do espaço pelo Estado. Golbery dizia que a geopolítica podia ser entendida como ' estudos geográficos para o poder mundial '¹³⁴.

É certo que o Imperialismo tem como centro de sua interpretação os aspectos econômicos. Vimos também que a expansão demográfica e a imensa emigração do período foi outro fator da expansão colonial. Não podemos nos esquecer que um terceiro fator do neocolonialismo estava na questão estratégica, daí a importância da 'geopolitics'.

Entre os expoentes da geopolítica temos Halford Mackinder, para quem o mundo seria constituído de um sistema fechado, com a ideia de que a História seria baseada na causalidade geográfica e o postulado da luta

133. PEREIRA, Sérgio Nunes. *Sociedade de geografia do Rio de Janeiro*. São Paulo. 2002. p.25.

134. COUTO e SILVA, Golbery do. *Geopolítica do Brasil*. p. 29.

pela supremacia política entre o poder marítimo (no período representado pela Inglaterra) e o poder terrestre (representado pela expansão da Alemanha). Mackinder defendia que o controle estratégico do mundo passava pelo controle do 'pivot area'. Ali estaria a Heartland, a terra central, o coração do mundo, situado entre a Alemanha e a Rússia. Certo ou não, o Congresso de Berlim (1885) seria não a partilha da África, mas o início do posicionamento das futuras nações em guerra: Inglaterra e Alemanha.

Alfred Mahan foi um oficial da Marinha norte-americana e um dos responsáveis pela justificativa do imperialismo naquele país. Para Mahan, as nações poderosas eram aquelas que controlavam o poder naval, tanto para o comércio, quanto para a Guerra. Mas foi com os pensadores alemães (sempre eles) que surgiu a melhor definição de GeoPolitik, o outro lado do espelho da RealPolitik. O Instituto de Munique em fins do XIX, propôs uma definição que unisse o rigor científico com os altos ideais do imperialismo do Reich. Assinando a tese, dois expoentes da 'nova ciência': Kjellén e Haushofer. Para o Instituto, a Geopolítica seria:

[...] a ciência das relações da terra com os processos políticos. Baseia-se nos amplos fundamentos da Geografia, especialmente da geografia política, que é a ciência do organismo político no espaço e, ao mesmo tempo, de sua estrutura. Ademais, a Geopolítica proporciona as armas para a vida política em seu conjunto. [...] assim se converte numa arte, a arte de guiar a política prática. A Geopolítica é a consciência geográfica do Estado.¹³⁵

Assim como Marx descobriu a consciência histórica do tempo, queria a Geopolítica desnudar o espaço. Entretanto, a maioria dos pensadores sociais menosprezam a Geopolítica, pois entendem que quando a Geografia passa a servir como fonte principal da política dos Estados, produzindo um saber pragmático e estratégico, ela deixa de ser ciência e empobrece a Geografia Política e, por extensão, o pensamento geográfico.

135. COUTO e SILVA, Golbery do. *Geopolítica do Brasil*. p. 59.

Dessa forma:

[...] a Geopolítica antes de tudo, um subproduto e um reducionismo técnico e pragmático da Geografia Política, na medida em que se apropria de parte de seus postulados gerais, para aplicá-los na análise de situações concretas interessando ao jogo de forças estatais projetado no espaço [...] a geopolítica é um inquestionável empobrecimento teórico em relação à análise geográfico-política.¹³⁶

Muitos criticaram também a proximidade da geopolítica com as forças armadas das nações, com o expansionismo imperial ou com a manutenção das fronteiras e soberanias nacionais. A geopolítica seria muito mais uma ferramenta de dominação do espaço, do que uma ciência para o entendimento do mesmo.

Nos anos 70, o geógrafo francês Yves Lacoste alterou a face da Geografia, influenciando toda uma geração no Brasil. Aproximar a ciência geográfica da política e não menosprezar essa maltratada 'pseudo-ciência' Geopolítica. Pensar o Espaço numa dimensão nova, afinal "a geopolítica é o espectro que ronda a Geografia Humana há cerca de um século"¹³⁷.

Aqui o autor explicita a discriminação e o abandono da Geopolítica. Segundo ele, a Geopolítica está associada ao passado, a uma pré-Geografia, a-científica, pois relacionada ao Estado e ao estudo cartográfico e político do espaço. Para Lacoste, tal fator se deve ao aparecimento da Geografia Universitária nos fins do século XIX, dita científica, estando desvinculada do poder e do Estado, segundo seus próprios teóricos. Uma Geografia não germânica (no sentido pejorativo). A Geografia Universitária torna-se o pensamento geográfico predominante, uma ciência sem a interferência do Estado e sem objeto predeterminado, ou com um objeto 'neutro', como se isso fosse possível.

136. COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia política e geopolítica*. São Paulo. Edusp. 1991.pág.55.

137. LACOSTE, Yves. *A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra*. pp. 127 a 128.

Lacoste defende a Geopolítica fazendo um corte epistemológico regressivo. O geógrafo francês não nega a importância do Estado, da Cartografia, do Território no estudo geográfico, ao contrário. valoriza-os e afirma que “[...]é contudo o espaço que é o domínio estratégico por excelência, o lugar, o terreno onde se defrontam as forças em presença, e onde se travam as lutas atuais”¹³⁸.

E não poderíamos deixar de citar em defesa da Geopolítica e de Lacoste, as palavras do Professor José Vesentini no prefácio à obra ‘A Geografia, isto serve em primeiro lugar, para fazer a Guerra’:

[...] a geografia serve em primeiro lugar (embora não apenas) para fazer a guerra, ou seja, para fins políticos-militares sobre (e com) o espaço geográfico, para produzir/ reproduzir esse espaço com vistas (e a partir) das lutas de classes, especialmente como exercício de poder. Ser ou não ser de fato uma ciência, em última análise, ele argumenta. O fundamental a meu ver, é que, malgrado as aparências mitificadoras, os conhecimentos geográficos sempre foram, e continuam sendo, um saber estratégico, um instrumento de poder intimamente ligado a práticas estatais e militares. A geopolítica, dessa forma, não é uma caricatura e nem um pseudogeografia; ela seria na realidade o âmago da geografia, a sua verdade mais profunda e recôndita.¹³⁹

E é nesse âmago que se pretende mergulhar ao estudar o Estado Livre do Congo e de como o discurso geográfico serve como instrumento estratégico da dominação imperialista.

Seja ela Geografia Política ou Geopolítica (esse filho bastardo acadêmico da Geografia), a ciência do espaço “[...] se converteu desde a segunda metade do século XIX em uma ciência a serviço dos interesses imperialistas dos países europeus.”¹⁴⁰. O Imperialismo utilizou-se do conhecimento científico, em destaque o geográfico, para a expansão

138. idem. ibidem. (p.142)

139. idem. ibidem (p. 7)

140. CAPEL, Horace. Idem. p.173)

colonial, a pilhagem e a partilha africana. Ao criar as diversas organizações (AIA, CEHC e AIC) e a Sociedade Real Belga de Geografia, Leopoldo II alicerçou sua própria Geopolítica para o predomínio sobre o Estado Livre do Congo e, posteriormente à sua devolução em 1908, como Congo Belga.

A Associação Internacional do Congo (AIC) e suas antecessoras, associadas a Sociedade Real Belga de Geografia foram ao mesmo tempo, o corpo de Estado e o embasamento teórico dessa conquista colonial. Alimentaram a futura partilha oficializada do Congresso de Berlim (1884-1885) e permitiram o protagonismo belga no Imperialismo.

Porém a História costuma não ser tão simples. Leopoldo II fracassou em suas diversas tentativas econômicas no Congo. Faliu, inventou loterias, fez empréstimos vultosos dos bancos europeus, associou-se à burguesia belga na exploração da África, saqueou as reservas congoleas. Até que em fins do XIX, a borracha encontrada em abundância na região, o salvou economicamente e enriqueceu a Bélgica e foi assim até 1908.

Após as denúncias de trabalho escravo, assassinatos em massa e outras atrocidades no Congo, realizadas pelas indignadas campanhas mundiais (em especial da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França e suas comissões parlamentares de inquérito), em curso desde o início do século XX contra o processo violento de pilhagem africana conduzida por Leopoldo II, este foi obrigado a se desfazer de seu quintal.

Vendeu seu Estado Livre do Congo, propriedade particular do Rei dos Belgas e soberano do Congo, para a Bélgica. Iniciava-se uma nova fase da colonização: saía o monarca e entrava o Estado europeu no processo de apropriação das riquezas africanas. Ou como diria Dom Fabrizio: “[...] é preciso mudar tudo, para que tudo fique como dantes.” (Tomasi de Lampedusa. *Il gattopardo*.).

Uma história desconhecida e renegada pela maioria da historiografia belga como afirma Saraiva:

A idolatria a Leopoldo II (1865-1908) na historiografia belga das relações internacionais aproxima-o de Prometeu. Muitos autores sem atentar para a força da segunda revolução industrial e para o conjunto das forças profundas, apresentam o rei como dotado da virtú do homem de Estado que soube encontrar lugar especial para a Bélgica no sistema mundial que se desenhava na segunda metade do século XIX.¹⁴¹

Os documentos de base para a sustentação desta dissertação são: os “Bulletin de Societé Royale Belge de Géographie”, formados por volumes completos de 1877 a 1910. Neles encontramos a instituição da Sociedade Geográfica em 1876, nascida para: “[...] encorajar as adesões a todos que puderem contribuir e garantir que nossa obra possa permitir e revelar que nosso país irá incentivar a geografia e contribuir a propagação e ao progresso dessa bela ciência.”¹⁴², bem como a da formação da Associação Internacional Africana descrita abaixo:

[...] Em 12 de setembro de 1876, Leopoldo II, rei dos belgas reuniu em seu palácio em Bruxelas, uma conferência composta por presidentes de sociedades geográficas, políticos, geógrafos e exploradores, e pediu-lhes para buscar maneiras de abrir o coração da África para a civilização. A Conferência decidiu a formação da Associação Internacional para a Exploração e Civilização da África Central.¹⁴³

Depois da Associação Internacional Africana, temos o Comitê de Estudos da Bacia do Alto Congo, a Associação Internacional do Congo, o Estado Livre do Congo e o Congo Belga, todos eles descritos ao longo dos boletins que vão de 1877 a 1910. Além destes boletins, existem os relatos de viagem de Henry Morton Stanley em seu livro “Through of the dark

141. SARAIVA, José Flávio Somba. *História das relações internacionais contemporâneas*. p.26

142. Bulletin de Société Belge de Géographie. Premier Année. 1877. Sciences Géographiques. J. Liège. p. 14

143. Bulletin de Société Royale Belge de Géographie. Dixième Année. 1886. “Le partage de l’Afrique”. Pág. 395. Tradução nossa do original: “Le 12 septembre 1876, Léopold II, roi des Belges, réunit dans son palais de Bruxelles une conférence composée de présidents de sociétés de géographie, d’hommes politiques, de géographes et de voyageurs, et leur demanda de rechercher les moyens d’ouvrir l’Afrique centrale à la civilisation. La Conférence décida la formation d’une Association internationale pour l’exploration et la civilisation de l’Afrique centrale(...)”

continent”.

Dentro dos *Bulletín* da Sociedade Geográfica temos também as “crônicas geográficas”; uma extensa cartografia da exploração africana (que poderão ser desconstruídos, para que possamos encontrar o ‘silêncio dos mapas’); dados estatísticos sobre o Congo; atas de Conferências, trajetória da AIA e da AIC e da CEHC, além de relatos do Congresso de Berlim, entre outros. Tais estudos dão conta do período de institucionalização do Pensamento Geográfico.

Segundo Réclus, antes mesmo de iniciada a exploração colonial, Leopoldo II iniciava seu projeto de dilapidação do Congo, como ilustra o caso do marfim: “[...] entre 1879 a 1884 teriam sido extraídos cerca de 421 toneladas de marfim do Congo, as quais renderam 15 milhões de francos à Bélgica.”¹⁴⁴ Como em média cada elefante tem cerca de 12 kg de marfim, depreende-se que cerca de 35 mil animais foram mortos no período ou quase 16 por dia! Além do massacre de animais, iniciava-se com a exploração do marfim, o desarranjo da economia natural congoleza e os altos lucros belgas, afinal o valor correspondia a um terço do que seria gasto com a construção da ferrovia Matadi-Kinshasa. E o imperialismo nem havia se instalado.

O *Bulletín* traz um interessante estudo dos Elefantes na África, antes da matança. Seu autor, A. Walters, a pedido da AIA, nos apresenta um painel histórico longo e repleto de histórias idílicas (o romano Plínio teria feito até um poema em homenagem ao animal, encantado pelo amor que uma moça dedicava ao quadrúpede). O objetivo de Walters era demonstrar aos belgas como o verdadeiro ‘rei dos animais’, o elefante, poderia suprir as necessidades de transporte na África. Substituiria o incômodo de continuar

144. RECLUS, Élisée. *Novelle Géographie Universelle*. p. 323.

utilizando 'negros bárbaros', não teria os gastos excessivos dos caminhos de ferro e ele, elefante, estaria perfeitamente adaptado ao meio, ao contrário do cavalo e do búfalo. Walters descreve seu peso, altura, gestação, tempo de vida e seu apêndice, o marfim. Nesse trecho, ele deve ter despertado Leopoldo II para a importância do mastodonte. Relata que a Inglaterra, do Cabo ao Cairo, em seis regiões diferentes do continente, extraía em média 530 toneladas ao ano, massacrando 44 mil animais. Walters narra o caminho comercial do marfim com boas intenções, seu objetivo era domesticar o animal africano e utilizá-lo como meio de transporte. Falava inclusive em inaugurar uma nova era na história, a 'era dos elefantes'¹⁴⁵. Sem saber, dera a chave da matança indiscriminada que viria a seguir. Walters é um exemplo de como a Geografia pode ser utilizada como uma ferramenta estratégica do Estado. Mesmo quando o sujeito é neutro, a História ainda será a da luta de classes.

Entre os anos de 1885-1908, a Geopolítica Leopoldiana transformou o Congo em propriedade privada do rei, dizimando milhões de africanos, os escravizando em larga escala, devastando os recursos naturais da região e desviando milhões de francos em marfim, borracha, cobre e outros produtos naturais.

145. Bulletin de Société Belge de Géographie. Cinquieme Année. 1881. *L'éléphant en afrique*.pp 148-165

3.4. O CONGRESSO DE BERLIM

Foram diversas as teorias sobre a 'partilha' africana. Para uns ela seria fruto de um atavismo violento da personalidade humana. Outros saem do mundo subjetivo do indivíduo para o caráter 'egoísta' das nações. Como se estas fossem portadoras de características humanas, independentes da vontade de seus comandantes ou dos interesses econômicos que os sustentam. Ainda há aqueles que vislumbram na conquista, uma necessidade de civilizar os povos infiéis ou inferiores, seja pela palavra sagrada de Deus ou da sacrossanta razão da ciência.

Geralmente estas interpretações tem como inimigo principal o fator econômico, qual seja, o de que o grande impulsionador da conquista colonial (scramble) foram às necessidades expansionistas do capitalismo monopolista e financeiro. Alegam em sua crítica, a título de exemplo, que a porcentagem do comércio externo da Europa com a África em fins do século XIX era ínfima. Esquecem que a colonização é um evento de longa duração e que a partilha permite lucros à Europa até os dias atuais.

Falam que a Europa não precisava dos recursos naturais africanos e que estes não consumiam os tecidos ingleses, o que é negado pelos dados estatísticos, afinal só em 1903 o Congo importou mais de 1,1 milhão de francos em roupas da Bélgica.

Pergunta-se então porque gastar quantias volumosas de dinheiro, participar de guerras de conquistas inumeráveis, deslocar milhares de funcionários, burocratas e soldados para os confins da África, permanecer lá após duas guerras e lutar até o fim para não perder as terras a partir dos anos 50. Princípios humanitários? Inveja entre nações? Desprezar a

economia é uma necessidade, mesmo ela se mostrando equivocada.

Correto estava George Lebedour ao analisar a Weltpolitik alemã posta em prática após a ascensão de Guilherme e a queda de Bismarck de que “ a essência da Weltpolitik era o impulso profundo que conduz todos os capitalismos a uma política de pilhagem, a qual leva o capitalismo europeu e o americano a instalarem-se no mundo inteiro”¹⁴⁶.

Uzoigwe defende a tese da ‘dimensão africana’ para a conquista. Não renega os fatores econômicos, mas os coloca num passado mais distante. Relata que já em 1895, o pensador britânico J. Scott Keltie na obra *The partition of Africa*, defendia que a partilha era conseqüência de uma progressiva relação de exploração econômica da África pela Europa iniciada no século XV (a roedura do continente). Keltie não considerava a economia como o centro dessas tensões, fator aquele essencial para A.G.Hopkins. Para este autor a resistência africana é um fator crucial no entendimento da fase imperialista, por ter precipitado a conquista militar, mas em nenhum momento devem ser colocados de lado os interesses econômicos europeus que se:

Por um lado, é possível conceber regiões onde o abandono do comércio de escravos se deu sem choques nem perda de rendimentos e onde as tensões internas foram controladas. Em casos tais, a explicação do retalhamento colonial devesse salientar os fatores externos, como as considerações mercantis e as rivalidades anglo-francesas.

No outro extremo, é possível imaginar casos em que os chefes indígenas adotaram atitudes de reação, não hesitando em recorrer a métodos predatórios, na tentativa de manter os rendimentos, e em que os conflitos internos eram pronunciados. Nesses casos peso maior deve ser dado, na análise do imperialismo, as forças de desintegração ativas no seio das sociedades africanas, sem negligenciar, todavia, os fatores externos.” ¹⁴⁷

146. George Lebedour, citado por Godfrey N. Uzoigwe. *Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral*. In: *História Geral da África*. Vol 7. Pág. 23

147. A.G. Hopkins, citado por Godfrey N. Uzoigwe. *Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral*. In: *História Geral da África*. Vol 7. Pp. 31 a 35

O processo de roedura (a lenta devoração da África pela Europa), iniciado no século XV tem como centro a exploração do comércio de escravos. Entre o início do século XIX e 1876, segundo Keltie, ocorre um movimento lento e constante de mapeamento do território, instalação de postos missionários e entrepostos comerciais, descobertas de riquezas naturais (como a descoberta das jazidas de diamante na Griqualândia em 1867), e acordos bilaterais entre as nações. Para os estudos das relações internacionais, o período entre 1815-1876 caracterizou-se pela formação do “Concerto Europeu”. Preocupados com a perspectiva de se ter uma potência hegemônica no continente, o Congresso de Viena alicerça as bases de um sistema de equilíbrio de forças entre os cinco grandes do mundo: Inglaterra, Prússia, Rússia, Áustria-Hungria e a França. Nascia um sistema anti-hegemônico, baseado em normas de consenso entre amigos. Na prática era um período de “hegemonia coletiva temperada pelo balanço de poder, portanto uma síntese das duas tradições opostas da procura européia pela ordem”¹⁴⁸.

Segundo Leila Leite Hernandez, quatro fatores precipitaram a corrida colonial a partir de 1876. Um deles foi o expansionismo português, com a ocupação de Moçambique em 1880, na clara intenção de esboçar o ‘mapa cor-de-rosa’, anunciado três anos após. Outro fator foram as investidas francesas, seja com os acordos de Makoko (chefe dos povos Bateke) sob a guarda de Brazza, ou ainda nas disputas pelo controle do Egito em 1876 (relacionadas ao período da construção do Canal de Suez, inaugurado em 1870), terminando com a colonização francesa na Tunísia e Madagascar. Também pesaram as pressões inglesas para a livre navegação e comércio nas bacias do Congo e do Níger, um dos entraves na interligação do Cabo ao Cairo, o ‘mapa vermelho’ britânico.¹⁴⁹

148. SARAIVA, José Sombra. *História ds relações internacionais*. p. 45.

149. HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. pp 59-61.

Porém o principal fator da partilha e da corrida imperialista devemos ao nosso anti-herói, o rei Leopoldo II. A Conferência Geográfica de Bruxelas realizada em 1876 apresenta os primeiros passos da colonização do Congo. Define-se ali qual o saber necessário à conquista: a Geografia; qual a região visada: o Congo; e a forma: com a fundação da Associação Internacional Africana (AIA). A forma de conquista ainda era precária e incipiente. Pequenas colônias, missões religiosas, tratados entre chefes regionais africanos e dirigentes europeus (como os realizados por Stanley), estabelecimento de entrepostos comerciais e ocupação de zonas estratégicas. Com a crescente disputa pelo Congo entre Portugal, França e Bélgica, Leopoldo convoca seu fiel escudeiro, Henry Morton Stanley. Em sua segunda missão ao Congo ele estabelece mais de 400 tratados de 'concessão de soberania' na região. A disputa pelo Congo era um esboço da futura disputa entre as nações imperialistas.

Leopoldo II, definido por Wessling (1994) numa paródia como "o imperialismo, a etapa superior do oportunismo", foi um excelente estrategista nas ruínas do 'Concerto Europeu'. Prometeu o livre comércio à Inglaterra, pois esta (assim como o resto da Europa) sofria com as tarifas excessivas de navegação e comércio cobradas por Portugal. Com a terra de Camões afastada da luta, o rei belga concentra seus esforços na França. Concede a preempção ou direito de preferência àquele país em caso de perda de condições de manutenção da colônia. Talvez acreditando na incompetência belga, a França aceita a delimitação proposta por Leopoldo. Consegue uma inusitada aliança estratégica entre França e Alemanha em defesa da liberdade de navegação e comércio, preocupados estes com os interesses britânicos. O caminho estava aberto para o Estado Livre.

Entre as décadas de 1870-1890 o Concerto Europeu se desfaz, as alianças consensuais entre países transformam-se em acordos

permanentes e restritivos. O equilíbrio de forças no continente foi substituído por um sistema europeu de hegemonia global. O imperialismo “completou a rede global de relações econômicas, estratégicas e políticas”¹⁵⁰. Nesse contexto político é convocada, por iniciativa de Bismarck, a reunião de Berlim.

Entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885 as Grandes Potências, mais os Estados Unidos e a Bélgica reúnem-se nos salões germânicos com um imenso mapa da África sobre as paredes. Dezenove chefes de estado assinam a ata final das conferências. Descontados os Estados Unidos e a Índia (então colônia inglesa), todos os países signatários da ata eram europeus. Nenhum africano. O documento que permitiu a mais rápida e violenta pilhagem de um continente em toda a História foi pensado, discutido, votado e aprovado nos imensos salões da nobreza prussiana. Das sólidas paredes do Velho Continente nasceu a autorização para a conquista imperial. Do lado de baixo do Mediterrâneo, os africanos mal imaginavam o que viria junto com aqueles 38 artigos produzidos em terras civilizadas.

A Conferência de Berlim ficou conhecida como a ‘partilha africana’ apesar de nada do gênero ser tratado em seus 6 pontos centrais. Basicamente, garantiram-se o livre comércio e a livre circulação e navegação das bacias dos rios Congo e Niger. Entenda-se bacia aqui em seu conceito geográfico, qual seja, o do rio principal e toda a sua rede de afluentes e lagos. Definição esta, que no caso do Congo foi essencial para a exploração econômica posterior, pois os cerca de 11 mil quilômetros de vias fluviais do Congo estavam gantidos pela ata. Definiu-se também que não haveria privilégios de navegação para companhias, corporações ou pessoas privadas. Os navios circulariam livremente pelas águas, mas não os de guerra. Havia um capítulo que previa o combate ao trabalho escravo e a tentativa de sua

150. SARAIVA, José Sombra. *História ds relações internacionais*. p. 78.

erradicação na África. Outro ponto era a ideia de 'esfera de influência', ou seja, se numa dada região os postos comerciais e hospitaleiros fossem de apenas um país, este teria a prevalência sobre o controle territorial. Com seus mais de 400 tratados (falsos em sua maioria) estabelecidos com líderes do Congo, Leopoldo encontrou aí a justificativa jurídica para a criação do Estado Livre do Congo em agosto de 1885.

Nada se aproxima da imagem de que Berlim (1885) retalhara o continente africano com 'régua e compasso'. Porém é evidente que o estopim da corrida colonial (scramble) estava ali, pois:

A partir da Conferência, a corrida ao continente africano foi acelerada, num gesto inequívoco de violência geográfica por meio do qual quase todo o espaço recortado ganhou um mapa para ser explorado e submetido a controle. A demarcação das fronteiras prosseguiu estendendo-se até depois da Primeira Grande Guerra.¹⁵¹

Com a ascensão de Guilherme e a queda de Bismarck na década de 1890, a 'Realpolitik' dava lugar a 'Weltpolitik' teutônica. O conceito de 'esfera de influência' era complementado pelo da 'hinterland'¹⁵². O conceito de 'hinterland' caracteriza-se pela ideia de que quem controla o litoral de uma região, estende sua esfera de influência para o interior da mesma. Dessa forma, Leopoldo estendeu seus domínios pela bacia do rio Congo para mais de 1 milhão de km². Um litoral estreito sob a esfera de influência belga, abre-se num imenso território na anexação da hinterland (vide mapa 5).

Iniciava-se também uma corrida sem precedentes na História pela conquista do continente africano. A Europa do "Concerto" dava lugar a

151. HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. p. 67

152. Os Tratados bilaterais europeus-africanos foram o primeiro passo da colonização. Alguém tomava posse de uma região africana, ninguém reclamava (seja na Europa ou na África) ou alguém (líder regional africano) aceitava a posse. A nação europeia colocava sua nova posse em sua esfera de influência e anexava a hinterland. Tais Tratados, adulterados em alguns casos, elaborados de forma duvidosa em outros, tiveram aceitação jurídica na Europa.

partilha imperialista. Sintomático disto é o lema prussiano da conquista: “ohne hast, ohne rast” (sem pressa e sem descanso). O Congresso de Berlim estabeleceu as bases das futuras disputas imperialistas, pois:

De fato, reconhecendo o Estado Livre do Congo, permitindo o desenrolar de negociações territoriais, estabelecendo as regras e modalidades de apropriação ‘legal’ do território africano, as potências europeias se arrogavam o direito de sancionar o princípio da partilha e da conquista de um outro continente. Semelhante situação não tem precedentes na história: jamais um grupo de Estados de um continente proclamou, com tal arrogância, o direito de negociar a partilha e a ocupação de outro continente. Para a história da África, esse foi o principal resultado da conferência. Dizer, ao contrário da opinião geral, que ela não retalhou a África só é verdade no sentido mais puramente técnico. As apropriações de territórios deram-se praticamente no quadro da conferência, e a questão das futuras apropriações foi claramente levantada na sua resolução final. De fato, em 1885, já estavam traçadas as linhas da partilha definitiva da África.¹⁵³

MAPA 5: O ESTADO LIVRE DO CONGO E SUA ‘HINTERLÂNDIA’.

Fonte. WESSLING, H.L. Dividir para dominar. pág. 133

153. Godfrey N. Uzoigwe. *Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral*. In: História Geral da África. Vol 7. p. 40

Uma partilha que em nenhum momento consultou as nações africanas ou seus líderes. Uma divisão que desconsiderou a História e a cultura dos povos da região. A desarticulação social dos Estados africanos, a desterritorialização daquelas nações em função da exploração imperialista, serviram como uma preparação para o futuro predomínio do capital monopolista e financeiro europeu. Mas, a resistência africana foi tenaz e constante. A guerra em África prenunciava a Grande Guerra que viria. A indústria bélica conseguiu desenvolver máquinas de morte cada vez mais eficientes, em parte pela revolução industrial em curso, mas muito pelo laboratório de testes etnocidas que foi a África. Uzoigwe descreve algumas dessas batalhas: a conquista militar de Touba Kouta (1887), de Koundian (1889), a de Segu (1890), a de Youri (1891), da Costa do Marfim e de Guiné (1893), a de Daome (1894), a do Gabão (1899) e a de Madagascar (1897), todas elas frutos do imperialismo francês; a Alemanha enfrentou as lutas no Togo (1897-98) e a mais longa e violenta de todas na África Oriental (1888-1907); Portugal no início do século XX entrou em guerra com Angola, Moçambique e Guiné; a Inglaterra enfrentou guerras nas regiões dos Ashanti (1901), da Nigéria (1893), de Itsekiri (1894), de Brass e Benin (1899), do Sudão (1896), de Zanzibar (1890), de Uganda (1894), do Quênia (1899), da Zâmbia (1901) e a mais famosa de todas, a dos Bôeres (1899-1902), a única guerra de brancos se enfrentando; por último tivemos a Itália com a luta pela Eritréia (1883), pela Somália (1886), pela região de Adowa (1896), na Etiópia, palco da única grande derrota européia e da Líbia (1911). Foram quase trinta anos de guerras, desarticulação da economia natural, morticínios generalizados, invasões de território e mais impressionante conquista, sem fins lucrativos por certo. Keltie apresenta a extensão geográfica dessa partilha:

TABELA 2: ÁREAS COLONIAIS

Domínio Colonial	Área (milhas quadradas)	População	A.P.A.*
Inglaterra	2.194.880	43.227.700	23
França	3.326.790	30.089.000	6
Alemanha	884.810	8.370.000	6,5
Itália	548.880	5.150.000	4,7
Bélgica	905.090	16.300.000	77
Portugal	826.730	5.472.000	23
Espanha	153.834	443.000	0,8
Boêres	177.750	764.000	--
Território Livre	2.602.770 (22,4%)	26.990.000 (19.3%)	--
Totais	11.621.530	139.575.700	--

*A.P.A. significa: área proporcionalmente anexada. Realizei uma divisão entre a área colonial e a área do país imperial

Os dados da tabela foram extraídos do livro " The partition of Africa", de J.S.Keltie.

Um primeiro destaque é que em 1876 menos de 15% do continente africano estava sobre domínio colonial e duas décadas depois esses números passavam de 90%. Observamos pelos dados que Portugal e Inglaterra se apropriaram de territórios mais de 20 vezes maior do que suas terras metropolitanas, mas o grande vencedor foi mesmo nosso amado Leopoldo, ele simplesmente se apossou de terras 77 vezes maiores do que a Bélgica. Terras estas que tanto estratégica, quanto em riquezas naturais, eram o melhor quinhão da África. A Espanha decadente foi a única que não alcançou conquistas semelhantes ao seu território. Duas potências europeias ficaram de fora: a Rússia, às voltas com uma imensidão de nacionalidades vizinhas a serem ocupadas e a Áustria-Hungria. Este último império poderia ser utilizado como um exemplo negativo do imperialismo, afinal a única Potência a não fincar seus pés na África, desagregou-se e desapareceu como área de influência mundial no pós Grande Guerra.

Uzoigwe (2010) e Leila Leite Hernandez (2003) levantam várias hipóteses para entender a conquista da África. São elas:

a. o mapeamento geográfico, histórico e cultural feito por

missionários, exploradores e geógrafos;

- b. o aparecimento de remédios no fim de século que permitiram aos europeus sobreviverem no meio hostil em termos ambientais;
- c. a existência de um comércio desigual (a Europa exportando industrializados e a África matéria-prima, produzida por mão-de-obra análoga a de escravo);
- d. a paz armada européia que se contrapunha a conflitos internos africanos como os de "Mandinga contra Tukulor", os de "Ashanti contra Fanti", ou os de "Baganda contra Banyoro, "Batoro contra Banyoro", "Mashona contra Ndebele", etc;
- e. o fator mais decisivo foi, evidentemente, a esmagadora superioridade logística e militar da Europa. Enquanto esta empregava exércitos profissionais bem treinados, poucos Estados africanos possuíam exércitos permanentes e menos ainda dispunham de tropas profissionais;

Some-se a isso a desarticulação econômica, o deslocamento populacional massivo no continente, o poder das armas e a violência inerente de um continente (a Europa), que acreditava na superioridade das raças e de que era necessário levar a civilização aos homens negros.

3.5. O MARTÍRIO DO CONGO

Um rugido, épico, sintonize o ragtime
 Da foz do Congo
 Para as montanhas da lua.
 A morte é um elefante,
 [com forte sotaque estridente e com um metro].
 Torsão de olhos horrível,
 Espuma ladeado e terrível.
 Boom, roubar os pigmeus,
 Boom, matar os árabes,
 Boom, matar os homens brancos,
 Hoo, hoo, hoo.
 [Como o vento na chaminé.]
 Ouça o grito de fantasma Leopoldo
 Queimando no inferno com o seu exército de mãos mutiladas.
 Ouça como os demônios riem e gritam
 Corte fora suas mãos, no Inferno.
 Ouça o anúncio assustador,
 Soprado através do covis da floresta nacional,
 Então eu vi o Congo, arrastando-se pelo negro continente,
 Cortando pela floresta com trilha de ouro (...)
 (Vachel Lindsay. The Congo)

“Vocês comem suas cabras e galinhas e nós, homens. Qual a diferença?”. O questionamento feito por Ba Ngala, chefe de Liboko horrorizava os missionários e exploradores europeus. Repreendido, o africano não se emenda: “...se pudesse comeria o mundo todo!”.¹⁵⁴ Dois mundos distintos. Duas culturas diversas. O etnocentrismo europeu julga, condena, pune e execra aquilo que não pertence ao seu ideal. Críticas que se estendem ao escravismo e ao alcoolismo. Como se a índole africana fosse perversa por natureza. Como se os costumes incomuns fossem atávicos. Esquecem-se os europeus que o álcool desceu pelas gargantas africanas entregue pelas mãos do Velho Continente. E que a escravidão foi uma imensa e lucrativa atividade econômica desenvolvida por quase quatro séculos pela civilização cristã. Foram eles também que popularizaram a prostituição e o estupro. Rejeitar o canibalismo talvez seja certo. Mas o ponto de vista de Ba Ngala

154. VANDERVELDE, Emile. *La Belgique et le Congo*. P. 5

não é muito diferente de um vegetariano no século XXI (afora é claro, o deleite por carne humana). Mundo civilizado este que no meio século seguinte irá exterminar mais de 100 milhões de pessoas em duas guerras nas quais a última coisa que se viu foi a razão.

Logo após a Conferência de Berlim, Leopoldo II inicia a corrida para a colonização privada da região do Congo. As estações 'hospitaleiras, científicas e humanitárias' construídas pela AIA e suas sucessoras, a CEHC e a AIC, bem como os postos inaugurados por Stanley, o Boula Matadi¹⁵⁵, serviram como base para a exploração colonial que viria.

Em agosto de 1885 o rei dos belgas se auto-intitula soberano do Estado Livre do Congo. Num primeiro momento permanecem a Associação Internacional do Congo como a fonte da administração na África. A nova burocracia só terminará sua organização com os decretos de 1891 e 1892, e será centrada em três pontos: a burocracia administrativa, a força pública e o poder judiciário.

Curioso notar que algo tão simples como o nome do país é repleto das contradições do imperialismo. No capítulo dois percebemos a riqueza e a diversidade dos povos que habitavam a bacia do Rio Congo. Foram dezenas de reinos, nações e povos com histórias próprias, divisão social e econômica distintas e com poucos laços em comum, como exceção temos a língua banto. Fecundas são as terras, os rios e os homens do Congo. Num processo de centralização do território por meio da intimidação, da violência e da força policial, a Bélgica inventa e coage os povos da região equatorial a adotar o nome de Estado. Mas qual Estado? Uma federação de negros como descreve Wack¹⁵⁶. O problema é que nenhum africano foi

155. Boula Matadi literalmente quer dizer 'quebra pedras'. Trata-se de uma tradição cultural dos povos do Congo. Em verdade é um misto de título de chefatura alicerçado num poder físico ou militar. Stanley é o Boula até a posse de Leopoldo II como soberano do Congo. Muitos historiadores da época ironizam o regime leopoldiano com a alcunha de Boula Matadi.

156. WACK, Henry Wellington. *The story of Congo free state*. Putnam Sons. New York and London. 1905.

consultado na formação desse ente abstrato. Muito menos houve um acordo entre reinos e povos para a cessão de soberania da região ao país europeu. Um protetorado? Porém como ser um Estado protegido por uma nação mais forte como a Bélgica se aquele se diz 'Livre'. E o que entendemos por Congo? O rio? A bacia? A terra imóvel de quase 1 milhão de km² colonizada por belgas. Existiria um Congo antes do Imperialismo? Não, com certeza. Existe um nos dias atuais. Talvez, na identidade das tragédias. Portanto, não se trata de um Estado, muito menos Livre e menos ainda do Congo. Este foi o nome escolhido pela Bélgica e seu rei para espoliar uma terra 77 vezes maior que seu país natal, destruir suas culturas, sociedades e economias distintas, para posteriormente trazer os ventos da civilização e a modernização capitalista. Assim como o rio Congo que arrasta árvores gigantes nas cheias e as despeja no Oceano, a Europa arrasta a História dos africanos para o limbo. Mas ao contrário da natureza que refaz a vida naquele movimento, o imperialismo silencia a terra e sangra os homens.

Num primeiro momento para a montagem do sistema colonial leopoldiano (e belga) foram necessárias três ações:

A primeira delas seria a construção de uma ferrovia que ligasse o estuário calmo da região de Boma com a imensa planície lacustre do Pool. O trem subiria pelas encostas das 32 cachoeiras, ligando as duas áreas navegáveis do rio Congo. Funda-se a Companhia do Congo para o Comércio e a Indústria e a Bélgica financia a obra com uma dotação de 25 milhões de francos à vista e mais 2 milhões ao ano. Terminada 11 anos após, ela transformaria o espaço comercial do Congo ao interligar o Baixo e Alto Congo, as imensas bacias lacustres e a foz do rio. Milhares de quilômetros de vias fluviais em que passariam as mercadorias.

Combater os árabes e a persistência da exploração da escravidão era o segundo ponto da preparação. Previsto na ata de Berlim

(1885), o fim do tráfico não aconteceu sem guerras e batalhas cruentas. Destaque-se aqui o possível exagero dos números europeus. Os árabes teriam escravizado cerca de 19 milhões de africanos em pouco mais de 10 séculos. O número não é comprovado em nenhum momento, mas foi citado em várias fontes. Como a maioria desses negros eram direcionados para o Oriente Médio, a pergunta que fica é porque a pequena presença de negros nesses povos atualmente. O Brasil que recebeu cerca de 5 milhões de escravos, tem ainda hoje mais da metade da população de negros e mestiços. Qual seria o peso dos grupos africanos numa região bem menor do que a de nosso país e em que aportaram o triplo de escravos?

O último ponto era o comércio de bebidas alcoólicas. A Bélgica conseguiu realmente erradicar o tráfico de bebidas da região, importante moeda de troca entre árabes e chefes africanos. Wack (1905) nos revela sem perceber que a bebida ainda passeava pelas vias congolenses. Cerveja, licor, vinho e outras bebidas custavam 1,4 milhões de francos em 1903 ao governo do Congo. Pouco menos de 8% do total de importações. O sistema leopoldiano eliminara a bebida do Alto Congo, local em que se concentravam seus negócios. Ali, só o mercado legal de álcool, monopolizado por sua majestade. No Baixo Congo, a escravidão, o canibalismo e o tráfico de bebidas permaneceu intacto.

Leopoldo II faria a exploração do Congo como um empresário privado. A Bélgica financiava sua aventura. Diversas companhias comerciais foram criadas, todas elas tendo como principal sócio o rei e conseguindo recursos ou de papéis do tesouro belga, ou de dividendos em lucros futuros (em média para resgate em 90 anos).

Além das companhias da coroa, havia a participação de empresas privadas (a maioria belgas) no empreendimento. Empresas como a ABIR (Indian Rubber Anglo-Belgium Cia), a Comptoir Commerce Congo

(CCC), a *Société Anversoise*, entre outras. Várias delas contavam com um sócio oculto, o rei Leopoldo II. Tal modelo foi exportado para outras regiões. O economista Domingos Sávio da Cunha Garcia¹⁵⁷ demonstra como Leopoldo II tentou fundar seu Estado Livre no Brasil. Financiamento de bancos por meio de ações, criação de companhias como a *Compagnie des Caoutchoucs du Mato Grosso*. Exploração de erva-mate, pecuária e extração de borracha na região de Descalvados, fronteira do Mato Grosso com a Bolívia. Faltou ao seu intento imperialista, segundo o pesquisador, uma campanha 'humanitária' como a do Congo.

Esse primeiro quinquênio serviu para se estabelecer os grupos de investimentos (rei e empresas privadas), a ocupação definitiva da colônia e o sistema administrativo colonial. Desde o início foi nomeado um Administrador Geral, que governava de Boma, o coronel Camille Jansen, o qual dividiu a região da bacia do Congo em 11 distritos administrativos, cada um deles com um comissário responsável (passaram a 15 em 1895). Calcula-se em 80 o número de oficiais belgas instalados no Congo para instalar um arremedo de justiça civil e militar. Em 1888 definiu-se que a estrada de ferro ligaria Matadi a Leopoldville (Kinshasa), para isso uma nova companhia foi criada: a *Compagnie du chemin de fer du Congo*.

157. "O novo rei belga passou a desenvolver algumas tentativas no sentido de que o governo brasileiro lhe cedesse um território onde pudesse ter plena soberania, o que significava iniciar no Brasil uma experiência semelhante àquela que seria desenvolvida no Estado Independente do Congo, na África. O território pretendido por Leopoldo II estava localizado no extremo norte do Brasil e em litígio com a França, sendo objeto de um contencioso que demandou intensa atividade diplomática por parte do governo brasileiro no final do século XIX. Esse território cobigado por Leopoldo II foi objeto de uma ação curiosa por parte de Jules Gros, um geógrafo francês que tinha como objetivo o estabelecimento naquela região de um suposto Estado livre com o nome de "república do Cunany", onde Gros seria uma espécie de rei. Para angariar simpatias e atrair financiamento para seu empreendimento, Jules Gros iniciou a venda de títulos nobiliários do seu suposto Estado, o que provocou protestos e ações diplomáticas do governo brasileiro na Europa. (...)

Um dado a ser observado nas empresas criadas nesse período para atuar primordialmente no Brasil, como aquela descrita no ofício do representante diplomático do Brasil em Bruxelas que reproduzimos acima, é que as mesmas tinham as características de empresas para atuar nas colônias africanas, em particular no Estado Independente do Congo. Portanto eram empresas com características colonialistas e seus acionistas eram os mesmos experientes investidores de empresas que operavam no Estado privado africano de Leopoldo II ou em outras colônias européias na África e na Ásia. (excertos diversos).

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. Território e negócios na "era dos impérios": os belgas na fronteira oeste do Brasil; Tese de Doutorado. Unicamp. 2005.

O SISTEMA LEOPOLDIANO: A TERRA, O TRABALHO E A FORÇA DE BOULA MATADI

Mapeado o território pelos geógrafos 'antes da Geografia'; incorporado aos bens do estado pela diplomacia da Conferência de Berlim; anexado pelo rei sem contestações; preparado administrativamente pela iniciativa privada, o Congo estava pronto para uma das mais cruéis explorações capitalistas da história, assim descrita pelo socialista Vandervelde:

[...] appropriation pour l'État de tout le territoire non occupé les villages ou les cultures; attribution à l'État, ou aux concessionnaires de l'État, en vertu du principe de demanialité, de tous les produits naturels du sol: recours à la contrainte pour obtenir, á défaut de rémunération sufûsante, la main-d'oeuvre nécesseire pour la récolte; emploi de la violence pour reudre cette contrainte effective et efficace.¹⁵⁸

Vandervelde¹⁵⁹ relata que a partir da aprovação dos decretos de 1891-1892, Leopoldo II definitivamente toma conta do Congo. O Estado Livre sobrevive só no nome. As propriedades pertencentes aos negros foram quase todas eliminadas. Poucos permaneceram em seus povoados originais. As terras tomadas dos africanos passam a ser consideradas vacantes. Estabelecem-se três tipos de propriedades:

O domínio privado, terras exclusivas do soberano. Correspondiam a mais da metade do país. Todo a Alto Congo, a região do Pool e a maioria das áreas de produção de borracha e marfim.

Terras consideradas domínios da coroa, ou seja, pertencentes à Bélgica. Leopoldo II propositalmente confundia estas com seu domínio privado e a Bélgica por sua vez pouco se preocupava pois os lucros cresciam exponencialmente.

158. VANDERVELDE, Emile. *La Belgique et le Congo*. p. 48

159. VANDERVELDE, Émile. *La Belgique et le Congo*.

Numa associação com empresas privadas na exploração econômica do Congo, Leopoldo II entrega a sete empresas as terras que sobraram. A ABIR (Indian Rubber Anglo-Belgium Cia) na região de Lopori e Maringa, a Comptoir Commerce Congo (CCC) em Wamba, a Société Anversoise na região de Mongalla, a Compagnie du Kasai (no Kasai), o Comité Spécial du Katanga (Katanga), a Thys (região dos Lagos) e a Compagnie des Grands Lacs em Aruwimi. Na ABIR, CCC, Kasai, na Thys e na Anversoise o rei era acionista minoritário. Nas outras duas o soberano era majoritário. Os lucros particulares do rei? Vultosos. Morel (1906) fala de um lucro médio de Leopoldo II de 40 mil libras anuais (ou 1 milhão de francos).

Outra função administrativa que surgiu nesse período foi a Força Pública, um exército formado por cerca de 18.000 homens (num primeiro momento eram negros da região dos Zulus, Banguela e Boma, recrutados à força e que depois vieram de toda a Bacia do Congo). Havia três escolas militares pelo Estado Livre do Congo. Os 358 oficiais (todos brancos e belgas) exigiam dedicação exclusiva às forças armadas por sete anos e mais cinco anos na reserva. O treinamento militar incluía o 'sofisticado' chicote. O salário era de aproximadamente seis francos ao mês (equivalente a meio quilo de marfim). A Força Pública era parte do sistema leopoldiano. Garantia a paz dos cemitérios na colônia. Ao recrutar de 2 a 3 mil homens todos os anos, ela retirava dos povoados do Congo seus mais fortes homens. Sua utilização era óbvia: garantir a exploração dos recursos naturais no Congo, debelar possíveis resistências e impor a ordem imperialista. A violência das tropas foi relatada em dezenas de cartas de missionários, religiosos ou comerciantes assustados com as atrocidades no Congo. Não bastava matar os rebeldes. Em geral os comandantes das tropas exigiam um par de mãos decepadas para cada cartucho de bala gasto. Há relatos de soldados com mais de 5 centenas de mãos apresentadas. Além disso, a Força Pública

recebia alimentos gratuitos da população. Mulheres e crianças trabalhavam dias e dias para fornecer mantimentos para a subsistência dos soldados. Era Leopoldo II reduzindo os custos de produção e acumulando a mais valia por meio do trabalho forçado de comunidades que ficavam, às vezes, a mais de 60 milhas dos centros de treinamento.

Até a aprovação dos decretos de 1891-1892, a economia do Congo colonial vivia da exploração do óleo de palma e da venda do marfim. O Comércio Geral superou o Especial até 1893. Poucos lucros retirava, nesta época, o soberano de dois reinos. Em Bélgica, algumas vozes reclamavam das despesas coloniais. Com o fim do livre comércio e da livre navegação em decorrência dos decretos, facilitou-se a instalação do monopólio de Leopoldo II em áreas estratégicas (as terras privadas e os domínios da coroa) ou mesmo sua associação com os trustes privados no restante da bacia do Congo, o caminho estava aberto para a exploração em larga escala da borracha 'vermelha'. Os lucros do marfim eram consideráveis. Sua penetração no mercado europeu era imensa, afinal numa era sem plástico, o marfim fazia o papel que futuramente caberia ao material sintético. Mas nada se comparava ao látex. O rei irá expropriar o Congo na hora certa, pois o fim do século XIX marca o aparecimento do automóvel e o processo de galvanização, os quais transformaram o látex numa das mais requisitadas e caras matérias-primas industriais. O consumo e o preço do látex cresciam anualmente. Em 1910 rodavam pelo mundo cerca de 10 milhões de carros apoiados sobre 40 milhões de pneus (o estepe só se tornou obrigatório nos anos 50). A matéria-prima vinha do Brasil e do Congo. O imperialismo buscava novas fontes de recursos naturais. O capitalismo não respeitava fronteiras em sua expansão. A África era uma necessidade. Nessa época os minérios de cobre e cobalto de Katanga (Shaba) nem faziam parte dos planos do rei.

O rei-empresário, a Compagnie du Kasai (o sócio majoritário era Leopoldo II), a Thys, a ABIR, a CCC e a Société Anversoise partiram para a exploração colonial. Os lucros eram imensos, mesmo porque estes eram baseados na utilização em larga escala de trabalho forçado e num sistema de corvêia que fora instalado no país.

Aproximadamente 800 belgas administravam a colônia. Os postos hospitalares passaram a ser sedes da burocracia imperial. As despesas com a colônia eram razoáveis (pouco mais de 18 milhões de francos em 1905). Destes, quase metade delas vinha da Força Pública. Como o custo dos soldos não chegava a 1,5 milhões de francos, a importação de armas consumia mais de 5 milhões de francos, depreende-se daí que um terço dos gastos administrativos totais se davam os materiais bélicos. A exploração da borracha consumia outro terço. Saúde e educação consumiam 200 mil francos (menos de 1%), ou um quinto dos lucros anuais de sua majestade. Resumindo, a maioria absoluta dos gastos era para a manutenção do sistema leopoldiano e quase nada sobrava para o processo civilizatório. Realmente, o imperialismo era um caso de inveja entre as nações.

O rei-empresário e as empresas privadas estabeleceram um sistema de pagamento de bônus aos administradores coloniais (verdadeiros atravessadores), em caso de aumento das colheitas da borracha e da extração do marfim. Funcionava da seguinte forma: as empresas estabeleciam uma meta de produção, ultrapassado esse valor, o atravessador teria direito a um acréscimo em seu pagamento¹⁶⁰. Era um estímulo a retirar até a última gota de sangue dos trabalhadores. Como percebemos nesse relato de Lacroix e outros agentes da Anversoise. O jornal "Gazeta Nieuwe", de Antuérpia, publica 'As Confissões de Lacroix' em 10 de abril de 1900:

160. Exemplificando com números: as empresas pagavam 20 libras o quilo de marfim e 7 libras o de borracha. Passando da cota, elas concediam ½ libra a mais por quilo. Isso abriu espaço para a utilização intensiva de trabalhadores por parte dos administradores e sua 'caça' indiscriminada.

Havia escassez numa certa aldeia de borracha, ele havia matado antes da incursão histórica muitas mulheres e crianças. Estou indo falar com o juiz por ter matado 150 homens, e ter decepado 60 mãos; tendo crucificado mulheres e crianças, tendo mutilado muitas pessoas. Suas cabeças e seus órgãos genitais permanecem pendurados na cerca da vila. Seguindo determinações do 'Le Petit Bleu' e outros papéis. O Congo a curto prazo infringiu longas penas de prisão. Os homens nunca serviram para eles, e muitos recebem alforria. Eles agiram sob as instruções superiores para que se obtivesse a borracha à força, por qualquer meio que fosse.¹⁶¹

Havia também uma cobrança compulsória de impostos e taxas. Taxas pela utilização das terras em que se extraíam a borracha. Impostos sobre as moradias, afinal quase todas as terras do país pertenciam agora aos domínios privados do rei e das companhias ou eram domínios da coroa. Ou mesmo taxas em víveres, como o fornecimento de refeições para a Força Pública ou para os carregadores. Outras, absurdas, eram estipuladas para o direito de manutenção das famílias do trabalhador próximas ao seu lugar de trabalho.

Para Émile Vandervelde havia três formas de trabalho forçado no Congo:

- a. O carregamento forçado. Na construção das estradas, ferrovias e outras obras públicas foram utilizadas caravanas de homens. A ferrovia Matadi-Kinshasa teria tirado a vida de 5 mil pessoas na construção. Havia também a utilização dos negros no trabalho de carregamento e descarregamento dos portos (e até 1897, antes da inauguração da ferrovia ao lado das cataratas, no transporte por dezenas de quilômetros da carga entre as partes baixa e alta do rio). A maioria desses

161. MOREL, E. *Red Rubber*. pp. 31-55. Tradução nossa

trabalhadores morria de fome, de excesso de trabalho ou de doenças como a varíola, a sífilis (novidade europeia transmitida em sua maioria das vezes pelo estupro das mulheres do Congo). Aliás é curioso notar a quase ausência de mulheres e crianças europeias na colônia. Os relatos dos missionários, as cartas dos administradores, as fotos dos viajantes e dos historiadores de época quase nos fazem pensar que não existiam mulheres e crianças brancas. Exceção feita a imagens de freiras em escolas infantis para os meninos do Congo (estes quase sempre usando uma espécie de fralda branca, seminus). Teríamos uma miríade de belgas celibatários? Certamente que não. E as estatísticas não mentem. Num misto de gastos desnecessários com prováveis presentes às mulheres do Congo, os belgas importaram 1,2 milhões de francos em lingerie em 1903 (5% dos gastos totais com importações naquele ano);

b. O fornecimento obrigatório de gêneros alimentícios.

Pelo direito de utilizar as vias fluviais ou terrestres, ou de garantir um emprego nas companhias para o marido, ou mesmo o de receber proteção militar, entre outras 'necessidades' poderia ser pago em víveres. Para se ter uma ideia, um pedágio cobrado para se utilizar uma estrada a 79 km de Leopoldville chegava a custar 350 chikwanges.¹⁶² Nas regiões em que se cobrava

162. Chikwange é uma das iguarias da culinária do Congo. É uma espécie de pamonha feita de farinha de mandioca e enrolada em forma triangular numa casca de banana. Em média elas custavam de 10 centimos a 25 centimos de franco, mas as empresas pagavam no máximo 4 centimos, daí as 350 chikwanges. Detalhe, o imposto era por pessoa, isso quer dizer que uma mulher com dois filhos deveria entregar 1050 quitutes, os quais provavelmente seriam vendidos para outros congoleses por 5 vezes o preço 'pago'. Num dia inteiro de trabalho, uma mulher produzia em torno de 200 desse alimento. Ou seja, para passar pela estrada de Leopoldville ela teria de trabalhar 5 dias.

essa taxa, as mulheres eram proibidas de vender as chikwanges excedentes. Era comum ver cabeças de mulheres decepadas e penduradas por terem desafiado a lei da proibição de venda. Ou seja, os colonizadores praticamente monopolizavam a produção e o comércio de gêneros alimentícios e por outro lado a população nativa não possuía renda para consumi-los. A fome era endêmica.

- c. O trabalho compulsório. Um desses impostos era a exigência de se trabalhar 40 horas mensais gratuitamente para o empregador (o equivalente a 15% da jornada mensal). Nos fins do século XIX, desapareceram as 40 horas, substituídas por 15 dias seguidos de trabalho, distantes da família e dos locais tradicionais. Esse trabalho forçado era utilizado tanto pelos Trustes, como pelas empresas do rei.

Uma das conseqüências graves desta exploração intensiva e violenta do trabalho compulsório foi a redução drástica da população da região do Congo. Jules Marchal afirma que a região perdeu metade de sua população. Quando Leopoldo II iniciou sua obra colonial o Congo possuía em torno de 20 milhões de habitantes. O censo de 1910 indicava pouco mais de 10 milhões. Um dos maiores genocídios da história. Os relatos de missionários, exploradores e até dos próprios administradores belgas dão conta dessa retração impressionante. Em carta extraída dos documentos do Governador Geral do Congo, o missionário da Igreja Batista Anglicana, John Whitehead em 1903 relata:

A população das vilas de Lukolela em 1891 deveria estar em 6.000 pessoas, mas quando eu contei a população desta região em dezembro de 1896 encontrei somente 719 almas. E o número de mortos

não parava de aumentar ao longo dos anos. Antes de vir para cá, eram só 400 almas. Mas quase tive um ataque do coração esta semana ao contar apenas 352 pessoas.¹⁶³

Lukolela perdeu 95% de sua população em menos de 10 anos. Vidas ceifadas pelo trabalho excessivo, pelas doenças, pela fome, pelo álcool, pela violência indiscriminada cometida pelos belgas e seu rei facínora. Foram dezenas de aldeias, culturas, povos, enfim histórias que desapareceram engolidas pela máquina de guerra leopoldiana.

Fugindo dos verdadeiros campos de concentração que eram as empresas belgas (fossem elas do rei ou privadas), ou da violência indiscriminada dos colonizadores, ou mesmo por terem sido destituídos de seu habitat, centenas de milhares de congoleses migravam para o Baixo Congo. Estes deslocamentos massivos de africanos levaram os africanos de volta para as regiões em que existia a mosca tsé-tsé e a doença do sono (evitadas há séculos pelos congoleses) e dando origem a um desastre biológico que mataria milhares de congoleses.

Os administradores permaneciam praticando atrocidades com o conhecimento e a conivência das empresas e do rei. Porém no início do século XX inicia-se uma campanha humanista denunciando o 'martírio do Congo'. Campanha a cargo de intelectuais e políticos franceses, ingleses e americanos. Da Bélgica uma única voz, a do deputado socialista Emile Vandervelde. Os relatos apresentados nas comissões de inquérito eram cada vez mais contundentes e suas testemunhas podiam ser consideradas isentas. O rei na sua empáfia continuava negando tudo. Afirmava às vezes que as Potências queriam tomar a colônia belga. Falava de inveja de sua obra magnífica (sic!). Comprou políticos, jornalecos e até instaurou uma comissão belga. Flandres e Valônia urravam em (quase) uníssono em favor

163. MOREL, E. *Red Rubber*. pp. 31-55. Tradução nossa.

do soberano.

E o Congo? Assistiu a tudo passivamente? A história da resistência africana no período ainda foi pouco contada. Quase todos os estudos do Congo centralizam no regime leopoldiano e suas atrocidades, não que isso não seja importante, mas dessa forma criou-se uma lacuna em relação aos sujeitos da violência belga. Allen Isaac e Jan Vansina¹⁶⁴ refutam a tese da passividade. Consideram que existiram três formas de resistência na África no período estudado:

1. a oposição ou confronto na tentativa de manter a soberania das sociedades autóctones;
2. a resistência localizada na tentativa de atenuar abusos específicos do regime colonial;
3. as rebeliões destinadas a destruição do sistema estrangeiro que havia gerado tais abusos.

O Congo poderia ser colocado na terceira forma de resistência. Segundo Isaac e Vansina, os congoleses também se iludiram com as 'boas intenções' da Bélgica, quais sejam a de combater o tráfico de escravos e bebidas e de realizar investimentos econômicos e sociais para a melhoria da região. Aos poucos a farsa se revelou. O tráfico com os árabes foi combatido, mas o trabalho escravo não. As bebidas continuavam circulando legalmente pelo país, com o gim e o licor denominados de 'perfumes', 'água de cheiro', etc. Porém, o comércio ilegal também permanecia, explorado pelos belgas no Baixo Congo.

A violência e as atrocidades belgas incentivaram a formação

164. ISAAC, Allen & VANSINA, Jan. *Iniciativas e resistência africanas na África central, 1880-1914*. In: História Geral da África. Volume 7. pp. 191-221

de dezenas de guerrilhas de resistência, sendo que a mais radical de todas foi a dos povos Yakas (a qual durou mais de 10 anos, acabando em 1906). O rei Leopoldo num certo sentido se preparara para a resistência: eram proibidas a venda de armas para os habitantes do Congo. Mas elas existiam em larga escala para os belgas. Wack (1905), um defensor de Leopoldo, apresenta uma lista de importações interessantes: canhões (f\$ 66mil), revólveres de tambor, ferro e outros materiais (f\$ 130mil), pistolas (f\$ 10 mil), cartuchos (f\$ 292 mil), pólvora (f\$ 167 mil), num total de quase 900 mil francos. A fome, a varíola, a sífilis, o gim e a Maxim foram importantes elementos das vitórias imperialistas. Aqui temos um relato da resistência:

Eu espero uma revolta geral, eu acho que avisei que isso iria acontecer ao Major no ano passado. A motivação é sempre a mesma. O nativo estão cansados do transporte obrigatório, dos planos de trabalho existentes, da colheita da borracha, de fornecer gado vivo para homens brancos...Durante três meses tenho lutado. Tenho lutado meses com descanso de dez dias...Eu tenho 152 presos. Por dois anos fui fazer a guerra neste país e acompanhei a luta em Albinis, ainda não posso dizer que eu tenho o povo subjugado... eles preferem morrer...O que posso fazer? Eu sou pago para fazer meu trabalho. Eu sou apenas um instrumento nas mãos do chefe, obedecendo ordens e sendo disciplinado. (Tilkens Lenssens ao Major, 12 de maio, 25, 11 de julho e 10 agosto, 1899. Tradução nossa.)¹⁶⁵

Entre as práticas denunciadas nos inquéritos estavam os horríveis relatos de administradores que colecionavam cabeças de congoleses. Um deles - citado por Morel (1903) e que 'inspirou' Joseph Conrad e depois Copolla - assombrou a todos ao edificar em volta de toda sua propriedade uma cerca inteira de cabeças decepadas de trabalhadores, apenas para atemorizar os rebeldes. Outro relato justificava as barbaridades por motivos fúteis, como o de uma mulher estuprada por ter se recusado a dar passagem a um belga. Os administradores cobravam da Força Pública uma contrapartida: para cada cartucho gasto com algum trabalhador,

165. MOREL, E. *Red Rubber*. pp. 31-55

deveria ser apresentado um par de mãos decepadas como prova do não desperdício. Mulheres e crianças eram constantemente estupradas e espancadas, como relatavam os missionários. O chicote, que devia ser limitado a 40 lambadas, na maioria das vezes passava de 50, produzindo cortes profundos na pele. Muitas das vezes os belgas desferiam 100, 150 e até 200 golpes, a consequência sempre era a morte. Este era o fardo do homem negro: ter de conviver com o civilizado homem belga.

E a economia? Foi lucrativo o Congo? Vejamos uma tabela¹⁶⁶ de exportações totais da colônia:

TABELA 3: EXPORTAÇÕES DO CONGO

Ano	Exportações	% acréscimo
1886	886.000	----
1887	1.980.000	+ 123,47%
1888	2.690.000	+ 35,85%
1889	4.297.000	+ 59,73%
1890	8.243.000	+ 91,83%
1891	5.353.000	- 35,07%
1892	5.187.000	- 3,11%
1893	6.206.000	+ 19,64%
1894	8.761.000	+ 41,16%
1894	10.963.000	+ 25,13%
1895	12.389.000	+ 13%
1896	13.145.000	+ 6,1%
1897	22.146.000	+ 68,47%
1898	36.067.000	+ 62,86%
1899	47.377.000	+ 31,35%
1900	50.488.000	+ 6,56%
1901	54.891.000	+ 8,72%
1902	39.070.000	- 29,83%
1903	31.891.000	- 18,38%
1904	33.032.000	+ 3,57%
1905	38.276.000	+ 15,87%
1906	38.895.000	+ 1,61%
1907	43.372.000	+ 11,51%

166. Todos os dados foram extraídos da obra de Émile Vandervelde. *La Belgique et le Congo*. p. 105. As porcentagens de variação ano a ano foram cálculos feitos por mim.

Em quase um quartel de século, os lucros foram crescentes. Apenas em dois biênios houve uma redução na pauta de exportações. Na primeira delas (1891 a 1892), provavelmente tivemos a influência dos decretos que regulamentaram a exploração do Congo, deixando a região de ser adepta do livre comércio e passando à condição de monopólio leopoldiano. O outro período de queda ocorreu entre 1902 e 1903, início das campanhas humanitárias contra as atrocidades no Congo, mesmo assim as exportações superavam em cinco vezes os números de 1893, primeiro ano da exploração colonial mais intensiva.

No ano da devolução do Congo (1907), as exportações foram 21 vezes superiores às de 1887, início dos dados relativos ao Estado Livre do Congo. Os cálculos dos historiadores apontam que os investimentos belgas no Congo (tanto de Leopoldo quanto das empresas privadas associadas) estiveram na faixa de 50 milhões de francos entre 1886 e 1907. A soma das exportações no período passou de 515 milhões de francos, ou seja, mais de 1000% o valor investido. Dados oficiosos, pois a entrada de importações nos portos belgas era bem mais volumosa. Isso sem contar as riquezas que foram mantidas na colônia, seja ela em obras como as ferrovias, os portos, as sedes administrativas, ou mesmo no capital fixo instalado pelas empresas do rei ou dos trustes privados. Capital esse de usufruto belga, antes e depois do período leopoldiano. Some-se a isso as mais de 100 embarcações compradas e deixadas na colônia, também de propriedade belga. Um cálculo aproximado nos permite afirmar que todo esse capital imóvel deveria ser de uma vez e meia ou até o dobro do capital exportado. Algo entre 750 milhões e 1 bilhão de francos. Acumulados mediante expropriação dos recursos congolezes e da utilização em larga escala do trabalho forçado. Todos esses valores devem ter sido uma importante alavanca para a explosão industrial belga entre os fins do século XIX e início do XX. Realmente, não havia interesse econômico na expansão imperialista.

Confirmando as teses de Lênin e Luxemburgo de ser o imperialismo uma fase em que existiu uma associação de interesses, esforços e capitais entre o Estado e a burguesia com seus gigantescos trustes e cartéis, a Companhia do Kasai (com seu sócio majoritário Leopoldo II) também auferia lucros vultosos na venda de borracha e marfim. Dados das vendas entre 1902 e 1908¹⁶⁷ confirmam essa hipótese:

TABELA 4: VENDAS DA COMPANHIA DO KASAI

Ano	Venda da Borracha (francos)	Venda do Marfim (francos)	Lucros (francos)
1902	4.775.430	não há dados	1.210.706
1903	5.512.692	84.780	3.497.393
1904	6.478.962	99.760	5.334.790
1905	8.024.005	87.555	7.543.084
1906	8.038.536	84.085	8.033.657
1907	6.346.593	238.222	2.019.979
1908	7.904.032	403.168	4.337.428

Para um rei que nada gastava de suas posses, afinal os investimentos vinham de ações, títulos de dívida pública do Estado belga, loterias 'humanitárias', etc., os lucros eram razoáveis.

Percebe-se que a partir de 1905 as taxas de lucros são crescentes, muito por causa dos preços em elevação da borracha no mercado internacional (em toneladas a exportação variava pouco, em torno de 1400 toneladas anuais). Em 1906 a Companhia do Kasai teve de deixar suas atividades, pressionada pelas denúncias internacionais e acuada pelo Parlamento belga. Leopoldo inventou então a Fundação do Congo, o outro nome do monopólio privado. Não devemos nos esquecer que a Companhia do Kasai não era a única de propriedade do rei, pois havia a Companhia de Katanga (que começava a dar lucros com a exploração de minérios), as

167. Todos os dados foram extraídos da obra de Émile Vandervelde . *La Belgique et le Congo*. p. 110.

Companhias de Estradas de Ferro, além de sua participação societária na ABIR, na CCC, na Société Anversoise, entre outras, o que deveria elevar exponencialmente os lucros de sua majestade (40 mil libras anuais, segundo Morel, como já visto).

Para Vandervelde e Marchal o legado cultural e econômico belga para o Congo foi ínfimo. O socialista Émile viajou pelo Congo Belga em 1913. Descreveu a existência de raríssimas escolas, postos 'hospitaleiros' em frangalhos, apenas uma ferrovia e um posto médico construído por 40 mil francos. Nenhuma estrada, nenhuma obra em favor do desenvolvimento. O povo do Congo estava esquelético, enquanto que os novos administradores pareciam pequenos faraós em meio a floresta. O desarranjo na economia natural e a preparação para o predomínio de uma economia capitalista central descritas por Luxemburgo podem ser comprovadas por dois dados curiosos tirados de Wack (1905): o primeiro se refere ao peixe seco, pois em 1904 a colônia importou da Bélgica 516 mil francos desse alimento e o segundo à importações de peixe fresco, manteiga e carne enlatada com gastos de 2,1 milhões de francos. Ora, na maior bacia hidrográfica da África e com povos ribeirinhos num dos mais piscosos rios do mundo para que importar peixes? O império destruiu a tradição local e criou a dependência pela importação de pescados. Feito isso o caminho estava aberto para a reprodução ampliada do capital. Milhares de latas de carne (produzidas pela fábrica brasileira de Leopoldo, provavelmente) traziam em seu rótulo a bela aparência da expansão capitalista pela África.

Enquanto isso, rei Leopoldo, o benfeitor, gastava fortunas com a construção de portais magníficos em seu palácio de campo (na Bélgica, afinal ele morrerá sem nunca ter pisado em sua colônia); outros 10 milhões de francos na construção de um hipódromo em Anvers; além da compra de uma casa na Riviera francesa. Seu apetite por bebidas, comidas e meninas

de 12 e 13 anos (nenhuma delas negra) continuava voraz, mesmo aos mais de 70 anos. Era um 'bon vivant'.

O decreto de 1906 controlava o monopólio régio. A criação da Fundação foi uma tentativa de fugir dessa pressão. O Parlamento belga não emprestava mais ao rei. Sua aventura estava no fim. No fim de 1907, Leopoldo II anuncia num decreto a venda do Estado Livre do Congo para a Bélgica, sua terra amada. Dessa forma o rei se despedia de sua colônia:

Desde o nascimento da Bélgica independente em 1830, nenhum evento de nossa história nacional tem tido a importância da anexação do Congo. Com uma área que atingiu 2.400.000 km² garantindo ao povo belga, um dos pequenos estados da Terra, um quinto da área das Grandes Potências européias, classificados de acordo com a extensão dos territórios metropolitanos e suas áreas coloniais. A anexação do Congo vai mudar isso, pelo menos a situação de nosso país, no ponto de vista internacional, como do interesse no desenvolvimento econômico e social.

O criador do Estado Independente do Congo é o nosso soberano, Leopoldo II, apoiado pela grande maioria da nação, animada pela real sensação de patriotismo e da clara compreensão dos interesses vitais do país. Deixe-nos sempre lembrar que a Sociedade Real Belga de Geografia tem sempre ajudado com toda a dedicação possível para implementar o grandioso projeto. Agora que o objetivo foi alcançado e que o Congo se tornou uma colônia da Bélgica, devemos colocar os olhos na Sociedade Real Belga de Geografia, que sempre esteve associada a genial e grandiosa obra do Rei.¹⁶⁸

Expansão territorial, anexação, disputa entre as potências, várias das características do imperialismo estavam presentes no preâmbulo

168. *Bulletín*. Trente-deuxième année. 1908. pp 345-346. Congo Belge. Tradução nossa do original: "Depuis la naissance de la Belgique indépendante, en 1830, aucun événement de notre histoire nationale n'a eu l'importance de l'annexion du Congo. Il suffit, pour s'en rendre compte, de constater que la superficie de notre colonie atteint presque le chiffre de 2,400,000 kilomètres carrés, de sorte que la Belgique, qui était n des petits tats du globe terrestre, se trouve, tout à coup, élevée au cinquième rang de la liste des puissances européennes, classées d'après l'étendue du territoire métropolitain et du territoire colonial ou dépendant; elle s'y place, en effet, immédiatement après l'Angleterre, la Russie, la France et l'Allemagne. L'annexion du Congo ne modifie donc pas moins la situation de notre pays au point de vue international qu'au point de vue du développement, à l'intérieur, des intérêts économiques et sociaux. Le créateur de l'État Indépendant du Congo est notre Souverain, Léopold II, soutenu par la grande majorité la nation; appuyé par tous ceux qu'animent de véritables sentiments patriotiques et la claire compréhension des intérêts vitaux de la patrie. Qu'il nous soit permis de rappeler que la Société royale belge de Géographie s'est toujours associée avec tout le dévouement possible, à l'œuvre grandiose, géniale du Roi."

da devolução. E não faltou a Geografia. O rei eleva a Sociedade Geográfica à condição de maior parceira no projeto colonial, que de acordo com as proféticas palavras do rei ainda estava em curso.

No ano seguinte (1908), o Estado Livre do Congo deixava as mãos do rei e era vendido para a Bélgica. Geógrafos, militares e historiadores (entre eles Henri Pirenne) assim saudaram o nascimento do Congo Belga:

A Bélgica ganhou um lugar grande e honrado na sociedade das nações, sempre ocupadas com suas obrigações internacionais, mas com poucos progressos sociais na realização do que ela tem tomado da mão dos outros. Com um senso de responsabilidade moral perante o mundo civilizado que não lhe cabe.

O Congo é hoje uma pátria rica e de pessoas trabalhadoras, bem organizada, com instituições políticas e sociais incomparáveis. Uma pátria livre e sempre aberta a informação pública e sujeitas ao controle do Parlamento, com uma oposição vigilante e a Administração do Congo Belgaa seu Primeiro Ministro.¹⁶⁹

A História absolvera o rei. A Bélgica amava seu soberano. O Congo ainda sofreria por décadas.

169. Bulletin. Trente-troisième année. 1909. págs 353-354. Manifeste Nacional. Grifo e tradução nossas, do original: "(...) la Belgique a su conquérir une place grande et honorée dans la société des nations, qu'elle a toujours rempli exactement et correctement ses obligations internationales, qu'il n'est guère de progrès social à la réalisation duquel elle n'ait pris quelque part et qu'elle a le sentiment de sa responsabilité morale devant le monde civilisé. Congo dépend aujourd'hui d'une mèrepatrie laborieuse et riche, bien organisée, dotée d'institutions politiques et sociales qui ne redoutent aucune comparaison et où une Presse libre et toujours en éveil éclaire l'opinion publique. Il est soumis au contrôle d'un Parlement dont l'autorité est grande, où l'opposition est vigilante et, devant ce Parlement, tous les actes de l'Administration engageant la responsabilité d'un Ministre."

3.6. AS REVISTAS: DA PARTILHA À DEVOLUÇÃO DO CONGO (1885 A 1908)

A corrente impetuosa é chamada de violenta

Mas o leito do rio que a contem

Ninguém chama de violento.

(Sobre a violência. Bertold Brecht)

Jean du Fief foi secretário geral e fundador da Sociedade Geográfica da Bélgica em 1876. Suas explorações geográficas se estenderam da Equatorial África à Polar Antártica. Em sua homenagem, as montanhas próximas às bases científicas localizadas naquele continente gelado recebem o nome de 'Du Fief Sierra'. Em 1885 ele escreveu um artigo sobre a "Conferência de Berlim", início da partilha africana, que publicado nos *Bulletín*¹⁷⁰ assim descrevia as consequências da divisão colonial imperialista:

Em resumo, a Conferência de Berlim delimitou um território livre, aberto a atividade comercial e industrial de todas as nações. (...) sendo que no centro dessa região [África Equatorial] é domínio da Associação Internacional do Congo, reconhecido atualmente como Estado independente. Este território livre tem importantes privilégios: liberdade comercial, liberdade de trocas, de transportes, de circulação fluvial; liberdade de religião; neutralidade política; ocupação pacífica das terras encontradas, buscar junto aos países europeus a supressão da escravidão. A livre concorrência do trabalho substituiu

170. Ao citar a palavra *Bulletín*, sempre será uma referência às Revistas da Sociedade Belga (Real Belga a partir de 1882) de Geografia. A citação específica aparecerá após o trecho escolhido em nota de rodapé.

à rivalidade egoísta de antigamente (...) uma grande parte do continente africano participará, em breve, da civilização europeia. Esta é a obra legislativa que acompanha Berlim, avançando para a grande conquista de nosso século.¹⁷¹

O domínio da Associação Internacional do Congo (AIC), sucessora da Associação Internacional Africana (AIA) foi firmado num tratado com a França e a Inglaterra em primeiro de Agosto de 1885. Leopoldo II funda o Estado Livre do Congo, tornando-se soberano de dois reinos, um deles europeu e o outro na África. Um imperialismo à distância, pois o rei morreu em 1909 sem nunca visitar as prodigiosas terras conquistadas.

171. Bulletin. Société Royale Belge de Géographie. Volume IX. pp. 262-263. 1885. Tradução nossa do original: "En résumé, La Conférence de Berlin a delimité un vaste territoire librement ouvert à l'activité industrielle et commerciale de toutes les nations. Ce territoire conventionnel s'étend au centre de l'Afrique sur plus de vingt degrés de latitude; Il débouche sur l'Atlantique par une étendue de côtes d'environ 700 kilomètres, et sur l'océan Indien, par une étendue de côtes d'environ 3,700 kilomètres; Il renferme au centre, le domaine particulier de l'Association internationale du Congo, reconnu aujourd'hui comme État indépendant. Ce territoire libre jouit d'importants privilèges liberté commerciale liberté d'échange, de transport, de circulation fluviale liberté de religion neutralité politique occupation pacifique des terrains. Encore sans maîtres européens suppression de l'esclavage et de la traite. La libre concurrence du travail se substitue à la rivalité envieuse d'autrefois, et les causes des nombreux conflits qui ont ensanglanté, aux siècles passés, les contrées de l'Amérique et des Indes, et paralysé longtemps leur essor, sont ici, autant que le permet la prévoyance humaine, étouffées dans leur germe. Si, comme tout semble l'annoncer, une grande partie du continent africain est appelée à participer prochainement au mouvement de la civilisation européenne, l'œuvre législative qui vient d'être accomplie à Berlin, avancera certes et facilitera notablement cette grande conquête de notre siècle".

MAPA 6 – ESTADO INDEPENDENTE DO CONGO EM 1895

Carte de l'État indépendant du Congo d'après les renseignements fournis par les explorateurs et par la mission scientifique belge. *Bulletín*. 1895.<<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40609866t>>.

Percebe-se que o território do Estado Livre do Congo corresponde quase que inteiramente a da bacia do rio Congo. No alto em destaque, a embocadura do rio e sua fronteira norte com o Congo francês e sul, com Angola português.

Leopoldo II garantia o cumprimento dos preceitos de Berlim, quais sejam: a livre circulação de embarcações, o livre comércio e a proibição de navegação de embarcações para fins militares, liberdade de religião, ocupação pacífica das terras e o combate à escravidão (uma chaga árabe, segundo os europeus). Essa incumbência 'humanitária' da Bélgica em administrar a bacia do rio Congo, descrita como 'a grande conquista de nosso século' pelos ilustres geógrafos belgas foi pormenorizada no *Bulletín*:

A Associação Internacional do Congo declara pela presente que em virtude dos tratados assinados pelos soberanos reconhecem que a bacia do Congo e do Niadi-Kouilou, além dos territórios adjacentes na costa do Atlântico, foram cedidos para uso exclusivo dos Estados livres já estabelecidos sobre a proteção prévia e acompanhamento pela referida Associação nos devidos territórios adjacentes e bacia que o referido Estado livre beneficiado tem o direito sobre tal concessão.¹⁷²

O que teria acontecido duas décadas depois para o reinado cair em desgraça? Em verdade, desde 1903 com uma campanha na imprensa que atingiu as massas européias e os parlamentos, principalmente da Inglaterra e dos Estados Unidos, o Congo passara a ser tratado como uma região que vinha sofrendo um massacre de proporções catastróficas. Coincidentemente, os *Bulletín* silenciaram sobre o Congo e a África. Entre 1902 e 1907, apenas uma pequena nota sobre o relatório produzido pelo Governador Geral do Estado Livre do Congo em fins de 1904. A Geografia do Congo desaparecera, como se tivesse sido engolida pelas águas do rio. Nada mais sobre dados econômicos da colônia. Nenhuma viagem para as novas terras. Um total vazio sobre as edificantes obras do rei de dois mundos.

Mas o Congo não fora abandonado pela ciência do espaço. Nos cinco anos citados encontramos dezenas de estudos sobre a Etnografia da região. Povos como os Bakubas, os A-Babuas, os Upotus, os Uelés, os Walemba, os Wabumdi e os Wahorohoro entre outros. São estudos de Antropologia evolucionista, aqui entendido como um método baseado na comparação de dados retirados das sociedades ditas 'primitivas'. As sociedades são mapeadas e classificadas (diferenciando-as em atividades econômicas, religiosidade, estrutura familiar, rituais de morte, etc.) numa

172. *Bulletín*. Société Royale Belge de Géographie. Volume IX. pp. 43.1885. Tradução nossa do original: "L'Association International du Congo declare par la présent: qu'em vertu des traités avec les souverains reconnus dans les bassin du Congo et du Niadi-Kouilou, et dans les territoires adjacents sur l'Atlantique, Il lui a éte cede un territoire pour l'usage et au profit dês États libres déjà etablis on en voie d'établissement, sous la protection. et la suirveillance de ladite Association dans lesdits bassin et territoires adjacents, et que lesdits États libres bénéficient de droit de cette cession."

escala evolutiva. É uma abordagem diacrônica e a-histórica, procurando o padrão imóvel e os graus distintivos. Assim a Europa era a civilização e o Congo, a barbárie. Os olhos do geógrafo empírico dos primeiros anos, era substituído pelas lentes distanciadas do fotógrafo dos costumes. Nada mais conveniente perante as oito acusações do Comitê britânico¹⁷³ contra a administração colonial belga e seus pouco mais de 2 mil homens contra um país de cerca de 10 milhões de habitantes¹⁷⁴.

É necessário recuar novamente para o início da administração belga. O *Bulletín* relata diversos tratados de limites em seus anos iniciais. No ano da abolição da escravatura no Brasil, são assinados dois, os de Manyanga e o do Sul de Lou'Obangi. Nesse mesmo ano, os geógrafos nos relatam a divisão colonial do Congo. Foram criados 11 distritos administrativos, quais sejam os de Banana, Boma, Matadi, das Cataratas, Arouwimi, Kassai, do Equador, Lou'Obangi e Uelle, o de Stanley Falls e o de Loualaba. Primeiro definia-se o estado, depois ele seria mapeado pelos geógrafos para a exploração.

O distrito de Arouwimi, por exemplo, foi definido em 1888, mas sua fundação e exploração econômica, segundo o *Bulletín*, ocorreu entre 1890 e 1891. Nestes dois anos levantaram-se dados de geografia física, de solo, a localização correta da região inventada para combater o tráfico árabe de escravos, a distância para as principais estações 'hospitaleiras' da AIC, as crenças e costumes, a situação política e econômica e até relatos

173. No Boletim produzido pelo Governador Geral Chevalier de Cuvelier, encontramos a tentativa de defesa contra oito acusações feitas pelo Parlamento britânico em 1904. São elas: 1) A legislação que concentra as terras nas mãos do rei e a falsa liberdade de comércio; 2) o sistema de tributação ao trabalho de forma coercitiva; 3) as violentas expedições militares, a violência contra crianças, as mutilações; 4) as concessões de terra; 5) o despovoamento e suas causas; 6) a tutela cedida à Igreja católica das crianças abandonadas e os maus tratos as mesmas; 7) o recrutamento obrigatório e impositivo de soldados e trabalhadores; 8) a justiça tendenciosa. Não foi sem motivo que o documentário da BBC 'White king, red rubber, black death' de 2006 tenha tratado Leopoldo II como um precursor de Hitler.

174. Como visto anteriormente, a população do Congo foi reduzida de cerca de 20 milhões para 10 milhões durante o período da exploração leopoldiana. Segundo o *Bulletín*, em 1904 havia 2939 brancos no Congo, e destes cerca de 2200 eram belgas. Numa divisão puramente estatística (que não é História) temos cerca de 5000 mortos para cada belga.

das bebidas fabricadas.

O detalhamento geográfico foi destacado por Oscar Lenz em sua expedição ao Congo em 1886. Inicialmente Lenz defende que todas as nações europeias deveriam realizar viagens semelhantes para estimular o comércio ultramarino, mas principalmente por interesses humanitários em levar à civilização aos 'selvagens' povos africanos. E as sociedades geográficas teriam uma missão:

Vemos na fundação da Sociedade Geográfica um sinal exterior do interesse que a maioria tem em relação à ciência geográfica. Em cada nação e em quase todas as cidades da Europa temos hoje uma Sociedade que se dedica aos estudos geográficos. Estes não se limitam mais aos estudos acadêmicos e encontramos os mais recentes resultados científicos em revistas especializadas publicadas pelas Sociedades Geográficas, que são uma importante fonte de desenvolvimento para se conhecer a Geografia.¹⁷⁵

Anos após, o engenheiro Eugène Pavoux ao descrever o comércio da borracha no *Bulletín*, principal atividade econômica da colônia, ressalta o papel da Geografia e os interesses da Europa na região. Vai além, enxerga na produção geográfica a definição de uma África futura. Uma ciência dando subsídios à dominação colonial:

Nós tivemos, especialmente, para a coordenação e ocupação dos territórios, ou para a delimitação das fronteiras, as informações geográficas. Nós somos a parte menos importante para as convenções relativas ao tráfico, ou ao comércio, ou ainda as missões religiosas. O quadro esboçado aqui seria demasiadamente amplo. — Algumas informações são incompletas, outras estéreis, mas esperamos que o

175. *Bulletín*. Société Royale Belge de Géographie. Volume XI. p. 205.1887. Tradução nossa do original: "On peut voir dans la fondation de la société de géographie un signe extérieur de cet intérêt que tous portent à cette science. Chaque nation, presque chaque ville importante en Europe possède une société que s'occupe de géographie, aussi n'est-ce plus exclusivement dans les écrits peu répandus des académiciens que nous devons rechercher les derniers résultats de la science; les revues publiées par les sociétés géographiques, sont une source importante de faits nouveaux par la connaissance de la géographie."

nosso trabalho não seja inútil para definir atualmente o que deve ser a África, fornecendo uma base para a constituição de uma história completa da colonização e das ações presentes nesta parte do mundo antigo realizadas pela civilização europeia.¹⁷⁶

O Governador Geral centralizava o poder e habitava em Boma. Em cada um dos distritos havia três classes de comissários e outros três de adjuntos. Foi instituída uma Força Pública dividida em companhias comandadas por Capitães. Os oficiais no Congo nunca passaram de pouco mais de duas centenas. Todos eles brancos e europeus e boa parte deles envolvidos nas atrocidades cometidas ao longo de duas décadas. Os soldados, sempre negros, muitos deles não oriundos do Congo, exerciam um serviço militar obrigatório e estavam passíveis a severas punições. Um sistema de fiscalização e controle de impostos também foi adotado no Congo. Em 1900, o número de distritos passara a 14 (foram adicionados Kwango oriental, Alto Ituri e Ponthierville). Os postos 'hospitais' eram 251, sendo outros 70 postos de 'cultura'. No total existiam naquele ano 258 chefaturas indígenas. Os benefícios belgas aos africanos eram imensos: 27 médicos (1 para cada 400mil habitantes), 20 comissários de higiene e 6 vacinadores oficiais. As transformações profundas, afinal esses 14 distritos foram divididos arbitrariamente de acordo com os interesses belgas na exploração colonial. O mundo do Congo estava destroçado pelos interesses da nação européia.

O soberano impôs ainda um Código Civil com 10 livros: contratos e obrigações; acordos sem convenção; compra e venda; locação; empréstimo; depósito; mandato; penhor; depósito e prescrição. O congênere

176. *Bulletin*. Société Belge de Géographie. Volume XIV. p. 347.1890. Tradução nossa do original: "Nous avons eu en vue spécialement de coordonner les renseignements géographiques concernant l'occupation des territoires et les limites géographiques cette occupation. Nous nous sommes moins occupé de la partie des conventions relative soit à la traite, soit au commerce et aux missions religieuses, etc. Le cadre eût été trop vaste. — Quelque incomplet et aride que soit notre travail, nous espérons qu'il ne sera pas sans utilité pour préciser ce que doit être aujourd'hui la carte de l'Afrique et pour servir de base à une histoire plus complète de la colonisation du partage actuel de cette partie de l'ancien monde par les puissances européennes."

brasileiro entrou em vigor em 1916, mas foi elaborado 20 anos antes, ou seja, quase na mesma época do adotado pelo Estado Livre do Congo. O documento brasileiro foi inspirado no Código napoleônico do início do século XIX, nele as leis do homem e do cidadão garantem os direitos da liberdade (econômica), da igualdade (formal) e da propriedade. Numa redução empobrecedora temos a seguinte divisão no Código brasileiro: definem-se quem são as pessoas, a física e a jurídica, para depois elencar os atos jurídicos permitidos ou não; inicia-se então uma definição das coisas (os bens e mercadorias que irão circular no capitalismo), para relacionar pessoas e coisas, o denominado contrato; determina então quais as obrigações e os direitos de ambas as partes; prossegue com o estabelecimento da família e encerra com o falecimento e a sucessão da pessoa. Há toda uma lógica burguesa nesse código. Ter direitos é poder exercer as trocas e a propriedade é o bem da vida mais sagrado. Ao analisarmos o Código leopoldiano de 1887, o que encontramos: circulação e trocas mercantis somente, não existem pessoas, famílias, sucessões. Não é sem razão que em quase 30 anos de *Bulletín* quase não foi citado um nome sequer de um habitante do Congo, seja ele rei ou vassalo. O Congo é apenas uma atividade econômica, sem vida e quase sem direitos, apenas o de ser explorado ao extremo.

Dentro da lógica da revolução industrial, a Bélgica investiu somas razoáveis na construção de um sistema de telégrafos e no de uma ferrovia ligando Matadi a Leopoldville. Os belgas alegam em defesa do rei que tais obras beneficiaram principalmente os moradores do Congo. Mas é certo que os pouco mais de 2000km de telégrafos serviam aos interesses das 48 empresas privadas belgas e das 14 estrangeiras instaladas no país em 1901 segundo o *Bulletín*.

Quanto à ferrovia, sua construção desde o princípio teve como norte a interligação entre as calmas águas do estuário de Matadi

e o imensa via fluvial de Leopoldville, separadas não só pelos 839km de distância construídos pela ferrovia, mas pelas intransponíveis 32 cachoeiras das Stanley Falls.

Além disso, devemos lembrar que os altos investimentos nas construções podem ser abatidos pela utilização em larga escala do trabalho forçado, ou da corveia exigida dos congolese, ou ainda dos mais de 5mil operários mortos pelos excessos cometidos pela Compagnie du Chemin du Fer du Congo (sucédida pela Compagnie du Congo pour le commerce et L'Industrie), cujo principal acionista era nosso querido rei Leopoldo.

Concluída em 1898, a ferrovia permitiu a formação de mais de 18mil km de artérias de comunicação e transporte. Para as empresas instaladas no Congo, as novas condições permitiram que as exportações (eram comercializados o amendoim, o café, a borracha, o óleo de palma, o marfim, o cacau, a goma e arroz pelas velhas e novas vias), saltassem de 1.980.441 de francos em 1887 para 50.488.394 de francos em 1901, sendo que destes cerca de 44 milhões de francos eram obtidos pela comercialização da borracha¹⁷⁷. Esse crescimento de 25 vezes nas exportações não incluía os dados privados do rei.

ECONOMIA

Os dados comerciais do Estado Livre do Congo aparecem em algumas publicações. Nos dez anos entre a véspera da Partilha e o auge da exploração colonial temos os seguintes dados¹⁷⁸ para a economia:

177. Bulletin. *Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXVI. p. 187. 1902.

178. Bulletin. *Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXI. pp. 185. 1897.

TABELA 5: DADOS DO COMÉRCIO NO ESTADO LIVRE DO CONGO

	Comércio Especial em Francos	Comércio Geral em Francos	Participação Belga
1886 (2ªsem.)	886.442,63	3.456.050,41	-----
1887	1.980.440,83	7.667.969,41	-----
1888	2.309.300,65	7.892.348,17	9,57%
1889	4.297.543,85	8.572.519,19	12,95%
1890	8.242.199,48	14.109.721,19	26,9%
1891	5.353.359,37	10.586.616,25	28,28%
1892	5.487.652,89	7.529.979,65	58,74%
1893	6.206.184,68	7.515.791,38	51,32%
1894	8.761.622,15	11.081.704,48	73,03%
1895	10.943.019,07	12.135.656,16	82,24%

O Comércio Especial envolve apenas os produtos produzidos ou comercializados pelas empresas belgas (sejam elas do rei ou privadas). O Comércio Geral acrescenta os números relativos aos outros países como Portugal, Inglaterra, França e Prússia. A venda de produtos do Congo esteve em ascensão em todo o período apresentado. Percebemos ainda que só a partir de 1892, após a aprovação dos dois decretos que regulamentaram a circulação e as trocas comerciais na bacia do Congo estabelecendo as taxas de entrada e definindo o quase monopólio belga sobre a região do Congo, é que o Comércio Especial supera o Geral. Dali em diante o predomínio belga sobre a região é crescente, atingindo mais de 80% do mercado em 1895, percentual esse que permanecerá nesta patamar em todo o período leopoldiano. Estado e burguesia belgas estavam juntos na exploração, eliminando seus concorrentes próximos. que levou a uma redução do comércio nos anos seguintes. A participação estrangeira nos negócios do Congo foi inversamente proporcional ao crescimento do comércio na região. Os belgas controlavam menos de 10% do mercado em 1888 e passaram a mais de oito décimos sete anos depois. O comércio total quase dobrara no período. A Bélgica buscava no Congo o amendoim, o café, o algodão, o cacau, o café, a goma, o óleo de palma, as nozes da palma e, principalmente, a

borracha e o marfim, este último responsável em 1895 por um faturamento bruto de 6.334.280 francos (mais de 60% do total). A borracha ainda era pouco importante.

Entre os principais produtos exportados pela Bélgica provindos da região do Congo em 1888¹⁷⁹, eram os que se seguem:

TABELA 6: PRODUTOS DO CONGO EM 1888

	Comércio Especial		Comércio Geral	
	Quantidade(kg)	Valor (fr.)	Quantidade(kg)	Valor (fr.)
Café	-----	-----	63.651	95.351,45
Borracha	12.617	44.159,50	107.032	374.612,00
Goma	1.462	2.558,50	19.611	34.319,25
Óleo (Palma)	133.883	60.237,45	319.351	143.707,19
Marfim	13.788	275.760,00	26.783	535.660,00
Nozes	714.681	142.936,20	1.248.630	249.666,00
Totais	-----	527.030,97	-----	1.501.891,05

Olhando-se apenas para os produtos exclusivos do Congo, o marfim e as nozes totalizaram mais de 418 mil francos (quase 80% do total). Interessante perceber que nesses primeiros anos a participação da borracha é inferior até a do óleo de palma. Anos após, a borracha será o grande produto exportado pelo Estado Livre do Congo. Fonte de riquezas e das atrocidades. Os dados também confirmam que é só na década de 90 que o monopólio belga se instalará sobre a região, afinal dos valores totais do comércio, aproximadamente dois terços ainda eram realizados por nações estrangeiras.

As vendas cresceram de forma exponencial a partir da exploração mais efetiva realizada pelo rei Leopoldo II. Em 1892¹⁸⁰, mais da

179. Bulletin. *Société Royale Belge de Géographie*. Volume XII. p. 557. 1888.

180. Bulletin. *Société Royale Belge de Géographie*. Volume XVI. p. 127. 1892.

metade do comércio da região do Congo estava em mãos belgas (como vimos na Tabela 5). Naquele ano, o Bulletin apresenta dados bastante promissores para um investidor europeu:

TABELA 7: PRODUTOS DO CONGO EM 1892

	Comércio Geral (fr.)	Crescimento Comparado 1888
Café	1.642.532	17000%
Borracha	2.319.644	620%
Goma	84.000	145%
Óleo (Palma)	1.226.939	853%
Marfim	3.318.100	619%
Nozes	1.864.352	746%

A cultura do café teve um salto impressionante: 17 vezes! Mais do que isso, em 1888 não havia comércio belga do produto. Isso significa imaginar que todo o faturamento foi para as mãos do rei e suas empresas privadas aliadas. Outro dado que retiramos da tabela, é que agora a borracha já era o segundo produto econômico da colônia, ainda atrás do marfim. Pensar que os investimentos necessários a construção da Ferrovia Matadi-Leopoldville consumiram 50 milhões de francos, em meros quatro anos de rendimentos semelhantes aos da Tabela de 1892 seriam obtidos tal valor. Mas os números não pararam de crescer na imponente obra 'civilizatória' da Bélgica. Uma década depois, segundo Wack (1905), a borracha rendia impressionantes 47,3 milhões de francos anuais e o marfim permanecia na faixa de 3,7 milhões de francos.

Separando apenas os dados relativos às importações, os Bulletin, confirmam o bom negócio que era o Congo. Lembre-se que a grande maioria dos produtos importados eram originários da Bélgica. Armas, barcos, roupas, sabonetes, lingerie, doces, bolachas, tratores, máquinas e uma infinidade de mercadorias que corroboram o pensamento

de Lênin e Rosa de Luxemburg. O Congo gastou 27 milhões de francos em importações em 1903. A Bélgica comprava 99 milhões de francos em mercadorias inglesas em 1899. Os africanos, mesmo numa economia periférica, gastavam um terço do que uma nação industrializada adquiria da maior potência mundial. Novos mercados, fontes de matérias primas, mão de obra barata e abundante e a desestruturação da economia natural e sua substituição pela economia capitalista estavam em seu processo de constituição.

Os habitantes do Congo deveriam estar felizes com a compra de lingerie europeias para vestir as mulheres colocadas em campos de concentração pelos colonizadores; ou então pela aquisição de armamentos que seriam utilizados pelos belgas para fuzilar homens, mulheres e crianças congoleses, antes ou depois de decepá-los e exibir as mãos sangrando como um troféu; ou quem sabe a importação de uma mercadoria proibida como o rum e o gim. Eram muitas as necessidades africanas dos maravilhosos produtos da economia capitalista.

TABELA 8: OS DADOS DE IMPORTAÇÃO NO CONGO

	Comércio Especial em Francos	Comércio Geral em Francos	Participação Belga
1892	1.918.218,00	1.978.535,00	25%
1893	4.422.611,00	4.482.919,00	48%
1894	6.227.609,00	9.289.990,00	55%
1895	6.003.465,00	6.099.958,00	56%
1896	10.204.477,00	5.091.137,62	----

A partir de informações retiradas do *Bulletín*¹⁸¹ percebe-se que os dados acima são ainda mais significativos levando-se em conta que em 1885 a participação belga nas importações era inexistente.

181. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXI. p. 183. 1897

Entre as nações estrangeiras, a maior concorrência aos interesses comerciais belgas era a da Inglaterra¹⁸². Fato este que confirma a hipótese de que a Bélgica era um apêndice que servia aos interesses da hegemonia britânica no mundo. Os outros dois países que ameaçavam o monopólio leopoldiano eram a Alemanha (lembrando que até a Primeira Guerra este país controlava as regiões do Alto Congo de Ruanda e Burundi, posteriormente cedidos à Bélgica) e a Holanda. Este terceiro país, terra da qual a Bélgica se desmembrou em 1830, mas que manteve profundos vínculos de interesse.¹⁸³ Juntas, as três nações européias controlavam de 37 a 40% do mercado congolês (ver tabela 9 abaixo). O valor das importações, entretanto, é crescente e a participação belga também. Cruzando com os dados de Morel (1904) e Wack (1905) temos que as importações quase triplicaram em valores totais entre 1893 e 1905 e a participação belga atingira mais de 75% neste último ano. Aos poucos o livre comércio abria espaço para o monopólio belga sobre a região.

TABELA 9: A CONCORRÊNCIA ESTRANGEIRA

	Comércio Especial em Francos	Comércio Geral em Francos
Inglaterra	2.087.107,88 (20%)	2.312.074,55 (20%)
Alemanha	908.473,95 (8,7%)	919.812,83 (8%)
Países Baixos	868.203,85 (8,4%)	1.548.401,01 (13,5%)

A participação das sociedades empresariais também foi crescente no Congo. Leopoldo II como citado no estudo de Domingos Sávio da Cunha Garcia (2005) estabeleceu uma relação profícua com empresas privadas em seu projeto colonialista, seja ele no Brasil ou na África. Parceiras de exploração, as sociedades empresariais também desfrutaram

182. Bulletin. *Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXI. p. 184. 1897

183. Até os dias atuais, pois em 1944 Bélgica, Holanda e Luxemburgo voltaram a formar uma união como no passado. Só que desta vez para estabelecer uma zona de livre comércio, a BENELUX. Tal organização deu as bases para a constituição da União Europeia.

dos crescentes lucros no Congo. Os dados abaixo¹⁸⁴ referem-se ao total das importações realizadas por quatro das mais de 30 empresas estabelecidas no Congo.

TABELA 10: IMPORTAÇÕES POR EMPRESAS

	1895	1896	1897
Estado Livre do Congo	284.721	565.346	721.541
Société Anglo-Belgium	125.872	244.650	458.862
A.B.I.R.	70.553	190.084	256.706
Société Com. Anversoise	20.253	39.283	93.251
Société du Kasai	1.486	38.226	58.963

Os dados permitem afirmar que a progressão das importações apontam para um dinamismo interno da colônia, afinal as necessidades dos exploradores, bem como as possibilidades dos colonizadores deviam ser cada vez maiores. Para os negócios do rei, o acréscimo foi de quase o triplo em três anos. A Anglo Belgium, a ABIR e a Anversoise quadruplicaram suas importações. Porém foi a Sociedade do Kasai (na qual o rei Leopoldo II era um dos acionistas principais) que teve os resultados mais expressivos. No triênio, suas importações aumentaram quase 40 vezes.

O mesmo *Bulletín* apresenta informações de que para um total de 1600 toneladas importadas, o distrito do Equador liderava a produção com aproximadamente 600 toneladas, a seguir vinham a região do Kasai com 300 toneladas, a de Bangala com 150 toneladas e a região das Stanley Falls com algo em torno de 130 toneladas. Juntas, estas regiões do Congo concentravam mais de 70% da entrada de mercadorias.

O *Bulletín* apresenta um resumo do relatório apresentado por M. Pourbaix ao *Bulletin* de la Société d'Etudes coloniales em 1897. Nele, o autor elogia profundamente a 'obra colonial' da Bélgica. Relata que o

184. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXIV. p. 339. 1900.

Congo foi importante para o desenvolvimento econômico da Bélgica pois:

“ A Bélgica envia para o Congo muito dos produtos fabricados em nossa indústria de armas, de munições, de embarcações, peças dos vapores, do carvão, gêneros alimentícios, roupas, lingerie, das máquinas, dos materiais de construção, das bebidas, dos tecidos, vidros, quinquilharias, etc. etc. Ao observarmos com cuidado as estatísticas do Estado Livre do Congo constatamos dois fatos:

1º) a marcha ascendente das importações;

2º) a rápida progressão das exportações, principalmente as belgas.”¹⁸⁵

Porbaix usa como referendo os números da importação que pularam de 1,8 milhões de francos em 1885 para mais de 11,8 milhões em 1895. Afirma ainda que o decreto de 1892 foi quem permitiu o crescimento do comércio. Este decreto, aprovado em maio de 1892 e posto em vigor em dezembro daquele ano, autorizava a Bélgica a cobrar pelos direitos de entrada e saída de mercadorias. Definido, segundo o *Bulletín*¹⁸⁶ :

Em 1892, ano em que começa o recolhimento dos direitos de entrada (9 de maio de 1892), a parte proporcional do comércio belga nas importações do Congo não ultrapassavam 25%. Após o decreto elas passam a mais de 67%. Em 1895, as exportações belgas atingiram 82,24% do total. ‘ O Congo não é ainda uma colônia belga, em que se beneficiam oito décimo das exportações e quase sete décimos das

185. Bulletin. Société Royale Belge de Géographie. Volume XXI. pp. 182-183.1897. Tradução nossa do original: “La Belgique expédie au Congo un grand nombre de produits fabriqués par notre industrie des armes, des munitions, des bateaux, des pièces de steamer, du charbon, des denrées alimentaires, des habillement set lingerie, des machines, des matériaux de construction, des boissons, des tissus, des verreries, de la quincaillerie, etc. Si nous parcourons les statistiques dressées par les soins de l’Etat indépendant du Congo, nous constatons deux faits: 1º La marche ascendante des importations, 2º La progression rapide de ses portation set surtout des exportations”

186. Bulletin. Société Royale Belge de Géographie. Volume XXII. p. 273.1898. Tradução nossa do original: “En 1892, année où commence la perception des droits d’entrée (le 9 mai 1892), la part proportionnelle de la Belgique dans les importations du Congo ne dépassait pas 25 pour 100. Elle atteint au delà de 67 pour 100 actuellement. En 1895, la part de la Belgique dans les exportations du Congo était de 82,24 pour cent. Le Congo n’est pas encore une colonie belge et nous bénéficions déjà de 8 dixièmes de ses exportations et de près de 7 dixièmes de ses importations. Le chiffre des échanges de la Belgique avec le Congo s’élève à une vingtaine de millions; celui de ses échanges avec le reste du continent africain est à peu près nul.”

importações. As trocas comerciais entre a Bélgica e o Congo atingiram cerca de vinte milhões de pessoas, enquanto que com o resto da África, esse número se aproxima de zero.

Alguns números extraídos dos *Bulletín* em diversos anos revelam a intensidade da exploração colonial. As despesas anuais do Estado Livre do Congo para a manutenção do sistema administrativo eram de 4.731.981 francos em 1892, foram crescendo para 7.370.939 francos em 1894, e para 7.383.554 francos no ano seguinte, atingindo a cifra de 17.251.975 de francos em 1898. As remessas postais pularam de 32.548 (1888) para 78.840 (1895). O Comércio Especial estava em 50.488.394 francos e o Comércio Geral em 54.758.000 francos na virada do século XIX. Ou seja, eles quintuplicaram em cinco anos. A produção de borracha que era de 12 toneladas em 1888 alcançara 320 toneladas em 1903, reduzindo um pouco às vésperas da devolução com 240 toneladas (ainda assim 20 vezes superior aos levantamentos de duas décadas antes). O imperialismo belga não existia. Era apenas uma miragem. Tudo era pelo bem dos africanos. Quanto ao marfim¹⁸⁷ observemos a tabela descritiva de sua produção:

TABELA 11: EXPORTAÇÃO DE MARFIM

	Valor (fr.)	Quantidade (ton)
1889	45.252	1.522
1890	76.448	1.695
1891	59.868	1.248
1892	118.739	2.250
1893	223.384	3.590
1894	185.558	2.799
1895	273.287	4.427
1896	246.125	3.906
1897	280.117	4.882

187. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXIX. p. 245. 1905.

A ampliação das vendas é constante. O preço pago por tonelada de marfim também esteve em elevação. Em 1889 pagava-se menos de 29 francos a tonelada, para atingir o patamar de 60 francos 8 anos após. Produção e faturamento se avolumavam. Provavelmente os lucros também eram mais vultosos, afinal a exploração do trabalho era cada vez maior no Congo.

Por companhias privadas, a exploração do marfim estava assim dividida: o Estado Livre do Congo era responsável por vendas de 167.550 francos (59,8%), a Société du Haute Congo por 48.820 francos (17,4%), a Société Anversoise por 7476 francos (2,6%) e a A.B.I.R. por meros 3298 francos (1,2%), mas não nos esqueçamos que a especialidade desta última empresa era a borracha (Indian Rubber).

Na região do Kasai, principal área da borracha, 13 empresas exploravam o mercado junto com o rei. Entre elas estavam a Société des produits végétéaux du aut Kasai, a Compagnie Anversoise, Le Traffic congolais e a Le Centrale Africaine. Sempre com o mesmo modelo de exploração. Havia inicialmente a concessão de terras expropriadas dos africanos pela coroa belga e repassadas às empresas privadas. O rei Leopoldo II era acionista minoritário dessas empresas. Estas utilizavam o trabalho compulsório em larga escala. A A.B.I.R., exemplificando, utilizava 10 mil homens de forma contínua durante todo o ano e mais outras 10 mil mulheres, crianças e pessoas idosas como temporárias. Esse segundo grupo, as empresas recrutavam nas várias casas de refugiados que se espalharam pelo Congo como nos conta Morel em 'Black 's man burden'. Os lucros capitalistas eram elevados. Nos domínios do rei entre 1895-1906 foram mais de 3,1 milhões de libras (ou 80 milhões de francos). A CCC (Comptoir Compagnie du Congo), auferiu mais de 736 mil libras em dividendos (quase 20 milhões de francos), tendo investido menos de 20 mil libras no negócio. Numa conta

macabra, devem ter pesado em favor da Compagnie os mais de 6 mil mortos em 4 anos de trabalho forçado.

A construção da ferrovia Matadi a Leopoldville, como visto, foi essencial para a interligação do Baixo Congo ao Alto Congo (o Loualaba). Separados por corredeiras e cachoeiras sem fim, as duas regiões após a construção do caminho de ferro permitiram a Bélgica o acesso às vias fluviais do rio Congo e seus afluentes. Os três portos mais importantes eram o de Boma (a capital), Banana e Matadi. Leopoldville era um entreposto comercial. Ali havia um terminal ligando ao caminho de ferro. Era o centro das vias de comunicação do Congo. O *Bulletín* apresenta duas tabelas sobre o movimento das embarcações oficiais pelo rio (em 1895, antes da inauguração da ferrovia, a circulação dessas embarcações rendia mais de 2 milhões de francos anuais em taxas de circulação):

TABELA 12: MOVIMENTO DE EMBARCAÇÕES EM 1907¹⁸⁸

	Leopoldville (1907)	
	Entrada	Saída
Vapor (Longo Curso)	102	115
Passageiros Brancos	637	708
Passageiros Negros	3204	2346
Carga Total	5.544 ton	11.247 ton

Eram mais de 100 navios diferentes de grande porte e movidos a vapor que circulavam pelo Congo, destes 45 pertenciam a Coroa e pelo menos mais 53 às empresas privadas belgas. Nos portos de Banana e Boma passavam mais de 4 mil viagens por ano, contabilizando-se aqui também as pequenas embarcações.

Os dados de Boma contabilizam as embarcações estrangeiras, por este motivo temos números mais expressivos para àquele porto. Pelos

188. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXXII. p. 457. 1908

números da tabela 13 abaixo, temos que a cada vapor saía em média de 8 em 8 dias, carregado pelas águas do Congo e passava pelo porto de Banana. Em 1909, na era do Congo Belga, o tempo de cada movimento de embarcação caíra para 6 dias. Isso denota a intensidade do comércio entre o Congo e sua metrópole. Extraíam-se do Congo anualmente cerca de 120 mil toneladas de marfim, borracha e de óleo de palma em média.

TABELA 13: ENTRADA E SAÍDA DE EMBARCAÇÕES EM 1908 E 1909¹⁸⁹

	1908 – Entrada		1909 – Entrada (1º Trim)	
	Boma	Banana	Boma	Banana
Vapor (Longo Curso)	111	35	27	28
Carga (ton)	290.324	105.280	71.214	70.744
Cabotagem	99	139	29	31
Carga (ton)	9.204	6.849	2296	1.241

Em 1910¹⁹⁰, o *Bulletín* publica, depois de anos de silêncio sobre a economia e o comércio do Estado Livre do Congo, um retrato das principais atividades econômicas do Congo (agora Belga). Apenas um ano após a devolução da propriedade privada do rei Leopoldo II para seu país de origem, o Congo volta a ser destaque na Revista da Sociedade Geográfica Belga: nada menos que 16 artigos analisam o país africano contra apenas 2 em 1907, quando ainda em mãos do rei Leopoldo II.

A geografia voltava a servir aos interesses do Estado — não o africano é óbvio — para que, segundo as palavras de vários membros da Sociedade Geográfica Belga, pudesse ser continuada a ‘monumental obra do soberano’. As rotas comerciais eram de 9203 km (sendo que 223 km eram de rodovias de terras). As ferrovias totalizavam 721 km (o que denota um certo abandono das linhas férreas, pois a estrada Matadi-Leopoldville

189. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXXIII. p. 228-230. 1909

190. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXXIV. pp. 237-239. 1910

possuía 839 km em sua inauguração). As vias fluviais navegáveis totalizavam em torno de 12mil km, com 45 vapores de propriedade do Estado belga e outras 53 embarcações particulares. O telégrafo se estendia por 2002km (num país de 2,3 milhões de km²).

O Comércio Geral atingia a impressionante cifra de 106.496.601 francos (sendo 78.014.360 francos em exportações e 28.482.241 francos em importações) e o Comércio Especial alcançara 78.294.218 francos (sendo 56.167.223 francos em exportações). Passados 13 anos dos últimos dados, o Comércio Geral tivera uma expansão de 21 vezes e o Comércio Especial era o óctoplo de 1896. Somente as exportações gerais de 1909 superaram em 6 milhões de francos todo o investimento feito pelo rei Leopoldo II no Congo entre 1885 e 1908. Mais de 70% do comércio continuava nas mãos dos belgas, corroborando Dom Fabrizio de que às vezes é necessário mudar tudo, para que tudo fique como está.

O valor da borracha dobrara no mercado internacional, atraindo mais ainda os interesses belgas. No ano de 1909, a borracha e o marfim ainda lideravam as exportações da colônia com 42.569.480 francos e 6.583.221 francos respectivamente. Entre os decretos de 1892 e o ano 1909, o faturamento da borracha aumentara 20 vezes e o do marfim dobrara. Em terceiro lugar nos produtos comerciais aparecia um produto novo: o ouro, com mais de 2,2 milhões francos e em sétimo com quase 900 mil francos, o cobre. Tais riquezas seriam as futuras benesses do Congo Belga. Mas esta é outra história.

A DEVOLUÇÃO

O explorador Lovett Cameron, um dos fundadores da Associação Colonial Holandesa de Amsterdã, proferiu uma palestra para a

Sociedade Geográfica da Bélgica, reproduzida no *Bulletín* do mesmo ano. Ao defender a existência do Estado Livre do Congo, o comandante neerlandês assim descreve as intenções europeias:

A velocidade da marcha e a simplicidade da construção são nossos dois grandes desejos [...]

As duas grandes vantagens que temos para oferecer para a instituição do Estado Livre do Congo, são em primeiro lugar a de melhorar a condição dos habitantes aborígenes e também para o desenvolvimento do comércio legítimo. Como o primeiro desses dois objetos é o mais importante e o mais urgente para a melhoria dos congoleses é a supressão absoluta do comércio de escravos é com satisfação que lembramos aqui que todos as Potências signatárias de Berlim, concordaram que o comércio de escravos na costa e no interior da África é agora considerado como um crime da mesma categoria do tráfico.¹⁹¹

Ideal civilizatório, representado pelo combate à escravidão e o livre comércio. Promessas em vão. Quase dois decênios depois, Émile Vandervelde, deputado socialista e historiador belga, ao prestar depoimentos ao parlamento britânico sobre as possíveis atrocidades no Congo assim expõe:

Agora, o sistema do Congo é exatamente a antítese de um sistema ideal de colonização que eu havia descrito e eu não exagerei ao descrever que o atual sistema colonial congolês foi fundado com o confisco da terra dos nativos africanos, mediante trabalho escravo e com um sistema compulsório que cometeu os mais horrendos abusos. (...) Senhores, as terras que são roubadas dos nativos não são as não ocupadas (vacantes, segundo a lei belga), mas as propriedades comunais que cercam suas vilas e que são essenciais á sobrevivência desses povos.¹⁹²

191. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume IX. p. 589. 1885. Tradução nossa do original: " La rapidité de la marche et la simplicité de la construction sont les deux grands desiderata (...) Les deux grands avantages qu'il faut se proposer de retirer de l'établissement de cet État sont l'amélioration de la condition des habitants aborigènes et le développement du commerce légitime. Quant au premier de ces deux objets, ce qu'il y a de plus important et de plus urgent, c'est la suppression absolue de la traite des esclaves c'est avec satisfaction que nous rappelons ici que toutes les puissances signataires se sont engagées à ce que le commerce des esclaves sur la côte et dans les eaux intérieures soit considéré désormais comme étant rangé dans la même catégorie que la traite en pleine."

192. MOREL, Edmond. *King's Leopold rule in Africa*. p. 123. 1913

Passados quase um século das declarações de Vandervelde, a ciência continua a serviço de sua majestade. O sítio 'Etude de la colonisation belge' pertencente a Union Royale Belge pour les Pays de Outre-Mer (Urome)¹⁹³, uma associação de estudos coloniais e de defesa dos interesses de ex-membros da colonização belga, bem como o de preservar o suposto trabalho realizado pela Bélgica no Congo, segundo as palavras de auto-elogio de seus integrantes. A Urome foi fundada em 1975 e disponibiliza dezenas de documentos produzidos ou pelo governo geral do Estado Livre do Congo, ou pelos administradores do Congo Belga, ou ainda decretos e leis que foram adotados na colônia ao longo de 80 anos. Encontra-se até uma entrevista com um historiador congolês Isidoro Ndaywel N'Ziem, conhecido pela sua contribuição a Cobelco. Numa clara falácia da autoridade, retiram-se trechos de suas declarações, para justificar os estudos da Urome centrados apenas em documentos oficiais e estudos etnográficos. Não há crítica às fontes, mas sobram acusações contra os supostos métodos anti-históricos de Vandervelde, Marchal, Hoschchild, Morel e a 'farsa' da Comissão de Inquérito Inglesa em 1903. Um dos textos interpretados por N'Ziem, utilizado em defesa das benfeitorias belgas no Congo é um relatório da comissão parlamentar belga (não a inglesa), para provar que o Congo deve agradecer eternamente ao rei Leopoldo II e a Bélgica:

Hoje, existe segurança neste grande país. O escravo desapareceu, canibalismo, severas penalidades para trás, e se esconde, o sacrifício humano tornou-se raro. Cidades que lembram o nosso mais charmoso à beira-mar resorts, os barcos, o grande rio e a linha ferroviária no Baixo-Congo, Matadi e Leopoldville. O porto do rio Congo com os movimentos de seus barcos, são uma reminiscência de nossas laboriosas cidades europeias. [...] O serviço regular de comunicação postal, a linha telegráfica que atinge um desenvolvimento de 1.500 km, o hospital que se estabeleceu nas cidades, todas essas coisas de ontem dão ao viajante a impressão de que ele anda, não pela África Central ainda desconhecida e bárbara, mas por um país que conquistou a civilização europeia. E uma

193. O sítio está no endereço <<http://www.urome.be/>>.

pergunta que se faz é que magia ou como poderoso soberano, auxiliado por esforços heróicos, foi capaz de transformar em poucos anos a face da terra.

Todas as atrocidades são inexistentes nesse belo discurso. Escravidão: segundo a Urome, é uma chaga árabe eliminada pelo rei Leopoldo. Mãos decepadas: são soldados belgas ignaros que abusam da violência com total repulsa da Bélgica. As cidades do Congo são resorts europeus. Então porque o rei comprou uma mansão na Riviera francesa e não nas charmosas e laboriosas terras africanas, reminiscências das agradáveis cidades europeias. O hospital: esta citação de N'Ziem permitiu a Urome desconsiderar toda a obra de Hoschchild e Vandervelde, por que estes dois teriam negado a existência do mesmo. Não é verdade, eles afirmam que havia apenas uma choupana que servia como hospital (com apenas 27 médicos, como nos contou o *Bulletín*). Eles apenas diminuíram a importância do mesmo.

O deputado belga do início do século XX coloca as lentes ideológicas em seu relato e a Urome não faz nenhuma interpretação que relativize o discurso. A palavra é o que ela diz. Entretanto sabemos que uma casa tem sentidos diferentes para um artista, um arquiteto, um pedreiro ou para quem habita nela. Os homens pertencem a grupos sociais distintos, fazem escolhas de classe e procuram preservar seus traços distintivos. Negar isso é negar o movimento da História. É não entender ou falsear que o rio em suas cheias e vazantes arrasta o passado e sedimenta as terras do presente. Certo estava o Coronel Arthur Vermeersch ao afirmar no relatório de 1905, entregue pelo governador geral, ao rei Leopoldo II que a Bélgica deveria escolher entre: "Civilização ou borracha".

Os *Bulletín* são mais sinceros que os historiadores do presente. Talvez despreocupados com os julgamentos morais de época eles falavam abertamente da obra colonial. Os negros são canibais em sua

maioria. As famílias são poligâmicas. Suas religiões são animistas. Raças de pessoas atrasadas e infantis. Economias arcaicas. São afirmações que apareciam em quase todas as citações ao longo dos anos. As acusações contra Bélgica? Nada mais eram do que interesses imperialistas ingleses e alemães na região. Aliás, segundo os *Bulletín*, os acusadores belgas são países que cometiam atrocidades na África do Sul, na Índia, em Ruanda, Burundi, etc. O que de fato era verdadeiro. O imperialismo foi sempre brutal, mas isto não perdoa os pecados belgas. Não há um código de Hamurábi em História. Como eles matam, também matarei. É de um cinismo atroz.

E os 'indígenas' só melhoram sua vida quando em contato com o branco, com sua educação racional¹⁹⁴. Os soldados europeus só exercem uma coerção brutal e exigem demais dos indígenas, porque estes são irresponsáveis.¹⁹⁵ O trabalho forçado é diferente da escravidão e que seria injusto para a Bélgica não cobrar taxas pelos melhoramentos que trazia para a colônia.¹⁹⁶ Os padres e missionários punem excessivamente as crianças órfãs do Congo para que elas deixam o estado de imbecilidade em que se encontram.¹⁹⁷ O Congo é um mero anexo da Bélgica e a tomada de consciência do processo de colonização e suas vantagens eliminará as ideias pré-concebidas de organização administrativa¹⁹⁸. A economia, que segundo os revisionistas do Urome, não foi importante, era algo central no discurso dos contemporâneos de Leopoldo II, vejamos:

O comércio com a colônia tem muitas vantagens em relação ao exercido com nações estrangeiras. Ele oferece uma segurança muito maior. Não as terá nos velhos países europeus, abarrotados com os seus próprios produtos, o comércio está em terras distantes, nelas é que se pode abrir novas oportunidades e, especialmente agora, que todo mundo sabe que na maioria destes países o capital

194. *Bulletín*. Société Royale Belge de Géographie. Volume XXVII, p. 400. 1903.

195. *Bulletín*. Société Royale Belge de Géographie. Volume XXVII, p. 389. 1903.

196. *Bulletín*. Société Royale Belge de Géographie. Volume XXVII, p. 388. 1903.

197. *Bulletín*. Société Royale Belge de Géographie. Volume XXIII, p. 197. 1899.

198. *Bulletín*. Société Royale Belge de Géographie. Volume XX, p. 245. 1896.

empregado será sempre lucrativo, temos de esperar dos governos e das administrações da justiça ou um rigoroso benefício ou um tratamento justo. Além disso, os fabricantes e comerciantes que fazem negócios com os países estrangeiros, estão constantemente expostos fechar abrupto dessas fronteiras comerciais. Os capitalistas e os comerciantes não tem de passar por qualquer desses riscos nas colônias pertencentes a nossa pátria.¹⁹⁹

Tschoffen, um capitão belga, descreve em 1896 o que acha dos negros do Congo. Sem censuras prévias, sem história do presente. Apenas a sinceridade de um racista:

Vamos ver se podemos demolir ou remover os costumes indígenas que estão muito fortemente marcados com o selo da barbárie primitiva. Vamos ver o quanto o preto é perfectível, ou acessível a novas idéias para ele, o supremo [...] movendo-se apenas para encontrar sombra ou sol, e movendo-se apenas para olhar a sombra ou o sol, e um pensar vago ou ausente, deixando o dia correr, um atrás do outro [...] esta vida quase vegetativa, isso resulta em uma organização social de langor generalizado e muito básica, mal começou a colonização e que é importante para nós é saber se podemos capturar o espírito dos costumes judiciais dos negros. [...]

Indolente a ponto de negligenciar seus próprios interesses, descuidados de um futuro em que uma natureza pródiga.[...]

Geralmente, o preto não é rico. A violência vem de sua natureza preguiçosa, seus instintos pródigos.[...]

Nesta luta épica da civilização em conflito com a africano selvagem, os belgas foram importantes em grande parte, mas a sua tarefa não está concluída. Para lutar ao lado da luz, que puxou a espada, eles

199. Bulletin. *Société Royale Belge de Géographie*. Volume XVII. p 304.1893. Tradução nossa do original: "Le commerce avec une colonie présente beaucoup d'avantages sur celui qui se fait avec des pays étrangers. Il offre une bien plus grande sécurité. Ce n'est pas dans les vieilles contrées européennes, encombrées toutes par leurs propres produits, c'est dans des pays lointains encore plus ou moins neufs qu'on peut surtout s'ouvrir aujourd'hui des débouchés et nul n'ignore que dans la plupart de ces pays, les capitaux engagés sont bien aventurés et qu'il n'y faut attendre des gouvernements et des administrations ni une justice bien stricte, ni un traitement fort équitable. En outre, les industriels et les négociants qui font des affaires avec les pays étrangers, sont sans cesse exposés à voir les frontières de ces pays se fermer brusquement. Les capitalistes et les commerçants n'ont à courir aucun de ces risques dans les colonies qui appartiennent à leur patrie." (Uma resposta dos geógrafos as críticas ao projeto colonial belga).

não podem dar-lhe a espada antes que ele seja vencida”²⁰⁰

Estes trechos nos revelam a verdade sobre o Congo. Desnudam a face horripilante do terror de Estado perpetrado pelo rei Leopoldo II nos seus 23 anos como soberano do Estado “Livre” do Congo. O centro da África foi palco de um dos símbolos máximos da expansão imperialista. A Geografia mostrou não ser a ciência neutra que se proclamava em suas origens. A História ainda procura reescrever o passado, mas não existem mais fornos crematórios para transformar em cinzas as mãos decepadas dos congoleses, nem os 10 milhões de mortos, como fizeram os nazistas alguns anos após. Preconceito, racismo, ideal de superioridade cultural tiveram no Congo seu primeiro espetáculo de banalização do mal.

Após quase 5 anos de campanha mundial em que participaram não só Vandervelde e Morel, mas também Mark Twain (o qual recebeu uma resposta agressiva do rei Leopoldo II, disponível no site da Urome) e Conan Doyle, o soberano entra em acordo com as Potências europeias e com o Parlamento belga. Era o fim do Estado Livre do Congo.

No final de novembro de 1907 é assinado um tratado de rendição entre a Bélgica e o Estado Livre do Congo. O rei Leopoldo II retirava-se do país africano em que nunca esteve e passa todos os seus bens para a pátria natal. Por meio deste documento oficial, todas as propriedades e

200. Bulletin. *Société Royale Belge de Géographie*. Volume XX. Pp. 245-280.1896. Tradução nossa do original: Nous rechercherons s’il y a moyen de battre en brèche, de supprimer celles des coutumes indigènes qui sont trop fortement empreintes du sceau de la barbarie primitive. Nous verrons jusqu’à quel point, le noir est perfectible, ou accessible à des idées neuves pour lui.(...) le suprême se déplaçant à peine pour chercher l’ombre ou le soleil, et la se déplaçant à peine pour chercher l’ombre ou le soleil, et la pensée vague ou absente, laisser les jours couler les uns après les autres(...)de cette vie presque végétative, de cet alanguissement général résulte une organisation sociale très rudimentaire, à peine ébauchée et qu’il nous importe de connaître si nous voulons saisir l’esprit des coutumes judiciaires des noirs. (...) Indolent au point de négliger ses propres intérêts, insouciant d’un avenir auquel une nature prodigue. (...) Généralement, le noir n’est pas riche. Il lui aura fallu faire violence à sa nature paresseuse, à ses instincts prodigues, pour.

Dans cette lutte épique de la civilisation aux prises avec la sauvagerie africaine, les Belges ont eu large part. Mais leur tâche n’est pas terminée. Pour combattre aux côtés de la lumière, ils ont tiré l’épée; ils ne peuvent la remettre au fourreau avant d’avoir vaincu.”

coisas móveis eram transferidas para a Bélgica. Mas não sem encargos, pois foram repassados também os passivos da colônia africana. Depreende-se daí que a Bélgica teria necessariamente que prosseguir com a exploração colonial, para não inviabilizar as finanças do país, que dois anos após seria entregue às mãos do príncipe herdeiro, Alberto I, filho de Leopoldo II. O *Bulletín* reproduziu em 1908 o tratado de concessão:

Art. 2º: A venda incluiu todo o patrimônio imobiliário e os móveis particulares do Estado Livre.

§1º A propriedade de toda terra de caráter público ou privado sujeitas às disposições e obrigações do anexo[...]

§3º Todos os edifícios, estruturas, instalações, plantações e dotações qualquer estabelecidos ou adquiridos em África e na Bélgica, pelo governo do Estado, para todos os objetos móveis, para o gado que lá está, bem como aos barcos e embarcações, com seus equipamentos e todas as armas militares [...]

§4º Do marfim, da borracha e de outros produtos africanos que são propriedades do Estado Livre e os bens de abastecimento [...]

Art.3º: Por outro lado, a venda inclui todos os passivos e todos os compromissos financeiros do Estado Livre [...]"²⁰¹

Tudo agora pertencia a Bélgica. O passado rapidamente foi esquecido e a História tem culpa nisso. No ano seguinte a devolução estava concretizada. Curiosamente em 1909 faleciam o rei Leopoldo II que tanto amou sua colônia e o fundador e presidente eterno da Sociedade Geográfica Real da Bélgica, Jean du Fief. A Geografia à serviço do soberano não resistira a perda de sua colônia.

201. *Bulletín. Société Royale Belge de Géographie*. Volume XXXII. pp. 345-348.1908. Tradução nossa do original: "ART. 2. La cession comprend tout l'avoir immobilier et mobilier de l'État Indépendant, notamment 1 La propriété de toutes les terres appartenant à son domaine public ou privé, sous réserve des dispositions et obligations indiquées dans l'annexe A de la présente convention 3° Tous les bâtiments, constructions, installations, plantations et appropriations quelconques établis ou acquis en Afrique et en Belgique par le Gouvernement de l'État Indépendant, les objets mobiliers de toute nature et le bétail qu'il y possède; ainsi que ses bateaux et embarcations avec leur matériel, et son matériel d'armement militaire, tels que repris à l'annexe B. 4 L'ivoire, le caoutchouc et les autres produits africains qui sont la propriété de l'État indépendant, de même que les objets d'approvisionnement et autres marchandises lui appartenant, tels que repris à l'annexe B ART. 3. D'autre part, la cession comprend tout le passif et tous les engagements financiers de l'État Indépendant, tels qu'ils sont détaillés dans l'annexe C."

CONCLUSÃO

Que se um povo sua dura cadeia
não se atreve a romper com suas mãos,
pode o povo mudar de tiranos
mas nunca poderá ser livre.
(José Martí. Nova York. 1888)

O Continente Africano não é e nunca foi dividido em três áreas distintas: o Mediterrâneo, o Saara e as Florestas. Tal divisão é fruto de uma construção histórica de quase seis séculos. Período da “roedura” de todas as suas riquezas: naturais, econômicas, políticas e culturais. Uma história sucessiva de colonizações e extermínios. História que desconsiderou a existência da resistência africana a tão longo período exploratório. Maniqueísta, ela considera que somente no pós-guerra e, mais uma vez, em razão dos interesses externos é que houve uma luta pela libertação. A África nunca existe por si, somente se encontra como um complemento do mundo rico ou como diz Ki-Zerbo:

O preconceito pretende que todos os países da África produzem a mesma coisa [...] Todavia, num período pré-colonial, os africanos distinguiam-se pela policultura, e havia possibilidades de trocas [...] A alteração do mapa econômico da África Ocidental e do Norte começou com a ocupação colonial e esta [...] [formou] um sistema em que o conjunto da África negra era reduzido a uma função servil na economia mundial. Continuamos a viver sobre bases artificiais porque não foi permitido à África funcionar numa base endógena. É evidente que, num mercado interno africano, os países seriam levados a se organizar em função das vantagens comparativas das diferentes regiões Por vezes digo para mim mesmo que os países africanos deveriam começar a união africana pela infra-estrutura [...] Infelizmente [tal infra-estrutura] assemelha-se hoje a garras enterradas no continente para retirar o máximo de coisas e levá-las para a costa.¹⁹⁵

195. KI-ZERBO, Joseph. *Para quando África?* Rio de Janeiro. Pallas. 2006. pp. 152-154

Entender o Imperialismo Europeu entre os fins do século XIX e início do XX como um fenômeno não só econômico, mas também político, pois permitiu a transmissão não só da administração neocolonial, e sim de toda uma produção capitalista e uma ideologia burguesa para todas as regiões do mundo. As fronteiras e características geográficas, nesse sentido, deveriam ser esmiuçadas para a conquista completa do mundo pois a burguesia, como afirmou Marx no Manifesto Comunista: 'Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações'. E qual seria a contribuição do colonialismo ao Congo e ao continente africano. O historiador Walter Rodney afirma que:

É costume dizer que de um lado havia exploração e opressão, mas que, de outro lado, os governos coloniais fizeram muito pelos africanos e contribuíram para o desenvolvimento da África. Para nós, isso é completamente falso. O colonialismo só tem um aspecto, um braço: é um bandido maneta.¹⁹⁶

Porém, o próprio Boahen considera que não foram só negativas as contribuições europeias à África. Mesmo relativizando os poucos fatos benéficos da colonização ao dizer que: '[...] a maior parte dos efeitos positivos não é de origem intencional: trata-se antes de consequências acidentais ou de medidas destinadas a defender os interesses dos colonizadores.'

Por um lado, a Europa deixou uma estrutura administrativa e judicial (que segundo o historiador tiveram na Inglaterra seu exemplo de maior organização e na Bélgica e Portugal os maiores desastres). Incentivou o sentimento nacionalista e o pan-africanismo. Urbanizou o continente (promovendo migrações em massa e desigualdades urbanos-rurais) e dinamizou a economia da África. Por outro, ela criou futuras questões

196. Walter Rodney citado por Albert Adu Boahen In: *História Geral da África*. Volume 7. p.921

fronteiriças (como as que destruíram as ex-colônias belgas, Ruanda e Burundi nos anos 90), a perda de representatividade dos políticos internos e a não distinção entre o espaço público (sempre confundido com o espaço do branco e não do cidadão) e privado. O exército permanente, com tantas despesas e responsável por tantas atrocidades nos anos que se seguiram. A perda da soberania e da independência africanas. A comercialização da terra (em sua maioria comunais antes do Imperialismo), a devastação dos recursos naturais e tantos outros aspectos negativos da colonização, este foi o custo da 'integração da África ocidental na economia do mundo industrializado'¹⁹⁷. Uma integração com desenvolvimento desigual, concentração de renda e industrialização visando os interesses externos. Transformações que:

Independentemente das mudanças de infraestrutura (estradas, ferrovias, telefone, telégrafo) trazidas pelo colonialismo, todas as demais transformações econômicas (a introdução da agricultura de exportação e da economia monetária, o desmantelamento constante e paulatino das formas de vida comunitária, a integração da economia africana na economia mundial, a urbanização) tinham começado antes da era colonial. O colonialismo não fez senão acelerar vertiginosamente o ritmo dessas transformações e que, portanto, ele precipitou e reforçou, em vez de iniciar, a confrontação entre a África e a Europa. No entanto, fez isso de um modo que privou os africanos – os mais intimamente afetados por elas – de qualquer papel essencial ou benéfico. Ademais – e nisso entro em desacordo com Hopkins – a alteração foi tão rápida e tão profunda que seu impacto sobre os africanos não só foi traumático como precipitou a economia em uma direção malsã e alienada, da qual ela não conseguiu ainda desviar-se. E dentro deste quadro e não no da confrontação com a Europa do século XX que se deve avaliar todo o impacto do colonialismo no nível econômico.¹⁹⁸

Tentou-se traçar o papel da Bélgica, do rei Leopoldo II e da Sociedade Geográfica Belga na construção de uma economia-mundo no denominado Estado Livre do Congo. Uma economia-mundo que em sua expansão neocolonial de fins do século XIX, ávida de novos mercados e

197. A.G.Hopkins. *British Imperialism: Innovation and Expansion*.1993

198. BOAHEN, Albert Adu. *História Geral da África*. Volume 7. p. 945

recursos naturais necessários ao desenvolvimento do capitalismo, instalou-se na Ásia e na África. E dentro deste continente, o Congo foi palco de um Imperialismo predador, pautado no desprezo humano, na pilhagem desenfreada e no massacre das identidades e culturas africanas, perpetradas por uma pequena nação europeia, a Bélgica e por seu monarca. Justificados por um lado pelo discurso Geopolítico, por outro com o desenvolvimento científico não tão edificante da Geografia, ambos produzidos na Sociedade Real Belga de Geografia, que nada mais eram do que um suporte, não para a Guerra, mas antes de tudo para a exploração colonial.

BIBLIOGRAFIA

FONTE PRIMÁRIA

SOCIÉTÉ ROYALE BELGE de GÉOGRAPHIE. *Bulletín*. Volumes 1 a 33. Bruxelles. Secrétariat de la Société Belge de Géographie. 1877 a 1909.

ARTIGOS

BARBOSA, Muryatan S. *História da África: uma introdução*. **Biblioteca Entre Livros**. Edição Especial. São Paulo: Duetto, 2007, mar, nº6. Acessado em 05/11/2010 <<http://sites.google.com/site/neacpusp/artigos>>.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Acerca da Superestrutura*. **Palestra** proferida no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. 03.08.1989. Acessado em 05/11/2010 <<http://sites.google.com/site/dnbwilson/textosdeteoriaemetodologia>>.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Uma teoria marxista dos ciclos econômicos*. Publicado originalmente em *Marx e Engels na História* - Osvaldo Coggiola (org.). Editora Xamã. 1996. Acessado em 05/11/2010 <<http://sites.google.com/site/dnbwilson/textosdeteoriaemetodologia>>.

CAHIERS D'ÉTUDES AFRICAINES. École des Hautes Études en Sciences Sociales. Volume XVI. Paris. 1976. " La mise en dépendance de L'Áfrique noire; essai de la periodisation, 1800-1970. Catherine Coquery-Vidrovitch.

CAHIERS D'ÉTUDES AFRICAINES. École des Hautes Études en Sciences

Sociales. Volume XX. Paris. 1980.

GOMES BARBOSA, Glaudionor. *Imperialismo, capitalismo e burguesia: revisitando as contribuições teóricas de Joseph Schumpeter e Hannah Arendt*. **Colombia Internacional**, núm. 70, julio-diciembre, 2009, pp. 145-165. Universidad de los Andes. Colômbia.

HOCHSCHILD, Adam & MARCHALL, Jules & NZIEM, Izidore Ndaywel. E. (supervisores). *Histoire de la colonization belge du Congo*. Cobelco. Acessado em 01/06/2011 <<http://www.cobelco.info>>.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando África?* Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro. Editora Palas. 2006.

KSENOFONTOV, Filipp A. *Concepção burguesa e concepção marxista de estado e de direito*. Julho de 2006. Acessado em 10/12/2010 <www.scientific-socialism.de/PECAP9.htm>.

LLORENTE PINTO, José Manuel. *Colonialismo y geografía en España en ultimo cuarto del siglo XIX. Auge y descredito de la geografía colonial*. Revista Cuadrimestral de Geografía. **Eria** nº15. Madrid. 1988. Pp. 51-76.

LLORENTE PINTO, José Manuel. *Colonialismo y geografía en España en ultimo cuarto del siglo XIX. El proyecto colonial*. Revista Cuadrimestral de Geografía. **Eria** nº13. Madrid. 1987. Pp. 93-107.

MORENO, Helena Walkin. *O papel da sociedade de geografia de Lisboa na edificação do III império português: a fase expansionista*. II Encontro Nacional do Pensamento Geográfico. USP. 2009.

MUNANGA, Kabengele. *A república democrática do Congo-RDC*. Casa das Áfricas.

OLIVEIRA, Fábio de. *Política e estado no pensamento marxista*. UFSC: estudos jurídicos e políticos. Volume 22; nº 43. 2001. Acessado em 10/12/2010 <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/viewFile/15363/13945>>.

VALERO, Jose Luis Villanova. *La sociedad geográfica de Madrid y El colonialismo español en Marruecos (1876-1956)*. Espanha. **Documentos analíticos geográficos**. Volume 34. 1999.

ZUSMAN, Perla & MINVIELLE, Sandra. *Sociedades geográficas y delimitación del territorio en la construcción del estado-nación argentino*. Argentina. Acessado em 12/05/2009 <www.educ.arg>.

ENCICLOPÉDIAS

ACADEMIE ROYALE DES SCIENCES, DES LETTRES ET DES BEAUX-ARTS DE BELGIQUE. Anuario royal belge bibliographie national. <<http://www.academieroyale.be>>.

ENCICLOPEDIA Digital Larousse. <<http://www.larousse.fr>>.

PINHO, Diva Benevides & VASCONCELLOS, Marco Antônio S. de (orgs.). *Manual de economia*. 5ª ed. São Paulo. Saraiva. 2004.

FILMES

Apocalypse now. Ano de Produção: 1979. Diretor: Francis Ford Copolla. EUA. Disney Video. Som: inglês. Legendas: português, inglês e espanhol.

Colorido. DVD. 202 min. 2002.

King Leopold's ghost. Ano de Produção: 2006. Diretor: Pippa Scott. EUA. Direct Cinema Limited. Som: inglês. Legendas: não há. Colorido. DVD. 103min. 2009.

Mountains of the moon (Nas montanhas da lua). Ano de Produção: 1990. Diretor: Bob Rafelson. EUA. Artisan Studio. Som: inglês. Legendas: inglês. Colorido. VHS. 136 min. 1999.

The general (A general). Ano de Produção: 1927. Diretor: Buster Keaton. EUA. VTO Continental. Som: português, inglês. Legendas: português, inglês. Preto & Branco. DVD. 95 min. 2008.

White king, red rubber, black death. Ano de Produção: 2006. Diretor: Peter Bate. GBR. BBC. Som: inglês. Legendas: inglês, francês e alemão. Colorido. DVD. 84 min. 2006.

LIVROS. DISSERTAÇÕES E TESES

AJAYI, J. F. Ade. *História geral da África*. Vol.6 – Do século XIX a 1880. São Carlos. Unesco/ UFSCar. 2010.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. 1ª reimpressão. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. 2ª ed. Brasília. Editora UNB. 1989.

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. São Paulo. Editora da Unesp. 1996.

BELGICA, en el corazon de Europa. Instituto Belga de Información y Documentation. 11ª Ed. Brussels. 1974.

BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial (1778-1848)*. Rio de Janeiro. Record. 2002.

BOAHEN, Adu A. (coord. Volume). *História geral da África*. Volume VII. "A África sob dominação colonial, 1880-1935". Comitê Científico Internacional para a Redação de uma História Geral da África-Unesco. São Paulo. 1991.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo (séculos XV e XVIII)*. Volume 1. "O tempo do cotidiano". São Paulo. Martins Fontes. 1996.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo (séculos XV e XVIII)*. Volume 2. "O jogo das trocas". São Paulo. Martins Fontes. 1996.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo (séculos XV e XVIII)*. Volume 3. "O tempo do mundo". São Paulo. Martins Fontes. 1996.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª ed. São Paulo. Editora Perspectiva. 2007.

BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. 2ª Ed. Editora Dom Quixote. Portugal. Vols.1 e 2. 1995.

BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África negra*. 2ª edição. São Paulo. Perspectiva. 2004.

BUKHARIN, Nikolai I. *A economia mundial e o imperialismo*. São Paulo. Editora Abril. 1984.

CAPEL, Horace. *Filosofia y ciência em la geografia contemporânea*. Barcanova temas universitários. Espanha. 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da história*. 6ª ed. São Paulo. Graal. 2002.

CASTRO, Marcos Faro de. *Política e relações internacionais*. Brasília. Editora UNB. 2005.

CHURCH, R. J. Harrison. *África and the islands*. 3ª ed. Great Britain Longman. 1971.

CONGO BELGIAN ET LA RUANDA-URUNDI. Information and public relations office. Brussels. 1960. Volumes I e II.

CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.

COQUERY-VIDROVICH, C. & MONIOT, H. *Africa negra; de 1800 a nuestros días*. Barcelona. Editorial Labor S.A. 1976.

COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia política e geopolítica*. São Paulo. Edusp/ Hucitec. 1992.

COUTO e SILVA, Golbery do. *Geopolítica do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 1967.

CROUZET, Maurice. *História geral das civilizações; o século XIX, as civilizações não-européias e o limiar do século XX*. Volume XIV. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1996.

DOBB, Maurice Herbert. *A evolução do capitalismo*. São Paulo. Abril

Cultural.1983.

ENGELS, Friederich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo. Boitempo. 2007.

FERRO, Marc. *Histórias das colonizações*. São Paulo. Companhia das Letras. 1996.

FERRONHA, Antonio Luís. *As cartas do 'rei' do Congo d.Afonso*. Elo Ltda. Brasília. 1992.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. *Território e negócios na 'era dos impérios': os belgas na fronteira oeste do Brasil*. Campinas. Tese de Doutorado. Defendida no Instituto de Economia da Unicamp. 2005.

GEORGE, Pierre & SEVRIN, Robert. *Belgique, Pays-Bas, Luxembourg*. Presses Universitaires de France.1967.

GOETZ, Walter; WIEDWNFELD, Kurtz & BRANDENBURG, Erich. *História Universal*. Tomo X. 1800-1933. "La epoca del imperialismo". Madrid. Espasa Calpe. 1949.

HART, Liddell. *As grandes guerras da história*. 6ªed. São Paulo. Ibrasa. 2005.

HENNEN, Gaston. *Belgian Congo and Ruanda-Urundi information and public relations office*. Brussels. 1959. Volumes I e II.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula; visita à história contemporânea*. São Paulo. Selo Negro Edições. 2005.

HOBBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 4ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2006.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.

HOBBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. 2ª Ed. São Paulo. Paz e Terra. 1988.

HOBBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Cia das Letras. São Paulo. 1999.

HOBBSBAWM, Eric. *A era do capital*. 13ª ed. Paz e Terra. São Paulo. 2007

HOBSON, John Atkinson. *A evolução do capitalismo moderno*. São Paulo. Abril Cultural. 1982.

HOBSON. John Atkinson. *Estudio del imperialismo*. Espanha. Alianza Editorial. 1981.

HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo; uma história de cobiça, terror e heroísmo na África central*. São Paulo. Cia das Letras. 1997.

HOPKINS, Anthony G. *An Economic History of West Africa*. England. Longman. 1972.

HOPKINS, Anthony G. *British Imperialism: Innovation and Expansion 1688-1914*. England. Longman. 1993.

KEITH, Arthur Berriedale. *The Belgian Congo and the Berlin Act*. Oxford and the Clarendon Press. EUA. 1919.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro. Editora Campus. 1989.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra – volume I*. Edição revista e ampliada. Portugal. Publicações Europa-América. 1974.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra* – volume II. 3ª edição. Portugal. Publicações Europa-América. 2002.

KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África*. Vol.1 – Metodologia e pré-história da África. 2ª ed. São Carlos. Unesco/ UFSCar. 2010.

LA BLACHE, Paul Vidal de & DUBOIS, Marcel. *Annales de géographie*. Tome Premier. Outubro 1891-Julho 1892. Paris. Armand Colin et Cie Éditeurs. 1892.

LA BLACHE, Paul Vidal de & GALLOIS, L. *Géographie universelle*. Volume I; 4ª ed. Paris. Armand Colin et Cie Éditeurs. 1974.

LACOSTE, Yves. *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 10ª Ed. São Paulo. Papirus Editora. 2005.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo. Editora Unesp. 1998.

LENIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo, a fase superior do capitalismo*. Arquivo Marxista na Internet. Acessado em 02/07/2009 (Original extraído do Editorial Avante/Progresso de Lisboa/Moscú. 1984) <www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>.

LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. 2 volumes. São Paulo. Abril Cultural. 1984.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Tomo I. Edufba. Bahia. 2009.

MANDEL, Ernest. *Teoria marxista do estado*. Lisboa: Edições Antídoto, 1977. pp. 9-46.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2007.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *O manifesto comunista: 150 anos depois*. São Paulo. Fundação Perseu Abramo. 1998.

MARX, Karl. *O 18 brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo. Nova Cultural. Os Pensadores (Marx, volume II). 1988.

MAURETTE, Fernand. *Géographie universelle*. Volume XIII: Afrique équatoriale, orientale et australe. 2ª ed. Paris. Armand Colin. Paris. 1938.

MELLO, Leonel Itaissu Almeida. *Quem tem medo da geopolítica?*. São Paulo. Edusp/ Hucitec. 1999.

MOMMSEN, Wolfgang J. *La epoca del imperialismo*. 17ª Ed. México. Siglo Vinteuno. 1991.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: uma pequena história crítica*. 16ªed.São Paulo. Editora Hucitec.1998.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Território e história no Brasil*. São Paulo. Hucitec. 2002.

MORAZÉ, Charles. *Os burgueses à conquista do mundo (1780-1895)*. Lisboa-Rio de Janeiro. Edições Cosmos. 1965.

MOREL, Edmund Dene. *King Leopold's rule in Africa*. William Heinemann. London. 1906.

MOREL, Edmund Dene. *Red rubber*. New and revision 2º ed. The National Labor Press. London. 1920.

MOREL, Edmund Dene. *The black man's burden*. The National Labor Press. London. 1919.

NETO, Manoel Fernandes de Sousa. *Senador Pompeu: um geógrafo do poder no império do Brasil*. São Paulo. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas -USP. 1997.

NIANE, T. *História geral da África*. Volume IV. A África do século XII ao XVI. Editora Ática/ Unesco. São Paulo. 1988.

NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. 6ª ed. São Paulo. Hucitec. 1995.

NZONGOLA-NTALAJA, Georges. *The Congo: From Leopold to Kabila: A People's History*. EUA. Zed Books. 2002.

OGOT, Allan Bethwell. *História geral da África*. Vol.5 – África do século XVI ao XVIII. São Carlos. Unesco/ UFSCar. 2010.

OLIVER, Roland & ATMORE, Anthony. *Africa since 1800*. Fifth edition. Cambridge. EUA. 2005.

OSWALD, Paul. *Belgica*. 2ª ed. Editorial Lanor. Barcelon/ Buenos Aires. 1933.

PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. *Sociedade de geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)*. São Paulo. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP. 2002.

RECLUS, Élisée. *Novelle Géographie Universelle*. Volume 13. L'Áfrique Meridionale. Paris, Librairie Hachette et cie. 1888.

ROUSSEAU. *O contrato social*. Ed. Abril. São Paulo. 1989.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. 2ª Reimpressão. São Paulo. Cia das Letras. 2005.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo. Editora Hucitec. 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. 4ª ed. São Paulo. Hucitec. 1996.

SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). *História das relações internacionais contemporâneas*. 2ª ed. São Paulo. Saraiva. 2007.

SCHNERB, Robert. *História geral das civilizações; o século XIX e o apogeu da civilização européia*. Volume 6. Tomo 1. 2ª ed. revista e corrigida. São Paulo. Difusão Europeia do Livro. 1961.

SECCO, Lincoln Ferreira. *O imperialismo tardio: sul da Europa, 1870-1900*. Tese de Livre Docência. defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. 2010.

SEITENFUS, Ricardo. *Relações internacionais*. São Paulo. Editora Manole. 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 4ª Ed. São Paulo. Brasiliense. 1985.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do ocidente*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1964.

STANLEY, Henry M. *Through the dark continent*. Vols. I e II Dover Publications Inc., New York. 1988 (Originally published in London: G.Newnes,1899).

SWEEZY, Paul Marlor. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. São Paulo.

Editora Abril. 1983.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro. Editora Campus. 2004.

VANDERVELDE, Emile. *La Belgique et le Congo: le passe, le present, l'avenir*. Paris. Felix Alcan. 1911.

VANDERVELDE, Emile. *Le martyre des congolais rien de change au Congo*. 2ª Ed. Kessinger Publishing LCC. France. 1907.

VERNE. Júlio. *A volta ao mundo em oitenta dias*. São Paulo. Abril Cultural. 1979.

WACK, Henri Wellington. *The story of the Congo free state*. G.P.Putnam Sons. New York and London. 1905.

WESSELING. Henk L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914)*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ/ Revan. 1994.